

Christopher Reich

autor de A PARSA

“Impressão única e brilhante
de um dos grandes nomes
Christopher Reich e suas ideias
de sustentabilidade estão ‘SAC’
e em ‘Cidade’”



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



Christopher Reich
A TRAIÇÃO



Título original: *Rules of Betrayal*

Copyright © 2010 por Christopher Reich

Copyright da tradução © 2011 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução

Marcelo Mendes

preparo de originais

Rachel Agavino

revisão

Luis Américo Costa, Taís Monteiro e Tereza da Rocha

projeto gráfico e diagramação

Valéria Teixeira

capa

Raul Fernandes

imagem de capa

Maciej Nokowski / Getty Images

Geração de ePub

Simplíssimo Livros

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R276t

Reich, Christopher, 1961-

A traição [recurso eletrônico] / Christopher Reich [tradução de Marcelo Mendes]; São Paulo: Arqueiro, 2011.

recurso digital

Tradução de: Rules of betrayal

Formato: ePUB

Requisitos do sistema: Multiplataforma

ISBN 978-85-8041-024-2

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Mendes, Marcelo. II. Título.

11-4838

CDD 813
CDU 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.

[Rua Clélia, 550 – salas 71 e 73 – Lapa](#)

[05042-000 – São Paulo – SP](#)

Tel.: (11) 3868-4412 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br



O Arqueiro

Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Para meu pai, Willy Wolfgang Reich,
in memoriam

Prólogo

Acima do Acampamento 4
Tirich Mir
Noroeste do Paquistão
30 de maio de 1984

– OUVIU ISSO?

O alpinista cravou a picareta no gelo e inclinou a cabeça para escutar melhor.

– O quê? – perguntou seu companheiro, ancorado alguns metros abaixo na encosta quase vertical.

– Um grito. – O alpinista apertou os olhos, tentando localizar o ruído em meio à ventania incessante. Chamava-se Claude Brunner. Aos 22 anos, era considerado o melhor alpinista da França. De repente ouviu aquele lamento agudo outra vez. O som parecia vir de longe, mas por um instante ele teve certeza de que estava se aproximando. – Não está ouvindo? Lá!

– Um grito? – perguntou Castillo, um espanhol de 32 anos. – Uma pessoa berrando, é isso?

– É – concordou Brunner. – Mas não um homem. Alguma outra coisa. Algo maior.

– Maior? Lá em cima? – Castillo balançou a cabeça, fazendo com que flocos de neve caíssem de sua barba. – Não estou ouvindo nada. Você está imaginando coisas por causa do cansaço.

O vento arrefeceu um pouco e Brunner aguçou o ouvido de novo. Dessa vez não ouviu nada além do próprio coração batendo forte no peito. Mesmo assim, não conseguiu tirar da cabeça o que escutara antes e sentiu uma pontada de medo entre as omoplatas.

– Quantas horas você dormiu essa noite? – perguntou Castillo.

– Nenhuma.

– Então é isso. Sua cabeça está lhe pregando peças. Nesta altitude a única coisa que dá pra ouvir é o vento. É mesmo de enlouquecer.

Brunner martelou um grampo de fixação no gelo e prendeu sua corda. Castillo tinha razão. Ele estava cansado. Exausto, na verdade. Eles haviam deixado o Acampamento 4, a 7.300 metros de altitude, às duas da madrugada. Levaram oito horas, num passo constante, para ultrapassar a crista da montanha. Nada mau, mas não tão rápido quanto ele gostaria. Não tão rápido quanto o americano, que os havia deixado duas horas antes para abrir caminho.

Brunner baixou os olhos para o paredão a seus pés. Seis alpinistas subiam enfileirados pela mesma trilha. Usando anoraques de cores fortes, lembravam bandeiras de oração budistas. A vermelha era o italiano Bertucci. A azul, o inglês Evans. A amarela, o japonês Hamada. Um alemão, um austríaco e um dinamarquês completavam o grupo.

Tratava-se da expedição Escalada pela Paz Mundial, patrocinada pelas Nações Unidas, embora tivesse sido idealizada pelo governo Reagan e endossada por Margaret Thatcher. Na cordilheira ao lado, a cerca de 160 quilômetros, um contingente de 100 mil russos havia derrubado o governo afegão para instalar no poder um títere do governo do seu país, o ardiloso ditador Babrak Karmal.

Brunner olhou para cima. Lá no alto, emergindo das sombras de um enorme bloco de gelo, um *sérac*, encontrava-se o último integrante do grupo. O americano.

– Ele está indo rápido demais – disse Castillo, preocupado. – Aquilo lá é muito perigoso. Perdemos dois homens na última tentativa.

– Deve estar tentando quebrar algum recorde – disse Brunner.

– O único recorde que conta é chegar ao topo e voltar com vida.

O céu era uma grande abóbada azul que se estendia livremente para o horizonte. Os picos do Hindu Kush se erguiam numa meia-lua serrilhada. O vento, embora soprasse à velocidade constante de

50 quilômetros por hora, estava mais calmo do que em qualquer outro momento das duas semanas de acampamento na montanha. As condições não poderiam ser melhores para se chegar ao topo.

Brunner estava prendendo outro grampo no gelo duro, mas parou ao ouvir um berro ecoando no ar. Não o som estridente que ouvira antes. Algo muito diferente. Um barulho que ele conhecia bem.

Olhando na direção do cume, avistou a silhueta escura do americano que, em meio à neve, despencava paredão abaixo, indo diretamente de encontro a eles.

– Prenda mais um grampo e me amarre a ele – disse Brunner. – Vou tentar segurá-lo.

– Isso é suicídio – retrucou Castillo. – Ou você vai morrer por causa do impacto ou nós dois seremos arrastados com ele.

Brunner apontou para os alpinistas abaixo.

– Se eu não tentar, ele vai atropelar todos os outros. Quando o virem, será tarde demais. Não tem jeito. Apenas prenda bem o grampo.

Castillo martelava o grampo no gelo enquanto Brunner se posicionava no paredão a fim de se colocar no caminho do americano.

– Está firme?

– Só mais um segundo.

O americano já se aproximava, tentando desesperadamente se agarrar ao gelo. Brunner podia ver que os olhos dele estavam abertos e ouvia os grunhidos que deixava escapar toda vez que batia na ponta de uma rocha. Ainda estava consciente, o que era espantoso. Brunner deslocou-se um pouco para a esquerda e fincou os crampons das botas na encosta. O americano bateu em uma saliência no gelo e foi lançado para o ar, girando até ficar de cabeça para baixo.

Brunner berrou o nome dele:

– Michael!

O americano estendeu um dos braços e Brunner se lançou na direção do corpo desgovernado. O impacto jogou-o para longe do

paredão. Mesmo caindo, conseguiu agarrar o companheiro pela cintura.

A corda se retesou, detendo a queda de Brunner. O americano escorregou de seus braços e começou a deslizar pelo gelo. Brunner o segurou pela bota, destroncando seu ombro com o esforço. Gritou de dor e aflição, mas não cedeu.

Os dois homens ficaram ali, suspensos de cabeça para baixo, até que Castillo desceu ao encontro deles e improvisou um acampamento. Um corte na testa do americano sangrava copiosamente e uma de suas pupilas estava visivelmente dilatada.

– Pode me ouvir? – perguntou Brunner.

O americano grunhiu e forçou um sorriso feio.

– Valeu, cara. Te devo uma.

Brunner não disse nada.

– Por que você se soltou da corda? – perguntou Castillo.

– Porque precisei – disse o americano.

– Precisou por quê? – interpelou Brunner.

– Tinha de montar tudo.

– Montar o quê? – insistiu Castillo, furioso.

O americano murmurou algo incompreensível.

– Diga logo – atalhou Castillo. – O que você estava montando?

– Ordens, cara. Ordens. – Os olhos do americano se reviraram nas órbitas e ele perdeu os sentidos.

– Ordens? Do que ele está falando? – Castillo abriu a mochila de Michael e vasculhou o conteúdo. – Que diabos...?

– Encontrou alguma coisa? – perguntou Brunner.

Castillo tirou da mochila uma caixa de papelão grande, na qual se lia: “Propriedade do Departamento de Defesa dos Estados Unidos”. Virou-se para Brunner e disse:

– Deve pesar uns 20 quilos. E ainda assim ele conseguiu subir mais rápido que a gente. Você sabe o que pode ser isto aqui?

Brunner negou com a cabeça. Não olhava mais para a caixa nem para o americano, mas para o *sérac* acima deles e para o céu.

Dessa vez não precisou perguntar ao espanhol se ele estava ouvindo algo. O barulho já não era distante nem parecia um grito. Era o rugido ensurdecedor de um avião se debatendo com algum problema nas turbinas.

Uma sombra cruzou o sol. Então ele o viu e perdeu o fôlego.

Claude Brunner se deu conta de que muito em breve todos estariam mortos.

O avião passou exatamente acima deles, a asa tão próxima da montanha que parecia prestes a tirar uma fatia de gelo da crista e lançar no ar milhões de flocos de neve. Uma das turbinas estava em chamas e, parado ali como se tivesse criado raízes, Brunner a viu explodir. O avião se inclinou para a esquerda, desgovernado, e começou a despencar. Brunner pôde ver que se tratava de um B-52 Stratofortress e, a julgar pela estrela branca pintada na parte de baixo da asa, era americano.

Por um instante o piloto conseguiu endireitá-lo: o nariz se reergueu, as turbinas passaram a rugir com menos furor. Mas então a asa direita se desprende da fuselagem com tanta rapidez e facilidade que até parecia algo natural. Por outro instante o avião continuou numa trajetória perfeita, emoldurada pelo céu azul brilhante. Porém, de repente perdeu toda a sustentabilidade: o nariz embicou e a fuselagem começou a rodopiar, despencando em direção a uma das faces da montanha. Destroços e diversos objetos cilíndricos foram lançados no espaço. As turbinas da asa esquerda uivavam como animais agonizantes.

Cinco intermináveis segundos se passaram até que o avião bateu contra um pico a 3 quilômetros de distância. Brunner viu a bola de fogo antes de ouvir a explosão, que veio logo em seguida, sacudindo-o com a força de um vendaval. Imediatamente ergueu os olhos para a língua de gelo e neve que se equilibrava no alto da encosta. O *sérac*. A montanha estremeceu. O *sérac* também.

Em seguida se desprende do cume, fazendo com que toneladas de neve rolassem encosta abaixo.

A última coisa que o francês viu foi o gigantesco paredão branco vindo em sua direção.

Sob o sol da manhã, os flocos de neve cintilavam como diamantes.

1

Província de Zabul, Afeganistão

Dias atuais

ELES ENTRARAM EM FORMAÇÃO na planície durante a madrugada.

Homens, animais e máquinas se alinhavam numa fila de quase 100 metros sobre a terra escura. Havia cavalos, jipes e caminhonetes com grandes metralhadoras montadas na carroceria. Contavam com um contingente de apenas 50 homens, enquanto a população do vilarejo era 100 vezes maior. No entanto, eram homens comprometidos. Guerreiros unidos sob o estandarte do Paraíso. Filhos de Tamerlão.

De pé na carroceria de uma picape Hilux, o comandante observava seu alvo através de um binóculo. Era um homem alto e assustador. Trazia sobre a cabeça um turbante alto de lã preta, as dobras cobrindo boa parte do rosto para protegê-lo do frio. Chamava-se Sultan Haq. Tinha 30 anos e passara seis preso, 23 horas por dia, numa gaiola pequena e limpa num lugar quente e muito distante. Por causa de seu hábito de cultivar unhas grandes e afiadas como as garras de uma ave de rapina, os carcereiros o apelidaram de "Falcão".

Falcão esquadrihava as construções baixas, quase todas de barro, que se amontoavam entre as colinas a 2 quilômetros de distância. Através da neblina, podia ver o bazar local. Os comerciantes já começavam a dispor as mercadorias na frente das lojas. Ambulantes cozinhavam carne sobre braseiros. Crianças e cachorros corriam pelas ruelas.

Baixando o binóculo, Haq olhou para seus homens. À direita e à esquerda havia seis carros iguais ao seu, Toyotas de tração nas quatro rodas, já bastante surrados, com metralhadoras calibre .30

montadas sobre tripés. Os homens estavam agachados junto ao armamento pesado, segurando suas Kalashnikovs já destravadas, com bandoleiras de munição extra a tiracolo. Muitos também traziam velhas RPGs remanescentes da extinta União Soviética. Entre as picapes, 20 ou mais cavalos pisoteavam o chão inquietos, exalando vapor pelas ventas. Eram refreados pelos cavaleiros, que aguardavam o sinal.

Os guerreiros não usavam uniforme, mas trapos imundos e puídos. Mesmo assim eram um exército. Havia passado juntos por uma série de treinamentos. Havia lutado e sido feridos. Não tinham dó nem piedade.

Sultan Haq ergueu uma das mãos. A um só tempo, os atiradores engatilharam as metralhadoras. O ruído de metal contra metal reverberou pela paisagem árida. Os cavalos relincharam, enlouquecidos. Haq fechou a mão em punho, então os homens se levantaram e deram um grito selvagem. Inclinando a cabeça para trás, Haq gritou junto com eles, sentindo na alma o espírito dos ancestrais. De olhos fechados, imaginou o ataque de sua tropa: ouviu o tropel dos cavalos, viu o cintilar das espadas, sentiu o cheiro acre da fumaça no ar; em meio aos berros dos derrotados, sentiu na língua o gosto da morte.

Enfim ele abriu os olhos e voltou à realidade. Mais uma vez se sentiu em casa nas planícies do leste afegão. Bateu com o punho no capô da picape e o veículo respondeu, ganhando vida e avançando pelos campos abandonados. Em poucos meses aquelas mesmas terras voltariam à vida com o plantio, o crescimento e o florescer das papoulas. No ano anterior, haviam produzido 3 mil quilos do mais puro ópio, rendendo aos cultivadores milhões de dólares: mais que o suficiente para comprar armas e munição destinadas a equipar milhares de seus homens.

Era preciso que aquele povoado se rendesse à bandeira branca do Talibã. Essa era uma questão econômica, não religiosa.

Uma bala cruzou o ar acima da cabeça de Haq e, numa fração de segundo, o estalo do tiro chegou a seus ouvidos. Sem qualquer emoção, ele viu os habitantes do povoado se armarem e formarem,

às pressas, uma linha de artilharia. Ainda assim, se conteve e não ordenou o contra-ataque.

Após alguns segundos começaram os disparos, balas zunindo através da planície como um enxame de abelhas furiosas. Uma delas estilhaçou o para-brisa da picape ao lado de Haq. De relance, ele viu o sangue jorrar sobre o vidro e então o carro perdeu a direção. Pelo rádio que trazia à mão, instruiu:

– Abrir fogo.

O primeiro morteiro aterrissou no centro do bazar. Um gêiser de terra jorrou para o alto. Um segundo morteiro explodiu, seguido de um terceiro. Confusos, sem saber ao certo para onde atirar, os defensores da cidade se dispersaram.

O Falcão observava tudo com satisfação. Ele havia posicionado dois esquadrões num promontório ao sul da cidade com o objetivo de fechar o cerco: a clássica manobra “martelo e bigorna” descrita no *Manual de táticas de infantaria* do Exército americano, que ele encontrara na biblioteca da prisão e lera, decorando cada página, inclusive as ilustrações.

A caminhonete subiu uma colina baixa, de onde se podia ver toda a cidade. O cenário era caótico: homens, mulheres e crianças corriam para todos os lados, buscando um abrigo que não havia em lugar nenhum. Ele se virou e deu um tapinha no ombro do atirador. A metralhadora rugiu, as rajadas atingindo a praça a intervalos regulares, enquanto os atiradores nas outras picapes também abriam fogo. Corpos caíam ao chão. Paredes inteiras de lojas e escritórios se desintegravam até desabar. Uma casa pegou fogo.

Com a mão livre, Sultan Haq empunhou um rifle Remington de cano longo que havia tomado de mãos inimigas. Uma bela arma de grande precisão, com as palavras “Barnes” e “USMC” gravadas na coroa de bordo. Disparava apenas um cartucho por vez, mas era o suficiente. Quando garoto, ele costumava caçar carneiros selvagens nas montanhas da província de Kunar, no norte do país. Sabia atirar.

Fez um gesto para que a picape reduzisse a velocidade e, erguendo o rifle até o olho, encontrou um alvo, um rapaz que corria

de mãos dadas com uma garota pela encosta de uma colina. Apertou o dedo em volta do gatilho e recebeu com prazer o coice da arma. O rapaz foi ao chão. Satisfeito, Haq pediu que o motorista acelerasse. A picape subiu uma última colina e irrompeu na cidade.

Um mulá de idade avançada correu para a frente da caminhonete, balançando os braços furiosamente.

– Pare! – gritou.

Haq parou ao lado dele e pulou para o chão.

– Agora este povoado está sob meu controle – disse. – De hoje em diante vocês seguirão as ordens de Abdul Haq e do clã Haq.

Resignado, lágrimas rolando sobre as faces enrugadas, o ancião assentiu com a cabeça e disse:

– Nós nos rendemos.

Haq ergueu o braço.

– Cessar fogo! – berrou.

Esperou que seus soldados reunissem os aldeões em torno de uma fonte no centro do bazar. Em seguida, ordenou que o mulá se ajoelhasse no chão. O velho obedeceu. Haq encostou o cano do rifle na cabeça dele e disparou.

Afastando-se do corpo, sacou do bolso uma lista de nomes:

– Onde está Abdullah Masri?

Ninguém respondeu. Ele apontou o rifle para um homem fraco, de barba rala, e atirou em sua cabeça. Em seguida repetiu a pergunta. Um homem roliço saiu de uma loja na qual se vendiam DVDs de filmes ocidentais e aparelhos de TV japoneses.

– Masri é você? – perguntou Haq.

O homem fez que sim com a cabeça.

Sem nenhuma pressa, Haq recarregou o rifle e depois atirou na cabeça dele.

– Onde está Muhammad Fawzi?

Um a um, Sultan Haq chamou os nomes dos líderes do povoado. Matou o professor e o dono do armazém. Executou um homossexual e uma mulher suspeita de ter cometido adultério. Havia meses vinha espionando a cidade, preparando-se para esse momento.

Restava uma última coisa a fazer.

Subindo para a cabine da picape, ele apontou para a casa grande de paredes caiadas que abrigava a escola local. Como a maioria das construções vizinhas, era feita de pedra e barro. O motorista posicionou a traseira da caminhonete contra a fachada da casa. Uma segunda picape se colocou ao seu lado na mesma posição. Movendo-se para a frente e para trás, ambas começaram a golpear a fachada, até fazê-la desabar. Em seguida foram para outra parede e fizeram o mesmo, até que não houvesse mais escola.

Os homens de Haq logo invadiram os escombros e começaram a recolher livros, mapas e qualquer outro material didático que iam encontrando pelo caminho, jogando tudo sobre uma pilha. Terminado o trabalho, Haq tirou de sua picape um galão de plástico e encharcou tudo com gasolina.

Estava prestes a atear fogo quando um garoto se adiantou:

– Pare, por favor! Isso é tudo o que temos para aprender!

Haq encarou o menino corajoso. Não estava interessado no que ele dizia, mas na tala de fibra de vidro em seu braço esquerdo. Segundo o haviam informado, a cidade contava apenas com uma clínica bastante rudimentar. Em seu país, braços quebrados não eram imobilizados com fibra de vidro, mas com o bom e velho gesso. Só tinha visto algo assim uma única vez. Tocando a tala do garoto, perguntou:

– Onde conseguiu isto?

– Com o curandeiro.

Haq ficou intrigado. Não tinha ouvido falar de nenhum curandeiro naquela região.

– Quem é esse curandeiro?

O garoto desviou o olhar.

Com sua mão enorme, Haq apertou o queixo dele, ficando as unhas compridas em suas bochechas.

– Quem é? – insistiu.

– Um cruzado – berrou alguém.

Haq girou nos calcanhares.

– Um cruzado? Aqui? Sozinho?

– Viaja com um ajudante. Um hazara que carrega os remédios dele numa sacola.

– Ele é americano? – perguntou Haq.

– Ocidental – responderam. – Fala inglês e um pouco de pachto. Ninguém perguntou se ele era americano. Curou muita gente. Deu um jeito no estômago do cão e no joelho do meu primo.

Haq soltou o garoto, dando-lhe um empurrão. Tinha o coração acelerado, mas escondia a preocupação sob uma máscara de ira.

– Para onde ele foi?

Um ancião apontou para as montanhas.

– Para lá.

Haq olhou para as colinas que aos poucos iam crescendo até formar a colossal cordilheira conhecida como Hindu Kush. Por fim ateou fogo na pilha e voltou para a picape, mal olhando para as labaredas que se elevavam rumo ao céu.

– Vamos – disse ao motorista. – Para as montanhas.

2

JONATHAN RANSOM A CORDOU e logo percebeu que algo estava errado.

Erguendo-se sobressaltado, afastou o saco de dormir até a cintura e aguçou o ouvido. Do outro lado do cômodo, Hamid, seu assistente, roncava deitado no chão. Lá fora, para além das janelas fechadas, um camelo blaterava. Alguém empurrava uma carroça de mão, os eixos artríticos precisando de óleo, enquanto um trio de vozes conversava aos berros. A carroça, tal como ele descobrira durante sua primeira semana no povoado de Khos-al-Fari, pertencia ao açougueiro, que, nesse momento, transportava para o bazar sua carga diária de cabras recém-abatidas a fim de pendurá-las nos ganchos à frente de sua loja.

A carroça seguiu colina abaixo. As vozes se dissiparam. O silêncio seria completo não fosse pelo fantasmagórico rugir das águas do rio Gar, que corriam ao longo de uma garganta próxima.

Jonathan permaneceu imóvel, o ar gelado lhe cortando as faces. Embora ainda estivessem no meio de novembro, o inverno já havia chegado, inclemente, naquelas bandas inóspitas e montanhosas do leste afegão.

Um minuto se passou. Ele ainda não ouvia nada.

Então houve o estalo de um rifle. Um único disparo. Grosso calibre, a julgar pelo estrondo. Jonathan ficou à espera de mais disparos, que não vieram; imaginou se algum caçador havia abatido um dos argalis que vagavam nas redondezas.

Eram quase cinco da manhã. Hora de começar o dia. Resmungando, ele abriu todo o zíper do saco de dormir e ficou de pé no chão de terra batida. Tremendo de frio, acendeu o lampião de querosene e depois se apressou em vestir um segundo par de meias de lã e uma surrada calça cargo com forro de flanela.

A um canto, uma mesinha de acampamento acomodava uma bacia, um jarro de água, um copo com escova e pasta de dentes e

uma toalha. Jonathan despejou na bacia a água parcialmente congelada durante a noite; pequenos pedaços de gelo boiavam na superfície. Lavou as mãos e o rosto, depois passou a toalha úmida sobre o corpo, esfregando-se com vigor na tentativa de parar de bater o queixo. Por fim secou-se, escovou os dentes e se vestiu. Os cabelos estavam compridos e revoltos demais para serem domados com uma escova; portanto, tentou penteá-los com os dedos durante alguns minutos até que se deu por vencido.

– Hamid – disse. – Acorda.

Para combater o frio, Hamid havia se escondido dentro do saco de dormir. Jonathan cruzou o cômodo e o chutou.

– Anda, acorda!

Um monte de cabelos pretos desgrenhados emergiu do saco. Irritado, Hamid correu os olhos pelo cômodo. Suas olheiras, ainda mais pronunciadas pela penumbra, o faziam parecer ter bem mais que seus 19 anos.

– Isso doeu.

– Levanta a bunda daí. Temos muito que fazer.

– Só mais um pou...

– Agora!

Hamid se ergueu lentamente, pegou o celular de dentro do saco de dormir e conferiu se havia mensagens.

Jonathan o observava, perguntando-se pela milésima vez como era possível uma cidade não ter eletricidade mas ter sinal de telefonia celular.

– A mamãe ligou?

Sem tirar os olhos do telefone, Hamid cuspiu:

– Não enche.

– Tudo bem, mas larga esse telefone e anda logo. Espero você lá na clínica.

Jonathan pegou a sacola com seu material e a jogou sobre o ombro. Protegendo a cabeça com um *pakol*, abriu a porta e farejou o ar. Fumaça de lenha, folhagem úmida de orvalho, turfa. Cheiros

de um mundo afastado da civilização. Cheiros que ele conhecia muito bem.

Durante oito anos ele viajara pelo mundo como clínico da organização Médicos Sem Fronteiras. Conhecia a África de norte a sul. Também havia passado por Kosovo, Beirute e Iraque. Onde quer que estivesse, sua missão era dar assistência médica a quem mais precisasse. A política não fazia diferença. Ninguém era mocinho ou bandido. Todos eram apenas pacientes.

Ele havia chegado ao Afeganistão dois meses antes. No entanto, não trabalhava mais para a ONG Médicos Sem Fronteiras. Acontecimentos recentes o impediam de servir oficialmente como médico ou cirurgião a quem quer que fosse. O funcionário da embaixada americana o havia alertado para a loucura que era se aventurar na zona vermelha, ou seja, qualquer parte do Afeganistão que não fosse Cabul. Chamara-o de “suicida” ao saber que ele viajaria sem escolta, armas ou qualquer outro esquema de segurança para levar cuidados médicos às regiões mais remotas do país. Mas Jonathan pensava de outra forma. Pesara riscos e responsabilidades e chegara a um equilíbrio – mais ou menos.

Agora, na escuridão antes da alvorada, parado à porta de seu casebre de um único cômodo, as botas afundando naquela lama quase congelada, ele novamente se pôs a ouvir. Não foi um barulho que o deixou preocupado, mas o silêncio.

– Uma hora – disse a Hamid e em seguida fechou a porta.

Sob uma chuvinha fina, Jonathan foi descendo o caminho que ziguezagueava pela colina. Lá embaixo, escondida pelas nuvens que cobriam uma faixa estreita de terreno plano entre as montanhas íngremes, ficava a cidade. Todas as construções eram mais ou menos iguais: casebres baixos de pedra, madeira e barro que pareciam de fato terem saído da terra. Cerca de mil pessoas moravam em Khos-al-Fari. Um contingente bem maior vinha do vale vizinho para fazer comércio no bazar, vender suas colheitas ou madeira e experimentar um arremedo de vida social.

Com as mãos enterradas nos bolsos, Jonathan seguiu pelas ruas da cidade. Alto e de ombros largos, caminhava com passadas

firmes, inclinando-se para a frente como se quisesse combater o vento. Poderia muito bem ser confundido com um nativo: usava calças largas e uma *kameez*; para se proteger do frio, vestia também um colete de lã igual aos dos pastores de ovelhas; sua barba era comprida, crespa e grisalha. No entanto, um exame mais minucioso revelaria facilmente sua ascendência europeia. O nariz era grande e bem desenhado; os dentes, retos e brancos. A pele era macia e, a não ser pelos pés de galinha em torno dos olhos, bem conservada para um homem de 38 anos. Tinha olhos negros como piche que, mesmo àquela hora do dia, brilhavam com intensidade. No rosto não se via nenhum traço de sangue mongol, tampouco da eterna desconfiança gerada por milênios consumidos na luta contra invasores. Viam-se apenas competência, tenacidade e esperança.

Jonathan Ransom era americano.

Os pacientes formavam fila diante da clínica quando Jonathan chegou. Quinze ao todo, incluindo-se diversas crianças acompanhadas dos pais. Alguns tinham enfermidades visíveis: queimaduras graves e malcuidadas, lábios leporinos, gliomas. Outros eram amputados, vítimas das minas e bombas deixadas pelos russos. Outros tantos, pálidos, pareciam cansados, provavelmente gripados. Jonathan cumprimentou a todos com respeito, apertando a mão de cada um dos homens ao conduzi-los para dentro, explicando que eles deveriam esperar uma hora até que fosse possível atendê-los.

Um dos pais estava afastado dos demais. A filha se apoiava nele, uma echarpe cobrindo a metade inferior do rosto. Ao ver o médico, ela virou a cabeça. Jonathan se ajoelhou à sua frente.

– Que bom que você veio – disse baixinho. – Você vai melhorar. De hoje em diante não vai mais precisar usar esse lenço. Vai poder brincar com as outras crianças de novo.

– Vai mesmo fazer isso? – perguntou o pai num inglês hesitante.
– Hoje?

– Vou – disse Jonathan, pondo-se de pé.

Ele entrou na clínica, baixando a cabeça para não batê-la no lintel da porta. O lugar se dividia em cinco espaços: uma sala de espera, dois consultórios, um escritório e uma sala de cirurgia. As condições eram precárias, mesmo para os padrões locais. Chão de terra batida. Teto baixo. Sem eletricidade nem água encanada.

Ao entrar ali pela primeira vez, ele havia encontrado uma mesa bastante surrada com as palavras "*Médecins Sans Frontières: où les autres ne vont pas*" gravadas na madeira. Numa tradução livre: "Médicos Sem Fronteiras: onde os outros não vão". Abaixo, também em francês, "O médico tem sempre razão", e o ano "1988". Seus antecessores naquele fim de mundo estiveram ali havia mais de 20 anos. Para Jonathan, isso confirmava que ele tomara a decisão certa ao ir para lá.

Ele entrou em sua sala e deixou no chão a sacola com todo o material de que precisava: bisturis, fórceps, tesouras cirúrgicas. Cipro e Ancef como antibióticos, Pepcid para úlceras, suplementos de ferro para as mulheres, multivitamínicos para as crianças. Lidocaína em frascos de 30cc para anestésias locais e cetamina para sedações mais profundas. Também havia prednisona, Zyrtec, norepinefrina e um arsenal de medicamentos para tratar uma gama de doenças que a maioria dos médicos nem sequer imaginava existir. Além de suturas, seringas, band-aids, faixas elásticas e uma infinidade de sachês de gaze embebida em álcool.

Jonathan passou uma hora preparando a clínica para os atendimentos do dia. Acendeu um fogareiro, ferveu água e esterilizou os instrumentos. Varreu o chão da sala de cirurgia e o cobriu com um tapete de plástico limpo. Organizou suprimentos, inventariou remédios.

Às sete horas recebeu o primeiro paciente, um menino de 10 anos que não tinha a parte inferior da perna direita e andava com o auxílio de uma desconfortável prótese de madeira. Três anos antes ele pisara numa mina russa enquanto brincava. A amputação havia

sido realizada sem nenhuma perícia. Com o tempo os músculos atrofiaram por falta de circulação e infeccionaram. Seria preciso desbridar e limpar a pele e prescrever um tratamento com antibióticos.

– Você só vai sentir uma picada rápida – disse Jonathan, preparando uma seringa de lidocaína. – Não vai doer nem um...

Hamid irrompeu na sala.

– Temos que ir – disse, ofegante.

Jonathan olhou para ele, impassível.

– Você está atrasado.

– Não ouviu o que eu disse?

Hamid era baixote e magrelo, estava pelo menos 10 quilos abaixo do peso ideal, tinha ombros estreitos e a cabeça sempre inquieta, ansiosa. Jonathan o havia encontrado diante da sede de uma organização de assistência médica em Cabul, pouco depois de sua chegada. Ou melhor, foi Hamid quem encontrou Jonathan. Cursava o segundo ano de medicina e ofereceu seus serviços como intérprete, guia e assistente por um salário de 50 dólares semanais. Jonathan se dispôs a pagar 40 caso ele conseguisse providenciar uma caminhonete decente, com tração nas quatro rodas, e o acompanhasse até a zona vermelha. Hamid concordou e o negócio foi fechado.

– Sim, ouvi – disse Jonathan.

– Eles estão vindo.

“Eles” significava o Talibã, islâmicos ortodoxos engajados numa luta contra as forças americanas e afegãs a fim de retomar o poder no país e impor a lei islâmica sobre a população.

– É Sultan Haq. Ontem ele ocupou uma cidade a 65 quilômetros daqui e executou os anciãos.

Jonathan refletiu sobre isso. Já ouvira falar de Haq, um talibã particularmente cruel, produtor de drogas, que comandava sua própria milícia em Lashkar, no sul do país. No entanto, era estranho que estivesse em Khos-al-Fari, uma aldeia paupérrima e afastada do cinturão da papoula, sem nenhum valor estratégico aparente.

– O que ele quer aqui?

– Sei lá – respondeu Hamid, agitado. – Que diferença isso faz?

O pai passou o braço por sobre os ombros do filho e saiu da sala.

– Diga aos outros que voltem amanhã – instruiu Jonathan. – Todos, menos Amina. Ela não pode esperar. Prepare uma bandeja-padrão na sala de cirurgia. E vou precisar de quantidade extra de anestésico.

Hamid olhou para Jonathan como se estivesse diante de um louco.

– Você vai operá-la?

– É a vez dela.

– Mas é uma cirurgia de quatro horas!

– Ou mais. Os casos de reconstrução são sempre imprevisíveis.

– Então dê apenas um remédio pra infecção e faça a cirurgia outro dia.

– Ela já esperou demais.

Uma explosão distante fez o cômodo tremer.

– Morteiros – disse Hamid, correndo até a janela. – Os homens de Sultan Haq mataram 18 pessoas ontem. Dez foram executadas pessoalmente por ele. Um americano vai ser um prato cheio!

– Mas e o Pashtunwali? – perguntou Jonathan. – O pessoal da vila vai nos proteger.

“Pashtunwali” era o código de honra e hospitalidade dos afegãos, o qual preconizava que os cidadãos deveriam proteger qualquer estrangeiro em visita a sua casa ou cidade.

– O poder de fogo de Haq é muito maior que isso. Temos que dar o fora daqui.

– Prepare a bandeja, Hamid.

Hamid saiu da janela e se aproximou de Jonathan.

– Fuja, ou você vai morrer.

– Vou correr o risco.

– E eu?

– Você disse que queria aprender. Acho muito louvável. Pois esta é sua chance. Você nunca me viu realizar uma cirurgia dessas. Encare como uma oportunidade.

Ouviu-se outra explosão, agora mais próxima. Uma troca de tiros de armas automáticas, depois silêncio.

– Eles também vão me matar – disse Hamid. – Sou seu ajudante. Além disso, sou de origem hazara.

Jonathan pegou as chaves da caminhonete no bolso e as jogou para Hamid.

– Pode ir. Eu entendo. Você foi um ótimo ajudante. Obrigado por tudo.

– Mas você não vai conseguir operar Amina sem mim!

– Vai ser difícil, mas não impossível.

Hamid olhou para as chaves na palma de sua mão; em seguida, deixou a cabeça cair contra a parede e resmungou:

– Maldita a hora em que conheci você...

– Prepare a bandeja – disse Jonathan.

3

NEVAVA NO RESORT LES GRANDES ALPES. Flocos grandes e fofos caíam de um céu curiosamente limpo sobre a encosta da montanha. Apesar do nome, o lugar não ficava sequer perto da Suíça ou de qualquer outra cordilheira europeia, e as descidas eram tudo menos grandiosas. Toda a área reservada ao esqui consistia numa única pista muito bem cuidada que descia em três partes, como lances de uma escada, ora íngreme, ora plana, culminando num declive mais suave até a chegada.

Lara Antonova atacava o percurso com absoluta destreza, os esquis numa paralela firme, as mãos junto da cintura. Passava pouco das três horas e a pista fervilhava de esquiadores. Quase todos eram novatos, mais afeitos, quando muito, aos tratores de recolher neve no quintal de casa. Vestindo uma malha justa branca e um casaco turquesa impermeável, os cabelos ruivos presos num rabo de cavalo que ia até um pouco abaixo dos ombros, ela desenhava um elegante zigue-zague entre os demais esquiadores enquanto corria os olhos a seu redor, buscando um rosto familiar.

Lara não estava ali para esquiar. Nascida na Sibéria e criada sob a tutela do Estado, era uma agente de alto escalão da Diretoria S do FSB, o Serviço de Segurança Federal da Rússia. A Diretoria S era responsável pelas operações clandestinas no exterior: coleta de informações, chantagens, extorsões e eventuais assassinatos. Lara Antonova estava no Les Grandes Alpes em missão oficial: encontrar-se com um dos mais poderosos comerciantes de armas do sudoeste asiático.

Ao chegar à metade da descida, ela parou com uma freada paralela, perfeitamente executada, e tirou os óculos para esquadrihar a pista. Apesar de serem amadores, quase todos os esquiadores se vestiam como se fossem frequentadores dos resorts mais sofisticados do mundo. Quanto aos apetrechos, nada menos

que esquis Kastle, botas Rossignol e casacos Bogner. Apesar da profusão de roupas coloridas, Lara não teve dificuldade para localizar seu alvo. Ele estava uns 50 metros abaixo, um homem diminuto e magro, embrulhado num discreto macacão azul-marinho, esquiando lenta e cautelosamente pelo centro da pista. Em torno dele, dispostos como uma frota de navios de guerra protegendo o valioso cargueiro ao centro, encontravam-se seis homens muito grandes vestindo parcas em tons de preto e cinza. Um séquito digno de um chefe de Estado. Por outro lado, seu alvo era da realeza. Lorde Balfour, se não de linhagem, de apelido.

– Já o encontrei – disse Lara, baixando-se para conferir as fivelas das botas. – Está acompanhado de seis armários.

– Seis? – disse a voz áspera do controlador, falando por meio de um microrreceptor enterrado num dos ouvidos dela. – Dois a mais que da última vez. Com certeza está metido em alguma encrenca.

A pessoa em questão era Ashok Balfour Armitraj, também conhecido como lorde Balfour. Cabelos: pretos (tingidos); altura: 1,67 metro; peso: 72 quilos; idade: 52 anos. Filho bastardo de mãe muçulmana e pai britânico, criado em Dharavi, uma das piores favelas de Mumbai. Uma infância passada nas ruas. Uma inclinação precoce para a criminalidade ou, nas palavras dele, para o “empreendedorismo”. Membro de uma gangue aos 8 anos. Chefe aos 15. Depois, aos 20, a grande cartada que deu origem a seu próprio bando.

Balfour estava metido em tudo, negócios legítimos e ilícitos. No lado da legitimidade atuava no ramo imobiliário, no comércio de insumos e até mesmo na corretagem on-line. No lado da contravenção, traficava drogas, escravas brancas e mercadorias falsas. Mas, no fim, tudo se resumia ao comércio de armas: portáteis, de artilharia, helicópteros e até mesmo jatos. O que constasse no catálogo da *Jane's Defence* lorde Balfour podia conseguir.

Na pista, Balfour parou de repente. Seus homens agora o rodeavam, formando um cerco de defesa em duas camadas. A julgar pelo volume da jaqueta e pelo zíper aberto até o peito, o

guarda-costas mais próximo de Lara carregava uma Uzi. E, se havia uma metralhadora, certamente haveria outras. Balfour não era homem de meias medidas.

- Onde está a mercadoria? – perguntou Lara ao controlador.
- Em terra, no Aeroporto Internacional de Teerã. A três horas daí.
- Está tudo lá?
- Até a última bala.

Ela havia negociado a transação pessoalmente e sabia de cor todos os itens da lista. Mil e quinhentos fuzis de assalto Kalashnikov, mil granadas, 200 minas antipessoais, 2 milhões de cartuchos de munição, 100 binóculos de visão noturna AVN, 500 quilos de explosivo plástico Semtex. A encomenda também incluía armas mais pesadas: 20 mísseis terra-ar de apoio no ombro, 100 metralhadoras calibre .50, 100 armas antitanque e um amplo suprimento de munição. Um total de 10 milhões de dólares em armamentos. O suficiente para abastecer um reforçado batalhão de infantaria dos insurgentes talibãs.

- Ótimo – disse ela. – Vamos lá.
- Isso, vá buscar nosso dinheiro.

Lara tirou o celular do bolso e apertou um dos números de discagem rápida. Uma voz com forte sotaque britânico atendeu:

- Olá, minha cara.
- Estou um pouco acima na pista. – Lara ergueu um dos bastões, e o homem mais adiante olhou para ela.
- Está muito elegante.

– Mandê seus homens me deixarem passar. – Lara tomou impulso e esquiou pista abaixo, atravessou a falange de guarda-costas sem ao menos olhar para eles e freou de modo dramático ao lado de Balfour.

- Você não esquia como uma russa – disse ele com admiração.

Lara pensou por um instante, depois falou:

- Infelizmente, *você* esquia como um marata.
- Balfour jogou a cabeça para trás e gargalhou.

Não havia nada que o sujeito não fizesse sem certa dose de exagero, lembrou Lara. Ria muito, falava alto demais, matava com excessiva facilidade. Olhando para o indiano baixote, com seus cabelos engomados para trás, o bigodinho de crupiê do Mississippi, o olhar simpático e acolhedor, ela precisou lembrar a si mesma que ele era um homem inconstante e perigoso.

– Mas, falando sério – disse ele, sorrindo de orelha a orelha –, onde você aprendeu a esquiar assim?

– Na Suíça, basicamente.

– Gstaad? – indagou ele, pronunciando a palavra perfeitamente: *Sshhtaad*.

– Sim – confirmou ela, que jamais havia colocado os pés no resort suíço, mas tinha juízo bastante para não contradizer o indiano duas vezes. – Como você sabe?

– Tenho um amigo que mora por lá. Um médico. Diz que os russos invadiram o lugar. Foi lá que você passou seu período sabático?

Lara percebeu que algo não se encaixava.

– Como?

– Estou falando de quando você deixou o FSB. Até onde sei, parou de trabalhar para Moscou durante alguns anos. Não foi?

– Você é quem vai me dizer.

– Dizem que quando o FSB ficou sem dinheiro, nos anos 1990, colocou você na rua. Você cruzou o Atlântico e foi trabalhar para a inteligência americana como uma espécie de freelancer. Eles a enxotaram há alguns meses e você voltou correndo para a barra da saia da mamãe.

Lara sorriu casualmente, mas seu alarme interno soava a pleno vapor. Não se tratava de um boato, mas de um evidente vazamento de informações.

– Não dá para acreditar em tudo o que ouvimos.

Mas não seria tão fácil assim dissuadir Balfour.

– Para mim não faz diferença – explicou ele com exagerada seriedade. – Construí minha primeira casa com o dinheiro da CIA.

Até hoje o diretor tem meu número na discagem rápida. “Balfour”, ele diz, “o Congresso não vai deixar que a gente arme os waziris. Então faça isso por nós. Enviarei um cheque de 20 milhões do nosso caixa dois. A comissão será dobrada se você comprar produtos americanos.” Para ser sincero, me considero um agente honorário. Não sou eu quem está preocupado se você trabalhou ou não para os americanos.

– Quem está, então?

– Meu cliente. Não preciso lhe dizer que o príncipe nunca gostou do Tio Sam. Na verdade, ele está convicto de que os americanos querem matá-lo.

O príncipe em questão era Rashid al-Zayed, caçula do clã dos Zayed, governantes dos Emirados Árabes e financiadores secretos de todas as causas islâmicas.

– Os jornais noticiaram que o jatinho dele perdeu uma turbina – disse Lara. – É bastante comum.

– É verdade. Mas na semana passada, quando visitava amigos nas áreas tribais perto de Peshawar, por meros cinco minutos ele não foi atingido por um Predator Drone. Dez de seus melhores amigos foram mortos. Não se pode chamar isso de acidente.

– Então talvez ele esteja certo – disse Lara. – Afinal, é ele quem está armando os inimigos dos americanos: Talibã, Hezbollah, as FARC...

– E como você sabe disso?

– É o que dizem por aí – respondeu Lara. – Meu chefe, o general Ivanov, é muito bem informado. Como você. E, até onde eu sei, também não morre de amores pelos americanos. Suponho que tenha sido você quem procurou nossa organização em nome do príncipe, não foi?

Balfour a encarou por um bom tempo. O sorriso desaparecera; não havia nenhum sinal da simpatia demonstrada até então. Era um criminoso calejado, avaliando um contato e decidindo se podia ou não confiar nele.

– Então? – disse afinal, com o vigor de costume. – Nossa encomenda está completa? O príncipe faz questão de receber exatamente o que pediu.

– Absolutamente completa. No aeroporto de Teerã, esperando pelo o.k. do príncipe.

Balfour arqueou uma das sobrancelhas, impressionado. Virando-se, fez uma ligação e falou num árabe rápido. Terminada a conversa, disse:

– O príncipe quer saber se meia-noite está bem para vocês.

Ambos sabiam que não era uma pergunta.

– Meia-noite está ótimo. – Olhando casualmente para a pista, Lara notou dois esquiadores vestindo roupas de qualidade visivelmente inferior em tons de cinza. – Me diz uma coisa, Ash. Está tudo bem entre você e seu cliente?

– Perfeitamente bem – exclamou Ashok Balfour Armitraj. – O príncipe é como um irmão para mim.

– Então por que seu irmão mandou dois capangas para vigiar você?

Balfour seguiu o olhar dela.

– Aqueles ali? – disse com um risinho, o humor ressurgindo das cinzas. – Não são homens de Sua Alteza. São do ISI. O serviço de inteligência paquistanês. Para mim, não passam de um reforço de proteção.

– É mesmo?

– Cuidam para que os homens da inteligência indiana não coloquem as mãos em mim. Meus compatriotas em Délhi estão convencidos de que tenho algo a ver com os ataques de Mumbai. Acham que fui eu que forneci as armas aos facínoras. Estão loucos por sangue.

Daí as Uzis.

– E não foi você? – perguntou Lara.

– Claro que sim – disse Balfour. – Mas isso não vem ao caso. Fui apenas o intermediador. Vendi os brinquedinhos. Eles poderiam ter comprado de qualquer um. Aliás, as armas eram suas.

– Minhas? Nem nos conhecíamos naquela época.

– Russas, quero dizer. O de sempre. AKs, granadas, estopins e até telefones. Um pacote russo de ponta a ponta.

Lara olhou para o relógio. Fazia 10 minutos que estavam ali, no meio da encosta, conversando à vista de todos. Nove minutos a mais que o recomendável. Como contato, Balfour era um desastre. Em algum momento ele havia metido na cabeça que não era um criminoso procurado pela polícia de uma dezena de países ocidentais, e sim um legítimo homem de negócios. Na Alemanha ou na Grã-Bretanha, desde muito já estaria morto ou mofando numa cadeia qualquer por causa de seu comportamento acintoso e displicente. No Paquistão, onde fixara residência, o mesmo comportamento fazia dele um rei.

– Pois bem – disse Lara. – Meia-noite. No seu hangar na zona franca de Sharjah.

– Um dos meus aviões estará pronto para transportar a mercadoria.

– Transportar para onde?

– Isso é segredo do príncipe.

– Gostamos de saber onde vão parar nossas armas.

– Até onde sei, há apenas um conflito em andamento naquelas bandas. Use a imaginação.

Concluída a transação, Lara esperou que Balfour e seus homens descessem o restante da pista. Como era esperado, os dois paquistaneses os seguiram.

Ela ainda passaria mais uma hora no resort, tomando diversas vezes o elevador até o topo para depois descer a rampa. Convencida de que estava sendo observada, desceu uma última vez, retirou os esquis e os devolveu no balcão de aluguel, junto com as botas e os bastões. De lá foi para o vestiário, retirou as roupas de esqui e as guardou meticulosamente na mochila.

Cinco minutos depois, deixou o vestiário usando um shortinho jeans, regata preta e sapatos baixos. Trocara os enormes óculos de esqui por um par de Ray-Ban e soltara o rabo de cavalo, deixando

que os cabelos voltassem ao desalinho habitual, caindo sobre o rosto e os ombros.

Passando pela base da pista, olhou para o alto, onde gigantescas máquinas de neve, escondidas do outro lado das vigas, continuavam a cuspir flocos perfeitamente formados sobre a montanha. Nada mau para um reinado desértico a milhares de quilômetros da Europa, pensou. Como era mesmo que dizia o Corão? Se Maomé não vai à montanha, a montanha vai a Maomé.

Pouco depois atravessou os portões do resort e saiu ao sol inclemente das ruas. Embora o outono já chegasse ao fim, a temperatura ultrapassava os 30 graus na grande metrópole de Dubai, na costa do golfo Pérsico.

Tão logo entrou no carro, fez uma ligação. Não para Moscou, mas para Washington.

– Aqui é Emma – disse. – Está tudo certo. Meia-noite, na zona franca de Sharjah. O príncipe estará lá.

4

ELA SE CHAMAVA AMINA. Um fiapinho de 9 anos de idade com cabelos negros muito lisos e olhos de gazela que desde o primeiro momento haviam cavado um buraco na consciência de Jonathan. Ele não sabia nada mais a respeito da menina, se ela estudava, se sabia ler, se gostava de bordar ou se era uma moleca que jogava futebol. Amina não podia falar e pais afegãos nunca comentavam sobre os filhos com estranhos. No entanto, nada disso tinha importância. Como cirurgião, tudo o que Jonathan precisava saber havia ficado evidente logo no primeiro exame. Bastara uma rápida olhada nas feridas para que ele promettesse ajudá-la.

Amina agora se encontrava sedada na mesa de cirurgia. Não havia respirador para garantir um fluxo constante de oxigênio, nenhum aparelho para monitorar o progresso da anestesia nem bolsas de sangue disponíveis para a hipótese de uma hemorragia. Jonathan nem sequer dispunha de um jaleco e máscaras cirúrgicas. Contava apenas com sua habilidade, medicamentos genéricos e, sobretudo, com aquilo que os afegãos chamavam de “a vontade de Deus”.

– Por onde vamos começar? – perguntou Hamid.

– Pelo rosto. É o mais difícil e o mais demorado. Melhor fazer enquanto estamos descansados. – A temperatura no interior da clínica girava em torno dos 10 graus, com muita umidade. Jonathan massageou os próprios dedos na tentativa de esquentá-los. – Vamos lá, então. No meu relógio são oito e quinze. Passe o bisturi.

Rolando o instrumento entre o polegar e o indicador, ele examinou as feições da menina, elaborando seu plano de ação. Havia um buraco com o diâmetro de seu dedo mindinho sob o queixo, onde a bala havia entrado, e outro bem maior onde havia saído, destruindo boa parte do palato superior e do nariz. Amina não era uma vítima de guerra, pelo menos não no sentido comum

do termo. Era vítima do descuido, de uma cultura em que armas automáticas eram tão comuns nas residências quanto esfregões e vassouras.

Um mês antes, enquanto brincava com o irmão mais velho, ela havia buscado o AK-47 do pai e usado a arma como bengala ou apoio, colocando ambas as mãos sobre o cano e pousando o queixo sobre elas. Ninguém sabia dizer o que acontecera em seguida, se o irmão a empurrara ou se inadvertidamente chutara o fuzil. O fato é que havia uma bala no pente, o pino de segurança tinha se destravado e de algum modo o gatilho foi puxado, disparando uma bala de 7.62 milímetros revestida de cobre, que atravessou as mãos de Amina, a carne sob seu queixo e o palato, até atingir a cavidade nasal, onde encontrou osso (o que salvou sua vida) e alterou sua trajetória em 90 graus, atravessando o crânio e arruinando boa parte das cartilagens e dos músculos nasais.

Mas a tragédia não acabou aí.

Viajando quase à mesma velocidade inicial, a bala continuou seu curso até acertar o irmão de Amina na têmpora, atingindo seu cérebro e o matando imediatamente.

A cirurgia seria um teste para as habilidades de Jonathan. Ele não alimentava nenhuma ilusão quanto aos resultados. Jamais conseguiria restaurar a beleza da menina. O máximo que poderia almejar era um rosto que não provocasse arrepios e, no futuro, lhe permitisse encontrar um marido.

Uma hora se passou. Do lado de fora os ruídos da batalha iam e vinham, longos períodos de silêncio entrecortados por estalos ritmados de metralhadora e explosões de morteiros e granadas. Cada disparo trazia a guerra para mais perto.

– Limpe um pouco deste sangue – disse Jonathan.

Hamid começou a limpar a ferida com gaze, ocasionalmente desviando o olhar para a janela.

– Haq já alcançou a aldeia – disse.

– Se ele chegar, chegou. Não há nada que possamos fazer. Preciso de você aqui. Não só de suas mãos, mas da cabeça também.

Jonathan estava concentrado em cortar a cartilagem da orelha de Amina para depois modelá-la com o bisturi até conseguir uma faixa estreita que pudesse definir o nariz.

Uma bomba explodiu a uns 100 metros de distância. A clínica tremeu, levantando uma nuvem de poeira. O pai de Amina cruzou os braços contra o peito, mas não disse nada. Jonathan se debruçou para ficar mais perto da paciente e se alienar o máximo possível do barulho e das distrações. Em algum lugar para além de seu mundo, uma mulher gemia, mas ele não a ouvia. Só o que importava era a menina.

Uma bala atravessou a parede, produzindo uma nuvem de pó e farpas.

– Merda – resmungou Hamid, abaixando-se.

Jonathan se afastou da mesa. Apesar do frio, ele suava; a camisa estava grudada nas costas.

– O que você acha?

Hamid examinou a menina.

– Você é um mágico.

– Não sou nada. Mas acho que vai ficar bom. – Jonathan puxou a pele e endireitou a cartilagem. – Não sei se parece um nariz afegão, mas em Beverly Hills faria um enorme sucesso.

Então uma saraivada de tiros de metralhadoras automáticas se fez ouvir ali perto. Alto o bastante para que Jonathan se contraísse e Hamid gritasse. O pai de Amina segurou a mão inerte da filha, mudo, os olhos grudados no chão.

Hamid correu para a janela, tirando o celular do bolso e se agarrando ao aparelho como se sua vida dependesse dele.

– Por que eles continuam abrindo fogo? Ninguém está oferecendo resistência.

– Volte aqui – disse Jonathan. – Não há ninguém para quem você possa ligar. Hamid engoliu em seco e guardou o telefone. De cabeça baixa, voltou à mesa de cirurgia.

– Vamos fechar o palato para que ela possa voltar a ingerir alimentos sólidos – disse Jonathan. – Prepare uma seringa com 5cc

de lidocaína.

Hamid não se moveu. Olhava fixamente para a coluna de fumaça que se erguia nos limites da vila.

– É perto da nossa casa.

Jonathan ergueu a cabeça para olhar, mas só por um instante.

– Lidocaína, Hamid, 5cc.

Um camelo blaterava sem parar. Ouviu-se um disparo e o animal se calou. Diversos veículos se aproximavam, motores rugindo contra a estrada esburacada.

– Hamid.

– Sim, Dr. Jonathan.

– Lidocaína.

Hamid entregou-lhe a seringa.

– Já lhe contei por que vim pro seu país? – perguntou Jonathan.

Hamid o encarou.

– Pra fazer isto – disse. – Pra ajudar as pessoas.

Jonathan voltou ao trabalho.

– Em parte – concordou. – Mas também tinha outros motivos. Vim pra me redimir de algumas coisas que fiz.

– Você, Dr. Jonathan? Fez alguma coisa errada?

– Não apenas eu. Minha mulher também.

– Mas você disse que nunca foi casado.

– Eu menti. Fui casado durante oito anos. Oficialmente ainda sou, mas, depois do que ela fez, acho que posso dar esse capítulo da minha vida por encerrado. Por todo esse tempo, sem saber, fui casado com uma agente do governo americano. Ela se casou comigo porque eu trabalhava para os Médicos Sem Fronteiras e isso lhe permitia entrar em lugares politicamente conturbados na África, no Oriente Médio e na Europa para cumprir suas missões.

– Missões? Que tipo de missões?

– Bombardeios, extorsões, assassinatos.

– Ela matava pessoas?

– Matava. Trabalhava pra uma organização secreta chamada Divisão. Era a grande estrela deles. – Jonathan se calou por um instante. Depois, quase a meia-voz, prosseguiu: – Também matei. Tive que fazer isso. Não havia outro jeito. Mesmo assim, até hoje isso pesa na minha consciência. Há mais coisas nessa história, mas é por isso que estou aqui. Para pagar os meus pecados e os da minha mulher. Minha lógica é a seguinte: se fui burro o suficiente para não perceber que a mulher com quem eu dividia a cama era uma espiã, pelo menos deveria ser homem o bastante pra assumir a responsabilidade de parte do que ela fez. O mais engraçado é que até três meses atrás eu nem sabia o verdadeiro nome dela. Lara. E ela nem é americana. É russa. Muito louco, não acha?

Do lado de fora, duas picapes com metralhadoras montadas na carroceria estacionaram diante da clínica. Guerreiros do Talibã saltaram e entraram na casa. A porta da sala de cirurgia se abriu. Um homem alto, visivelmente poderoso, se adiantou carregando um rifle de caça equipado com mira. Outro, mais baixo, entrou em seguida e imobilizou Hamid, forçando-o a se ajoelhar. Por último entraram mais cinco ou seis, muito agitados, apontando as armas para Jonathan.

O médico se afastou da mesa. Fazendo o possível para manter a calma, disse:

– Estou fazendo uma cirurgia. Soltem meu assistente e, por favor, vão embora.

O guerreiro mais alto o ignorou e ficou onde estava.

– Você é o curandeiro de que todo mundo fala – disse, num inglês sem qualquer sotaque.

Jonathan o avaliou com mais atenção. Era a primeira vez em muitas semanas que ele ouvia alguém falar inglês americano.

– Sou médico.

– Vai ter de vir comigo.

– Poderemos conversar assim que eu terminar.

– Você vem agora.

Um dos guerreiros se aproximou, sacou uma pistola do cinto e a pressionou contra a cabeça de Amina, olhando para o líder em busca de aprovação.

O afegão mais alto empurrou a mão dele e, virando-se para Jonathan, perguntou:

– Quanto tempo isso vai levar?

– Três horas. Já pedi que vocês saíssem daqui. Agora estou falando diretamente com o senhor. Saia da minha sala de cirurgia e leve seus homens junto.

– Uma resposta ousada para alguém na sua posição, doutor...?

– Dr. Ransom. E o senhor, quem é? – perguntou Jonathan, embora já soubesse a resposta. Ele notou as unhas enormes e curvas do guerreiro; continuando a olhar, viu o enorme relógio Casio G-Force que ele trazia no pulso, bem como a inscrição na coronha do rifle: “W. Barnes USMC”. – Suponho que não seja Barnes.

– Meu nome é Sultan Haq. – Haq ordenou que soltassem Hamid e entregou o rifle a um de seus homens. – Quem é ela?

– Amina. Sofreu um acidente. – Jonathan explicou o que havia acontecido à garota e o que estava fazendo para recuperar seu rosto. Haq ouviu com a atenção de um residente que faz a ronda dos pacientes com o médico titular.

– Vejo que você é muito talentoso – disse o Falcão. – Pode consertar o rosto dela. Mas as mãos terão que ficar para outro dia.

– Ela já esperou demais – disse Jonathan.

Um dos homens de Haq irrompeu na sala.

– Drone! – berrou ele. Depois correu para a janela e apontou para o céu.

Os homens de Haq começaram a falar todos ao mesmo tempo. Vários fugiram da clínica e seguiram em disparada pelas ruelas da aldeia. Outros, de punho em riste, começaram a lançar ameaças na direção de Jonathan. Apenas Sultan Haq permaneceu imóvel. Olhando para Jonathan de uma distância bem superior àquela que realmente os separava, e com a mesma frieza de antes, disse:

– Você é da CIA?

– Não.

– MI6? Mossad, talvez? Veio para me matar?

– Não.

– Então por que está neste fim de mundo, onde ninguém pode ajudá-lo?

Jonathan olhou para o rosto adormecido de Amina.

– Por causa dela.

– Então *realmente* é um cruzado – disse Haq com respeito.

Um rosto empoeirado surgiu à janela.

– Tudo bem! – gritou o homem em inglês. – Não era um Drone. Era um caça. Foi para o norte.

Haq pousou uma das mãos sobre o ombro de Jonathan.

– Hoje é o seu dia de sorte, mas não o dele. – Virando-se, sacou uma pistola e a pressionou contra a testa de Hamid. – Dr. Ransom, você tem 15 minutos pra terminar seu trabalho ou seu amigo morre. E, se não terminar 15 minutos depois disso, é a menina quem vai morrer. Você é meu prisioneiro. Vai fazer o que eu mandar.

5

EMMA RANSOM, TAMBÉM CONHECIDA como Lara Antonova, seguia veloz pela autoestrada de oito pistas, uma espiã solitária na calada da noite. As janelas do BMW M5 estavam abertas e o vento morno levava para dentro do carro um cheiro de maresia e de terra esquentada pelo sol. O relógio digital do painel marcava 11:47. Mais adiante, como os primeiros raios da aurora, uma faixa de luz cortava o horizonte. No acostamento, uma placa indicava 5 quilômetros para a Zona Franca de Sharjah.

– Último teste de sistema – disse Emma para a cabine vazia.

– Ouvimos você perfeitamente – disse a voz rouca de um americano dentro do ouvido dela.

– Como está a imagem?

Cravada no botão superior da blusa de Emma, uma microcâmera digital enviava imagens para o celular dela, que por sua vez as retransmitia para um conjunto de escritórios em Fort Belvoir, cidade vizinha a Washington, do outro lado do rio Potomac.

– Se você está mesmo a 200 quilômetros por hora como mostra o velocímetro, então a câmera está ótima. Agora tire o pé do acelerador.

– Diga apenas se ela está apontada para a direção certa e se o foco está bom.

– Sim. Agora lembre: tudo o que você precisa fazer é entregar a encomenda, pegar o dinheiro do general Ivanov e cair fora o mais rápido possível. Entendido?

– Claro, Frank. Entendido.

– Não fique por perto esperando até que ele queira testar aquela arma.

“Aquela arma” era um fuzil VSSK Vychlop 12.7 milímetros, de altíssima precisão, o mais poderoso de sua categoria.

– Como você a preparou?

– Isso você não precisa saber.

– Não gosto de ficar às cegas.

– Gravamos o nome dele e o brasão da família em três balas, que estão na caixa. Duas são boas. Na terceira, colocamos 50 gramas de C4. Quando for atingida pelo pino de disparo, a culatra vai explodir. Uma chuva de fragmentos. Você não vai querer estar por perto quando isso acontecer.

– Obrigada por avisar – disse ela. – Fico aliviada por saber que você está cuidando de mim.

– *Eu?* Cuidando de *você*? Desde quando?

O comentário provocou uma risada. Talvez porque encerrasse uma verdade inegável, ou talvez porque Emma desejasse que a verdade fosse outra.

Ela pisou fundo no acelerador, firmando os braços no volante enquanto o carro ganhava velocidade – 200... 220... 240 quilômetros por hora – e o vento fustigava seu rosto.

– Devagar – alertou Connor.

Frank Connor era a autoridade máxima da Divisão, chefe de Emma. Ela o ignorou.

Dali a pouco a zona franca despontou no horizonte, uma cidade de armazéns, hangares e cercas, construída numa escala gigantesca. A autoestrada de oito pistas se afunilava em apenas quatro. Uma placa indicava o limite de velocidade: 80 quilômetros por hora. Ao vê-la, a reação de Emma foi acelerar ainda mais, chegando aos 260. Ela olhava exclusivamente para a faixa branca que lhe servia de guia, saboreando o ronronar do motor V10 de cinco litros, o resto do mundo reduzido a uma grande mancha indistinta.

– Emma... falei pra você diminuir a velocidade!

Ela manteve o pé firme no acelerador: 280... 290... 300.

Então pisou no freio. O carro desacelerou bruscamente, fazendo com que ela se projetasse contra o cinto de segurança e sentisse o frio na barriga e as batidas frenéticas do coração. Ela respirou fundo

para se acalmar. O embrulho no estômago passou e o coração voltou às 50 batidas por minuto de costume. Já não era Lara nem Emma. Era apenas uma agente. Os nomes não tinham importância. Era a missão que definia sua identidade, o que dava substância à alma.

Saindo da autoestrada, ela seguiu rumo à entrada leste e parou diante da barreira de segurança. Uma cerca alta, encimada por espirais de arame farpado, bloqueava seu caminho. Um guarda uniformizado a olhou de alto a baixo, mas não perguntou nomes nem pediu documentos. Ela estava sendo esperada.

– Siga em frente por mais 2 quilômetros – disse ele. – Até o Armazém 7.

A cerca deslizou nos trilhos e Emma entrou no complexo. Passou por uma série de armazéns enormes, todos com cerca de cinco andares e uma área equivalente à de dois quarteirões. Mesmo àquela hora o lugar fervilhava com caminhões carregando e descarregando caixas, empilhadeiras zunindo de um lado para outro, guindastes tirando contêineres de trens para colocá-los na carroceria dos caminhões.

Por fim ela chegou ao Armazém 7. No caminho havia uma segunda barreira, que se abriu tão logo o BMW se aproximou. Um carro de polícia estava parado a alguns metros de distância; as luzes sobre o teto se acenderam e começaram a piscar. O motorista acenou através da janela, indicando que ela o seguisse.

Acompanhando o carro de polícia, ela atravessou uma ampla via asfaltada até um hangar menor, a 2 quilômetros dali, numa das extremidades da zona franca. As gigantescas portas de celeiro se encontravam abertas, luzes fortes brilhando no alto. Emma correu os olhos pelo lugar. Por um instante avistou uma sombra empoleirada no telhado, a silhueta de um fuzil, mas quando olhou de novo não viu mais nada.

Balfour já esperava sozinho ao lado de seu Bentley Mulsanne Turbo. O séquito de capangas havia se reduzido a um único homem, um sique alto e forte que ela conhecia como Sr. Singh.

No entanto, diversos policiais uniformizados estavam lá para garantir a segurança dele. O hangar era território do príncipe, que não permitiria que nada acontecesse a Balfour.

Emma desligou o motor e saiu do carro. Um policial a revistou e, com a cabeça, acenou para que ela seguisse adiante.

– Ah, Srta. Antonova – disse Balfour, que tinha o hábito de cumprimentar as pessoas como se estivessem num coquetel. – Vejo que não teve dificuldade para encontrar o caminho.

– Onde está o príncipe? – perguntou Emma.

– Deve chegar a qualquer momento. E nosso avião?

– Está no horário.

– Então vamos esperar.

– Então vamos esperar – repetiu Emma. – Nunca vi você sem a sua matilha de seguranças. Não está se sentindo nu?

– Estou com o Sr. Singh. E minha relação com o príncipe vem de longa data.

Emma arqueou as sobrancelhas. Via com ceticismo esse tipo de relação.

– Além disso – prosseguiu Balfour –, tenho algo que ele quer.

– Achei que fosse eu quem tivesse o que ele quer.

– Não é isso. Isso são apenas armas. Meros brinquedinhos. Tenho outra coisa, bem mais interessante.

– Aposto que sim – disse Emma. Mas, em vez de se estender no assunto, instinto natural de qualquer espião, ela saiu do hangar e olhou para o céu escuro. Aviões zumbiam na pista, decolando um atrás do outro.

– São meus – disse Balfour. – Cargueiros a caminho do Iraque. Durante oito anos os americanos entupiram aquele país com tudo o que você possa imaginar. Agora querem levar tudo de volta em 18 meses. Fico mais do que feliz em ajudar.

A leste, Emma avistou as luzes de um avião que aterrissava. Conferiu as horas no relógio: 11h58. Era o Tupolev, chegando de Teerã.

– É o nosso avião? – perguntou Balfour.

– O príncipe disse meia-noite. Os suíços não são os únicos pontuais no planeta.

– Quer dizer então que podemos confiar em você? – retrucou ele, sem esconder a suspeita de uma conspiração.

– Alguma vez já falhei com você?

Balfour abriu seu sorriso de raposa.

– Não. Mas isso não significa que posso confiar em você. – Ele se aproximou e acendeu um cigarro. – Até onde vão seus contatos na hierarquia de Moscou?

– Até onde é necessário.

– Até o diretor? O general Ivanov?

Emma olhou de volta para Balfour, mas não disse nada. Sabia que tinha algo que ele queria.

Virando o rosto, Balfour olhou para os policiais que aguardavam ao lado dos carros. Depois pegou Emma pelo braço e a conduziu até o gramado que ladeava a pista.

– Encontramos algo – disse. – Nas montanhas. Uma espécie de dispositivo. Preciso de ajuda para tirá-lo de lá e trazê-lo para baixo.

Emma ainda se recusava a demonstrar qualquer interesse.

– Não é isso que fazemos – disse. – Sinto muito.

– É um explosivo – continuou Balfour. – Americano.

– Um explosivo? De que tipo?

– Não sei. Tenho apenas uma fotografia. Está longe demais para mim. Sofro de asma e tenho problemas com altitude. Posso dizer apenas que é grande e aparentemente muito pesado.

– Trabalho para um serviço de inteligência, não sou guia de montanhismo. Que tipo de ajuda eu poderia lhe dar?

– Equipamentos. Especialistas. Uma equipe completa, talvez.

Apesar do véu de indiferença, Emma queria saber mais. As palavras “explosivo americano grande” haviam formado uma imagem tentadora em sua mente.

– A foto está com você?

Balfour olhou por sobre o ombro mais uma vez.

– Rápido. Antes que ele chegue. – Afundando a mão no bolso interno do paletó claro, tirou a foto e disse: – Dê uma olhada e diga o que acha.

Emma avaliou a imagem, que mostrava uma faixa de metal enterrada sob a neve com as letras "USAF" pintadas com estêncil; mais adiante se via a barbatana de um estabilizador. Ela aproximou um pouco mais a foto dos olhos. O problema era que não havia nada ao redor que desse uma noção de escala. O explosivo poderia ter 1 ou 10 metros de comprimento.

– Parece uma bomba ou um míssil.

– Sim, mas de que tipo?

– Você não tem outra foto com menos neve?

Balfour hesitou por um instante.

– Infelizmente, não.

Emma reexaminou a foto; tinha plena consciência de que o indiano mentia e que sabia muito mais do que estava disposto a contar.

– Onde mesmo você disse que encontrou isto aqui? – perguntou ela.

– Eu não disse. – Ouvindo os carros que se aproximavam, Balfour pegou a foto de volta e a guardou no bolso. – Este será nosso segredo.

– Claro.

Virando-se, Emma viu o comboio de sete utilitários Mercedes-Benz que avançava sobre a pista, bandeirolas dos Emirados Árabes tremulando nas antenas. Balfour voltou para o hangar e Emma o seguiu, mantendo alguns passos de distância. Enquanto caminhava, olhou para o telhado do hangar. A sombra que vira antes estava lá de novo, mas agora não se escondia. Nem os outros três francoatiradores posicionados no telhado. Ou o príncipe tinha um zelo excessivo pela própria segurança ou havia algo muito errado ali.

– Está vendo isto, Frank? – sussurrou ela. – Colocaram atiradores no alto do hangar. Tem alguma coisa aí. Nunca fizeram isso antes.

Emma esperou por uma resposta, mas ela não veio.

– Frank?

Um apito distante e muito agudo soou em seu ouvido, o que indicava a presença de algum dispositivo eletrônico destinado a localizar e bloquear todas as transmissões sem fio nas imediações. Emma não podia mais ouvir Connor; restava-lhe apenas a esperança de que ele a estivesse ouvindo e recebendo suas imagens.

Efetivamente isolada, ela apertou o passo assim que viu os carros pararem. Do primeiro deles desceu um militar com uniforme cáqui e patente de general.

O príncipe havia chegado.

6

RASHID ALBAYAR AL-ZAYED era o 12º filho do príncipe herdeiro Ali al-Zayed, presidente em exercício dos Emirados Árabes Unidos. Aos 32 anos, tinha mais de 1,80 metro, ombros largos, um sorriso de galã de cinema e olhos castanhos, muito brilhantes, que cativavam a todos com sua sinceridade. Não era um dos parasitas reais que viviam do nome da família e torravam dinheiro como se isso fosse uma modalidade olímpica. Era justamente o oposto. Formado pela Academia Phillips Exeter, pela Universidade de Cambridge e pelo INSEAD – em todos eles com louvor –, ele havia voltado para casa a fim de começar uma carreira no serviço público. Em seis anos havia sido promovido de comissário aduaneiro e fiscal a vice-ministro das Relações Exteriores. Agora comandava a polícia nacional.

Nas horas vagas, presidia o comitê pan-arábico para mudanças climáticas e servia como representante da família real numa organização filantrópica chamada Emirados Contra a Fome, a qual já havia angariado mais de 200 milhões de dólares para as crianças desnutridas da África subsaariana. Sua mulher era uma belíssima libanesa cristã. Seus quatro adoráveis filhos frequentavam um liceu francês na cidade de Dubai. Aos olhos de todos, Rashid era um muçulmano moderno e secular, figura emblemática dos Emirados Árabes.

No entanto, os dossiês a seu respeito pintavam um retrato bem mais sombrio. Sugeriam que suas atividades públicas não passavam de uma fachada meticulosamente construída para camuflar sua real vocação: o tráfico de armas e material bélico para grupos terroristas do fundamentalismo islâmico.

Tão logo pisou no hangar, ele estendeu os braços, abriu ainda mais o sorriso e fez amplo uso do olhar cintilante. No Oriente

Médio, o modo de cumprimentar diz tudo a respeito de uma relação.

– Ashok, meu caro amigo – disse o príncipe, puxando Balfour para um abraço. – É um enorme prazer revê-lo. Nem sei como agradecer a ajuda que vem prestando a mim... *e a meus amigos*.

– O prazer é meu – disse lorde Balfour. – Esta é a Srta. Lara Antonova, do FSB russo.

– Pensei que todas as siberianas fossem louras – disse o príncipe, dobrando-se numa rápida mesura.

– Nem todas – disse Emma. Rashid apertava a mão dela e por um momento deu a impressão de que não pretendia largá-la. Tinha mãos grandes e surpreendentemente calejadas. Outra informação veio à lembrança de Emma: o príncipe também era um grande apreciador das artes marciais. Boatos diziam que tinha especial prazer em mandar os adversários para o hospital.

– Se não conhecesse o general Ivanov tão bem, eu diria que você é britânica – prosseguiu ele.

– Moscou prefere que falemos o inglês da rainha.

Rashid riu e pouco depois os policiais de sua escolta se juntaram a ele. Foi então que seu celular tocou. A conversa foi rápida.

– Srta. Antonova, seu avião acabou de pedir permissão para aterrissar. Estará em solo em dois minutos.

O príncipe esfregou as mãos e voltou para a pista. Mantendo um passo de distância, como manda o protocolo, Balfour e Emma o acompanharam, seguidos dos 20 e tantos policiais árabes, todos vestidos com a mesma farda de mangas curtas de seu comandante.

O Tupolev aterrissou e taxiou na cabeceira da pista. A escotilha de carga se abriu. Imediatamente os tripulantes começaram a descarregar caixas e mais caixas, empilhando-as em altíssimos engradados de madeira pintados de verde-oliva com palavras em cirílico.

A hora seguinte passou num piscar de olhos. O príncipe Rashid caminhava a passos largos por entre sua carga, designando engradados aleatoriamente para que o conteúdo fosse examinado e

comparado à ordem de compra. Lorde Balfour andava a seu lado, repetindo:

– Está tudo aqui. Sua lista foi atendida exatamente como você pediu.

A certa distância, Emma observava de braços cruzados, os olhos indo do príncipe para os atiradores posicionados no telhado do hangar. Foi numa dessas vezes em que olhava para trás que ela viu o homem pela primeira vez. Era baixo e ágil, barbado como quase todos ali, exceto Rashid, mas de modos claramente distintos. Ele esperava junto do Mercedes do príncipe e Emma supôs que ele tivesse chegado ali no banco de trás, o que fazia dele um VIP. Tinha a pele escura e, embora estivesse de pé, com uma das mãos apoiada na porta aberta do carro, parecia aflito, como se temesse ser visto. Usava as tradicionais vestes árabes, mas não as de um homem rico, apenas uma *dishdasha* branca e um *keffiyeh* amarrado à cabeça com uma corda preta. As roupas eram comuns, mas homens comuns não andavam no carro do príncipe Rashid.

Emma o encarou por um tempo longo o bastante para que sua câmera enviasse uma boa imagem para Frank Connor e seu pessoal na Divisão.

O homem era o destinatário final de toda aquela mercadoria: o terrorista da vez do príncipe Rashid. Emma não tinha nenhuma prova disso, apenas sabia. Experiência.

– Exatamente como pedi. – Dessa vez foi Rashid quem falou e Emma se virou para encará-lo. – Estou impressionado. Será um prazer voltar a negociar com o general Ivanov no futuro.

Ele acenou para um de seus asseclas e, minutos depois, Emma estava de posse de duas valises de inox, cada uma delas contendo 5 milhões de dólares.

– O prazer será todo nosso – disse Emma. – Aliás, o general pediu que eu lhe desse um presente em nome dele.

– Um presente?

Ela olhou para o príncipe, imaginando se ele fingia surpresa ou se era assim mesmo, sempre sincero e transparente. Em seguida fez

sinal para os tripulantes do Tupolev, que logo desceram do avião carregando uma caixa preta laqueada.

– Coloquem ali – disse ela, apontando para um dos engradados mais próximos.

Com certa cerimônia, abriu a caixa, revelando um fuzil Vychlop acomodado num leito de veludo castanho. Logo abaixo da arma, cada uma em seu próprio compartimento, havia três balas com 12 centímetros de comprimento e o diâmetro aproximado de um charuto Cohiba. Todas tinham o nome do príncipe e o brasão da família real gravados na superfície de bronze. E o mais importante: elas eram capazes de perfurar um Humvee a quase mil metros de distância.

Rashid levou o fuzil de 10 quilos ao ombro. Apesar do peso, ergueu-o sem nenhuma dificuldade, como se tivesse nas mãos um simples revólver.

– Espero que o senhor tenha gostado – disse Emma.

– Como eu poderia não gostar? – retrucou o príncipe, baixando a arma e passando os dedos perfeitamente manicurados sobre o cano. – Isto aqui é uma obra de arte. Letal, porém elegantíssima.

– Que bom. – Emma olhou para o relógio. – Perdão, mas tenho de tomar um voo para Zurique às três. Pena ter de partir tão...

– Bobagem – interrompeu Rashid. – Basta uma ligação minha e seu voo será atrasado. Faça questão que você fique e teste comigo este presente do general Ivanov.

Emma percebeu uma insistência – falsa e predatória – que não estava lá antes.

– Eu adoraria – prosseguiu, algo dentro dela implorando para que saísse logo dali. – Mas já é tarde, preciso ir. O general está à minha espera.

Rashid abriu seu sorriso de galã.

– Não se preocupe. Falei com Igor Ivanov mais cedo. Ele gostaria muito que você ficasse. Disse que você é a melhor embaixadora de seu país. Agora que nos conhecemos, vejo que ele disse a verdade.

Olhando para o telhado do hangar, Emma constatou que os atiradores já estavam posicionados, debruçados sobre suas respectivas armas. Podia jurar que todas as miras estavam focadas em sua cabeça. Concluiu então que Rashid já esperava pelo fuzil e que a surpresa de antes havia sido uma encenação. Ela olhou para Balfour, que supostamente não sabia de nada. Aquilo era obra de Connor e de mais ninguém.

– Claro que você pode ficar – interveio Balfour, os olhos mais sisudos que a voz.

– Claro – concordou Emma, apenas para ganhar tempo.

O príncipe despachou uma ordem rápida e, num piscar de olhos, holofotes se acenderam sobre um gramado adjacente ao hangar, iluminando-o como se o sol estivesse a pino. Ao fundo se viam uma poltrona antiga e, sentado nela, um manequim vestindo o uniforme de fuzileiro americano. Ali estava a prova. Rashid já esperava o presente.

Ele passou o fuzil para Emma.

– Por favor. Ficarei honrado se você fizer o primeiro disparo. – Tirando uma das balas da caixa, emendou: – Eu insisto.

Emma abriu a culatra, encaixou a bala na câmara e acionou o ferrolho com autoridade. Sabia que sua chance era de uma em três. Já passara por situações piores, disse a si mesma, a raiva dando lugar à apreensão. Tinha sido traída. Sabia demais e o conhecimento é sempre uma faca de dois gumes. Simples assim. Fosse como fosse, ela não perderia a linha.

– Venha – disse, acenando para que o príncipe se aproximasse. – Vou lhe mostrar como usá-lo. Este fuzil é muito pesado no cano. É preciso apoiar o corpo sobre o pé que está atrás. Para mirar, pressione o rosto contra a coronha. Aproxime-se. Não dá para ver direito de onde você está.

– Estou vendo perfeitamente – disse Rashid.

– Como quiser. – Posicionando a coronha sobre o ombro, Emma apontou o fuzil para o peito do boneco. – Por incrível que pareça, o gatilho é muito leve. Vá apertando lentamente e se prepare para o maior coice da sua vida.

“Uma em três”, pensou.

Por fim colou o rosto na coronha, respirou fundo e atirou.

A explosão foi ensurdecadora.

O príncipe se agachou, simultaneamente protegendo a cabeça com o braço. No gramado, o boneco permanecia sentado como antes, mas a cabeça e metade do ombro esquerdo haviam desaparecido.

– Alto demais. – Emma deu de ombros, não inteiramente decepcionada com sua performance, e passou o fuzil para o príncipe. – Tenho certeza de que o senhor fará melhor.

Com o fuzil a tiracolo, Rashid foi até a caixa laqueada, escolheu uma bala e a colocou na câmara. Sem dizer nada, voltou para a linha de tiro, acionou o ferrolho, levou o fuzil ao ombro, mirou e disparou.

O tiro errou o alvo, mas levantou uma nuvem de terra sobre o gramado.

– O coice é mesmo violento – disse, esfregando o ombro. – Minha mulher vai querer saber de onde veio este hematoma.

A última bala jazia em seu compartimento de veludo. Apontando o fuzil para Balfour, o príncipe disse:

– E você, Ashok? Joga?

Balfour ergueu as mãos.

– Não, não. Eu me limito a vender essas coisas sangrentas. Olhe só para esse fuzil. É maior do que eu!

– Duas desculpas esfarrapadas – retrucou Rashid. Olhando para Emma, tirou a última bala da caixa e recarregou o fuzil. – Talvez agora você possa me ajudar com a mira – disse a ela.

Emma se postou atrás do príncipe e, com a mão direita, guiou a cabeça dele até a posição correta contra a coronha; com a esquerda, ajudou-o a levantar a arma e apontar para o boneco.

– Não puxe o gatilho antes que a mira esteja centrada no alvo. Sugiro que você mire uns 50 centímetros abaixo, para compensar o coice. Firme bem o pé da frente. Mais um pouco. Isso. Agora contraia o abdômen.

De pé ao lado do príncipe, Emma o observava acariciar o gatilho.

– Sem pressa – disse. – Respire e... aperte.

Rashid fitou-a de soslaio.

– Sem pressa – repetiu.

– Isso.

Subitamente ele empertigou o tronco e baixou o fuzil.

– Droga – falou, afastando-se de Emma.

– Que foi? – perguntou Balfour, alcançando-o.

– Não posso fazer isso com meu ombro. Vai arruinar meu golfe durante um mês.

Seguiu-se um silêncio generalizado. De repente, alguns dos guardas do príncipe riram e contagiaram os demais, que riram também. Rashid passou o fuzil para um homem baixo e corpulento, com patente de capitão.

– Vamos ver se o capitão Hussein se sai melhor do que eu. Se bem me lembro, era instrutor de tiro na academia.

Hussein se posicionou no gramado. Concentrado, ergueu o fuzil e mirou no boneco. Não iria desapontar o chefe.

– Sem pressa – disse o príncipe, olhando para Emma.

Um instante depois, o fuzil se desfez em pedacinhos quando a bala explodiu no interior do cano, pulverizando tanto o ferrolho quanto a câmara.

O capitão agora se contorcia sobre o gramado, o crânio à mostra, olhos, cartilagem e dentes reduzidos a uma massa indistinta, como uma fruta esmagada. Os outros policiais acorreram imediatamente. Balfour gritou por uma ambulância.

– Depressa!

Mas Rashid permaneceu onde estava. Pegando Emma pelo braço, disse:

– Você vem comigo.

7

A ESTRADINHA CONTORNAVA A MONTANHA. Subindo por ela, a picape sacolejava feito um bote salva-vidas em alto-mar, a velocidade obedecendo aos caprichos do terreno. Os contrafortes havia muito tinham ficado para trás, substituídos inicialmente por ocasionais bosques de pinheiros e, mais acima, por aclives de cascalho cada vez mais íngremes. Agora não se via nem isso, a paisagem encoberta por uma nuvem escura. Tudo se resumia a uma trilha de terra batida, uma ribanceira quase vertical de um lado e o incessante ruído do motor lutando contra a altitude.

– Eu faria qualquer coisa por meu pai – disse Haq. – Você não?

Jonathan se espremia entre ele e o motorista, desconfortável demais para ceder ao medo.

– Meu pai já morreu.

– É o destino – disse Haq, convicto. – Quando garoto, fui atingido pelos estilhaços de uma granada russa. Meu pai me carregou nas costas durante três dias até encontrar um posto de saúde. Era inverno e ele estava com pneumonia. Quase morreu para me salvar. Prometi a mim mesmo que um dia faria algo semelhante por ele.

Jonathan se virou para Haq.

– Você destruiu uma vila inteira pra ajudar seu pai?

Haq refletiu por um instante, dando a entender que tinha plena consciência da complexidade moral da situação.

– Aquela vila tinha valor estratégico – disse afinal.

Jonathan voltou os olhos para a estrada.

– O que trouxe você até estas bandas? – perguntou Haq. – Não é missionário, é?

– Não.

– Mesmo assim está numa espécie de cruzada.

– E você? – devolveu Jonathan. – Onde aprendeu inglês tão bem?

– Fui hóspede de seu país durante muitos anos.

– Esteve nos Estados Unidos?

– Não exatamente. Na baía de Guantánamo, Camp X-Ray. Fui capturado em novembro de 2001. Na verdade, me rendi. Por causa das bombas. Os aviões apareciam todos os dias. Voavam muito alto e não dava para ouvi-los. As bombas caíam sem nenhum aviso. Estávamos enterrados, mas um monte de terra não oferece proteção nenhuma contra os 200 quilos de uma bomba, muito menos contra centenas delas. A fúria daqueles ataques... Você nem imagina. – Haq se calou por alguns segundos, os olhos fixos num ponto muito além do para-brisa, turvados pelo horror das lembranças. Depois voltou a si. – Fico feliz que tenha gostado do meu inglês. Aprendíamos com os filmes.

– Vocês viam filmes por lá? – perguntou Jonathan, claramente surpreso.

– No início, não. Nada de filmes. No início morávamos em gaiolas a céu aberto. Interrogatórios, sim; filmes, não. Mas depois de um tempo, quando a CIA concluiu que tínhamos dito tudo o que sabíamos, tivemos permissão para ler e, depois de alguns meses, para assistir a filmes também. Quando saí de lá, a biblioteca já tinha mais de 7 mil volumes e 400 filmes.

– O que você via?

– Filmes de guerra, quase sempre. *Apocalypse Now*. *Platoon*. *Patton*. Ótimos, todos eles. Mas meu predileto era um musical.

– Um musical?

– Acha estranho?

– Não.

– *Um dia em Nova York*, com Gene Kelly. Conhece? “*The Bronx is up and the Battery down*” – cantarolou Haq. – Para mim, isso é a América. Três marinheiros cantando alegremente enquanto seu país oprime o resto do mundo. A tirania irrefletida. Sempre digo a mim mesmo: se um dia eu for aos Estados Unidos, não posso deixar de conhecer essa cidade. Você conhece Nova York?

– Conheço. Uma cidade extraordinária.

– Fiquei preso por seis anos. Um dia resolveram me soltar.

– Por quê?

– Menti para eles – disse Haq, fitando Jonathan com os olhos maquiados de *kohl*. – O truque é acreditar nas suas mentiras, independentemente do que eles façam com você.

Do outro lado de uma curva, a trilha se aplanou e o Toyota acelerou. Eles não estavam mais subindo a montanha: estavam dentro dela, confinados por paredões que se erguiam até o céu.

– Me conte sobre seu pai – disse Jonathan. – Quantos anos ele tem?

– Eu diria uns 70. O problema é o estômago. Dores horríveis. Faz uma semana que não come.

– Quando as dores começaram?

– Meses atrás – disse Haq –, mas pioraram muito na última semana.

– Ele sofreu algum golpe, algum ferimento?

– Somos guerreiros. Nada fora do normal.

– Ele fala inglês? – perguntou Jonathan.

– Acha que sou traidor só porque sei dizer “*hello*” – disse Haq, rindo de repente.

O motorista riu também e Haq se calou.

Jonathan fez mais algumas perguntas, mas Haq havia perdido o interesse. Deu uma série de comandos ao motorista e depois, sem nenhum alerta, curvou-se sobre Jonathan para acertar a cabeça do homem com um soco. Jonathan permaneceu calado. Não era a primeira vez que testemunhava esse tipo de violência gratuita. Deduziu que Haq havia proibido o motorista de falar sobre a conversa que acabara de ouvir.

Os penhascos ficaram para trás e a estrada avançou sobre uma clareira estreita. A uns 100 metros de distância, Jonathan avistou alguns carros estacionados sob um toldo camuflado. Um grupo de homens veio correndo na direção deles, berrando “*Allahu akhbar*”. Deus é grande. Uma das expressões de múltiplo uso dos afegãos, empregada na vitória e na derrota, na alegria e na tristeza.

A picape parou. Haq desceu e Jonathan o seguiu, perguntando:

– Onde está Hamid?

Haq coçou o rosto com uma de suas unhas enormes, talvez reconsiderando sua promessa, depois se aproximou do último carro sob o toldo e puxou Hamid da carroceria.

– Aqui está seu assistente – disse, e o empurrou para o chão. – Um hazara. Um fraco.

Jonathan ajudou Hamid a se levantar.

– Você está bem?

Hamid limpou a poeira das calças.

– Obrigado por tomar conta de mim.

– Bem... – disse Jonathan. – Fui eu quem colocou você nesta roubada.

Haq se afastou e Hamid pegou o celular no bolso.

– Guarde esse telefone! – advertiu Jonathan. – Se Haq vir você com ele, vai matá-lo.

– Sem sinal – disse Hamid, apertando algumas teclas furiosamente. – Merda.

– O que você esperava? Agora guarde isso.

Hamid enfiou o telefone de volta no bolso e olhou para o alto, balançando a cabeça.

Uma dezena de homens se aglomerava sob o toldo. Outros tantos foram se aproximando de Jonathan para vê-lo melhor, alguns avançando para tocar a camisa dele como se fosse um talismã.

– De onde saiu essa gente? – perguntou Jonathan.

– De lá. – Hamid apontou para um buraco na encosta da montanha. Uma porta rústica, construída com tábuas velhas de assoalho, estava aberta. – Estamos em Tora Bora. Há cavernas pra todo lado.

Inclinando a cabeça, Jonathan olhou através da malha do toldo. Uma faixa estreita de céu podia ser vista entre os colossais ninhos de granito. Do alto, a clareira não passava de uma garganta inacessível, uma entre tantas outras que havia por lá. Ele engoliu em seco. Seria impossível alguém os encontrar ali.

Sultan Haq abriu caminho entre os homens.

– Meu pai – disse, acenando para que Jonathan e Hamid o seguissem. – Por favor.

Em seguida se dirigiu à caverna, baixou a cabeça ao atravessar a porta e desapareceu na escuridão sepulcral. Jonathan seguiu atrás dele, a sacola de material médico em seu ombro parecendo mais pesada do que realmente era. Ao entrar na caverna, diminuiu o passo para que os olhos se adaptassem ao breu. Mas a escuridão se desfez assim que Haq abriu as cortinas pesadas da antessala onde eles se encontravam, passando a uma câmara penumbrosa e tão ampla quanto um auditório de escola.

– Por aqui – disse.

Jonathan logo notou que havia sido feito um grande esforço para que a caverna se tornasse razoavelmente habitável. As paredes haviam sido aplanadas e o teto de rocha, escavado à altura de 5 metros. Em algum lugar havia um gerador, pois uma trilha de lâmpadas fora incrustada no alto. Fazia muito frio. Suprimentos se empilhavam criteriosamente junto às paredes, comida de um lado, munição de outro. Aqui e ali, homens dormiam no chão, embrulhados em cobertores de lã.

Haq atravessou a câmara e seguiu por uma passagem estreita, onde o teto era mais baixo e as paredes, irregulares. Havia protuberâncias afiadas na rocha. A cada 2 metros, cômodos se abriam à direita ou à esquerda. O primeiro abrigava sacos de arroz marcados com o estêncil da OTAN. No segundo, vários homens dormiam no chão de terra. Algo chamou a atenção de Jonathan: as botas enlameadas que saíam de dentro de um par de calças militar. Apertando as pálpebras para enxergar melhor, ele vislumbrou não um, mas três militares, deitados lado a lado. Não pôde deixar de notar que tinham a bandeira americana costurada no ombro dos uniformes. Um guarda sentava-se a um canto, um AK-47 apoiado nos joelhos.

Haq virou-se para trás.

– Prisioneiros – disse. – Não são da sua conta.

Hamid cutucou Jonathan por trás.

– Anda – disse ele, num tom inusitadamente imperativo.

Jonathan se apressou para alcançar Haq.

O pai do afegão jazia numa cama com cobertas coloridas no cômodo seguinte. Haq dissera que ele estava com cerca de 70 anos, mas o homem ainda tinha a barba completamente negra, os olhos espertos e saudáveis. Apenas a pele enrugada e fina como papel dava algum indício de velhice. Sultan Haq ficou de joelhos e começou a falar com o pai, aparentemente tentando convencê-lo a se deixar examinar pelo médico americano.

– Esse aí é Abdul Haq – sussurrou Hamid para Jonathan. – Foi ministro da Defesa durante o governo talibã. Na guerra, capturou uma brigada dos próprios soldados que havia se debandado para o lado da Aliança do Norte. Oitocentos homens. Pra servir de exemplo, decapitou todos eles. Hoje comanda todas as forças talibãs no norte e chefia a rede de inteligência deles.

– Como você sabe de tudo isso? – perguntou Jonathan.

– Todo mundo sabe – respondeu Hamid, os olhos negros brilhando.

– Dr. Ransom, pode vir – disse Sultan Haq, acenando para que ele se aproximasse. – Meu pai concordou que você o examine. Vou ficar observando.

Jonathan olhou para os guardas armados que o cercavam. Deixou a sacola no chão e se ajoelhou à direita de Abdul Haq.

– O senhor sente dores no estômago? – perguntou. – Onde exatamente?

Sultan Haq traduziu e Abdul apontou para um ponto alguns centímetros abaixo das costelas. Jonathan desabotoou a camisa do velho. O abdômen estava visivelmente inchado, a pele escura, quase violeta. Jonathan pressionou dois dedos sobre a área. Abdul se retraiu, arregalando os olhos, mas não disse nada.

– Pode dizer se está doendo – disse Jonathan. – Não se acanhe.

– Homens não gemem de dor – interveio Sultan Haq.

– Vai me ajudar a localizar o problema.

– Tenho certeza de que você é capaz de encontrar o problema sozinho. Jonathan mediu a pressão, a temperatura e examinou o pulso do velho. Todas as leituras estavam bem acima do normal.

– O que meu pai tem? – perguntou Sultan Haq.

– Sem uma radiografia, é impossível saber ao certo. Mas desconfio que seja um caso de abdômen agudo provocado por abscessos no peritônio. Isso significa que uma fissura no intestino ou no estômago deixou que bactérias escapassem para a cavidade abdominal. Se ficar sem tratamento por muito tempo, costuma ser fatal. Como seu pai ainda está vivo, suponho que o sistema dele tenha bloqueado a infecção.

– Meu pai é um homem forte.

– Sim, é. Mas lá dentro há uma bolsa de pus que precisa ser retirada imediatamente.

Jonathan olhou para Abdul Haq e fez o que pôde para oferecer um sorriso de consolo, mas foi retribuído com um olhar fulminante, que decerto lhe desejava uma morte lenta e dolorosa.

– O que você pode fazer? – perguntou Haq.

– Precisamos levá-lo para um hospital em Cabul. Quanto antes, melhor.

– Isso está fora de cogitação – devolveu Haq. – Então repito: o que você pode fazer?

Jonathan correu a mão sobre a boca, depois disse:

– Não tenho instrumentos pra fazer esse tipo de cirurgia. Além disso, olhe à sua volta. As condições deste lugar não são muito higiênicas.

– Não trouxe você até aqui para nada.

– Leve seu pai para um hospital e ele ficará bom em dois dias.

– Você vai curá-lo aqui, *agora*.

– Não quero piorar a situação dele – disse Jonathan. – Seu pai precisa ser internado.

– Então só me resta matar você e seu amigo.

Haq berrou uma ordem e um dos guardas imobilizou Hamid, colocando uma faca em sua garganta e tirando sangue dele.

– Pare! – gritou Jonathan, pondo-se de pé com um salto. – Tudo bem. Vou fazer o que você quer. Mas solte Hamid.

Haq sinalizou para o guarda. Hamid desabou no chão e cautelosamente apalpou o ferimento no pescoço.

– Mas o melhor que posso fazer é abrir o abscesso e drenar o pus – prosseguiu Jonathan. – Isso vai aliviar a dor, mas não vai resolver o problema em si. Mesmo se encontrar a fissura, dificilmente poderei fechá-la. Não tenho os instrumentos pra isso.

Haq encarou o médico.

– Vai curar meu pai ou não sairá vivo desta caverna.

Jonathan se virou para o velho que jazia sobre a cama com cobertas coloridas. Ao fazê-lo, viu uma enorme centopeia negra se escondendo entre os travesseiros. Olhou a seu redor à procura de uma mesa ou alguma superfície firme sobre a qual pudesse deitar Abdul. Não havia nada.

– Vou precisar de água – disse. – Muita água. Fervida e esterilizada. Hamid, faça um curativo na sua garganta e depois prepare duas ampolas de lidocaína. Vou precisar de gaze, bisturi, fórceps... Isso deve bastar. – Virando-se para Haq, disse: – Seu pai não vai sentir nada, mas você e seus homens... – Ele apontou para os guardas. – Acho que não vão gostar de ver o que vai acontecer aqui. Sugiro que esperem do lado de fora.

– Eles estão acostumados a ver sangue – disse Haq.

– Não estou falando de sangue.

– Ninguém vai sair.

Jonathan injetou 3cc de lidocaína na área infeccionada. Depois de alguns minutos, fez uma incisão de 5 centímetros e, com os dedos, afastou a fáscia.

– Pinça mosquito – pediu.

Hamid inseriu a pequena pinça dentada para manter a incisão aberta.

Jonathan injetou mais um pouco de lidocaína diretamente na fáscia. Já podia sentir a pressão dos abscessos contra o músculo.

– É melhor vocês se afastarem – disse, olhando para os guardas, que àquela altura apontavam os fuzis para as costas dele.

Os seguranças olharam para Haq, que, firme, fez que não com a cabeça.

– Depois não digam que não avisei. – Jonathan cortou a última camada de fásia. Um jato de pus jorrou verticalmente do abdômen de Abdul, atingindo o rosto de um dos guardas. O homem deu um berro e começou a se limpar freneticamente.

– Silêncio – ordenou Haq.

Alargando a incisão, Jonathan encontrou uma grande massa de pus amarelo. Um técnico definiria o pus como “um exsudato proteico e fibroso”, mas, desde os tempos de residência, Jonathan preferia descrevê-lo de modo mais realista como “essa meleca nojenta”.

Inserindo os dedos, ele retirou parte do pus e o esfregou sobre um pedaço de gaze. Foi então que a fetidez começou a exalar das entranhas do velho, fazendo com que o guarda mais próximo se curvasse para vomitar. Seu vizinho virou a cabeça, lacrimejando.

Para Jonathan, nada no mundo cheirava pior que uma infecção anaeróbica supurada. Nem mesmo uma latrina em Lagos, Nigéria, num dia especialmente quente de verão. Nem mesmo um rato morto há três dias, cheio de vermes. Nada.

– Gostaram, não é? Vão ver mais, não se preocupem. – Afundando os dedos na cavidade abdominal, ele retirou uma segunda bola de pus, agora maior, do tamanho de uma lata de refrigerante. Os guardas cobriram a boca e saíram correndo do cômodo. Haq não se conteve e foi atrás deles. Apenas Hamid permaneceu onde estava, sólido como uma rocha.

– O que será que deu neles? – perguntou Jonathan.

– Sei lá – disse Hamid. – Devem ter ficado enjoados por causa do sangue.

– Acho que sim. Agora vamos limpar isto aqui.

Durante os minutos seguintes, Jonathan injetou um sem-número de seringas de água esterilizada na cavidade abdominal. Se

deixasse para trás uma ínfima colônia de bactérias que fosse, a infecção voltaria. Abdul Haq podia ser o Inimigo Público nº 1, mas naquele momento era apenas um paciente em estado grave e Jonathan fez o possível para salvá-lo.

Satisfeito com a limpeza, ele suturou o músculo. Para permitir a saída de um possível resíduo de pus, improvisou um dreno com um pedaço de torniquete de borracha e o inseriu na cavidade abdominal como um pavio de vela. Dez pontos fecharam a incisão.

Jonathan olhou para a porta e viu Haq observando tudo, lívido.

– Terminamos.

– Ele vai viver? – perguntou o afegão.

– Depende de você. Seu pai precisa se recuperar num ambiente limpo. Dificilmente terá a mesma sorte se a infecção voltar. É forte, mas não tão forte assim.

Abdul Haq tocou os pontos com cautela.

– Estou bem? – perguntou ele em pachtó.

– Sim – disse Jonathan. – Logo ficará bom.

De repente o velho ficou radiante. Livre das terríveis dores que o atormentavam havia semanas, ele pegou a mão de Jonathan e a apertou contra o próprio peito.

– Foi Deus quem o mandou. Que sua casa se cubra de bênçãos. Você é um homem bom.

Sultan Haq tocou o ombro de Jonathan.

– Obrigado por ter salvado meu pai.

– Não há de quê – disse Jonathan. – Mas, se quiser mesmo me agradecer, liberte aqueles soldados.

– São meus inimigos – disse Haq. – Mataram muitos dos meus homens. Sabem onde moramos.

– Nós também – interveio Hamid, ajoelhando-se ao lado de Abdul Haq para aplicar uma bandagem no abdômen dele.

– Por acaso falei com você? – rugiu Haq, olhando do alto para o reles assistente.

– E então? – disse Jonathan.

– Pode ficar, se quiser – disse Haq, visivelmente se esforçando para ser cortês. – Você disse que veio ao meu país com o objetivo de ajudar as pessoas. Pode ficar.

– Isto é um convite ou uma ordem? – Hamid ficou de pé e Jonathan o achou mais alto do que de fato era, sobretudo mais ousado.

Ao ouvir as vozes dentro do cômodo, um dos guardas espiou através da porta.

– Espere, Hamid – disse Jonathan. – Termine este curativo primeiro.

– Seu trabalho já acabou, Jonathan – prosseguiu Hamid. – Agora é comigo.

Jonathan lançou um olhar duro para Hamid. Era a primeira vez que seu assistente o chamava pelo primeiro nome. Ele podia sentir a tensão aumentando; todos se entreolhavam com demasiada ansiedade.

Um segundo guarda voltou ao cômodo com seu fuzil em punho, pronto para entrar em ação.

– Sou eu quem decide quando termina o trabalho do curandeiro – disse Haq, irritado com a afronta.

– Você não está entendendo – disse Hamid. – O curandeiro trabalha para mim.

– Você? Um hazara? – Haq cuspiu as palavras, incrédulo.

– Não. Eu, o governo dos Estados Unidos.

Num instante, Hamid se abaixou e rasgou a garganta de Abdul Haq com um bisturi, fazendo jorrar sangue. O velho arqueou as costas, levando as mãos ao pescoço. A boca formava um perfeito “O”, embora não emitisse nenhum som. Os olhos rolaram para trás, a cabeça caiu sobre a cama.

Abdul Haq estava morto.

8

O PRIMEIRO CHUTE ACERTOU EMMA no flanco e ela ouviu uma costela se quebrar. O segundo atingiu o ombro e então ele estava em cima dela, cravando-lhe uma joelhada no estômago, agarrando suas roupas com as mãos fortes e calejadas, golpeando seu peito com os nós do punho, exatamente como ela própria havia aprendido em Yasenevo tantos anos antes.

– Para quem você trabalha? Para a CIA? Para o Pentágono? Você vai falar, está me ouvindo? Uma confissão, é isso que quero! E, quando falar com o general Ivanov, vou lhe contar toda a verdade.

O príncipe berrava, as belas feições distorcidas pela raiva. Entre tapas e puxões de cabelo, Emma constatou que ele não fazia a menor ideia de como conduzir um interrogatório. O medo fazia uma pessoa falar. A violência tinha o efeito contrário. Mas depois ela percebeu que aquilo não era um interrogatório. O príncipe já tinha todas as respostas para suas perguntas. Estava fazendo aquilo por prazer.

Eles haviam seguido de carro por uma hora através do deserto, Emma ao lado de Rashid no banco da frente, os pulsos algemados sobre o colo. A certa altura ele parou o carro e desceu para esvaziar um pouco os pneus. De lá deixaram a estrada, seguindo por dunas que se alternavam com vastas extensões de solo árido. Quando enfim pararam, Emma viu que outros dois carros os acompanhavam. Uma dezena dos policiais subordinados ao príncipe irrompeu dos veículos para formar um semicírculo sobre a areia compacta. Balfour não estava entre eles. Emma reconheceu apenas um dos rostos: os olhos maquiados do cliente do príncipe, que a encarava intensamente.

– Para quem? – berrou Rashid. – Diga e eu paro. Você vai morrer depressa.

Emma não respondeu e seu silêncio irritou o príncipe mais do que qualquer mentira que tivesse dito.

– Se não falar, pelo menos vai comer.

Rashid pegou um punhado de areia e o enfiou na boca de Emma.

Ela se retorceu com violência, cuspiendo. Outro par de mãos a imobilizou enquanto o príncipe a forçava a abrir a boca para enchê-la novamente. Emma tentava cuspir, engasgando-se, mas Rashid prosseguia indiferente.

– Um pouco da nobre areia árabe para meu fracassado algoz. Espero que esteja do seu gosto.

Emma não conseguia respirar nem engolir. Apenas se debatia e cuspia.

Então as mãos fortes a soltaram e ela rolou para o lado. Sabia que pelo menos uma costela estava quebrada. Mas sentia que algo mais estava errado. Algo muito pior. Uma dor profunda.

– Olhem só para ela – disse Rashid virando-se para seus homens, os braços abertos. – Sabem o que ela é? Uma vaca. Uma vaca gorda e preguiçosa. E vocês sabem do que as vacas precisam? Precisam se mover.

– Não – sussurrou Emma. – Chega...

Sentiu um choque quente nas costas e um formigamento foi subindo por sua espinha, fazendo-a tremer.

Rashid tinha nas mãos uma vara elétrica, dessas que os vaqueiros usam para tocar rebanhos. Erguendo-a, olhou para o homem de olhos maquiados e disse:

– Viu como ela pulou? Que tal tentarmos outra vez?

Encostou a vara elétrica nas nádegas de Emma e o cheiro de carne queimada se espalhou pelo ar.

– Anda, sua puta americana! Nenhum dos seus amigos de Washington vai poder ajudá-la agora. Mandaram você numa missão inútil para me matar. Pois sua missão chegou ao fim. Você fracassou. Não é tão fácil assim matar um príncipe.

Rashid fustigou-a diversas vezes com a vara. Na barriga, nas coxas, nos seios. Emma abriu a boca para gritar, mas não

conseguiu. A eletricidade que atravessava seu corpo havia travado suas cordas vocais.

– Quem é o seu controlador? Apenas uma questão de ordem prática, na verdade. Preciso saber para onde enviar seu corpo.

Ele irrompeu numa gargalhada e os membros de sua escolta fizeram o mesmo. Todos, exceto o homem de olhos maquiados, que permanecia afastado, mudo, encarando Emma sem nem piscar.

– Será que essa vaca já se exercitou o bastante? – perguntou Rashid, encarando seus homens um a um. Nenhum deles disse nada. – Também acho que não – disse por fim. – Ainda me parece um tanto preguiçosa. Acho que um tour neste nosso adorável deserto vai lhe fazer muito bem. Tirem as roupas dela.

Emma não tinha muito que fazer; resistia de modo mecânico. Quando ficou nua, alguém ergueu suas mãos acima da cabeça e as acorrentou. Ela apertou os olhos e viu um dos policiais atar a outra ponta da corrente ao para-choque traseiro do Mercedes do príncipe.

– Não – suplicou, ouvindo um grito de desespero dentro de si. – Por favor, eu estou... – Conseguiu se apoiar num dos joelhos, mas o carro já havia arrancado. A corrente foi se retesando até puxá-la para o chão.

Rashid agora passeava lentamente pelo deserto, arrastando-a sobre cardos, arbustos de salva e trechos de areia ásperos como lixas. Quando a dor ultrapassava certo limite, Emma perdia a consciência para depois, a contragosto, voltar a si. Não sabia dizer quantas vezes havia desmaiado, tampouco por quanto tempo fora arrastada; sabia apenas que agora estava imóvel e que alguém havia retirado a corrente de suas mãos.

Um tapa no rosto a fez abrir os olhos. Estrelas cintilavam como lágrimas no céu. Rashid a fitava do alto.

– Se os seus amigos sabem tanto a meu respeito, vão acabar descobrindo para onde trouxemos você. Mas a questão, minha cara, é se conseguirão encontrá-la antes que o sol seque o sangue das suas veias.

Emma o viu entrar no carro e partir com sua escolta. O ruído dos motores foi se dissipando e em pouco tempo não se ouvia mais

nada.

Ela estava sozinha no deserto.

As dores eram ainda mais fortes.

Emma abraçou o próprio corpo e chorou.

9

POR UM INSTANTE UM SILÊNCIO de espanto pairou sobre a caverna.

– Que diabos você fez? – disse Jonathan. – Hamid, você o matou!

Hamid não lhe deu ouvidos. Em vez do bisturi, ele agora segurava o celular e, estranhamente, o apontava para o guarda mais próximo. Houve um disparo, um jato de sangue e o guarda foi ao chão. O telefone era uma pistola disfarçada. Antes que Jonathan pudesse reagir, Hamid disparou outro tiro contra o segundo guarda, novamente acertando a cabeça com absoluta precisão. O homem caiu para trás, colidindo com Sultan Haq, que tentava pegar seu fuzil.

– Quem é você? – perguntou Jonathan.

– Cuidado! – Hamid o empurrou enquanto se virava para disparar contra Sultan Haq. Ouviu-se uma série de tiros, um atrás do outro, ainda mais ruidosos naquele espaço fechado. Balas ricocheteavam na rocha. Alguém gritou. Jonathan cobriu a cabeça. Os disparos cessaram tão subitamente quanto haviam começado e o silêncio voltou à caverna. Haq não estava mais lá, nem os outros dois guardas.

– Pegue um fuzil – disse Hamid. Em seguida recolheu o AK-47 de um dos guardas mortos e conferiu se ainda havia munição na câmara. – Precisamos sair daqui antes que eles se reagrupem.

Jonathan correu até o outro corpo e tirou o fuzil dos dedos dele. Tinha um milhão de perguntas e por isso não fez nenhuma.

– Sabe usar isso aí? – perguntou Hamid.

– Já atirei numas latas.

– Ótimo. Me disseram que você já tinha feito isso antes. – Hamid tomou o fuzil das mãos de Jonathan, retirou o pente de munição, bateu-o contra a coxa e colocou-o de volta no magazine; por fim virou o fuzil de lado e depositou um cartucho na câmara. Nem de

longe lembrava o aprendiz tímido e reclamação que costumava ser. Ali estava outro Hamid. Um homem ousado, seguro e totalmente profissional. – Atire baixo e em rajadas curtas – disse, jogando o fuzil contra o peito de Jonathan. – Agora venha. Temos de resgatar nossos amigos antes que Haq cuide deles.

Jonathan olhou mais uma vez para o cadáver do velho Haq, depois para o fuzil nos braços de Hamid. De repente se deu conta de todo o escopo da operação. Hamid trabalhava para a Divisão, que o havia usado – a ele, Jonathan – como escudo para que seu agente pudesse matar Abdul Haq.

Uma saraivada de disparos sacudiu a caverna. Hamid espiou através da penumbra.

– Fique na minha cola. Quando eu avançar, você avança também. Está pronto?

Jonathan fez que sim. Tremia da cabeça aos pés.

Hamid deslizou o cano do fuzil contra a lateral do buraco que fazia as vezes de porta do cômodo. Com movimentos rápidos e precisos, adiantou-se um pouco e atirou contra o teto. As lâmpadas se estilhaçaram e a escuridão instalou-se de imediato. Jonathan sentiu o ar se deslocar à sua frente e, mais adiante, Hamid chamou:

– Venha!

– Merda.

Jonathan dobrou o tronco e irrompeu no túnel. Disparos iluminaram a caverna. Balas crivaram o teto acima dele e uma lasca de rocha se desprende, espetando seu rosto. Ainda curvado, ele correu o mais rápido que pôde, raspando o ombro contra a parede. Disparos curtos iluminavam o caminho de forma intermitente, como uma lâmpada estroboscópica. Jonathan viu Hamid alguns passos adiante, erguendo sua arma. Um rifle respondeu com estrondo ensurdecidor e por um segundo Jonathan vislumbrou a silhueta de Sultan Haq, reconhecendo-o pelo turbante e pelo rifle de caça Kentucky apoiado no ombro. Jogou-se no chão quando uma chuva de lascas se desprende do teto.

– Por aqui – gritou Hamid no cômodo à sua esquerda.

Jonathan se arrastou na direção dele e rolou para dentro.

Hamid acionou uma pulseira fosforescente.

– Você está bem?

Jonathan tentou dizer alguma coisa, mas não conseguiu, as palavras sufocadas por um nó na garganta. Com muito esforço, balbuciou:

– Sim.

De pé, os reféns americanos formavam um semicírculo à sua frente. O corpo inerte de um guerreiro talibã jazia diante deles, a cabeça torcida num ângulo bizarro.

– Não sei quem são vocês, mas é um prazer vê-los – disse um dos soldados. No colarinho de sua camisa via-se a insígnia de capitão; no peito, o emblema de paraquedista; no ombro, a etiqueta de Ranger, o que significava que ele era especialmente treinado em táticas de combate. – Quando começou a confusão, o Mohamed aqui pirou e aproveitamos a oportunidade. Suponho que vocês tenham vindo atrás de Abdul Haq. Conseguiram pegá-lo?

– Fatura liquidada – disse Hamid. – Vocês são apenas a cereja do bolo. Hoje é seu dia de sorte.

– Amém – disse o capitão.

– Como vocês estão fisicamente?

– Prontos pra entrar em ação.

– Ótimo. – Hamid entregou um rolo de atadura a cada um dos soldados.

Jonathan se levantou, confuso.

– Alguém está machucado?

Hamid abriu o rolo que guardara para si, revelando um cilindro de metal verde-oliva.

– Desculpe, doutor. Tive de usar nosso material pra esconder munição. – Ele se virou para os soldados. – Quatro granadas é tudo o que temos. Duas antipessoais. Duas Willy Pete. Por acaso vocês têm alguma munição extra?

– Não – disse o capitão. – Só isto aqui. E vocês?

– Um pente adicional. E o AK do doutor está carregado.

– Você se importa? – Um dos soldados, um sargento, apontou para o fuzil de Jonathan.

– Fique à vontade – disse Jonathan, entregando-lhe o Kalashnikov.

– Suponho que vocês tenham um plano pra sair daqui – disse o capitão.

– Há uma equipe de extração da Marinha esperando em Kunduz – disse Hamid. – Mandei um sinal dizendo que estava vindo pra cá, mas não recebi nenhuma confirmação de que eles estavam a caminho. Com tantas montanhas, é bem possível que não tenham conseguido ler meu GPS. Caso contrário, já teriam chegado.

Jonathan sentiu um frio na barriga.

– O que isso significa?

– Que há uma chance de 50 por cento de que ninguém esteja esperando por nós quando sairmos daqui.

– Quantos talibãs há lá fora? – perguntou o capitão.

– Pelas minhas contas, uns 15 armados – disse Hamid. – Mais uns dois seguidores. Mas os jipes têm metralhadoras calibre .30. É isso que me preocupa. Algum de vocês tem um braço forte?

– Isso eu tenho – disse o sargento.

– O que você acha, capitão? – perguntou Hamid.

O capitão espiou pelo túnel. O fogo havia cessado.

– Estão esperando. Pelo jeito, não têm óculos de visão noturna, o que é uma grande vantagem para nós. Vamos nos arrastar pelo chão, dando cobertura uns aos outros, até que possamos lançar uma granada. Precisamos obrigá-los a sair da caverna, para que o helicóptero possa atacá-los por cima.

– Se o helicóptero estiver lá – disse Jonathan, que de repente passou a desejar ter o fuzil nas mãos.

– Tenha fé, doutor – disse Hamid. – Quando sair, mantenha a cabeça baixa e siga sempre em frente.

– Vamos lá.

O capitão bateu no ombro do sargento, que, curvando o tronco, saiu para o túnel e abriu fogo. Os outros dois Rangers saíram

depois, seguidos de Hamid e Jonathan.

Jonathan mal dera cinco passos quando algo explodiu na câmara principal da caverna. Uma granada. O corredor se iluminou, permitindo que ele visse um corpo alçar voo enquanto berrava. Com a mão apoiada no ombro de Hamid, ele seguiu adiante. Os Rangers se ajoelharam à entrada da passagem, atirando. Ouviu-se um estalo e um dos soldados foi ao chão.

– Temos um ferido! – gritou o capitão.

Uma segunda granada explodiu próximo à porta e os guerreiros talibãs escaparam da caverna. Jonathan correu até o Ranger ferido, de cujo peito jorrava sangue. Tomou o pulso dele. Nada. Depois, um leve tremor.

– Como ele está? – perguntou o capitão.

– Inconsciente. Precisa urgentemente de cuidados.

– Acha que consegue carregá-lo?

Jonathan fez que sim com a cabeça. Curvando-se, içou o corpo do soldado e o acomodou nos ombros.

– Vamos sair daqui – disse.

O capitão correu para a porta, seguido de Hamid e do sargento. Jonathan respirou fundo e seguiu cambaleando através da câmara principal. A exaustão, a adrenalina e a barulheira do combate o deixavam atordoado, nublando os acontecimentos. O capitão disparava o fuzil em rajadas controladas; Hamid cruzou o cômodo e lançou uma granada pela porta; o sargento se empertigou de repente, metade da cabeça escalpelada, em seguida cambaleou para trás e caiu.

E então Jonathan também estava à porta que dava para a clareira, com o capitão e Hamid ao seu lado. Do alto vinha o ruído ritmado das hélices de um helicóptero. E, segundos depois, retumbou pela clareira um estrondo ensurdecido, mais alto do que qualquer outro que Jonathan já ouvira. O chão tremeu. Homens gritavam por toda parte.

– Só pode ser um Gatling Gun – disse o capitão. – Vamos!

– E o sargento? – perguntou Jonathan.

O soldado jazia a 1 metro de distância, massa encefálica esparramada no chão a seu redor.

– Está morto.

À porta da caverna, Hamid lançou a última granada. Fez-se um clarão e uma coluna de fumaça branca espiralou no ar. O capitão correu, virando-se a cada poucos passos para varrer a área com tiros de fuzil. Hamid empurrou Jonathan porta afora.

– Corra para a extremidade do platô. Não pare por nada.

– Não precisa falar duas vezes.

Jonathan saiu correndo na esteira de Hamid, o tronco inclinado, os passos irregulares por causa do corpo que levava nos ombros. Seu único pensamento era que devia salvar a vida do Ranger. Não conseguia ver bem o helicóptero, mas sentia sua presença acima deles. A cada saraivada da Gatling, jatos de poeira e pedregulhos se levantavam do chão, acertando seu rosto. Talibãs jaziam mortos por toda parte. À direita, as picapes ardiem em chamas. Afegãos corriam em disparada, buscando abrigo contra a chuva de balas, que começava a amainar.

O helicóptero pousou na extremidade da clareira. Militares da SEAL saltaram ao chão e correram ao encontro dos compatriotas. Jonathan passou-lhes o Ranger ferido e rapidamente embarcou na cabine, seguido do capitão, que disse:

– Muito bem, doutor. – Ele mal se fazia ouvir em meio aos disparos e ao ronco do helicóptero. – Será bem-vindo em qualquer uma de nossas equipes.

Jonathan olhou para ele e, pela primeira vez, pôde ver seu rosto com clareza: cabelos claros, raspados rente à cabeça, e olhos azuis, profundos e talvez um tanto endurecidos para alguém de tão pouca idade. O nome estava bordado no uniforme: Brewster.

– Não, obrigado – disse Jonathan. – Para mim já chega.

Tiros atingiam o helicóptero. Jonathan viu um afegão quase inteiramente envolto em chamas manuseando a metralhadora montada na carroceria de uma das picapes. Ele disparou novamente contra o helicóptero. Uma das balas se alojou perto de

Jonathan e Brewster foi jogado para trás, impulsionado pela rajada recebida no peito. Jonathan logo viu que ele estava morto.

Pouco depois uma explosão chacoalhou a picape e o afegão desapareceu em meio às labaredas.

– Vamos dar o fora daqui – disse o piloto por sobre os ombros. – Aperte os cintos.

O helicóptero deu início à decolagem.

Só então Jonathan avistou Hamid, que se escondia numa formação rochosa a uns 20 metros de distância.

– Espere! – berrou para o piloto. – Um dos nossos homens está preso ali! Desça!

– Impossível. Tarde demais.

Jonathan agitou os braços, sinalizando para que Hamid tentasse alcançá-los.

– Corra! Você vai conseguir!

Hamid deixou o esconderijo e disparou na direção do helicóptero.

Com o fuzil do capitão, Jonathan começou a atirar indistintamente contra os homens que corriam pela clareira. Um deles foi ao chão. Depois outro.

– Depressa!

Hamid saltou e se agarrou aos patins do helicóptero, que aos poucos foi ganhando altura. Jonathan jogou o rifle para o lado e agarrou uma das mãos do amigo.

– Pronto, peguei você!

– Segura firme!

Uma nova saraivada acertou a base do rotor e o helicóptero deu uma guinada para a esquerda. Jonathan escorregou no banco e, se no último segundo não tivesse conseguido se agarrar a uma alça de segurança, teria despencado porta afora. Outra bala ricocheteou perto de sua cabeça.

– Coloque os pés nos patins! – berrou para Hamid.

– Estou tentando! – Hamid balançava-se no ar enquanto o helicóptero subia, tentando repetidamente jogar as pernas por sobre os patins de aterrissagem.

– Segura firme! – berrou Jonathan.

Por fim Hamid conseguiu apoiar um dos pés. Com a ajuda de Jonathan, ergueu-se até plantar o outro sobre o metal.

– Obrigado, doutor. Não achei que fôssemos...

Antes de completar a frase, revirou os olhos enquanto os ecos do disparo de um fuzil de longo alcance rasgavam o ar como lâminas afiadas. Em seguida amoleceu os dedos, perdeu o apoio dos pés e, aos poucos, foi escorregando das mãos de Jonathan até despencar das alturas.

Jonathan se deixou cair contra o anteparo às suas costas. Apesar das nuvens que começavam a cercar o helicóptero, seus olhos permaneciam grudados na clareira lá embaixo, onde Sultan Haq empunhava o rifle de caça de um fuzileiro morto. Haq olhava para Jonathan, que o encarava de volta. O guerreiro ergueu um dos braços, apontando o indicador com sua unha enorme para Jonathan. Em seguida jogou a cabeça para trás e gritou uma promessa de vingança.

Nuvens espessas cercaram o helicóptero e de repente Jonathan não pôde ver mais nada. Mesmo assim o olhar do guerreiro permanecia à sua frente.

“Um dia”, prometeu a si mesmo. “Um dia...”

10

FRANK CONNOR AINDA estava em choque.

– O que terá acontecido? – perguntou, abrindo os braços num gesto de desespero.

Cerca de duas horas antes ele havia assistido às imagens de sua melhor agente sendo levada para a morte. O link de satélite para a unidade transmissora de Emma tornara-se instável por causa de algum problema técnico ou, mais provavelmente, algum dispositivo de bloqueio no aeroporto. As últimas imagens mostravam-na algemada, sendo empurrada para o carro de Rashid.

Connor, diretor da Divisão, virou-se da tela escura para olhar pela janela. Em Falls Church, Virgínia, a mais de 11 mil quilômetros do desértico emirado de Sharjah, a tarde estava cinzenta, úmida e triste. Fazia uma semana que os bosques vizinhos haviam perdido as últimas folhas. Uma paisagem de árvores nuas e frágeis se estendia até o horizonte.

– Vamos repassar os fatos – disse Peter Erskine, o segundo na linha de comando e a única outra pessoa na sala. – Tudo o que podemos afirmar é que ela está em poder de Rashid.

– Acha mesmo? Acho que podemos afirmar bem mais que isso.

Connor balançou a cabeça, visivelmente abalado. Estava convicto de que Emma Ransom, sob o nome de Lara Antonova, figura importante no FSB russo, havia sido desmascarada como agente dupla a serviço do governo americano e que a operação meticulosamente arquitetada para assassinar o príncipe Rashid havia sido descoberta a tempo, para grande prejuízo deles e, sobretudo, dela.

– Ele sabia, Peter. Alguém o alertou sobre nosso presentinho.

– Não podemos ter certeza disso. Afinal, ele arriscou um tiro.

– Porque não tinha escolha. Tinha que manter as aparências na frente de seus homens.

– Quantas pessoas sabiam do nosso fuzil? – perguntou Erskine. – Você, eu, Emma, um ou outro da equipe de transporte e os armeiros em Quantico. Rashid é paranoico. E tem toda a razão de ser. Só isso. Quem não seria, depois de escapar da morte tantas vezes como ele?

Connor fitou-o com ceticismo.

– Está dizendo que não foi você quem deu com a língua nos dentes?

Erskine levou o comentário na esportiva.

– O número dele está registrado no meu celular, você não sabia?

Connor refletiu sobre o que Erskine estava sugerindo.

– Espero que você esteja certo e que tudo seja consequência de um ataque obsessivo de Rashid. – Passando a mão gorducha sobre o rosto, emendou: – Ligue para o chefe de estação da CIA em Dubai. Veja se ele tem alguma equipe disponível na cidade ou nas imediações. Quero minha garota de volta.

– Senhor, se me permite a ousadia – disse Erskine –, qualquer ação que tomarmos a favor de Emma apenas endossará o fato de que ela é um dos nossos. Seria o mesmo que ligar diretamente para Rashid e lhe dizer que o governo americano tentou assassiná-lo.

Erskine era um homem alto, bonito e tão refinado quanto apenas um garoto da terceira geração formada pela Groton School poderia ser. Usava os óculos de aro de tartaruga herdados do pai; vestia o blazer azul-marinho herdado do avô; falava com o sotaque cantado de Beacon Hill, herdado do bisavô. Aos 35 anos, era conservador na flor da idade.

– Acho que a esta altura o príncipe já sabe disso – devolveu Connor.

– Mesmo assim, há uma diferença entre saber e *saber*. Nossos governos ainda têm relações comerciais que precisam ser mantidas. Além disso, claro, há o lado russo da questão. Igor Ivanov não ficará nem um pouco satisfeito.

– Ivanov que se dane – disse Connor, referindo-se ao chefe do serviço de segurança russo. – Minha missão é cooptar os agentes dele e a missão dele é fazer o mesmo com os meus. Aposto que neste exato momento Rashid está ao telefone com Ivanov, contando a ele todas as novidades. Só o que me importa agora é encontrar Emma.

– Rashid jamais mataria uma agente americana – disse Erskine. – Não tem peito pra isso.

– Não? Aquele filho da puta é um facínora. Além do mais, tecnicamente falando, Emma não é uma agente *americana*. É russa de nascimento e criação, graduada com louvor pela academia do FSB em Yasenevo. O.k., é casada com um americano. Mas, fora isso, não tem nenhum vínculo oficial com nosso país.

Erskine concordou com a cabeça, ajustou os óculos no rosto e só então disse:

– E os anos de serviço na Divisão?

– Não creio que estejam registrados, você não acha?

Erskine lançou um olhar resignado e concluiu:

– Nesse caso, ela está mesmo em maus lençóis.

Connor desviou o olhar, ignorando o cinismo de seu assistente. No fundo, sentia que devia algo a Emma. Recrutara-a pessoalmente no mercado livre quando a Rússia estava no buraco e o falido FSB se viu obrigado a dispensar quase todo o seu quadro de agentes. Naquela época a Divisão ainda engatinhava, um arranjo recém-criado e escondido nas profundezas do Pentágono para executar coisas que a Casa Branca queria que fossem feitas, mas não ousava levar a cabo.

As primeiras missões eram rápidas e objetivas: assassinatos, sequestros, roubo de informações confidenciais. Truculências que exigiam mais força do que cérebro. Os agentes vinham da Força Delta, dos Boinas Verdes, da SEAL e do Grupo de Operações Especiais da CIA. Mas, por causa dos repetidos sucessos, a Divisão se tornara mais ambiciosa. Ou mais “proativa”, como gostava de dizer. Planos mais complexos passaram a ser concebidos. Até os alvos mais protegidos agora eram considerados viáveis. Agentes

assumiam identidades falsas e passavam longos períodos no exterior. Para fomentar as competências linguísticas, começaram a ser recrutados fora do país. Freelancers da Grã-Bretanha, da França, da Itália. E da Rússia.

A Divisão era a arma secreta do presidente, comandada exclusivamente por ele. Operações de política externa conduzidas sob a mira de um fuzil, sem nenhuma vigilância parlamentar.

Mas os tempos haviam mudado. O ultraje com os acontecimentos do 11 de Setembro aos poucos fora se dissipando. Não houve nenhum outro em solo americano, embora Connor soubesse, em primeira mão, que muitos haviam sido impedidos a tempo. Os americanos tinham memória curta e era assim que ele gostava. Seu país podia ser considerado seguro.

Connor olhou para Erskine e tomou uma decisão.

– Você tem razão – disse. – Eu estava me precipitando. Não podemos sair correndo por aí como baratas tontas.

– Fico aliviado que você pense assim – disse Erskine. – A última coisa de que esta agência precisa é se meter em encrencas outra vez. Até onde todos sabem, Emma Ransom é Lara Antonova, espiã do FSB.

– Você está certo, Pete. Este não é um bom momento pra nos deixarmos levar pela emoção.

Erskine deu um meio sorriso, como se para demonstrar que também se preocupava com o bem-estar de Emma.

– Veja a coisa por este ângulo – disse. – Se existe alguém capaz de cuidar de si mesmo, esse alguém é Emma Ransom. Aquela mulher é dura na queda.

– É verdade.

– Temos de minimizar os prejuízos dessa operação. Não há outro jeito. Não me leve a mal, Frank, mas Emma sabia muito bem no que estava se metendo.

– Sabia? Acha mesmo, Pete? – Connor balançou a cabeça, consternado. – E sua mulher? Sabia que seria uma viúva da

inteligência ou você esperou até depois do casamento pra contar a ela?

Erskine havia se casado seis meses antes com uma advogada que cumpria o expediente normal no Departamento de Justiça. Estava naquele estágio em que precisava ligar para a mulher todas as noites para explicar por que não chegaria a tempo para o jantar.

– Às vezes, meu amigo – prosseguiu Connor –, fico me perguntando se algum de nós sabe mesmo onde se meteu.

Aos 59 anos, um homenzarrão de 1,80 metro de altura e 120 quilos, Frank Connor era o alvo perfeito para infarto, diabetes, AVC e todos os riscos de saúde que alguém pode acumular ao longo de uma vida inteira bebendo, comendo e trabalhando em excesso. Sua papada cobria o colarinho; a juba ruiva se reduzia a meia dúzia de fiapos ralos; as bochechas exibiam vasos capilares suficientes para mapear toda a malha rodoviária americana. Os olhos azuis, no entanto, ainda se mostravam espertos e sempre prontos para um bom desafio.

Durante os 30 anos que morou em Washington ele havia trabalhado para o Tesouro, para o Pentágono e, nos últimos 10, para a Divisão. Todos sabiam que Frank Connor morreria de terno e gravata, trabalhando. Até ele. Mas fora essa a vida que escolhera para si.

– Tudo bem, então – concedeu. – Se a vida te der um limão... Pois bem, vamos ver o que podemos fazer desse fiasco.

– É assim que se fala! – disse Erskine, com vivacidade exagerada.

– Dê uma olhada nesse amigo de Rashid. Por acaso o reconhece?

Sentado à sua mesa, Connor examinava a imagem do cliente de Rashid na tela do computador.

– Nunca vi – respondeu Erskine. – O que você acha? Um primo distante? Um senhor da guerra afegão?

– Não. Muito arrumadinho. Esse aí tem classe.

– Um dos amigos wahabi que ele tem em Riad?

– Por que alguém em Riad precisaria de Rashid pra providenciar suas compras? Muitos malucos fundamentalistas poderiam fazer o

serviço por lá mesmo. Além disso, se fosse um saudita, nossos agentes já saberiam de sua existência há muito tempo. Com tantos olhos e ouvidos que pagamos naquele palácio, saberíamos o nome, o tipo sanguíneo e o whisky predileto dele.

– Um amigo de Balfour? – sugeriu Erskine.

– Que nada – devolveu Connor com um risinho. – Esse aí está claramente mancomunado com Rashid. Não viu como o príncipe o bajulava? Rashid respeita esse cara. Seja lá quem for, nosso novo amiguinho é peixe grande. Ou fez alguma coisa que impressionou Rashid e, nesse caso, deveríamos ter algum registro sobre ele, ou ainda vai fazer, e aí temos um problema. Amplie uma imagem do rosto dele e mande para os técnicos fazerem uma limpeza. Depois passe pra Langley, pro MI6 e para os nossos amigos de Jerusalém. Talvez possam dizer quem é.

– É pra já. – Erskine fez suas anotações num PDA e em seguida guardou o aparelho no bolso do blazer. Caminhou até a porta, mas, em vez de sair, verificou se ela estava devidamente fechada e voltou para a mesa de Connor, sentando-se na quina. – Sabe o que realmente está me preocupando, Frank?

Connor se recostou na cadeira.

– O quê?

– A bomba que Balfour disse ter encontrado.

– Isso? Provavelmente uma daquelas geringonças de 500 libras que costumávamos despejar sobre os mujahedin nos velhos tempos.

Erskine apertou os olhos e balançou a cabeça, incrédulo.

– Não creio que ele perguntaria se Emma tinha acesso direto a Igor Ivanov caso se tratasse de uma munição convencional. Você se importa se eu der mais uma olhada nessas imagens?

Connor voltou a gravação digital e observou com atenção quando Balfour entregou a Emma a fotografia da bomba. A imagem era tão nítida que ele teve vontade de beijar sua agente por ter enquadrado a foto com tamanha perfeição. Erskine se levantou e se colocou diante da tela de 50 polegadas.

– E se não for apenas uma bomba de 500 libras?

Connor apoiou os cotovelos na mesa e se inclinou para a frente.

– O que você está sugerindo?

– E se for alguma coisa maior?

– Como o quê? Uma Bunker Buster?

– Não estou falando de tamanho – disse Erskine, num tom sombrio.

Connor novamente se recostou na cadeira e cruzou as mãos na nuca.

– Você está louco – disse. – Nós saberíamos de uma coisa dessas.

Erskine cruzou os braços e encarou o chefe por sobre o aro de tartaruga.

– Tem certeza?

11

PASSAVA DA MEIA-NOITE QUANDO Frank Connor enfim voltou para casa, na Prospect Street, em Georgetown. Subiu os degraus, parou à porta para digitar o código do alarme e esperou até que a luzinha passasse de vermelha a verde. Apesar do alarme e das duas equipes de vigilância estacionadas em alguma parte da rua, não tinha nenhuma ilusão quanto a sua segurança. Estava naquele ramo havia tanto tempo que o número de inimigos esquecidos superava em muito o de lembrados. Se alguém o quisesse morto, ele morreria sem ao menos ver o rosto do assassino.

Vigilância era uma coisa. Segurança era outra bem diferente.

Em vez de destrancar a porta e entrar em casa, deslocou um tijolo logo abaixo do alarme, atrás do qual havia um segundo teclado numérico. Este era seu alarme pessoal, um sistema de detecção de movimentos instalado ali para registrar qualquer atividade no interior da residência e avisá-lo. A luz âmbar indicava que o caminho estava livre. Não era com sua vida que tanto se preocupava, mas com as informações guardadas na casa.

Ele digitou o código de seis números – a data de nascimento da mãe – e voltou o tijolo para a posição original. Com um clique seco, a porta se abriu automaticamente. Connor entrou e largou a pasta no hall. Um único abajur estava aceso na sala, entre um sofá de chintz e uma cadeira Quaker. A decoração da casa era no tradicional estilo dos solteirões, isto é, sem nenhum estilo em particular. Ainda assim, ele se preocupava em manter o padrão exigido de um funcionário graduado que anos antes alcançara o mais alto patamar de remuneração do serviço secreto americano. Havia uma mesa de carvalho, uma bela coleção de porcelana chinesa, uma escrivaninha de mogno e gravuras de antigos veleiros americanos. Mas nenhuma foto de amigos ou parentes. Connor não gostava em especial de nada nem de ninguém. A única peça de mobiliário pela qual tinha

algum carinho era sua velha poltrona reclinável de couro, adquirida ainda nos tempos de estudante de direito na Universidade de Michigan.

Connor era um homem de hábitos. Como de costume, foi até a cozinha e se serviu de um copo de leite, acendendo e apagando as luzes ao longo do caminho. Em seguida subiu à saleta do segundo andar, sentou-se na poltrona favorita e ligou a TV, obrigando-se a acompanhar o monólogo do apresentador de um dos talk shows da madrugada. Dez minutos excruciantes se passaram até que ele se levantou e escalou o último lance de escada, que levava a seu quarto. Fechou as cortinas, vestiu o pijama e se deitou, folheando um número da revista *Foreign Affairs*, mas sem ler uma única palavra.

Uma frase ecoava em sua cabeça: "Alguém está me observando."

Já era quase uma hora da manhã quando ele apagou as luzes. Frank Connor dera por encerrado mais um dia de trabalho.

Cinco minutos depois, no entanto, afastou as cobertas, levantou-se e foi para o banheiro. Ou, mais exatamente, para o closet bolorento que ficava nos fundos do banheiro, um depósito para as roupas que não usava mais. Afastando alguns paletós carcomidos pelas traças, encostou o ombro à parede e empurrou. A parede girou sobre um eixo, dando acesso a um confortável escritório com carpete verde, uma escrivaninha pesada e uma grande cadeira do tipo "capitão". O cômodo viera junto com a casa, cortesia dos proprietários originais, abolicionistas que haviam ajudado escravos a fugir. (Também havia uma escada secreta que levava a um depósito de jardinagem no terreno vizinho.) Dentro do escritório fazia frio e o ar recendia a limão. Connor fechou a parede falsa e apertou um botão para que ela fosse aferrolhada com uma barra de titânio de 40 centímetros. Então suspirou, sentindo-se seguro. Finalmente poderia dar continuidade ao trabalho.

Acomodou-se na cadeira e se conectou à Intelnet, a rede privada da agência. Em primeiro lugar, verificou os e-mails. Gostou de ver que o pessoal do Comando Estratégico da Força Aérea, o SAC, já havia realizado o tratamento da foto da bomba americana que

lorde Balfour mostrara a Emma. O reprocessamento digital havia aumentado em 10 vezes o foco da imagem, que agora exibia até os rebites sobre a casca de metal.

– Meu Deus... – sussurrou.

Peter Erskine estava certo. Não se tratava de uma bomba de 500 libras convencional. Longe disso. Um arquivo em anexo mostrava uma simulação do aspecto do explosivo após a retirada da neve. Qualquer pessoa, ainda que tivesse apenas um conhecimento rudimentar da tecnologia bélica, seria capaz de reconhecer um míssil de cruzeiro. Os técnicos do SAC o haviam identificado como um AGM-86.

O conhecimento que Connor tinha da tecnologia bélica ia muito além do rudimentar. Antes de se juntar à Divisão ele havia trabalhado no setor de provisões do Departamento de Defesa, passando boa parte de seu tempo negociando com empresas como General Dynamics, Raytheon e Lockheed. Conhecia todas as especificações de um míssil de cruzeiro. Sabia que eles podiam voar a uma velocidade próxima à do som, com um alcance superior a mil milhas. Sabia que podiam ser lançados de um navio ou jogados de um avião e que, de uma forma ou de outra, eram capazes de acertar um alvo do tamanho de um Fusca com 98 por cento de precisão. Sabia que podiam carregar uma ogiva contendo fortes explosivos ou uma ogiva nuclear com 150 quilotons de potência, 10 vezes o tamanho da bomba despejada sobre Hiroshima.

Cento e cinquenta quilotons.

Connor se empertigou na cadeira, mal conseguindo respirar. Sentiu uma dor profunda no peito e se retesou. Desesperado, tentou respirar pela boca para diminuir o desconforto, mas uma pressão forte e incessante lhe apertava o peito. A garganta e os pulmões estavam paralisados.

E de repente tudo passou. A pressão e a dor desapareceram. Connor sorveu o ar com avidez e seu corpo logo voltou ao normal. O episódio havia durado 15 segundos.

É o estresse, disse a si mesmo, levantando-se para se servir de quatro dedos de whisky. Qualquer um sentiria o mesmo se tivesse

acabado de vislumbrar o Armagedom.

Cento e cinquenta quilotons.

Ele ergueu o copo e fez um brinde ao fim do mundo.

Tinha conhecimento de que a Força Aérea já havia perdido armas nucleares algumas poucas vezes, mas, até onde sabia, essas armas foram recuperadas sem maiores consequências. Além disso, como medida de segurança, os voos de bombardeiros com armas nucleares haviam sido interrompidos em 1968. A fabricação do míssil em questão se iniciaria apenas na década seguinte. Portanto, a lógica ditava que, fosse lá o que Balfour tivesse encontrado e pedido a ajuda de Emma para recuperar, não podia ser uma arma nuclear.

Mas como a lógica explicaria a presença de uma arma de tamanho porte, fosse ela convencional ou nuclear, numa montanha no Paquistão ou na Índia?

Connor havia aprendido duas coisas durante os 30 anos de serviço público: as pessoas mentem e tudo é possível. Duas verdades fundamentais de sua profissão que, exploradas a fundo, o haviam alçado à diretoria da Divisão.

E isso o levava de volta ao problema.

Em algum lugar do planeta havia uma bomba, *possivelmente nuclear*, e ele tinha que dar um jeito de resgatá-la.

Conferiu as horas no relógio: 1h23. Horário bastante razoável para dar início a uma missão.

Connor se desconectou da Intelnet. Permaneceu algum tempo sentado no escuro, repassando os acontecimentos do dia. Ao contrário de Erskine, preocupava-se mais com Emma do que com a descoberta de um míssil no topo de uma cordilheira distante. Pelo menos por ora, o tal míssil não constituía nenhuma ameaça. Um risco, sim, sobretudo se de fato contivesse alguma carga nuclear. Mas nenhum perigo iminente.

Emma Ransom, por sua vez, estava morta ou vinha sofrendo torturas terríveis numa prisão qualquer. Duas possibilidades que o afligiam demais.

Emma era especial. Havia se sacrificado. Assim como ele, dera o próprio sangue pelo trabalho.

Connor se levantou e foi para o outro lado do cômodo. Com certo esforço, ajoelhou-se e levantou uma ponta do tapete, revelando um cofre de fechadura biométrica. Abriu o cofre e retirou de lá um pesado volume encadernado em couro. Precisou recuperar o fôlego antes de ficar de pé e voltar à escrivaninha. Uma vez sentado, abriu o volume e foi virando as páginas lentamente, examinando as fotos anexadas a cada uma.

Contrariando todas as regras de seu ofício, ele havia criado um álbum com fotos de todos os homens e mulheres que trabalharam como agentes para a Divisão. Nenhum nome. Nenhuma data. Apenas rostos. Ainda assim, aquilo constituía uma infração grave e ele sabia disso. Não tinha nenhuma justificativa para aquilo. Mas seu coração não precisava de uma. Aquelas pessoas eram sua família.

Lá pela metade do álbum encontrava-se a foto de uma moça ruiva de cabelos cacheados e olhos quase sobrenaturais de tão verdes. Parecia tão jovem... Não ingênua. Emma jamais fora ingênua. Jovem, sim, e ávida. Talvez até ambiciosa. Connor jamais havia conhecido alguém com tamanha competência e motivação.

Ele fechou o álbum e ergueu os olhos para o teto. Algo fervilhava em seu peito. Nenhum remorso ou culpa. Havia muito tempo que ele não dava ouvidos à própria consciência. Tratava-se de algo mais forte. Um chamado ao dever. Ele devia isso a ela.

Pegou o telefone e fez uma ligação para o Oriente Médio. Uma voz masculina atendeu:

- Você não dorme nunca?
- Tenho um trabalhinho pra você – disse Connor. – Absolutamente por baixo dos panos, o.k.?
- Não é sempre assim?

12

ERA UMA HORA DA TARDE NOS Emirados Árabes quando o homem parou seu Land Rover no acostamento da estrada de Dubai para Sharjah e olhou pela janela. Um encapelado oceano de dunas se estendia a perder de vista; nada diferenciava esse trecho da paisagem de qualquer outro. Pela última vez ele comparou as coordenadas em seu GPS àquelas informadas duas horas antes por Frank Connor. Segundo o mapa, estava 26 quilômetros a sudoeste da zona franca de Sharjah. Era o lugar certo.

Saltou e deu a volta no carro, parando diante de cada pneu para inserir uma caneta na válvula e deixar vazar pelo menos umas 15 libras de pressão. Em seguida, limpou o suor da testa com a manga da camisa e olhou para as duas mãos da rodovia, à procura de outros carros. Nenhum à vista. Mesmo que houvesse, ele não precisaria se preocupar muito. Tours no deserto eram comuns entre os turistas e seu jipe tinha o logotipo da Dubai Desert Adventures estampado nas portas. Para todos os efeitos, era apenas mais um guia turístico. Caso alguém o interpelasse, no porta-luvas havia uma carteira profissional, uma licença de atuação e um registro dos clientes atendidos nos últimos dois anos. Com isso poderia enfrentar apenas uma inspeção superficial, mas foi o melhor que conseguira fazer em tão pouco tempo.

Ele escorregou de volta para trás do volante e engatou a primeira marcha. O carro arrancou e seguiu pelo deserto, os pneus baixos navegando pela areia com facilidade. Ao subir uma duna, o céu preencheu o para-brisa. No entanto, vencido o cume, o carro começava a descer e o azul dava lugar ao âmbar da encosta. Seu destino era um ponto ermo a 30 quilômetros dali, onde Emma Ransom fora vista pela última vez. Imagens de satélite capturadas após a interrupção do sinal da câmera dela haviam registrado o rastro de calor de seis veículos saindo da pista do aeroporto e se

embrenhando no deserto. Uma ampliação dessas imagens mostrara que cinco dos veículos eram da Polícia Federal e que o sexto, um utilitário Mercedes, pertencia ao príncipe Rashid.

– Uma das minhas agentes está desaparecida – dissera Connor ao telefone. – Uma das melhores. É preciso que seja encontrada, custe o que custar.

O homem já dirigia havia uma hora, o pescoço enrijecido pelo constante sacolejar do carro. A 1 quilômetro de seu destino, parou o Land Rover no topo de uma duna e, cautelosamente, desceu do carro. O mar de dunas terminava logo adiante, dando lugar a uma paisagem de aspecto lunar: areia dura, rochedos e cascalho. Pegou o binóculo e vasculhou a área. Quase imediatamente, avistou um fiapo de cor onde não deveria haver cor alguma. Ali, no local exato onde o satélite havia mapeado a última posição do príncipe Rashid, via-se uma peça de roupa preta fincada a um arbusto espinhoso.

Baixando o binóculo, ele aguçou o ouvido. O deserto era um vácuo e os sons viajavam longe. Mas não se ouvia nada. Com todos os sentidos em alerta, o homem transpôs a última duna. Deixando o motor ligado, caminhou até o arbusto e recolheu a peça de roupa, uma camiseta de algodão. Logo viu que todas as etiquetas haviam sido cortadas. Só podia ser a camiseta de uma espiã, o que provava que Rashid havia deixado Emma por ali. Um pedaço do tecido estava seco, com uma crosta. Ele passou o dedo ali e constatou que era ferrugem.

A alguns metros de distância, rastros de pneus estriavam o chão. Aproximando-se, o homem viu diversas pegadas dispostas em semicírculo em torno de um trecho liso de areia. Tocos de cigarro atulhavam a área. Ajoelhando-se, recolheu um punhado de areia e o peneirou entre os dedos. Entre pedregulhos e gravetos, encontrou algo mais: um dente humano. Um molar com obturação de prata.

Então voltou ao Land Rover e escalou uma duna do alto da qual podia ver o lugar onde Emma Ransom havia sido torturada e, muito provavelmente, morta. Com o binóculo, foi esquadrinhando a área até que, mais adiante no deserto, avistou rastros de pneus que formavam sulcos irregulares. Conhecia os boatos acerca do príncipe.

Aquela não teria sido a primeira vez que Rashid al-Zayed havia arrastado alguém pelo para-choque de seu carro.

Seguiu os sulcos até que, 1 quilômetro adiante, eles desapareceram abruptamente. Descendo do carro, examinou a área, mas só encontrou rastros de um par de pegadas. Uma dessas marcas era excepcionalmente clara e mostrava uma parte do nome da marca do sapato. Tirou algumas fotos com o celular e as enviou para Connor, com a esperança de que um de seus especialistas pudesse tirar alguma conclusão. Perambulou pela areia, sentindo-se miserável.

Foi então que viu: um pedaço de plástico do tamanho da unha de um polegar. Agachou-se para examinar melhor. Era o cartão SIM de um telefone celular, um chip importantíssimo que continha todas as informações do usuário: números, endereços, fotos e registro de chamadas feitas e recebidas. Perto do cartão SIM, havia uma poça de sangue seco, negro como piche.

Pondo-se de pé, deu uma última volta pelo local. Com o coração pesado, telefonou para Connor.

– Você estava certo. Rashid a trouxe para o deserto e, junto com os amiguinhos dele, se divertiu com ela.

– Algum sinal dela? – perguntou Connor.

– Uma camiseta, um dente e um cartão SIM. Também há bastante sangue.

– Ai, meu Deus.

– Eu não teria muitas es... – O homem se interrompeu no meio da frase. – Puta merda!

– O que foi? – perguntou Connor.

O homem inclinou-se para a frente e observou alguma coisa na areia. Em seguida, respondeu:

– Ela está viva.

– Como você sabe?

– Estou olhando para a pegada dela. Ela saiu daqui.

13

O **OSPREY MV-22 VOAVA ALTO** sobre as águas límpidas do golfo Pérsico, mantendo a velocidade de 180 nós ao longo de seu trajeto sul/sudoeste desde a Base Aérea de Bagram, no Afeganistão. No compartimento de passageiros, Jonathan Ransom espiava pela janela quando dois Fighters F-18 cruzaram a 1 milha de distância, preparando-se para pousar. O helicóptero passou exatamente acima de um míssil de cruzeiro, a bandeira americana orgulhosamente tremulando na cauda. Nos últimos 10 minutos eles vinham sobrevoando a frota da Carrier Task Force 50. Jonathan havia deixado uma zona de guerra para entrar em outra.

– Seis minutos para o pouso – anunciou o piloto.

Jonathan conferiu o cinto de segurança que o prendia desde os ombros até a cintura, certificando-se de que todas as fivelas estavam devidamente atadas. O Osprey embicou de repente e deu início a uma rápida descida. Jonathan sentiu-se sendo sugado para baixo contra sua vontade.

Desde que escapara das cavernas de Tora Bora uma semana antes, Jonathan estava em constante deslocamento. De Tora Bora para Bagram. De Bagram para Camp Rhino. De lá para a embaixada americana em Cabul e novamente para Bagram. A cada parada ele fazia pacientemente seu relatório, dando o maior número possível de detalhes. Dizia que queria voltar para casa e recebia sempre a mesma resposta: “Quando chegar a hora.” Então esperava para ser transferido de novo.

O helicóptero pousou. Dois soldados acompanharam Jonathan até uma portinhola na “Ilha”, como era chamada a enorme torre que se erguia no convés de voo do porta-aviões. Ele entrou, subiu um lance de escada até o passadiço e de lá foi levado a uma saleta indistinta onde havia uma mesa, duas cadeiras e uma bandeira americana, esquecida ali a um canto.

Pouco depois, a porta da saleta se abriu e entrou um homem corpulento, de meia-idade. Vestia um amarfanhado terno cinza e trazia duas canecas de porcelana, além de uma pasta de couro debaixo do braço.

– Gosta de chá, não gosta? – perguntou, entregando uma das canecas a Jonathan. – É *darjeeling*. Dois sachês e muito açúcar. Você deve estar precisando de alguma coisa pra se animar. Quanto a mim, prefiro café. – Em seguida depositou sua própria caneca e a pasta sobre a mesa, atrapalhando-se com as duas coisas e derramando um pouco do café. – Quer sentar? – perguntou, puxando uma das cadeiras para si. – Não? Tudo bem. Fique à vontade. Eu preciso me sentar. Esses voos longos estão acabando com as minhas pernas. Trombose. Dói pra cacete.

– Você devia andar durante os voos – sugeriu Jonathan. – Ajuda a circulação.

– É o que todo mundo diz.

Retirando da pasta um bloco e alguns papéis, ele os organizou meticulosamente sobre a mesa; parecia um escriturário se preparando para mais um dia de trabalho. No entanto, Jonathan era experiente o bastante para saber que o homem à sua frente não era, de jeito nenhum, um escriturário.

– Você passou por um bocado de merda, hein? – disse o homem.
– Tudo bem agora?

– Estou bem. Os outros é que não tiveram tanta sorte.

– Quer me dizer o que aconteceu?

– Quer me dizer seu nome?

– Pra quê? Provavelmente seria um nome falso.

– Você é Connor.

Surpreso ou confuso, o homem contraiu o pescoço, fazendo o queixo se recolher para dentro da papada.

– Foi Emma quem lhe contou?

– Ela deve ter deixado escapar alguma coisa quando estávamos em Londres. Falou que você era um canalha. Apenas associei.

Connor achou aquilo engraçado.

- Ela falou mais alguma coisa?
- Que você mandou alguém a Roma pra matá-la.
- Entendo que você esteja aborrecido. Ninguém gosta de ser manipulado assim.
- Ainda não digeri o fato de você ter mandado um homem enfiar uma faca nas costas da minha mulher.

Connor manteve o tom amigável:

– Falaremos sobre isso mais tarde. – Pela primeira vez Jonathan percebeu que estava diante de uma figura implacável. – Sente-se, Dr. Ransom. Não voei 11 mil quilômetros pra apertar sua mão, lhe dar um abraço e tapinhas nas costas por ter servido a seu país. Temos alguns assuntos importantes a tratar.

Jonathan enfim se sentou.

– Oito anos não bastam? Achei que já tivesse feito a minha parte.

– Acredite, somos gratos por tudo o que você fez. Sobretudo na Suíça. Ninguém reconhece isso mais do que eu. E, se minha palavra ainda tiver algum crédito, sinto muito por tê-lo arrastado de volta pra esta história. Sei que foi pro Afeganistão pra se afastar disso tudo.

– Fui pro Afeganistão pra voltar a fazer o que faço melhor.

– Pelo pouco que me contaram sobre seu comportamento em combate, você deveria reconsiderar o que faz melhor.

– Fiz o que qualquer um faria em meu lugar.

– Nem todo mundo carregaria um soldado ferido nos ombros sob uma chuva de balas. Pessoas ganham medalhas por esse tipo de coisa.

– Não quero medalha nenhuma.

– Sei que não. De qualquer modo, não cabe a mim lhe dar uma. Mas, só a título de informação, Dr. Ransom, o homem a quem você nos conduziu, Abdul Haq, era um filho da puta da pior espécie. Durante meses tentamos pôr as mãos nele, mas sem nenhum sucesso. Informantes. Recompensas. Drones. Nada funcionou. Então ficamos sabendo que ele estava doente e vimos nossa chance de pegá-lo. Você estava lá. Não tivemos alternativa.

– É assim que a coisa funciona? A opinião dos outros simplesmente não interessa?

– Às vezes, Dr. Ransom, é assim mesmo que a coisa funciona. A vida é dura.

– E Hamid?

– Hamid foi voluntário. Cresceu em Cabul, depois emigrou pra São Francisco. Alistou-se no Exército pra ajudar seu país.

– Foi aí que vocês entraram?

– Ele tinha um talento particular pelo qual havia uma grande demanda. Precisava de nós tanto quanto precisávamos dele. O Afeganistão é um lugar mais seguro sem o Sr. Abdul Haq por perto.

Jonathan levou a caneca à boca e bebeu o chá quente e doce. Lembrou-se do momento em que Hamid escorregou de suas mãos. Poderia ter sido ele a despencar daquele helicóptero.

– Sabe, faz tempo que penso numa coisa. Como foi que vocês me encontraram no início, tantos anos atrás?

– Mesmo que eu soubesse, não poderia contar.

– Claro que você sabe – disse Jonathan. – Um homem na sua posição sabe de tudo.

– Não conte com isso.

Jonathan conteve uma resposta malcriada.

– E Emma? Como puseram as mãos nela?

– Também não posso revelar. “Dizer apenas o necessário”, Dr. Ransom. Esta é a principal regra do jogo.

– Sabe onde ela está?

– Como acabei de dizer, não posso comentar o passado ou o presente de sua mulher. – Connor calou-se por um instante e pousou a caneca na mesa. – Pelo menos, *não por enquanto*.

Jonathan sentiu algo mudar na dinâmica entre eles. Se não estava enganado, uma espécie de oferta acabara de ser feita.

– O que isso quer dizer?

– Quer dizer que vim aqui pedir sua ajuda.

– Eu? Ajudar a Divisão?

Connor fez que sim com a cabeça.

– Está falando sério? Quer que eu trabalhe pra vocês?

– Achamos que você tem certas habilidades que talvez possam...

– Não – disse Jonathan.

– Pelo menos ouça o que tenho a dizer.

– Nem pensar. Pra mim acabou. Fim de papo.

– Mas atravessei meio mundo só pra...

– Problema seu. – Jonathan se levantou bruscamente, derrubando a cadeira. – Por mim você pode pegar seu avião e atravessar meio mundo de volta. Boa viagem.

– Por favor, Dr. Ransom. Entendo que esteja chateado, mas pelo menos...

– Já disse: pra mim acabou.

Connor o encarou.

– Tudo bem. Mas nem preciso dizer que os acontecimentos de Tora Bora são absolutamente confidenciais. Meus agentes que estão a bordo vão lhe dar alguns papéis para assinar. Depois disso, diga-lhes pra onde deseja ir. Eles vão cuidar de tudo. Passagem, passaporte, o que você precisar. Estou autorizado a lhe pagar pelo que fez. Trouxe um cheque nominal no valor de 14 mil dólares, o equivalente a dois meses de soldo de um major em missão de risco.

– Dispenso.

– É seu. Você fez por merecer. Se quiser doar para caridade, é problema seu. Connor deixou um envelope sobre a mesa, recolheu seus papéis e os guardou na pasta. Jonathan percebeu que ele não havia escrito uma única palavra. Tudo não passava de uma grande encenação, assim como o terno vagabundo, os sapatos arranhados e o chá de cortesia. Connor era a voz da América.

Ao se levantar, ele cambaleou e precisou esticar um dos braços para manter o equilíbrio.

Jonathan correu para o outro lado da mesa.

– Você está bem? – perguntou, segurando o braço de Connor para lhe dar apoio.

– É a perna – respondeu, desvencilhando-se. – Como eu disse, problemas de circulação.

Jonathan observou-o melhor, como um médico observaria seu paciente. Notou os vasos em seu rosto, as bolsas debaixo dos olhos, o aspecto geral de desleixo. A tão pouca distância, podia ouvir sua respiração, rápida e curta.

– Sabe onde Emma está? – insistiu. – Por favor. Só quero saber se ela está bem.

Connor largou a pasta sobre a mesa.

– E se eu dissesse que tudo o que você sabe sobre sua mulher é mentira?

Jonathan hesitou antes de responder. Temia que aquilo fosse apenas mais um ardil para fisgá-lo.

– Como o quê? Que ela tentou me matar na França?

– Entre outras coisas.

– Eu não acreditaria em você – disse Jonathan, mas sua resposta não passou de um reflexo. Algo na conduta de Connor levava a crer que ele agora estava sendo sincero. Também era possível que Jonathan simplesmente quisesse acreditar.

– E se eu dissesse que Emma está correndo perigo, provavelmente um grande perigo, e que você é a única pessoa capaz de ajudá-la?

Jonathan o encarou, tentando ver além do artifício. Viu apenas um homem com uns 20 quilos de sobrepeso, uma perna doente e artérias congestionadas que parecia dizer a verdade.

– Sente-se.

— TUDO BEM — DISSE JONATHAN. — Pode falar.

— A primeira coisa que você precisa saber é que Emma nunca parou de trabalhar para nós. Por “nós”, entenda-se a Divisão; e, por “Divisão”, entenda-se o governo dos Estados Unidos. Houve uma época, logo depois dos acontecimentos na Suíça, em que ela trabalhou por conta própria. Dias. Semanas, talvez. Temia que tentássemos uma retaliação. Não vou mentir: certas pessoas na organização queriam mesmo dar o troco. Tudo indicava que Emma tinha nos traído e eles queriam que ela fosse punida. Eu não concordava com isso. Sabia que ela havia nos prestado um serviço inestimável e, depois que a poeira baixou, todos começaram a ver que eu estava certo. Na verdade, percebi que a intervenção dela não só evitara uma catástrofe de proporções incalculáveis como também havia criado uma oportunidade única para nós. Emma e eu nos falamos. Consegui convencê-la de que seria mais proveitoso pra todos que ela continuasse desligada da Divisão.

— Mas você mandou alguém para matá-la — disse Jonathan. — Vi a cicatriz nas costas dela. Li os prontuários no hospital em Roma. Ela quase morreu de hemorragia.

— Não, Dr. Ransom, não foi bem assim. Um cirurgião muito competente, como o senhor, cortou sua mulher e a costurou de volta. O resto foi só uma cortina de fumaça. Esse é o nosso trabalho.

Jonathan resistiu à tentação de fazer perguntas. Debatia-se com as lembranças do mês de julho, quando Emma o visitara em Londres e ele a vira detonar um carro-bomba, matando e ferindo muitas pessoas. Sabia que deveria recordar os passos que tomara logo depois para segui-la, mas não conseguia ir além da noite que passaram juntos no Hotel Dorchester. A última noite antes de o mundo desabar sobre sua cabeça.

A imagem ainda estava fresca em sua memória: os dois fazendo amor no chão do quarto. Emma era uma amante ferosa, mas até então nunca havia se entregado daquele modo, tão completamente. Aquela noite confirmara – e até aprofundara – o amor que ele sentia pela esposa. Emma havia jogado tudo para o alto apenas para estar com ele.

Era uma lembrança maravilhosa, porém efêmera. Ao ficar sabendo que a mulher era uma agente a serviço do FSB russo, ele também descobriu os verdadeiros motivos da presença dela em Londres. Encontrar o marido para uma noite romântica não estava exatamente no topo da lista. O que ele havia interpretado como uma legítima expressão de amor não passara de um artifício ou, pior ainda, de uma conveniência. Tal constatação o devastara.

– Mas por quê? – perguntou afinal, embora as peças do quebra-cabeça já começassem a se encaixar.

– Assim que decidimos fazer de Emma uma agente dupla e reintegrá-la ao FSB, era imperativo apagar da cabeça dos russos qualquer dúvida quanto à lealdade dela. Os russos são paranoicos por natureza, nenhum deles mais que Sergei Shvets, que na época era diretor do FSB e tinha sido o primeiro controlador e também o primeiro amante de Emma. Àquela altura ela já vinha trabalhando para nós havia um bom tempo.

– Oito anos – disse Jonathan.

– Mais – disse Connor. – Dificilmente Shvets a receberia de volta sem que lhe déssemos um bom motivo. Se acreditasse que tínhamos tentado matá-la, só poderia deduzir uma coisa: que Emma havia nos traído. Nada menos do que isso o teria convencido.

– E o resto? Os explosivos na usina nuclear na Normandia... o carro-bomba em Londres... Como se explica tudo isso?

– Não é da sua conta – retrucou Connor, erguendo a mão antes que Jonathan pudesse protestar. – Você já sabe demais sobre o que aconteceu no último verão. Só lhe contei essas coisas porque você é marido dela e achei que merecia saber.

– Quer dizer então que você não sabia que Emma se encontraria comigo em Londres?

Connor riu e disse:

– Você acha que ela pediria minha permissão pra fazer uma coisa dessas?

Jonathan precisou desviar o olhar.

– Se ela procurou você, foi porque quis – prosseguiu Connor. – Você que tire suas conclusões. Mas uma coisa posso dizer: aquele encontro foi uma burrice, uma decisão precipitada, uma afronta a tudo o que ela aprendeu no treinamento. Emma colocou em risco não só a própria vida como também a nossa missão. Pode acreditar: arranquei o couro dela quando fiquei sabendo.

Jonathan pegou sua caneca e bebeu o resto do chá. Um zunido incessante reverberava pelo casco do porta-aviões. De repente um ruído ensurdecedor se fez ouvir acima deles e o navio tremeu como se tivesse levado um golpe.

– Manobras de voo – explicou Connor. – Um jato foi lançado do deque.

O navio se aquietou e Jonathan sentiu o cheiro de combustível que agora pairava no ar.

– Você disse que Emma está em perigo. Como posso ajudá-la?

– Terminando o que ela começou.

– Acho que está falando com a pessoa errada. Sou médico, não agente.

– Exatamente. E é mesmo um médico que estou procurando neste momento. – Connor pousou as mãos gorduchas sobre a mesa. – Mas, antes de qualquer coisa, preciso que você me diga como está se sentindo. Sem enrolação. Toda essa merda que você enfrentou naquelas montanhas pode tirar qualquer homem do sério. Já vi soldados com 20 anos de experiência perderem completamente o juízo por causa de coisas assim.

– Estou bem – disse Jonathan.

– Pesadelos? Suores?

Jonathan fez que não com a cabeça.

– Estenda o braço.

– O quê?

– Anda, estenda o braço.

Com a mão espalmada e os dedos bem esticados. Jonathan estendeu o braço direito. Sua mão tremia visivelmente. Ele a fechou em punho e a reabriu em seguida, com os dedos bem mais firmes. Connor o analisou com uma expressão de dúvida.

– Quando eu era jovem – disse Jonathan –, perdi alguns amigos durante minhas escaladas. Íamos pra lugares bem perigosos, onde tudo acontece muito rápido. Uma hora seu amigo está lá, depois não está mais. Não há tempo para entender direito o que aconteceu, nem o que está se passando na nossa cabeça. É assim que me sinto agora. Perplexo. Talvez até numa espécie de choque retardado. Uma parte de mim quer entregar os pontos, mas muita coisa está acontecendo. Preciso cuidar do agora, caso contrário não vou conseguir chegar vivo lá embaixo. Dá pra entender?

Connor refletiu por um instante.

– Sim, Dr. Ransom. Claro que dá.

– Pode me fazer um favor? Pare de me chamar de Dr. Ransom. Meu nome é Jonathan.

– Tudo bem, Jonathan. – Uma das mãos gorduchas se ergueu para um cumprimento. – Frank Connor.

– Este é seu nome verdadeiro? – perguntou Jonathan, apertando-a.

– Pelo menos foi o que minha mãe disse. – Connor riu e afrouxou a gravata. – Muito bem então, *Jonathan*. Vamos lá. Tudo o que vou dizer daqui pra frente é confidencial ou muito mais que isso. Não tenho nenhum papel aqui pra você assinar. Isso pode esperar. Mas que fique bem claro: de agora em diante você trabalha pra mim, ou melhor, para o governo dos Estados Unidos. Entendido?

– Sim, mas você pode deixar de lado toda essa besteirada militar. Entendido?

Connor apertou os olhos, as faces ligeiramente avermelhadas.

– Preciso dizer mais uma coisa: sua missão será extremamente perigosa. Você será mandado para o olho do furacão e não terá ninguém por perto pra segurar sua mão. Estará sozinho do outro

lado das linhas inimigas e isso não é uma metáfora. Muito provavelmente será pego. E, se for, não vou poder fazer absolutamente nada para ajudá-lo. A boa notícia é que você não terá de passar 50 anos apodrecendo numa cela paquistanesa. A má notícia é que será sumariamente executado.

– Poxa, Frank, não precisa pegar leve. Pode dizer como vai ser de verdade.

Connor não achou graça na brincadeira.

– Vou guiar você a cada passo. Aonde deve ir, o que deve fazer. Siga minhas instruções e vai se sair bem. O mais importante de tudo é não perder a cabeça. Ent... – Connor se deteve a tempo. – *Entendido?*

– Sim – disse Jonathan. – Já deu pra entender. Vai ser perigoso. Mas continue. Se for pra ajudar Emma, estou dentro.

– Muito bem. Em primeiro lugar, deixe-me colocá-lo a par das atividades da sua mulher. Dois meses atrás, em setembro, Emma foi lotada para a residência do FSB em Damasco, como punição por sua participação na tentativa de assassinato de Igor Ivanov. Botaram-na pra fazer serviços menores, como proteger diplomatas árabes, cumprir alguma missão boba de espionagem ou roubar segredos corporativos. Hoje em dia a espionagem industrial é uma atividade de Estado, sobretudo nos países mais atrasados, como a Rússia. Uma das incumbências de Emma é negociar com Ashok Armitraj, um grande traficante de armas com base no sul da Ásia. Armitraj é meio indiano, meio inglês e chama a si mesmo de lorde Balfour. Já ouviu falar dele?

Jonathan disse que não.

– Muito em breve vai saber de tudo o que há para saber sobre ele. Balfour será seu melhor amigo. Pois bem: cerca de um mês atrás ele procurou Emma com uma lista dos armamentos de que precisava para um cliente. De modo geral, ninguém se importa em saber quem é o comprador final. Balfour informa qual é o país e a gente coloca esse país nos documentos de exportação.

– A gente? Os Estados Unidos vendem pra esse cara também?

Connor assentiu.

– Temos muitas empresas que precisam se manter solventes. Mas, como eu ia dizendo, os russos não fazem questão de saber quem é o comprador final. Despacham todo esse material pela porta dos fundos, por assim dizer.

– Como assim, “pela porta dos fundos”?

– Considere como se fosse uma operação da máfia. O material que Balfour compra dos russos caiu da carroceria de um caminhão. Nesse caso, o caminhão é uma estatal que fabrica armas e é controlada pelo FSB. Há uma produção legítima e há a porta dos fundos. As vendas legítimas são contabilizadas. As da porta dos fundos vão para os bolsos dos generais.

– Então... quem é o cliente de Balfour, o comprador final?

– Não sabemos. O que de fato sabemos, o que abriu nossos olhos, foi que o príncipe Rashid estava envolvido na operação. Segundo Balfour, ele estava intermediando a venda e garantindo o pagamento em nome de seu cliente.

– O príncipe Rashid do Golfo? Mas ele é um dos patronos dos Médicos Sem Fronteiras! É um cara do bem!

– É mesmo? – Connor desviou o olhar e balançou a cabeça como se em algum momento tivesse havido um grande mal-entendido. – Talvez estejamos falando de pessoas diferentes. O Rashid que conheço é um dos mais célebres financiadores do terrorismo em todo o mundo. Manda dinheiro, algo em torno de 200 milhões de dólares por ano, pra Al-Qaeda, pro Talibã, pro Lashkar-e-Taiba e pra qualquer outra organização islâmica determinada a destruir o Ocidente.

Jonathan se recostou na cadeira, pasmo.

– Nunca soube disso.

– Claro que não. Porque decerto estava ofuscado por todo o trabalho filantrópico dele, pela linda mulher de cabelos louros, pelos adoráveis filhinhos de olhos azuis. Era exatamente isso que Rashid queria.

– Mas, se vocês sabem de tudo isso, por que ainda não tornaram público?

– Pense um pouco no que acabou de dizer. Os familiares do príncipe são os principais aliados dos Estados Unidos no Golfo. Uma acusação dessas minaria as relações por muitos anos. Não é o tipo de coisa que se divulgue. – Connor se inclinou para a frente como se fosse partilhar um segredo. – É o tipo de coisa que se resolve por baixo dos panos.

– Então você usou Emma pra chegar até Rashid por intermédio de Balfour, é isso?

– Sem comentários. – Connor crispou os lábios, talvez avaliando o que podia e o que não podia dizer. Mas, a julgar pela expressão em seu rosto, estava claro que algo de muito errado havia acontecido.

– Tudo o que sabemos é que Emma desapareceu enquanto supervisionava a transferência das armas de Balfour pra Rashid.

Jonathan imaginou a cena sem dificuldade: Emma se fazendo passar por agente russa a fim de se aproximar de Rashid e tentar matá-lo. Ela já havia feito coisas semelhantes no Líbano, na Bósnia e em tantos outros lugares que seria impossível enumerar todos. Um trabalho não exatamente isento de riscos.

– Ela está morta?

– Temos bons motivos pra acreditar que não.

Para Jonathan, “bons motivos” não passava de um eufemismo no jargão da espionagem para dizer que as chances eram de 50 por cento.

– Então você acha que Rashid sabia o que ela estava fazendo?

– Não temos como afirmar. Mas, antes de lhe dizer o que sabemos, você vai ter que se controlar. Perder a calma agora não vai ajudar ninguém, muito menos Emma.

Jonathan respirou fundo, preparando-se para o que estava por vir.

– Entendo – disse.

– Rashid costuma fazer isso com as pessoas que supostamente tentaram passá-lo pra trás, seja nos negócios, na política ou em qualquer outra área: ele as leva pro deserto e as tortura. Não vou entrar em detalhes. É tudo muito horrível.

– Tipo o quê?

– Você não quer saber.

– Tipo o quê, Frank?

Connor apoiou os antebraços na mesa e suspirou, como se estivesse prestes a contrariar seu próprio bom senso.

– Correntes – disse. – Choques. Cigarros. Às vezes ele arrasta as pessoas presas ao para-choque do carro.

– E ele fez tudo isso com Emma?

Connor concordou com a cabeça.

Jonathan desviou o olhar, uma fúria incontrolável crescendo dentro dele. Ocorreu-lhe a ideia de que nada o impediria de punir o animal que infligira tal sofrimento a sua esposa.

Um zumbido persistente soava em seus ouvidos, mas ele não tinha certeza se provinha de dentro deles ou do porta-aviões.

– Você disse que tem bons motivos para acreditar que ela esteja viva.

– Temos evidências de que ela sobreviveu à tortura – afirmou Connor.

– Alguém a viu?

– Não.

– Então o quê? É de minha mulher que estamos falando. “Bons motivos” não bastam pra mim.

– Encontramos pegadas que acreditamos ser dela. Os passos se afastam do lugar onde ela foi deixada. Parece que ela foi levada de lá. Por enquanto é tudo o que sabemos.

– Choque? E ele a arrastou pelo deserto amarrada ao para-choque do carro?

Connor franziu a testa:

– Ele é um cara do mal. Desculpe.

Jonathan sentiu algo frio, duro e implacável se instalar em seu peito. Nunca fora inclinado a guardar mágoas, a catalogar ofensas, injustiças e golpes sofridos ao longo da vida acalentando a vã e equivocada esperança de um dia poder dar o troco a todos. Na juventude, tinha seu próprio método para lidar com os canalhas, que envolvia, invariavelmente, uma garrafa de whisky e seus

punhos. Achava que seu método era barato, conveniente e eficaz para resolver questões entre as pessoas. Infelizmente, também era ilegal e por causa dele Jonathan havia pernoitado numa delegacia 10 vezes em seis países diferentes. Já mais velho e, finalmente, mais maduro, aprendera que a violência não era o meio para um fim, apenas um alimento para o demônio dentro de nós. Em vez de bater nas pessoas, passara a ignorá-las. Trocara as pancadarias pela medicina, os punhos pelos bisturis. Até porque precisava das mãos em bom estado para operar.

Mas, durante todo esse tempo, o demônio dentro dele havia esperado em algum lugar no fundo de sua alma, fortalecendo-se para o momento do grande retorno. Jonathan sabia disso e, sempre atento, mantivera-o sob rédeas curtas por muitos anos.

Correntes... choques... cigarros... Às vezes ele arrasta as pessoas presas ao para-choque do carro.

As palavras de Connor haviam penetrado naquele lugar no fundo da alma de Jonathan, e agora, enquanto o porta-aviões chocalhava por causa de mais uma decolagem, ele sentia seu demônio chocalhar também, clamando por vingança.

Troco.

– Então você quer que eu me aproxime de Rashid? – perguntou, já com uma nova perspectiva das coisas.

– Ainda não – disse Connor. – A situação está confusa. Rashid não importa no momento. Estamos mais interessados em descobrir a identidade do homem pra quem ele comprou as armas. Se for alguém novo na praça, precisamos do nome. Se for alguém já estabelecido, também precisamos descobrir quem é.

– Mas Rashid torturou Emma. Você não pode simplesmente...

– Rashid é um filho da puta e um dia vai pagar pelo que fez. Dou minha palavra. Neste exato momento, porém, não temos como chegar a ele. Rashid sabe que estamos de olho. Está com os dois pés atrás. O único jeito é usarmos Balfour. Além de fornecer, Balfour também transporta as armas até o lugar determinado pelo comprador. Se conseguirmos descobrir pra onde ele levou esse último carregamento, vamos saber quem é o amigo secreto do

príncipe. Portanto, precisamos nos aproximar de Balfour e você é a única pessoa capaz de fazer isso.

– Já disse que não sei nada sobre esse homem.

– Isso não importa. O que importa é o que você pode fazer por ele.

Connor passou um bom tempo relatando a história de Balfour, a ascensão dele ao poder como traficante de armas e a subsequente queda como fugitivo na Lista Vermelha da Interpol. Em seguida, recostou-se na cadeira e, olhando nos olhos de Jonathan, perguntou:

– Então, ainda está interessado?

– Fale mais.

– Balfour está em apuros e sabe disso. O governo indiano está fechando o cerco em torno dele. A qualquer momento os paquistaneses podem puxar o tapete de boas-vindas que lhe estenderam. Ele precisa de uma saída e com urgência. O problema é que não há esconderijo possível num caso desses. Então... Balfour precisa de alguém pra mudar sua aparência, para que ele possa começar uma vida nova incógnito. Anda procurando um cirurgião plástico pra fazer o trabalho em sua mansão no Paquistão. E gostaríamos que esse cirurgião fosse você, Dr. Ransom.

– Quer que eu mude a cara dele? Que o transforme em outra pessoa?

– Com sorte, você nunca terá de fazer essa cirurgia – disse Connor. – Balfour conduz todos os seus negócios nos escritórios que mantém na tal mansão, um complexo palaciano na periferia de Islamabad. Queremos que você use sua condição de hóspede pra descobrir algo, qualquer coisa, que nos ajude a identificar o cliente de Rashid. Dificilmente teremos uma oportunidade melhor pra plantar alguém do lado dele. O cliente de Rashid é apenas a ponta do iceberg. Se tudo der certo, vamos ter informações suficientes pra virar do avesso o tráfico de armas.

– De quanto tempo vou dispor?

– É você quem vai me dizer. Quanto tempo leva pra executar uma cirurgia dessas?

– Do começo ao fim? Vai depender muito de quão radicais sejam as mudanças que ele deseja fazer. Nariz, queixo, implantes... Isso só vamos saber depois. De qualquer modo, ele terá de fazer todos os exames de risco cirúrgico: eletrocardiogramas, hemogramas, esse tipo de coisa. Isso deve levar uns dois dias, caso os resultados cheguem rápido. Que tipo de equipamento ele tem?

– Conhecendo Balfour, eu diria que provavelmente os melhores.

– Nesse caso, a cirurgia em si levará cerca de 12 horas. Mas ele terá de ficar de repouso durante alguns dias. Pelo menos uma semana até que possa entrar num avião outra vez.

Uma espécie de buzina ressoou pelos alto-falantes do navio. Alguém anunciou que o jantar estava sendo servido no refeitório e que o filme da noite seria *Batman – o retorno*. Jonathan passou alguns minutos refletindo sobre tudo o que ouvira de Connor.

– Você falou que Balfour está à procura de um cirurgião plástico. Ele já escolheu alguém?

Connor disse que sim.

Jonathan ficou subitamente apreensivo.

– O que vai acontecer com ele?

– Será tirado de cena – disse Connor casualmente.

– Tirado de cena?

– É claro. Precisamos tirá-lo do caminho.

– Vocês estão loucos. Não posso simplesmente trocar a vida de Emma pela dele.

Visivelmente desapontado, Connor o encarou e disse:

– É assim que você nos vê? Como um bando de assassinos inescrupulosos, dispostos a fazer qualquer coisa pra alcançar um objetivo? Você, Jonathan, mais do que qualquer outro, deveria saber o valor que damos à vida.

Jonathan entendeu muito bem o recado nas entrelinhas. Ele, um civil, tivera acesso a diversas operações da Divisão. Sabia muito mais do que qualquer civil deveria saber. Caso a Divisão tivesse

como política eliminar todos os indivíduos que via como ameaça, ele já estaria morto.

– Pode ser – concedeu Jonathan. – É que não sou muito bom nessas coisas, sabe? Identificar quem deve continuar vivo e quem deve morrer.

– Essa parte você pode deixar por minha conta. No nosso caso, basta que você faça exatamente o que eu disser. Acha que é bom nisso?

Jonathan assentiu, mas naquele momento uma voz interior já lhe dizia que Connor estava escondendo alguma coisa.

– Então, o que vai acontecer agora? Quanto tempo temos?

Connor conferiu as horas no relógio.

– Caramba, como o tempo passa rápido. É melhor você tirar a bunda dessa cadeira e correr pro deque. Sua carruagem já está esperando.

– Agora?

– Imediatamente.

Frank Connor acompanhou Jonathan ao corredor. Andando à frente dele, desceu até a sala dos pilotos, entreabriu a porta e berrou algumas ordens. Um oficial se adiantou com um macacão de voo e um capacete.

– Vista isso – disse Connor.

– Pra onde estou indo? – perguntou Jonathan.

– Visitar uns amigos meus. Tem muito a aprender antes de entrar na toca de Balfour.

Jonathan olhou para o macacão e o capacete, mas não os pegou.

– Espere um pouco. E quanto a Emma? Você disse que ela estava em perigo. Não era essa a minha missão? Tentar ajudá-la?

– Claro que é – respondeu Connor. – Mas a melhor maneira de ajudar sua mulher é terminar o que ela começou. Lorde Balfour foi uma das últimas pessoas a vê-la antes de ser torturada por Rashid. Se alguém sabe o que aconteceu a ela, esse alguém é ele.

15

DO OUTRO LADO DA LINHA DE SEGURANÇA, Frank Connor observava Jonathan se acomodar no assento traseiro de um F-18/A. Um fuzileiro estava debruçado para dentro da cabine, apertando o cinto de Jonathan e explicando alguns dos itens do caça. A certa altura, apontou para algo aos pés do médico, fez um "x" com as mãos e balançou a cabeça com veemência. Connor sabia que Jonathan acabara de ser avisado para não puxar a alavanca de ejeção do assento, exceto em caso de extrema emergência.

O fuzileiro fechou a cabine e saltou da escada. Mais adiante no convés, um controlador agitou uma bandeirola verde. O piloto respondeu com uma continência e acionou a turbina, que rugiu com estrondo. Connor viu quando Jonathan voltou os olhos para ele. Sentindo-se na obrigação de fazer alguma coisa, ergueu o braço e fez um sinal de positivo com o polegar. Ficou meio sem jeito. Nunca tivera muito talento para demonstrações de entusiasmo. Não que lhe faltasse prática. Na verdade, achava descabido manifestar-se assim num ramo de trabalho calcado nas zonas cinzentas da condição humana, no qual sucesso e fracasso eram medidos por atos de maior ou menor grau de violência e a morte estava sempre presente. Apesar disso, ele agora ocupava o posto mais alto da Divisão e julgava ser seu dever encorajar as pessoas. Abriu um sorriso e Jonathan acenou com a cabeça.

O controlador baixou a bandeirola; na cabine, as luzes passaram do vermelho ao verde. O F-18 tremeu, disparou na pista e por fim decolou, cortando o horizonte como uma flecha. A turbina ardia num tom de laranja, que foi fechando até o vermelho. Connor viu o caça dar uma guinada brusca para a direita e seguir seu curso para o norte. Um amador, pensou preocupado. Ele havia despachado um amador, sem o mínimo de treinamento, para fazer o trabalho de um profissional. Em seguida pensou em Balfour e nos gorilas que o

protegiam, um bando de criminosos. Um deles se destacava dos demais: Sr. Singh, um sique de quase 2 metros de altura que fazia todo o trabalho sujo do indiano. Jonathan entraria num ninho de víboras e nem ao menos tinha consciência disso. Connor permaneceu onde estava até o jato se reduzir a um pontinho escuro e em seguida sumir, engolido pelo céu.

Só então voltou para a ilha. Tinha de providenciar seu próprio voo para casa e se sentia velho demais para embarcar em um daqueles jatos. Um helicóptero até o aeroporto mais próximo estaria de bom tamanho. Diante da portinhola, deteve-se por um instante para lançar um último olhar ao céu.

– Boa sorte – sussurrou.

16

EM ISLAMABAD, O TRÂNSITO ao meio-dia não era menos caótico que de costume. Carros, vans, caminhonetes, motocicletas, bicicletas, *tuk-tuks* e riquixás congestionavam as avenidas amplas e bem cuidadas do distrito da administração pública, competindo uns com os outros pelo direito de avançar os próximos 10 metros. Ao som das buzinas, o comboio de Range Rovers brancos aos poucos foi se afastando da calçada diante do Prédio Colonial e abrindo caminho pela avenida Kitchener.

– Onde estará nossa escolta? – perguntou lorde Balfour, olhando ao redor em busca dos agentes da ISI que por dois meses, sem descanso, o vinham seguindo.

– Desde cedo ninguém aparece. – Pelo retrovisor, o motorista olhou para ele e sorriu. – Fique tranquilo, chefe. Ninguém está na nossa cola.

Balfour não disse nada. A verdade era bem outra. Ele estava tão seguro quanto um peixe ferido num tanque de tubarões.

– O que o advogado disse? – perguntou pouco depois o motorista, um jovem que o próprio Balfour havia tirado das ruas e treinado. – Está tudo em ordem?

– Está, sim – disse Balfour, esforçando-se para não ser ríspido. – Agora seja um bom rapaz e me leve para casa, está bem?

– Sim, senhor. – O motorista abriu um sorriso largo e cravou a mão na buzina para impor o devido respeito.

Balfour se recostou no banco e fechou a cara, repassando mentalmente o encontro que acabara de ter.

– A polícia indiana entregou à polícia paquistanesa provas de seu envolvimento no ataque de Mumbai – dissera o advogado, nervoso.

– Os números de série de dois dos fuzis usados pelos terroristas

conferem com os do documento de embarque que você emitiu no mês passado.

– Mas como eles sabem disso?

– Têm uma cópia do documento.

– Impossível – disse Balfour, preferindo omitir que apenas ele mesmo tinha acesso ao tal documento. – Além disso, aquelas armas poderiam ter passado por diversas mãos no meio do caminho. Um mês é muito tempo.

– Pouco provável – retrucou o advogado. – Sua reputação é conhecida por todos.

Balfour não se deu o trabalho de protestar. A oposição que fazia ao governo de seu país também era conhecida por todos. Para ele, fora especialmente prazeroso armar o grupo de terroristas e direcioná-lo contra a Índia. Ficara surpreso apenas com o sucesso da operação. Cento e oitenta mortos, algumas dezenas de feridos. Mumbai ficara sitiada por três dias. Uma metrópole inteira paralisada pela ação de 20 guerreiros valentes. Puro deleite.

O advogado, no entanto, não estava tão animado.

– Sua estripulia se transformou num cabo de guerra político. O governo indiano está disposto a fazer vista grossa para os imigrantes ilegais em Srinagar caso lhe entreguem sua cabeça.

– E Islamabad? – perguntou Balfour, referindo-se ao governo paquistanês.

– Deixei um recado para o general Gul. Infelizmente, ele não ligou de volta.

– Vai ligar. Não arriscaria os 50 mil dólares que recebe todo mês.

– Talvez nem ele possa ajudar você.

– Besteira – disse Balfour. – Isto aqui é o Paquistão. Todo mundo está à venda. Ligue para o primeiro-ministro.

– Já liguei – disse o advogado. – Ele não quis atender.

Balfour balançou a cabeça. Tentando manter a fachada de calma, disse:

– Espero que você tenha conseguido uma cópia desse tal documento de embarque.

O advogado disse que sim e a mostrou.

– Receio que não possamos fazer nada além de esperar – disse. – Imagino que você tenha tomado as devidas precauções. Logo, logo, os indianos vão saber que você perdeu a proteção oficial dos paquistaneses e certamente virão atrás de você. Fique atento.

Balfour não disse nada.

Tudo isso acontecera meia hora antes.

Agora, na segurança de seu carro, ele retirou da pasta o documento de embarque e o examinou com atenção. Era verdadeiro, não havia a menor dúvida. Ciente da natureza explosiva da operação, ele decidira supervisionar o embarque pessoalmente. Além dele, apenas uma pessoa tivera acesso à papelada. Ligou para seu secretário particular.

– Sim, Sr. Medina, estou voltando para casa. Diga aos cavaleiros para selar o Copenhagen. Não, não é nenhuma ocasião especial. Acabei de receber boas notícias de meu advogado, só isso. Tudo indica que a poeira já está baixando em Mumbai. Uma cavalgada vespertina me parece uma ótima ideia.

Em seguida fez outra ligação. Dessa vez para o sique que chefiava sua equipe de segurança.

– Sr. Singh, temos um problema. O Sr. Medina andou falando mais do que devia. Vou me encontrar com ele daqui a uma hora, no estábulo. Cuide para que nossa hóspede tenha uma visão privilegiada do castigo. É importante deixar bem claro quais são as regras da traição. Prepare os cavalos. Obrigado, Sr. Singh.

O Range Rover freou de repente quando uma fila de carregadores atravessou a rua com fardos de um tecido laranja na cabeça. Olhando pela janela, Balfour viu na calçada um garoto ajoelhado junto a um braseiro, vendendo espetinhos de fígado de galinha a 10 rupias cada; uma mulher de pernas mutiladas estava sentada no chão, ao lado dele.

Balfour baixou o vidro da janela e pediu:

– Dois espetos.

O garoto escolheu os melhores e os levou até o carro. Balfour pagou-o com uma nota de 500 rupias.

– Dê o troco para sua mãe – disse.

O garoto olhou com atenção para a nota e, com um grito de alegria, voltou saltitando para a calçada.

O trânsito melhorou e o carro seguiu adiante. Balfour esperou alguns segundos, baixou a janela do outro lado do banco e jogou fora os espetinhos. Uma betoneira que andava na faixa ao lado exalou uma nuvem de fumaça que invadiu o carro. Balfour se jogou de volta no banco, tossindo. Já não via a hora de sair daquele país.

“Mas ir para onde?”, pensou.

Para se acalmar, correu a mão sobre o couro de cor caramelo do estofamento: couro de Alcântara, trazido especialmente da Espanha ao preço de 51 mil dólares. Os Range Rovers, blindados pela Alpha Panzerung de Munique e equipados com supermotores de 12 cilindros, haviam custado 225 mil dólares cada. Dificilmente poderiam ser exportados.

Balfour agora olhava para sua própria imagem refletida na janela. Para a reunião, vestira um terno Brioni com camisa de algodão egípcio Ascot Chang e gravata Hermès. Os sapatos eram da John Lobb, de Londres, feitos à mão. Até mesmo as cuecas eram sob medida: boxers de seda com monograma, confeccionadas pela Hanro, da Suíça.

Sua obsessão pelo luxo era merecida. Seu trabalho implicava um estado constante de paranoia que o impedia de ter amigos. Balfour tinha apenas sócios e colegas, além de um número incontável de subordinados. Apreciava a companhia das mulheres, mas desconfiava delas por princípio. Os bens materiais lhe ofereciam um duradouro prazer tátil ao mesmo tempo que o lembravam de seu sucesso. Houve uma época em que ele também vendia espetos de frango nas ruas.

O comboio deixou a rodovia para entrar numa estradinha de duas pistas, estreita como uma lâmina, que subia pelas colinas de Margalla. Depois de alguns quilômetros, chegaram a uma barreira. Guardas de uniformes pretos e coletes de kevlar, armados com

submetralhadoras Heckler & Koch MP-5, se apressaram em abrir a cancela. Os carros passaram sem reduzir a velocidade. Em três línguas diferentes (urdu, híndi e inglês), uma placa no acostamento dizia: “Propriedade Particular – Entrada Proibida”; uma caveira com ossos cruzados dispensava tradução. Eles seguiram por um caminho que se estendia em linha reta por exatos 2 quilômetros. Campos de macieiras se intercalavam com laranjeiras e castanheiras. Balfour baixou a janela para saborear o doce perfume das árvores. O desejo de sair do Paquistão desaparecera.

Mais adiante, ele avistou os imponentes portões que constituíam a entrada oficial de sua propriedade. Ao lado deles se via uma guarita pintada com listras diagonais pretas e brancas, não muito diferentes das do Palácio de Buckingham, mas que, no lugar de um britânico com capacete de pele de urso, abrigava mais um membro de seu exército particular, de farda preta da cabeça aos pés e metralhadora a tiracolo. Balfour acenou para o guarda, que respondeu com a mais teatral das continências, ao estilo de uma parada militar.

Os carros avançaram por outros dois minutos até um lago artificial; atravessaram uma ponte de madeira, seguiram por um terreno de cascalho, passaram direto pela entrada da casa e se dirigiram para os fundos, onde ficava o estábulo.

Balfour dera à propriedade o nome de Blenheim, referência ao palácio do duque de Marlborough na Inglaterra. E Blenheim era um palacete paladiano de 2 mil metros quadrados, erguido com o firme propósito de fazer frente a seu homônimo.

♦♦♦

O Sr. Medina esperava diante da cocheira enquanto um puro-sangue negro era selado. Era um homem magro, de pincenê e cabelos arrumados num topete. Balfour o havia contratado como contador, mas, com o tempo, ficara impressionado com sua meticulosidade, sua memória quase fotográfica e a disposição para trabalhar a qualquer hora do dia ou da noite.

Balfour desceu do carro, foi diretamente ao encontro de seu secretário e lhe entregou o documento de embarque.

– Foi você quem passou isto à polícia indiana?

Medina examinou o papel e suas mãos começaram a tremer. Virando-se para trás, viu o Sr. Singh a poucos metros de distância, vestido inteiramente de branco a não ser pelo turbante marrom. Medina fez que sim com a cabeça.

– Por quê? – perguntou Balfour.

– Um homem de Délhi me procurou. Um policial. Pagou pela informação. Sou hindu. Quando o senhor luta contra meu país, também luta contra mim.

Balfour pegou de volta o documento.

– Vou cuidar de sua família – disse.

Medina agradeceu. Com cuidado, tirou os óculos e os entregou ao patrão.

O Sr. Singh amarrou-o pelos pés e pelas mãos. Dois cavalos foram trazidos dos estábulos, campeões adquiridos no hipódromo de Abu Dhabi. Um cabo foi passado através da corda que prendia as mãos do secretário e outro pela que atava seus pés. Medina começou a chorar. Farejando a morte, os cavalos se agitaram: agora bufavam e cabeceavam o ar. Cada um dos cabos foi atado a uma sela. Cavaleiros montaram os animais e os viraram em direções opostas. Balfour ergueu a mão e os cavaleiros chicotearam os cavalos.

Medina foi puxado para o alto. Permaneceu na horizontal por menos de dois segundos antes de despencar no chão. Os cavalos, ariscos, seguiram arrastando os braços e as pernas do secretário por quase 1 quilômetro.

O homem jazia no cascalho, ainda vivo. O Sr. Singh o decapitou com um *kukri*, o facão de lâmina curva dos gurkhas nepaleses. Olhando para a cabeça decepada, Balfour disse ao capanga:

– Encontre os parentes dele. Mate-os também. Não quero passar o resto da vida desconfiando da minha própria sombra.

O Sr. Singh se afastou carregando a cabeça do traidor pelos cabelos. Ela seria espetada na ponta de uma lança e colocada na entrada do palacete de Balfour. Um aviso claro para quem pensasse em cometer o mesmo erro.

Satisfeito por ter feito justiça, o lorde olhou para a fachada dos fundos do palacete. Viu que, do outro lado de uma das janelas do segundo pavimento, uma mulher europeia de cabelos ruivos e desgrenhados o fitava de volta. Notou que ela já retirara as faixas do rosto e que os hematomas haviam sumido. Muito em breve poderia ser despachada para as montanhas.

Quanto antes, melhor.

JONATHAN HAVIA TROCADO O AZUL do golfo Pérsico pelos tons terrosos do deserto de Negev. O F-18/A pousou exatamente ao meio-dia na Base Aérea de Tel Nov, ao sul de Rehovot, Israel. Taxiou pela torre de controle, por uma esquadrilha de Falcons F-16, por uma dezena de hangares e parou na extremidade da pista. O piloto abriu a cabine, mas não desligou a turbina. A equipe de terra se resumia a um único homem, que esperava ao lado de um caminhão. Rapidamente ele encostou uma escada à fuselagem do jato e ajudou Jonathan a descer. O piloto fechou a cabine, deu meia-volta e decolou rumo ao sul enquanto o homem voltava ao caminhão para partir também. Sessenta segundos após colocar os pés no asfalto da pista, Jonathan se viu sozinho, o vento salpicando seu rosto de pó e areia.

E então, ao longe, avistou um reflexo azulado sob o sol a pino. Um carro se aproximou e parou ao lado dele. Dois homens saltaram.

– Bem-vindo a Israel – disse o motorista, um sujeito baixo, atarracado e de cabelos pretos ondulados.

O outro homem era pequeno, gordo e careca, e lembrou a Jonathan uma granada. Ele abriu a porta do banco de trás.

– Vocês são amigos de Frank Connor? – perguntou Jonathan.

A resposta foi um gesto do careca para que ele entrasse no carro. Jonathan obedeceu.

Eles seguiram por uma hora deserto acima, por um longo caminho em zigue-zague, depois desceram rumo à costa do Mediterrâneo. As placas informavam: “Tel Aviv”, “Haifa”, “Herzliya”. Por diversas vezes Jonathan tentou, sem sucesso, puxar conversa com a dupla.

O carro deixou a rodovia na altura de Herzliya e, cinco minutos depois, parou diante de um pequeno prédio de fachada caiada.

Segundo a placa, tratava-se do Hotel Beach Plaza, embora não houvesse nenhuma praia que justificasse o nome, apenas um promontório que despencava sobre o mar e, lá embaixo, à beira d'água, um quebra-mar de rochas pontudas e pouco convidativas.

Eles atravessaram o saguão e foram direto para o elevador. Ninguém na recepção disse nada, tampouco olhou para o grupo. O check-in já havia sido feito. O quarto de Jonathan ficava no terceiro andar. No corredor, os homens lhe entregaram o cartão que abria a porta. De braços cruzados, o motorista o olhou de alto a baixo.

– Paletó, 52. Calças, 44. Sapatos, 42.

– Quarenta e quatro – corrigiu Jonathan.

– Que lancha... – disse o granada.

Os homens saíram sem dizer mais nenhuma palavra.

Jonathan notou que a porta do quarto estava entreaberta. Bateu nela e empurrou.

– Olá.

Uma camareira espanava a mesinha de cabeceira.

– Só mais um minuto – disse ela num inglês com sotaque carregado. – Estou quase terminando.

Jonathan entrou, sentindo-se um tanto estranho por não ter nenhuma bagagem.

– Tudo bem – respondeu. – Pode ir. Eu gostaria de descansar um pouco.

A camareira abriu um sorriso e o ignorou solenemente, voltando a atenção para a mesinha já imaculada.

Jonathan passou ao lado dela e abriu as portas de vidro que davam para uma pequena varanda. A temperatura estava agradável, algo em torno dos 20 graus. Algumas centenas de metros adiante na costa, onde as rochas davam lugar a uma praia, banhistas pegavam sol, deitados sobre toalhas coloridas. Uma gaiivota cruzava o horizonte, guinchando com volúpia. O vento soprava forte no mar, fazendo com que os veleiros se inclinassem contra a corrente. Jonathan fechou os olhos, deliciando-se com o sol, e só então percebeu que não sabia que dia era. Sexta? Sábado?

A última semana de sua vida se embaralhava num violento turbilhão. Viu Amina deitada sobre a mesa de cirurgia, Hamid cortando a garganta de Abdul Haq. Viu o crânio aberto do sargento morto na caverna, o valente Brewster cambaleando sob uma chuva de balas, Hamid despencando do helicóptero. Ele estremeceu de repente, como se despertasse de um pesadelo. Ao reabrir os olhos, notou que estendia os braços como se ainda tentasse segurar a mão de Hamid. E, apesar da bucólica paisagem à sua frente, da brisa tão suave que roçava seus cabelos, não pôde deixar de ver o par de olhos delineados com *kohl* que o desafiavam além do horizonte, silenciosamente acusando-o de covardia e jurando vingança.

Voltou ao quarto e fechou as portas da varanda. Aliviado ao ver que a camareira saíra, puxou as cortinas, ligou o ar-condicionado e ergueu a mão na frente do aparelho para verificar se a temperatura estava mesmo baixa. Durante o tempo que passara no Afeganistão, acostumara-se a dormir com a cabeça fria e o corpo quente. Tirou o relógio e o deixou na mesinha. Não fazia a menor ideia do que estava programado para ele, mas Connor certamente cuidara de tudo. De qualquer modo, estava cansado demais para se preocupar. Ainda de pé, tirou as calças e a cueca. Pensou em tomar um banho, mas acabou desistindo. A cama estava convidativa demais. Ele puxou as cobertas.

De repente uma dor aguda o atingiu nos rins. Ficou sem ar. Sentindo a presença de alguém atrás de si, virou o rosto. Mas viu apenas um rápido lampejo de tecido azul-turquesa, pois, antes que pudesse girar o tronco, mãos de ferro o agarraram pelo braço e o empurraram para o chão. Ele caiu de bruços e rapidamente foi imobilizado com uma chave de braço, característica dos policiais.

– Nunca dê as costas para um estranho.

– Me solte – resmungou Jonathan, o rosto espremido contra o carpete. – Vai quebrar meu braço.

– Você me viu saindo do quarto?

Jonathan reconheceu o inglês de sotaque forte.

– Não – respondeu, pelo canto da boca.

– Reparou se havia um carrinho de limpeza no corredor?

– Não.

– E lá embaixo? Viu muitos hóspedes zanzando na recepção? Muitos carros no estacionamento?

– Não.

– Algum motivo pra que eu estivesse limpando seu quarto tão tarde, já que o hotel está completamente vazio?

– Hmm... não.

– Então você é *ingênuo* ou apenas *burro*? – Cada adjetivo foi sublinhado por um puxão no braço de Jonathan. – Jamais confie em ninguém.

– Sai de cima de mim.

– Tente me tirar daqui. Você é um homem forte e eu não peso mais que 54 quilos. Vamos, tente. Tenho certeza que vai conseguir.

Jonathan fez o que pôde para jogá-la no chão, mas não conseguiu. Em seguida, tentou usar o braço direito para ficar de joelhos. Não era nenhum especialista em artes marciais, mas ao longo dos anos aprendera um pouco de jiu-jítsu e de krav maga. E era forte. No entanto, cada tentativa sua era frustrada por um puxão ainda mais forte no braço.

– Chega – disse ele, o rosto novamente pressionado contra o chão.

– Olhe a seu redor. Pergunte por quê, onde, como. Avalie as possibilidades. Não olhe, apenas. Veja. Observe.

Jonathan fixou os olhos no carpete sob seu nariz. *Observou* que ele era azul com pontinhos verdes.

A chave de braço foi aliviada. O peso sobre suas costas sumiu. Jonathan ficou deitado ali, imóvel, recuperando o fôlego. A camareira caminhou até as cortinas, mas, fiel às próprias instruções, em nenhum momento tirou os olhos dele.

– Levante-se e vista alguma coisa.

Jonathan ficou de pé e se arrastou até o banheiro. Voltando ao quarto com uma toalha enrolada na cintura, encontrou a camareira sem o avental e com os cabelos soltos. Era alta, mais vistosa que

bonita; tinha pouco mais de 30 anos, a pele bronzeada, olhos azuis e cabelos muito pretos e lisos.

Jonathan tinha o talento de identificar a nacionalidade de uma pessoa à primeira vista. Mas no caso da falsa camareira ficou confuso. Ela poderia ser americana ou francesa, argentina ou sueca. Apesar disso, o eterno andarilho em que a vida o transformara sentia que ela era sua semelhante. Como ele próprio, ela decerto se sentia à vontade em qualquer lugar do mundo. Usava pouca maquiagem e tinha os lábios ressecados. Os braços eram fortes, com veias saltando dos bíceps bem torneados. Não precisava ser faixa preta para imobilizar ninguém: era naturalmente forte. As unhas eram curtas e os dedos, mais grossos do que a maioria das mulheres talvez desejasse. Por isso o golpe nos rins doera tanto. Jonathan também intuía que, como ele, ela preferia manter distância das multidões urbanas e o tempo passado nas cidades era apenas um preço que tinha de pagar antes de se refugiar novamente. Todas essas impressões o deixaram um tanto preocupado. Eram as mesmas que ele tivera ao conhecer Emma.

– O que aconteceu com a cesta de frutas e o coquetel de boas-vindas? – perguntou Jonathan.

– Isto aqui não é uma colônia de férias, Dr. Ransom. É uma escola. Nosso tempo é curto e, pelo que pude ver, temos muito trabalho pela frente. Agora descanse um pouco. Volto às seis pra levá-lo pra jantar. A essa altura suas roupas já terão chegado.

– Frank Connor não mandou nenhum recado pra mim? Falou que entraria em contato.

– Quem? – Os olhos azuis o fuzilaram. Aquele não era um nome para ser dito em voz alta.

– Ninguém – disse Jonathan, mordendo a própria língua. – Acho que me enganei.

– Foi o que pensei. – A mulher se aproximou e estendeu a mão. – Sou Danni, sua instrutora.

18

O LUGAR ERA CHAMADO DE “a Bolha”, mas o nome oficial para a câmara à prova de som no terceiro andar do edifício Rayburn Office, a uma quadra do Capitólio, onde depoimentos confidenciais eram prestados às comissões de inquérito do Congresso para assuntos de inteligência, era IICS, ou Instalação de Informação Compartimentada Sensível. Quatro paredes, teto, as habituais e incômodas lâmpadas fluorescentes – as diferenças entre a Bolha e um amplo escritório sem janelas não eram muitas. Mas havia algumas. O piso, as paredes e o teto eram blocos de cimento com 7 centímetros de espessura forrados de cerâmica acústica. Para entrar ali era preciso atravessar dois conjuntos de portas protegidos por alarmes e subir um degrau de 15 centímetros, a distância necessária para separar a Bolha do piso original. Um zumbido constante era produzido com o intuito de obstruir qualquer dispositivo de escuta. Por fim, a Bolha contava com seu próprio gerador de energia no subsolo do prédio. Quando as portas eram fechadas, nenhum som entrava ou saía dali.

– Olá, Joe – disse Connor, passando a cabeça pela porta da Bolha. – Tem um minuto?

O excelentíssimo deputado Joseph Tecumseh Grant, representante do 11º distrito eleitoral de Nebraska e presidente do Subcomitê de Inteligência, levantou a cabeça enquanto guardava na pasta os depoimentos do dia.

– Frank? É você? O que está fazendo fora do caixaõ? Achei que os fantasmas só saíssem à noite.

– Você deve estar me confundindo com outra pessoa. – Connor esperava à porta enquanto os últimos depoentes deixavam a sala.
– Sou de carne e osso como todo mundo. Você ainda não sabe? Agora fazemos tudo às claras. Em plena luz do dia.

Joe Grant atravessou a sala com ânimo, estendendo a mão para cumprimentar o recém-chegado. A certidão de nascimento lhe atribuía 65 anos, mas o sorriso jovial e a cabeleira negra como piche roubavam metade de sua idade.

– Caramba, há quanto tempo! – disse, apertando a mão de Connor como se ali estivesse o último eleitor de uma acirrada disputa. – Acho que foi em março que nos vimos pela última vez. Depois daquele fiasco na Suíça. Na sua audiência de confirmação no Senado, certo?

– Isso mesmo.

Uma audiência que Connor preferia esquecer. Tratava-se na verdade de um referendo para a existência da própria Divisão, mais do que para o nome do próximo diretor. A hipocrisia atingira níveis até então impensáveis. Dali em diante nenhuma agência secreta poderia ultrapassar tão grosseiramente os limites de seu estatuto (verdadeiro, pensara Connor), interferir nas questões políticas de outro país (falso) ou tirar a vida de alguém sem a maioria de dois terços dos votos no Congresso (a quem eles queriam enganar?). No entanto, ao ser apresentado como a pessoa mais indicada para reerguer a alquebrada reputação da Divisão, Connor se vira diante de um paredão de olhares incrédulos. Apesar do currículo exemplar, aquele senhor obeso e papudo, com suas bochechas vermelhas e seu amarrotado terno cinza, nem de longe parecia à altura do cargo. Muito se falava sobre a urgência de cortar as asas da Divisão, mas estava claro, para desgosto de Connor, que a pessoa idealizada pelos augustos membros do subcomitê era uma cópia fiel daquele patriota fardado, de olhos azuis e queixo forte, que por muito pouco não levara o mundo a um conflito nuclear. Dos nove membros, apenas cinco haviam votado nele e, mesmo assim, só depois de acaloradas negociações nos bastidores.

Ainda sorrindo, Grant passou o braço em volta do ombro de Connor e o conduziu até as mesas num dos cantos da sala.

– Sabe, havia um item escondido naquela última proposta de orçamento do Departamento de Defesa – disse, empoleirando-se numa das mesas. – Tenho quase certeza de que era coisa sua. Um

pleito de 50 milhões de dólares para a aquisição de um certo programa de análise de contrainteligência.

– Não sou tão inteligente assim, Joe.

– Claro que é.

A secretária foi a última a deixar a sala, fechando a porta atrás de si. Sem que fosse solicitado, Grant apertou um botão sob a mesa e ativou a tranca. Imediatamente um discreto zunido começou a soar. A Bolha estava segura.

– Então, Frank – disse Grant, apagando o sorriso. – Por que será que tenho a impressão de que não deveria estar feliz por vê-lo aqui?

– *Broken Arrow* – disse Connor. – Você lembra o que isso significa, não lembra?

– O sinal que um piloto dá quando perde uma bomba nuclear. Todo mundo conhece.

– Quantas vezes esse sinal foi dado?

– Por sorte, não muitas. Não é o tipo de incidente que se possa esconder. Todos estão publicamente registrados.

– Eu sei.

Na verdade, Connor sabia de cabeça todos os detalhes de cada incidente.

10 de março de 1956: um bombardeiro B-47 carregando duas ogivas de urânio físsil desapareceu durante um voo de rotina sobre o Mediterrâneo. Apesar das buscas rigorosas, nenhum sinal das duas ogivas foi encontrado.

25 de junho de 1957: um avião de transporte C-124, voando pela Costa Leste, descarregou no mar duas armas nucleares (sem o material radioativo) depois de sofrer problemas mecânicos. Nenhuma das duas foi encontrada.

5 de fevereiro de 1958: após uma colisão aérea entre um bombardeiro B-47 e um caça Sabre F-86, uma bomba nuclear sem o conteúdo físsil se perdeu nas águas do estreito de Wassaw, próximo à foz do rio Savannah, não muito longe de Tybee Island, Geórgia. De novo, nenhum sinal da bomba perdida.

24 de janeiro de 1961: um bombardeiro B-52 carregando duas ogivas plenamente operacionais se partiu sobre Goldsboro, Carolina do Norte. Ambas as ogivas estavam equipadas com paraquedas para tais eventualidades. A segunda se rachou com o impacto. Ao recuperá-la e examiná-la, os técnicos do Exército constataram que cinco dos seis dispositivos de segurança haviam falhado. Por sorte, o bom funcionamento do sexto impedira que fossem detonados os 20 quilotons de conteúdo físsil de uma bomba de hidrogênio.

O episódio mais célebre aconteceu acima da cidade espanhola de Palomares, quando um B-52 colidiu com um avião-tanque KC-135 durante o reabastecimento aéreo. Quatro bombas de hidrogênio caíram das alturas. Duas delas, de conteúdo altamente explosivo, foram detonadas com o impacto, espalhando radiação sobre uma área de 2 quilômetros quadrados. Uma terceira foi recuperada com segurança; a quarta caiu sobre o Mediterrâneo e foi reavida, intacta, após dois meses de busca.

– Não vim aqui pra falar de incidentes que estão publicamente registrados – disse Connor –, mas na esperança de que você jogue alguma luz sobre aqueles que não estão.

– Eu? Mas o que você espera de um simples deputado de Nebraska?

– Você sabe muito bem.

Grant se recostou na cadeira e afastou os cabelos da testa. Antes de se eleger, havia servido por 30 anos na Força Aérea. Começara a carreira como piloto de bombardeiros e terminara como major-general designado para o SAC. Uma de suas principais atribuições era supervisionar todo o arsenal nuclear aéreo do país, por vezes trabalhando com o NEST, o grupamento de emergência para buscas nucleares, a fim de localizar e resgatar armas nucleares perdidas.

Connor prosseguiu:

– Não há nada que você possa me contar? Prometo que ficará entre nós.

– Claro, alguns incidentes ficaram fora dos registros – disse Grant. – Certa vez, por exemplo, dispensamos o chefe de uma das nossas esquadrilhas por ter permitido que alguns de seus aviões

sobrevoassem o país com armas nucleares a bordo. Mas desde os anos 1970 não perdemos nenhuma bomba. Quanto a isso você pode ficar tranquilo.

– Palavra de escoteiro?

Grant ergueu os três dedos, fazendo o sinal escoteiro.

– Tem minha palavra – disse. – Agora é sua vez, Connor. Desembucha.

Connor serviu-se de um copo d'água. Sentia-se na obrigação de contar algo ao deputado, mas não queria abrir completamente o jogo.

– Fiquei sabendo de uma coisa que anda circulando no mercado negro – começou, cauteloso. – Apenas um boato, fique tranquilo, mas um de meus agentes confia tanto na sua fonte que achou prudente me contar.

– Continue.

– É possível que um míssil de cruzeiro americano esteja à venda.

– De que tipo? Tomahawk? ALCM?

– Dos grandes. Lançamento aéreo. Barbatanas triangulares. O pacote completo.

– Você disse que é um boato. Por acaso seu agente viu esse míssil?

– Existe uma foto circulando por aí. Pode até ser uma foto fabricada.

Grant não parecia abalado com a novidade.

– Se ele de fato existir – disse –, certamente carrega uma ogiva convencional. Eu não ficaria preocupado.

– Então você acha que não é... a outra coisa?

– Uma ogiva nuclear? Está brincando! – Grant riu como se essa hipótese fosse a coisa mais absurda que ouvira em muitos anos e Connor, um grande pateta por considerá-la. – Dificilmente perderíamos um míssil de conteúdo nuclear sem gerar um pandemônio no governo e na imprensa!

– Foi o que pensei – disse Connor. – Ao que parece, é um dos velhos. Mais ou menos de uns 20 anos atrás. Mesmo assim, o

intermediário afirma que se trata de uma arma nuclear.

Grant começou a balançar o pé.

– Ele está blefando. Ninguém neste mundo conseguiria pôr as mãos num ALCM nuclear.

– Fico tranquilo em saber, Joe.

– Onde é mesmo que estão vendendo essa coisa?

– No Paquistão – disse Connor. – Bem na fronteira afegã. Parece que alguém a encontrou nas montanhas. Um lugar muito, muito remoto. Faz anos que está enterrada na neve.

Tão logo ouviu a palavra “Paquistão”, Grant congelou, parou de balançar o pé e ficou pálido.

– Espera aí, Frank. Sua história deu uma guinada muito brusca. Você está dizendo que alguém realmente *tem* esse míssil? Quer dizer, *fisicamente*?

Connor não respondeu de imediato; por alguns segundos ficou observando o gradual empalidecimento das feições atemporais do deputado.

– Não que eu saiba – disse, afinal. – Como falei, há apenas uma foto. Só isso.

– Só uma foto.

– É.

Grant recobrou a cor.

– Puxa. Que história.

– Pois é. Por isso vim aqui. Você pilotava bombardeiros. Costumava voar por aí com seu B-52 carregando essas coisas. É impossível, não é? Ninguém perderia um míssil nuclear e deixaria pra lá.

Grant se inclinou para a frente, o maxilar erguido contra a calúnia sugerida.

– Estamos falando dos Estados Unidos, Frank. Não de um desses vespeiros muçulmanos, ou dessas republiquetas latino-americanas, ou dessas ditaduras africanas em que vocês realizam seu trabalho sujo. Fazemos as coisas do jeito certo.

– Ainda bem. – Connor pousou o copo sobre a mesa, ficou de pé e foi se dirigindo para a porta. – Você tirou um grande peso das minhas costas. Hoje vou dormir bem melhor.

– Ei, Frank – chamou Joe Grant, o sorriso de volta aos lábios. – Você ainda tem contato com esse agente?

– Claro. Por quê?

– Diga-lhe para não acreditar em tudo o que ouve.

19

A **PICAPE TOYOTA PAROU** com um sacolejo sobre a trilha lamacenta.

Sultan Haq lançou as mãos sobre o painel do carro, crispando o rosto por causa das dores que sentia no corpo.

– Droga! – exclamou. – Estive aqui há dois dias. Onde foi parar?

Abriu a porta e saltou, lutando contra os galhos que ameaçavam engolir a picape. Em seguida farejou o ar. Seus olhos imediatamente lacrimejaram por conta do cheiro forte de amônia e fumaça de lenha. Ele estava perto. Saiu do carro, adiantou-se alguns passos e examinou a paisagem à sua frente. A trilha continuava por mais alguns metros, depois dobrava para a direita e sumia floresta adentro. Segundo o GPS portátil, ele estava no lugar certo. No entanto, por mais que olhasse, não via nenhum sinal da cerca de segurança, do barracão de madeira, do telhado de alumínio ou das chaminés que exalavam a fumaça tóxica.

Abrindo caminho pelo matagal, Haq voltou à janela do motorista e socou a buzina três vezes. A menos de 10 metros de distância, uma ramada farfalhou e, como num passe de mágica, desapareceu. Dois homens de Kalashnikov em punho acenaram para que ele avançasse. Haq por fim viu a cerca, os cães de guarda e, atrás deles, a serraria abandonada que agora abrigava uma refinaria para converter ópio puro em pasta de morfina. Acenou para que o carro seguisse em frente e foi caminhando atrás dele.

Imediatamente a cerca se fechou e a ramada voltou a seu lugar. A refinaria estava novamente escondida do mundo exterior.

Um velhinho de túnica preta, muito abatido, fumava seu cachimbo de ópio na empenada varanda do barracão.

– Quanto? – perguntou, nenhum dente na boca, que não passava de um orifício escuro.

– Quinhentos – disse Haq, referindo-se a 500 quilos de ópio puro.

– Fechado.

Sultan Haq ordenou a seus homens que descarregassem a picape e, recostando-se no chassi, esperou que eles levassem uma após outra saca para o interior da refinaria. Em outras circunstâncias, teria ajudado no transporte, mas os ferimentos o impediam. Curativos no pescoço, nos ombros e nos antebraços cobriam queimaduras de terceiro grau produzidas pelas bombas americanas.

Uma semana havia se passado desde o assassinato de seu pai em Tora Bora – sete longos dias durante os quais ele sofrera terrivelmente com as bolhas de sua pele chamuscada. Sete dias durante os quais havia chorado a morte do venerado pai, seu melhor amigo e conselheiro de confiança. Sete dias durante os quais não pensara em outra coisa que não fosse o curandeiro Ransom, sonhando com o dia em que o encontraria novamente para matá-lo. Sabia, contudo, que isso não passava de um sonho. Paciência. Ele teria de se contentar com a punição daqueles que haviam mandado o curandeiro para o Paquistão. Os Estados Unidos pagariam caro pela ousadia.

Haq escalou os degraus da varanda e entrou na refinaria. O primeiro cômodo destinava-se à armazenagem da matéria-prima. Sacos plásticos transparentes, contendo ópio puro, empilhavam-se rente a todas as paredes até as vigas do teto. O refino propriamente dito começava no cômodo seguinte: homens derramavam o ópio, que em seu estado puro lembrava uma pasta de piche, sobre tambores de óleo enferrujados contendo água fervente e cal. Rapidamente o ópio se dissolvia num líquido barrento, os resíduos de papoula e terra se acumulando no fundo. O alcaloide de morfina no ópio reagia com o hidróxido de cálcio para formar na superfície uma casca branca de pasta de morfina. A água era filtrada e a pasta de morfina, separada e levada para o cômodo seguinte, para depois ser reaquecida em novos tambores com amônia concentrada.

À medida que endurecia, a pasta descia ao fundo dos tambores, transformando-se em nacos grandes e escuros de base de morfina. Em seguida essa base era levada para um último cômodo, para ser

dividida em blocos do tamanho de tijolos e depois embrulhada. Agora estava pronta para ser vendida e enviada aos laboratórios de heroína.

A rentabilidade do negócio do ópio era incontestável, refletia Haq enquanto caminhava pelos cômodos escuros, úmidos e malcheirosos. Cada hectare de papoula rendia 20 quilos de ópio puro. O preço de mercado para 1 quilo variava entre 250 e 300 dólares. Quem tivesse apenas 1 hectare para plantar sua papoula receberia pela colheita cerca de 6 mil dólares, uma bela quantia num país em que a renda anual média mal chegava aos 800. Haq e seu clã controlavam mais de 2 mil hectares de terra propícia para o cultivo da papoula. A colheita daquele ano havia rendido mais de 40 mil quilos de ópio puro, que posteriormente renderiam quase 4 mil quilos de pasta de morfina.

Com uma das unhas curvas, Haq rasgou o plástico de um dos tijolos e retirou uma amostra da pasta escura. Bastou aspirar uma única vez para confirmar que a qualidade era excepcional. A dor das queimaduras logo arrefeceu, dando lugar a uma vaga sensação de paz. Haq ficou tentado a aspirar mais uma vez, mas foi vencido pela autodisciplina. Precisava ter cuidado, caso contrário correria o risco de se tornar um viciado como o próprio capataz da refinaria. Não mancharia a memória do pai dessa maneira.

Dividiu o tijolo em quatro partes e guardou uma delas para si. Nos próximos dias precisaria do bálsamo para aplacar as dores e se dedicar exclusivamente aos assuntos de maior importância.

A um canto, uma televisão estava ligada. Diante dela, três viciados sentavam-se no chão, enfeitiçados. Haq se aproximou e disse:

- O que vocês estão vendo?
 - Gângsteres nos Estados Unidos – respondeu um deles.
- Haq recolheu do chão a capa de um DVD.
- *Scarface* – disse. – É bom?
 - Muito. Os americanos gostam de drogas.

Haq voltou os olhos para a TV. Um homem estava acorrentado à vara da cortina de um chuveiro enquanto outro empunhava uma serra elétrica. O ópio que já corria no organismo do Falcão juntou-se à música e às imagens violentas para transportá-lo para outro lugar. Um lugar bem longe dali. Haq agora estava em Guantánamo. Mais precisamente, numa saleta do Camp X-Ray, quente e enfumaçada, fedendo a suor e vômito. A seu redor, um círculo de rostos apreensivos e bem nutridos. Num canto, uma televisão ligada no volume máximo. A mesma cena se repetia na tela: três marinheiros caminhando felizes pelas ruas de Manhattan, cantando e dançando em seus uniformes brancos. O volume alto tinha por objetivo abafar os gritos que estavam por vir.

O interrogatório começou.

– O que você estava fazendo na província de Kunar entre julho e novembro de 2001?

– Vende tapete. Pérsia. Isfahan. Excelente qualidade.

– Não inventa, Mohamed. Você não saberia a diferença entre um bom tapete e um papel higiênico usado.

– Sim, vende tapete em Cabul.

– Então, por que pegamos você a 300 quilômetros de Cabul, junto com 500 soldados comandados por Abdul Haq?

– Abdul Haq? Não conhece. Vende tapete. Viaja. Eu com ele, proteção, só. Não é guerreiro.

– Um cavalo como você? Não é guerreiro?

– Vende tapete, já disse.

– Mentira. Ouvimos dizer que você é filho do homem. Confessa.

– Não. Só vende tapete.

Foi então que cobriram sua cabeça com um capuz, o inclinaram para trás e despejaram a água. Ele não conseguia respirar.

E, quando o capuz foi retirado, lá estava a televisão urrando em seus ouvidos, zombando dele, de sua cultura. Os três marinheiros cantando e dançando alegremente em Nova York.

Ele vira a mesma cena 47 vezes.

Por fim, os homens rosados da CIA acreditaram em sua história. Àquela altura, ele já conhecia a cidade de Nova York como a palma da mão. *The Bronx is up and the Battery down*. E sentia nojo dela.

Haq sentiu a mão de alguém pousar sobre seu ombro e imediatamente apagou da mente as odiosas imagens de seu passado. Virando a cabeça, deparou com o capataz desdentado.

– E então? – perguntou.

– Dois dias pra ficar pronto – respondeu o velho.

Haq olhou para o zigate de tijolos empilhados no centro do cômodo. Calculou que ali havia cerca de 4 mil quilos, embalados, pesados e prontos para o transporte. Com uma boa negociação, talvez ele conseguisse vender o lote por 10 mil dólares o quilo. Quarenta milhões de dólares não fariam jus ao príncipe que de fato ele era. Mas bastariam para o guerreiro que precisava escorraçar os cruzados de seus domínios.

– Então faça o que tem de fazer. Volto depois de amanhã.

20

— **M**AIS OU MENOS A QUE ALTITUDE ELE ESTÁ? — perguntou Emma.

— Seis mil metros — respondeu lorde Balfour.

— E como foi encontrado?

— Um morador da região o avistou.

— Como? — perguntou Emma, irritada. — Ele saiu da cabana e tropeçou num míssil? Você não está falando com um dos seus capachos, Balfour. Preciso de mais detalhes.

Balfour fez menção de se levantar, mas se conteve.

— Ele estava voltando pra casa, vindo do povoado onde seu pai mora, do outro lado do desfiladeiro. Acampou no meio do caminho e viu alguma coisa enquanto buscava neve para derreter. Havia ocorrido uma avalanche e as barbatanas do míssil se projetavam da neve no alto de uma encosta. As pessoas deste país são ignorantes, mas não são burras. Ele sabia que uma coisa daquelas devia valer muito dinheiro. Ao chegar em casa, contou para o irmão. Eles tiraram uma foto do míssil e levaram para o prefeito de Chitral, que é meu amigo e sabia que eu ficaria interessado.

— Agora está melhor — disse Emma.

— Sugiro que você controle sua língua.

— Sugiro que você responda adequadamente às minhas perguntas.

Era o meio da tarde. O dia estava claro e quente e o ar, seco como um osso: um típico dia de fim de outono no norte do Paquistão. No escritório de Balfour, sentada numa poltrona de couro de espaldar alto, Emma tomava uma xícara de *darjeeling* para se manter acordada; tinha a seu lado um frasco de Vicodin para as dores no corpo. Balfour dispunha de outros remédios, mais potentes, caso ela precisasse. Se as armas eram sua maior paixão, os narcóticos vinham logo em seguida.

Não era à toa que sua propriedade se chamava Blenheim. Tapetes persas cobriam o piso de parquet; mesas no estilo Regência e tapeçarias Gobelin se espalhavam por toda parte; lambris de nogueira cobriam as paredes; longínquos ancestrais (não de Balfour, claro) figuravam em pinturas de tamanho natural, fazendo-se passar por um Sargent ou um Gainsborough. Sempre que olhava pela janela, Emma esperava avistar as chuvosas colinas de Oxfordshire. Em vez disso, deparava com o extraordinário perfil violeta das montanhas do Hindu Kush.

– Então... – prosseguiu Emma. – Alguém mais sabe da existência desse míssil?

Balfour fez que não com a cabeça.

– Tem certeza?

– Estamos no Paquistão. “Certeza” não faz parte do nosso vocabulário. Nos contentamos com “provavelmente” e esperamos pelo melhor.

Emma se levantou.

– Preciso ver as outras fotos – disse.

Balfour dispôs sobre a mesa uma série de fotos 12x8 coloridas. Elas mostravam o míssil de diversos ângulos, já completamente à vista sobre a neve.

– Seis quatro sete alfa hotel bravo. – Emma leu o número de identificação pintado na barriga do míssil. – Sabe o que é isso?

– Um míssil de cruzeiro de lançamento aéreo fabricado pela Boeing por volta de 1980. Armas são a minha especialidade.

– Estou falando deste número. – Ela apontou para uma foto em que o número era mais visível. – E da designação “alfa hotel bravo”.

Balfour tomou um gole do chá em sua xícara Wedgwood.

– É a designação que os americanos dão para uma arma nuclear – explicou, encarando Emma. – Isso preocupa você?

– Por que preocuparia? Armas são minha especialidade também.

Balfour jogou a cabeça para trás e deu sua gargalhada teatral.

– Eu sabia que o melhor seria procurá-la! Você e eu formamos uma dupla perfeita!

– Você acha mesmo? – disse Emma, sarcástica.

Ela chegou a esboçar um sorriso, sentindo pelo indiano algo próximo a simpatia. Nunca na vida ficara tão feliz por ver alguém como ao encontrá-lo, pouco mais de uma semana antes.

Depois de ser torturada pelo príncipe Rashid, ela havia passado horas no deserto, abandonada, o corpo e o espírito sangrando. Doíam-lhe não só os ferimentos, que não eram poucos, mas também as circunstâncias da traição que sofrera. As palavras de Rashid ecoavam em sua cabeça: “Para quem você trabalha? Para a CIA? Para o Pentágono?” Aquilo só podia ser coisa de Connor. Foi a raiva que ardia em seu peito que lhe dera forças para ficar de pé e resistir à impossibilidade da situação. Ela não havia sacrificado tanto para morrer sozinha em terras estrangeiras. Aquilo não estava certo. Não depois de tudo o que ela fizera. Não para uma mulher em sua condição. Emma mal dera 50 passos quando Balfour chegou. E não sabia se seria capaz de dar mais um passo sequer.

Balfour a levava para o Paquistão a bordo de um de seus jatos, depois providenciara para que ela recebesse os cuidados médicos necessários e descansasse. Emma, no entanto, sabia que tudo aquilo teria um preço.

– Por que você confia em mim? – perguntara ao se sentir bem o bastante para indagar por que ele fora atrás dela.

– Porque você é como eu – respondera Balfour. – Não tem ninguém a quem recorrer.

– O que faz você ter tanta certeza disso? – insistira Emma, uma rebelde, apesar das costelas quebradas, das queimaduras de segundo grau e dos terríveis arranhões nos quadris, nas costas e nos ombros.

– Graças ao príncipe Rashid, os russos agora sabem do seu jogo duplo. Você não pode voltar pra lá. E é óbvio que os americanos também não a querem de volta.

– Como você sabe?

Balfour se inclinara e estava tão próximo dela que Emma agora podia sentir seu hálito de menta e notar os cílios compridos que faziam os olhos cintilarem.

– Os cartuchos, minha cara. Rashid contou que alguém o havia alertado.

– Quem?

– Que diferença isso faz? – Para Emma, essa resposta evasiva era prova suficiente de que ele sabia mais do que estava disposto a revelar. – Alguém muito próximo a você quer vê-la morta. Você não pode voltar pra casa.

– Não se preocupe comigo – respondera ela, virando o rosto de modo que ele não pudesse ver a mágoa em seus olhos. – Posso cuidar de mim mesma.

– Claro que pode. Mas antes preciso de sua ajuda.

Emma não dissera nada. Tinha a opção de recusar a proposta, mas Balfour poderia matá-la ou, com a mesma facilidade, deixá-la partir. No fim das contas, tudo se resumia às ações. Balfour salvara sua vida. Pouco importava que tivesse em mente os próprios interesses. Ela estava em dívida com ele. Só mais tarde começaria a arquitetar seu próprio plano.

Então, expulsando essas lembranças de sua mente e voltando ao presente, pediu:

– Me dê um mapa.

Balfour a conduziu até o centro do escritório, onde, sobre uma mesa redonda, havia um detalhado mapa topográfico. Por uma hora eles discutiram a logística da operação: homens, equipamento, timing. E durante todo esse tempo Emma pôde notar que seu anfitrião não tirava os olhos dela, sempre medindo, avaliando, calculando. Sabia que ele estava em apuros, mas agora percebia certa impaciência que antes não estava lá, um desespero que eletrizava todos os passos dele.

Emma tinha mais perguntas. Para quem ele pretendia vender o tal míssil? Quanto esperava receber? Onde se daria a transferência? Mas essas eram perguntas de uma agente secreta e ela era calejada o bastante para não fazê-las.

Lembrou-se do parceiro de Rashid, aquela figura sombria, de túnica, que se mantivera distante dos demais. Só agora ela se dava

conta de que tanto isolamento era para evitar não que ele bisbilhotasse a transação de Rashid, e sim que Emma e talvez até Balfour se aproximassem dele e acabassem descobrindo sua identidade.

– Quando você acha que poderá subir até lá? – perguntou Balfour, mal conseguindo manter os sapatos de couro de avestruz no mesmo lugar.

– Quando você quer que eu vá?

– Em dois dias. – Parecia mais uma ordem do que um pedido.

– Tudo bem – disse Emma, que, no fundo, não tinha certeza de que seu corpo machucado já poderia enfrentar aquela escalada. – Dois dias.

Foi então que ela percebeu a real gravidade dos problemas de Balfour.

Recuperar o míssil seria fundamental.

Para ele e para ela.

21

— **A PRIMEIRA COISA QUE VOCÊ PRECISA** aprender é como se deslocar sem ser seguido. Isso requer duas habilidades: saber localizar o seguidor e saber despistá-lo.

Eram 10 horas da manhã seguinte à chegada de Jonathan a Israel. Ele e Danni estavam no centro comercial de Tel Aviv, bem na esquina das ruas Ramat Gan e Ben Gurion. Além dos carros, pedestres se acotovelavam nas calçadas com uma pressa aparentemente inexplicável. O barulho era tanto que Jonathan precisava se inclinar para ouvir o que sua instrutora dizia.

— Vamos começar com um exercício simples — prosseguiu ela. — Quero que você atravesse a rua, continue andando até a metade do quarteirão e depois atravesse de novo, na diagonal, na direção contrária à do trânsito. Quando chegar ao outro lado da rua, continue andando na mesma direção até alcançar o sinal. Encontro você lá.

Jonathan avaliou o itinerário.

— Isso não dá nem 200 metros.

— É o suficiente — disse Danni, que já havia trocado o uniforme de camareira por calças jeans, uma regata branca e óculos escuros de grife. — Quatro pessoas vão seguir você. Todas estão bem à vista neste exato momento. Dê uma olhada ao redor e procure se familiarizar com o rosto dos pedestres.

Jonathan se afastou até encontrar um ponto do qual tivesse uma boa visão dos dois lados da rua.

— O que você está fazendo? — berrou Danni, puxando-o pelo braço.

— O que você mandou. Olhando as pessoas.

— E deixando que todos percebam. Parece um rapazinho virgem numa boate de striptease: os olhos só faltam saltar das órbitas.

Preste atenção no que vou fazer.

Danni caminhou casualmente até a esquina e parou ao lado de uma senhora rechonchuda que carregava suas compras em duas sacolas de palha. Disse-lhe algo e voltou os olhos para o cruzamento, parando apenas para coçar a cabeça. O sinal ficou verde para os pedestres, que atravessaram a rua.

– É assim que se faz – disse Danni, novamente ao lado de Jonathan.

– Faz o quê? Você não olhou pra nada, a não ser pra senhora e pro chão à sua frente.

– Exatamente. – Encarando Jonathan, ela emendou: – Do outro lado da rua está um homem de jeans e camisa vermelha ao lado da barraquinha de kebab. Outro, perto dele, está esperando pra atravessar: terno escuro, óculos de sol, cabelos curtos, não para de olhar pro relógio. Na nossa diagonal estão duas adolescentes, de 15 ou 16 anos, examinando a mesma arara de camisetas desde que chegamos aqui.

Danni prosseguiu, identificando homens e mulheres tanto parados quanto em movimento. Jonathan olhava para cada um deles, abismado com a memória fotográfica de sua instrutora.

– Quem são os que irão me seguir? – perguntou.

– A questão não é essa. Estou dizendo que você precisa observar sem olhar. Mantenha a cabeça parada e mova apenas os olhos. Aproveite as vitrines das lojas, os reflexos nas janelas dos carros. Use os movimentos naturais como pretexto pra olhar. Pare pra amarrar os sapatos, por exemplo. Está tudo ligado à visão periférica, à percepção. Esvazie a mente. Aguce o ouvido. Sinta o ambiente à sua volta.

– Achei que isto aqui fosse Israel, não o Japão. Estou quase tendo um momento zen.

– Se é assim que você prefere chamar, tudo bem. Afie os sentidos. Do jeito que estão agora, eles não cortariam nem manteiga.

– Mas como afiar o que quer que seja em meio a essa zoeira toda, onde você não pode se mexer sem esbarrar em alguém?

Como para ilustrar o que ele acabara de dizer, um carro de polícia passou voando pela rua, a sirene berrando. Jonathan recuou do meio-fio. Imediatamente notou que fora o único a fazê-lo.

– Agora pode ir – disse Danni, de braços cruzados. – Faça o caminho que determinei. Cem metros. Sua missão é identificar as quatro pessoas que estão seguindo você. E procure não se fazer notar.

O sinal voltou a ficar verde para os pedestres. Todos ao redor de Jonathan deixaram a calçada, menos ele próprio, que se atrasou um ou dois passos. “Quatro pessoas me seguindo”, pensou. Ameaçou girar a cabeça, mas se deteve a tempo. “Mova apenas os olhos.” Olhando de esguelha, viu que as garotas antes paradas junto à arara de camisetas agora também seguiam em frente. O executivo de terno ainda estava lá, falando ao celular. Jonathan notou uma mulher grávida e um rapaz com boné dos Lakers. Talvez fizessem parte do grupo. Danni sem dúvida esperava que ele não fosse desconfiar de alguém com o boné de um time de basquete americano. A tempo de evitar uma colisão com os dois judeus que vinham na direção contrária, subiu à calçada oposta e se deu conta de que estava espichando o pescoço.

O tráfego de pedestres agora era mais lento. Com os ombros curvados e passadas firmes, Jonathan seguiu abrindo caminho entre eles. Já havia perdido de vista as duas adolescentes, assim como o executivo. Nenhum rosto familiar por perto. Atordoadado, desistiu de localizar seus seguidores e preferiu concentrar sua atenção no caminho, para não esbarrar em ninguém. Quando chegou à metade do quarteirão, aproximou-se do meio-fio e, assim que os carros permitiram, atravessou a rua.

O outro lado estava mais vazio. Ele já havia se ajoelhado para amarrar os sapatos quando percebeu que seus mocassins não tinham cadarços. Decidiu fingir, mas, ao olhar ao redor, não viu mais que joelhos, sapatos e homens barrigudos, próximos demais

para seu gosto. Então ficou de pé e seguiu para a extremidade do quarteirão.

Diante de uma loja de celulares, parou para examinar os produtos na vitrine, esperando que o vidro refletisse algum dos comparsas de Danni. Mas o sol estava forte demais e Jonathan viu apenas um reflexo muito brilhante. Seguiu adiante e, com mais 10 passos, chegou à esquina. Parado ao lado do sinal, estudou o rosto das pessoas que passavam por ele. Nada. Ninguém familiar.

– Então? Quem são eles?

Assustado, Jonathan se virou e deparou com Danni às suas costas.

– Como foi que você... – começou. – Quando foi... Ah, deixa pra lá.

– Fácil demais, não foi? – prosseguiu ela. – Mais fácil que isso, só se eles estivessem carregando uma placa.

Jonathan deu uma última olhada pela rua.

– Foi uma pegadinha, não foi? Não tinha ninguém me seguindo. Danni apertou as pálpebras.

– Ninguém?

Jonathan desviou o olhar, mais envergonhado do que estava disposto a admitir.

– Lamento – desculpou-se.

– Está bem, então. Vou lhe mostrar. – Danni apontou para uma loura à porta de uma loja de discos. Segundos depois, outra mulher se aproximou. Havia algo vagamente familiar nas duas. Ambas tiraram a jaqueta que estavam usando, uma soltou os cabelos e só então Jonathan viu que eram as adolescentes da loja de camisetas. Em seguida, Danni apontou para um homem esbelto com um casaco de moletom e um boné de piloto de corrida. Ele retirou o boné, virou o casaco pelo avesso e Jonathan se viu diante do inquieto executivo.

– Cheguei a apontá-los antes de você sair – disse Danni. – Ajuda maior, impossível.

– Mas eles trocaram de roupa.

– Coisa de rotina. As meninas vestiram uma jaqueta e prenderam o cabelo. Se olhar direito, você vai ver que elas não trocaram nem as calças nem os sapatos.

Jonathan notou que a primeira estava de short amarelo e tênis Nike; a segunda, de calça capri e sandálias rasteiras. Não havia prestado atenção às roupas delas. Apenas ao rosto.

– O que você tem de fazer é localizar as peças que não mudaram. Não olhe pro rosto. Rostos mudam. Olhe pros sapatos, cintos ou qualquer outra coisa que chame sua atenção.

– E a quarta pessoa, quem é?

– Eu. Estava atrás de você esse tempo todo.

– Impossível.

– Num raio de 3 metros, desde o início. E nem troquei de roupa.

– Mas...

Danni conferiu as horas no relógio.

– Vamos tentar de novo.

22

FRANK CONNOR OUVIU A PORTA da cozinha bater e passos vigorosos subirem a escada. A porta do quarto estava aberta e o deputado Joseph Tecumseh Grant entrou. Usava um short de ginástica, um moletom de capuz e, sob o braço, trazia uma bola de basquete. Assim como boa parte dos membros do Congresso, era um atleta de vocação tardia.

– Frank... Que diabos você está...

– Por que você mentiu pra mim, Joe?

Grant largou a bola e fechou a porta do quarto. A modesta casa era uma das muitas de igual arquitetura da quadra 300 da rua C de Washington. Tinha vista para o Capitólio e hospedava na capital outros três congressistas além de Grant.

– Não posso permitir sua presença aqui – disse o deputado. – O que faz você pensar que pode...

– Sente-se e cale a boca.

– Conheço muito bem você e sua corja de “agentes”. Matadores profissionais, isso sim. Um bando de assassinos.

– Já chega, Joe.

– Está tentando me intimidar? – Grant avançou com o dedo em riste na direção de Connor. – Porque, se estiver, não está funcionando.

– Intimidação não é do meu feitio, Joe. Se fosse, a esta altura você estaria num beco qualquer com essa bola de basquete enfiada no rabo. Resultados. Isso é do meu feitio.

– Teve os resultados que queria ontem. Respondi a todas as suas perguntas sem hesitar. Agora, se você não se importar, saia daqui.

Connor não mexeu um músculo. Estava sentado na cadeira giratória de Grant, tão impassível quanto um Buda.

– O negócio é o seguinte, Joe: sei que você mentiu pra mim. No seu lugar, eu também teria mentido. O problema é que não tenho tempo pra toda essa burocracia oficial da Força Aérea. Tudo o que lhe disse ontem sobre o míssil está acontecendo agora. Você e eu sabemos que ninguém jamais admitiria ter perdido um míssil por aí, a menos que eu levasse a coisa pessoalmente até o Pentágono e a jogasse sobre a mesa do chefe do Estado-Maior.

– Não faço a menor ideia do que você está falando – protestou Grant. – Nunca perdemos míssil nenhum. Eu lhe disse a verdade. Palavra de...

– Escoteiro – completou Connor. – Já ouvi isso antes. – Sério, ele retirou do paletó um envelope pardo e o deixou sobre a mesinha de cabeceira. Em seguida, ordenou: – Abra.

Grant foi até a mesa, pegou o envelope e arregalou os olhos ao ler o nome do famoso jornalista a quem ele estava endereçado. O envelope não estava lacrado, portanto retirou seu conteúdo com facilidade. Primeiro, examinou as fotografias, passando da perplexidade à irritação e, depois, ao constrangimento. Connor já vira isso antes. Em seguida, leu a transcrição das ligações de celular interceptadas e então desabou. Ergueu os olhos para Connor e, furioso, começou a derrubar os livros das prateleiras. Connor também já vira isso.

– Onde está a câmera, seu filho da puta? Onde foi que você a escondeu?

– Não perca seu tempo – disse Connor. – Não vai encontrar nada. Não deixamos nossas câmeras por aí.

Grant parou.

– Foi ela, não foi? Ela também trabalha pra você, não trabalha?

– Como eu disse ontem, Joe, não sou tão inteligente assim. Ela realmente é uma estudante de 14 anos.

Grant se abaixou para novamente guardar as fotos e os papéis no envelope.

– Esta é a única cópia? – perguntou.

– Claro que não.

– Por quê?

– Poder de persuasão. Não vou negar que gostei de dar o troco aos ilustres membros do Congresso. Mas, na verdade, é tudo uma questão de eficiência. Preciso fazer meu trabalho sem que vocês interfiram.

Uma ideia terrível ocorreu a Grant, que ficou com um ar ainda mais sombrio.

– Vocês não fazem isso com todo mundo, fazem?

– Claro que não – disse Connor. – Não temos recursos. Além do mais, nem todo mundo preside o subcomitê que supervisiona minhas atividades. Os demais comitês não têm nada com que se preocupar.

Grant começou a perambular pelo quarto, vez ou outra olhando para Connor e balançando a cabeça.

– Santo Deus, Frank, você passou dos limites.

– Só estou colhendo informações, Joe. Acho que agora é com você.

– Já se passaram 25 anos.

– Até onde sei, o urânio tem uma meia-vida bem superior a 25 anos.

– Frank, não posso simplesmente...

– Estou esperando.

Grant desabou numa cadeira como se seus ossos fossem de chumbo.

– Você sabe o que é uma “missão espelho”?

– Não consta do meu vocabulário.

– Nos velhos tempos, quando a Rússia ainda era a vilã da história, costumávamos mandar aviões em missões de busca que espelhavam os planos de voo que seguiríamos no caso de um acidente nuclear. Foi nessa época que tudo aconteceu. Uma das nossas aeronaves B-52 sofreu uma pane incontornável e caiu, carregando dois mísseis nucleares. Como o plano de voo era confidencial, não tínhamos como montar uma operação de busca. Também havia o fator constrangimento. Ninguém iria admitir a

perda daqueles mísseis antes de recuperá-los. O desastre não poderia ter sido maior.

– Então vocês simplesmente deram o assunto por encerrado?

– Os dados de rastreamento mostravam que uma das ogivas havia sido inutilizada com o impacto. Portanto, só precisávamos nos preocupar com a outra. Tínhamos uma boa ideia de onde o avião caíra. Isso aconteceu em 1984, não se esqueça. Ainda não havia os sistemas de GPS atuais. Conseguimos reduzir a localização do acidente a um perímetro de 100 milhas quadradas. O problema era a topografia. Naquela altura, 100 ou 1.000 milhas quadradas dão mais ou menos no mesmo. Durante três anos mandamos equipes pra lá. Uma façanha e tanto, levando-se em conta que é impossível passar despercebido naquelas bandas. Em lugares tão ermos, mesmo uma pessoa sozinha se faz notar. Não dava pra subir até lá na calada da noite e pegar a porcaria do míssil de volta. Estamos falando das montanhas mais altas do mundo.

– E os satélites?

– Pra reposicionar um dos nossos satélites no espaço seria necessária uma ordem do Congresso. Não dava pra simplesmente apertar um botão e sumir com as evidências. Pelo menos não naquela época. Ninguém queria tornar isso público. Em última análise, éramos todos cegos.

– Ninguém achou nada?

Grant fez que não com a cabeça.

– Achar o avião já foi um milagre. Explodimos todas as peças que encontramos. Havia alguns equipamentos secretos a bordo e precisávamos apagar nossos rastros. Mas jamais encontramos um único caco daquela segunda bomba. Depois de um tempo, ninguém se lembrava dela. Era o mesmo que ter perdido uma bomba na fossa das Marianas. Afinal, se a gente não conseguia encontrá-la, quem mais conseguiria?

Connor digeriu as informações sem demonstrar qualquer emoção. Já testemunhara muita incompetência ao longo dos anos. Estava acostumado às prevaricações, aos pretextos, a todo tipo de artifício que os burocratas geralmente usam para ocultar seus erros.

– De que tamanho, Joe?

– Juro que tentamos – desconversou Grant. – Fizemos tudo o que estava ao nosso alcance. Você, mais do que ninguém, deveria saber que certas coisas têm de permanecer debaixo dos panos.

– De que tamanho é essa bomba?

– O inimigo era a Rússia. De que tamanho poderia ser?

– Estou esperando, deputado.

– Cento e cinquenta.

– Cento e cinquenta o quê?

– Quilotons. A maior que podíamos colocar dentro de um míssil guiado.

– Quantos quilotons tinha a de Hiroshima?

– Dez.

Connor mantinha os olhos sérios fixados em Grant.

– Ninguém vai encontrá-la – suplicou Grant. – Está a mais de 22 mil pés de altitude, a 200 quilômetros da cidade mais próxima. Pesa mais de uma tonelada. Esquece o assunto, Frank. Está me ouvindo? Aquela bomba deve estar no fundo de algum buraco pré-histórico. Ninguém vai encontrá-la. É impossível.

O GRUPO ERA FORMADO POR OITO PESSOAS: o piloto do helicóptero, um paquistanês alto e magro que atuava em missões de resgate no Hindu Kush havia 40 anos; o guia, o agricultor local que havia encontrado o míssil e conhecia a trilha como a palma de sua mão; dois físicos nucleares, veteranos da equipe de Abdul Qadeer Khan; três carregadores; e Emma.

Ela era a líder ou, nas palavras de lorde Balfour, “sua embaixadora pessoal, encarregada de manter os demais na linha e focados no trabalho”. Mas não seria tola de confiar naquela delegação de autoridade: levava consigo uma submetralhadora Uzi, só por garantia.

Eram 11 horas da manhã e ela havia reunido os homens no campo de pouso de Chitral. O lugar ficava a 2.600 metros de altitude, 400 quilômetros a nordeste de Islamabad, tão perto da fronteira afegã que uma pedra jogada para o alto poderia muito bem cair do outro lado. Bem, isso se fosse possível uma pedra ultrapassar os gigantescos picos que confinavam a paupérrima aldeia montanhosa. De costas para o vento gelado que soprava do norte, Emma agora confabulava com o piloto e o guia sobre a pista, estudando o mapa topográfico da região.

– Míssil aqui – disse o guia em seu inglês rudimentar, mas com pronúncia perfeita. Apontava para um ponto próximo ao cume de Tirich Mir, marcado com caneta vermelha.

– É muito alto – disse Emma. – Sete mil metros.

– Não preocupar, madame – retrucou o homem. – Míssil não está 7 mil metro. Ter avalanche. Talvez descer montanha. Talvez 6 mil metro. Não mais.

Emma refletiu por um instante. Isso ainda era muito alto. Com pouco tempo para se aclimatar, todos no grupo precisariam de oxigênio.

– Tem certeza de que pode encontrá-lo de novo?

– Meu irmão lá agora. Lorde Balfour paga.

Emma voltou-se para o piloto.

– Até que altura você pode levar o helicóptero?

– Quinhentos metros.

– Só? Não dá pra subir mais um pouco?

– Não com este helicóptero. O ar é rarefeito nessa altitude. É difícil manter a sustentação. Mais alto que isso, só com um helicóptero militar. Sinto muito.

– Algum lugar pra pousar lá em cima?

– Não existe pista, se é o que quer saber. Ninguém mora nesse fim de mundo. Sugiro que façamos um voo de reconhecimento pra ver se há algum lugar decente pra pousar. Será que podemos trocar uma palavrinha em particular?

– Claro – disse Emma e pediu ao guia que lhes desse licença.

Contrafeito, o homem se afastou alguns passos. O piloto olhou para o alto e estudou a fina camada de cúmulos.

– Uma frente está a caminho – disse. – Se você acha que está ventando muito aqui, espere até chegar lá em cima. Pode se preparar para um vendaval. Acho melhor adiarmos esta expedição.

Uma frente significava neve. Àquela época do ano, uma nevasca mais volumosa manteria o míssil soterrado até que a neve voltasse a derreter em maio ou junho do ano seguinte. Emma não poderia permitir que isso acontecesse.

– Vamos dar um jeito – disse ela. – Termine de abastecer e vamos partir.

– Então nós ir ? – perguntou o guia, que entreouvira toda a conversa.

– Nós ir – repetiu Emma.

O guia abriu um largo sorriso e começou a distribuir ordens para os carregadores e físicos, para que embarcassem no helicóptero. Emma não sorria, embora tivesse motivos igualmente fortes para chegar ao topo daquela montanha: sua própria vida dependia disso. Ligou para Balfour e informou que eles decolariam tão logo

terminasse o abastecimento; dali em diante, todas as comunicações seriam feitas pelo rádio.

O helicóptero levantou voo, debatendo-se com o vento. Acomodada no banco do copiloto, Emma agora via do alto o povoado de Chitral, um labirinto de muros de barro e casinhas decrépitas, salpicado com centenas de bandeiras de oração coloridas. De um segundo a outro o helicóptero deu uma guinada para a esquerda, deixando para trás o platô e avançando rumo aos picos da cordilheira, que mais lembravam os dentes de um gigantesco tubarão.

O guia e os físicos se apertavam no banco traseiro, aterrorizados. Os carregadores se misturavam à bagagem no compartimento de carga. Emma admirava a imensidão de picos e vales que se estendia à sua frente. O vento havia abrandado um pouco e Emma tinha a impressão de que flutuava diretamente para as presas de uma besta enorme e branca. O altímetro ainda marcava 4 mil metros, mas as montanhas já avultavam na paisagem. As amplas encostas ameaçavam roçar os patins do helicóptero, tão próximas que Emma achava que seria possível esticar o braço para fora e passar os dedos pela neve.

Ela interrompeu o estado contemplativo em que se encontrava para lembrar a si mesma da importância de sua missão. Raras vezes precisava fazê-lo. Seu forte era justamente a capacidade de foco. Portanto, admitiu sem rodeios que nos últimos dias, semanas talvez, vinha cedendo de forma perigosa aos devaneios. E agora, em meio àquelas montanhas que pareciam querer engoli-la, sentia ainda mais o apelo deles, como que atraída pelo canto de uma sereia.

Só uma pessoa gostava das montanhas mais do que ela.

– O nome dele é Ransom. É cirurgião. Talvez seja a pessoa mais indicada pra executar o disfarce de que você precisa.

A fotografia mostrava um homem alto e esguio, usando jeans, um casaco pesado e uma mochila nas costas. Cabelos escuros com alguns fios brancos, nariz adunco, lábios cheios e olhos tão negros que ela se viu obrigada a olhar duas vezes.

– Meio intenso, não acha? – disse Emma, pousando a foto na mesa. – Parece mais um estudante que um médico.

– Está terminando a residência em cirurgia plástica em Oxford. Ao que tudo indica, é muito competente. Tem recebido propostas de toda parte, tanto na Inglaterra quanto nos Estados Unidos.

– É um dos nossos?

– Santo Deus, não! – disse John Austen, o general de duas estrelas da Força Aérea que havia comandado a Divisão muitos anos antes. – E não queremos que seja. Ele acabou de ingressar nos Médicos Sem Fronteiras.

Emma examinou a foto outra vez.

– Um benfeitor? – perguntou com ceticismo.

– Como todos nós. – Austen abriu uma pasta de arquivo sobre sua mesa. – Queremos que você vá para a Nigéria. O vice-primeiro-ministro não está querendo colaborar. Tem alardeado por aí que pretende cancelar alguns contratos com nossos amigos de Houston. Acha que seu país é perfeitamente capaz de extrair o próprio petróleo e comercializá-lo.

– E você quer que eu o convença do contrário?

– Isso mesmo. Ou que o mate – respondeu Austen.

– O general não está falando sério! – interveio o outro homem que estava na sala, mais velho e mais gordo que Austen. Usava camisa de mangas curtas e suava sem parar. Emma se lembrava do nome dele: Frank Connor. – Faz tempo que o vice-primeiro-ministro se beneficia das finanças públicas. Queremos que você consiga provas disso e, na hora certa, lembre a ele de que lado realmente estão seus interesses.

– E, se ele não mudar de ideia, passo as informações para o primeiro-ministro – concluiu Emma –, que vai enforcá-lo com as

cordas de um piano e depois cortar as bolas dele com uma faca enferrujada.

Connor franziu a testa.

– Uma imagem precisa e bastante persuasiva – disse.

– Ainda acho que devemos matá-lo – disse Austen. – Mas vou ceder à vontade de Frank, já que a operação é dele.

Connor prosseguiu:

– Vamos colocar você nos Médicos Sem Fronteiras um mês antes de Ransom, numa posição administrativa que conseguimos arrumar. Basicamente, você vai gerenciar todo o circo. Não se preocupe, terá algumas semanas pra ficar a par de tudo. Aproxime-se de Ransom, depois providenciaremos a transferência dele para Lagos. A missão em Lagos conta apenas com voluntários locais. Ninguém irá desconfiar de um médico e sua leal assistente.

Emma não gostava da África. Era quente e úmida demais, sem falar nos insetos bizarros que rastejavam por toda parte.

– Por quanto tempo?

– No total? Primeiro, dois meses na Libéria. Depois cabe a você decidir o tempo de que precisará na Nigéria. Na melhor das hipóteses, seis meses.

– E depois disso?

– O de sempre. Você se desliga do médico e nós a tiramos de lá. Vá pra uma praia qualquer, descanse dois meses se quiser.

Emma voltou a examinar a foto, mas dessa vez sentiu um calafrio percorrer seu corpo. Ransom era um homem bonito, claro. Mas algo nele a perturbava: os olhos. Como ela, Ransom parecia convicto de seus ideais. Por isso mesmo era perigoso. Imediatamente ela disse a si mesma que precisaria ter cuidado. Seis meses eram um tempo longo demais.

– Onde vocês o encontraram?

Austen tomou a foto de volta e a guardou na pasta.

– Não é da sua conta.

O helicóptero pousou num platô rochoso a 4.500 metros de altitude. Emma golpeou a porta com o ombro e saltou. O frio era acachapante. A leste, um tapete de cúmulos cercava o cume do Tirich Mir. Durante o voo de uma hora, o céu havia escurecido. Mau tempo à vista.

Emma tirou seu GPS Magellan da mochila. O aparelho mostrava uma distância de 22 quilômetros até a bomba, mas não levava em conta os 1.500 metros de subida, tampouco a ausência de uma trilha bem delineada e, o pior de tudo, a rarefação do ar. Se estivesse sozinha, ela talvez levasse seis horas para fazer o percurso. Olhou para os três homens que descarregavam o equipamento. Cada um deles levaria nos ombros 40 quilos de carga. Não teriam nenhum problema. Perto deles, os dois físicos agitavam os braços para se aquecer. O primeiro deu alguns passos à frente, inclinou o tronco e apoiou as mãos nos joelhos. Estes, sim, teriam dificuldades.

Emma se aproximou do guia e disse:

– Dê um pouco de oxigênio àqueles dois. E mande os carregadores se apressarem. Partiremos em 20 minutos.

Em seguida voltou a atenção para o céu que escurecia a olhos vistos.

Teriam problemas.

24

— **V**OCÊ TERÁ 30 SEGUNDOS PRA ENTRAR num quarto e memorizar tudo o que vir por lá – disse Danni.

– Tipo o quê? A cor das cortinas? O tipo de colcha? Não entendi.

– Isso e muito mais. Como o tipo de escrivaninha e sua localização. As gavetas têm chave? O que há nas prateleiras? Como as janelas se abrem? Elas têm alarme? Qualquer coisa que a sua intuição julgar importante.

Jonathan estava ao lado de Danni, diante dos degraus de entrada de um casarão muito antigo nas colinas de Herzliya. Já passava das duas da tarde. A cor anil da manhã dera lugar a nuvens cinzentas e pesadas. A temperatura havia caído 10 graus, e gotas de chuva começavam a atingi-los no rosto. Jonathan preparou-se mentalmente para o novo exercício. De olhos fechados, esforçou-se para afastar os pensamentos e deixar a mente livre a fim de captar tudo o que veria dali a pouco. Respirou fundo, dizendo a si mesmo para manter a calma, mas durante todo esse tempo uma voz interior berrava: “Você precisa melhorar!”

O treinamento da manhã havia sido um desastre. Danni o obrigara a repetir o exercício outras cinco vezes com novos itinerários e o mesmo objetivo: identificar os quatro seguidores. Jonathan fracassara em todas elas. Seus sentidos eram tão afiados quanto arenito.

Danni abriu a porta e o conduziu até um hall de pé-direito alto, piso cimentado e paredes descascadas. Eles subiram uma escada e pararam diante da primeira porta à direita.

– Trinta segundos – lembrou-lhe Danni.

Jonathan abriu a porta e entrou.

O quarto estava totalmente escuro.

Aflito, ele correu os dedos pela parede até encontrar o interruptor. A questão era: acender ou não a luz? Claro que sim, de outro modo, que sentido teria o exercício? Ele acionou o interruptor e uma lâmpada nua, pendurada a um fio, derramou uma luz fraca sobre o quarto. E agora? Andar ou ficar parado? Ele deu um passo e as tábuas do assoalho rangeram alto o bastante para serem ouvidas na Síria. Havia uma cama king size com uma colcha puída e quatro almofadas imundas. Vários livros se empilhavam sobre as duas mesinhas de cabeceira. Um sofá de chintz ocupava o canto da direita e um espelho grande, o da esquerda. Jonathan deu mais um passo e ouviu o maldito assoalho ranger novamente, ainda mais alto. Se estivesse sendo avaliado em termos de discrição, já teria sido reprovado. Por algum motivo, viu-se olhando para as cortinas, que eram roxas com bolas verdes. Encostada a uma das paredes havia uma imponente escrivaninha cujas pernas eram esculpidas na forma de patas de leão. Tentou ver se havia fechaduras nas gavetas, mas a luz era fraca demais e o assoalho barulhento o impedia de se aproximar. Até então ele não vira nada que pudesse interessar a um espião.

Frustrado, mandou o assoalho às favas e decidiu caminhar pelo quarto. Foi até a escrivaninha, tentou abrir as gavetas, mas todas estavam trancadas. Ali havia uma televisão sobre a qual estava uma pilha de papéis; ao lado dela, um ventilador. Mais adiante, um armário de porta aberta abrigava um cofre sobre o qual se viam mais papéis. Jonathan já ia pegando um deles para ler quando foi empurrado bruscamente para dentro e caiu no chão. Virou-se a tempo de ver Danni fechando a porta.

- Mandei você observar – disse ela. – Não mandei tocar em nada.
- Como você chegou até aqui sem fazer o assoalho ranger?
- Não interessa. O que você viu?

No interior do armário não se via absolutamente nada. Jonathan encolheu os joelhos contra o peito e apresentou seu relatório.

- Uma cama king size, algumas almofadas sujas, uma escrivaninha de gavetas trancadas e uma pilha de papéis sobre o cofre.

– E os diamantes?
– Que diamantes?
– E o Kalashnikov?
– Está brincando.
– Você não viu o terrorista escondido atrás daquelas cortinas horrorosas?

– Danni, me tira daqui.
– Tudo bem, não havia terrorista nenhum. Mas você não notou nada ao lado da cama?

Jonathan visualizou as mesinhas de cabeceira. Viu duas pilhas de livros, três em uma, quatro na outra. Havia mais. Um par de óculos. Um pacote de chicletes. Encurralado no breu, ele podia examinar a própria memória como se tivesse uma fotografia em mãos.

– Notei, sim. Na mesinha da direita há uma caixa preta com um botão.

– É um sistema de emergência. Balfour tem um idêntico ao lado da cama dele. É completamente paranoico. E a televisão?

Jonathan fez mais uma panorâmica do quarto em sua memória. Num dos cantos havia uma televisão de 20 polegadas, um modelo antigo, de tubo de raios catódicos.

– Sim, estou vendo.
– Alguma coisa em cima dela?
– Papéis.
– Pode ver o que está escrito neles?
– Não... Quer dizer, sim. – Jonathan lembrou-se da imagem de um cabeçalho em negrito. – “Armas e munição para venda imediata” – disse, surpreso, lendo a própria recordação. – E vários itens listados abaixo, mas não consigo ver nenhum deles.

– Faça um esforço.
– Rifles automáticos M4... Granadas... Cartuchos... O resto é só um borrão.

Danni finalmente abriu a porta e o ajudou a se levantar.

– Os papéis são de Balfour? – ele foi logo perguntando.

– Documentos velhos mas autênticos.

Jonathan foi até a televisão e recolheu os tais papéis. Sua memória estava correta. Impressionado consigo mesmo, olhou para Danni:

– E então?

– Nada mau.

ÀS VEZES ERA PRECISO cobrar favores.

Frank Connor jogou o pedaço de metal para o alto e o pegou novamente com a palma da mão. Demorou um instante olhando para o chumbo deformado. Suas chances eram de 50 por cento, não mais. Já fazia muito tempo – 14 anos – e a memória deturpava o passado. Não é raro as pessoas se lembrarem dos fatos como gostariam que tivessem acontecido. Apesar disso, Malloy era um homem digno, assim como a maioria dos SEALs da Marinha americana. Se ele dissesse não, Connor não poderia culpá-lo. Afinal, estaria pedindo muito.

Guardando o metal no bolso, Connor levantou a gola do casaco para se proteger da chuva, saiu do carro e trancou a porta. O estacionamento era do governo, mas nem por isso era seguro.

A Agência Nacional de Inteligência Geoespacial, ou NGA, ficava no complexo militar de Fort Belvoir, em meio às colinas ondulantes do norte da Virgínia, não muito longe do Cemitério Nacional de Arlington. Sua função era bastante simples: fornecer imagens e soluções cartográficas tanto para as operações de defesa do governo quanto para o setor privado. Era a “menina dos olhos” de toda a comunidade de inteligência, uma das únicas agências a oferecer produtos tangíveis e de uso realmente prático para os setores público e privado. Uma máquina de fazer dinheiro.

Connor atravessou as portas de vidro fumê da West Tower e se dirigiu ao guichê de atendimento.

– Tenho uma hora marcada com James Malloy.

Enquanto esperava pela liberação do esquema de segurança, olhou ao redor. O complexo consistia em três prédios dispostos em semicírculo. Duas alas de seis andares, chamadas de West Tower e East Tower, ladeavam um prédio central de oito andares e forma cilíndrica, apelidado de Core. Era neste último que ficava o Diretório

Principal da NGA, responsável por todas as operações mais críticas para as missões.

– Pode entrar, senhor. A sala do Sr. Malloy fica no sexto andar do Core. Alguém estará à sua espera lá em cima.

Connor pendurou no pescoço o crachá de identificação, submeteu-se à revista e pegou o elevador até o sexto andar. Assim que saiu foi recebido pelo próprio James Malloy, um gigante de quase 2 metros de altura e mais de 100 quilos, que o apertou num abraço.

– Frankie, que bom vê-lo aqui!

Atrapalhado com a pasta que carregava, Connor devolveu:

– Oi, Jim, como vão as coisas?

Malloy soltou o abraço, correu a mão pelos cabelos negros e disse:

– Acabei de ser promovido a oficial de vigilância.

– É mesmo? Que boa notícia! Deve estar trabalhando muito e dormindo pouco.

– Faço meu trabalho, só isso.

– Já são quantos anos mesmo?

– Cinco. E tudo por conta de uma indicação sua, lembra? Te devo uma.

– Bobagem – disse Connor, já esperançoso.

A relação deles remontava aos anos 1990, quando Malloy integrava a Equipe Seis dos SEALs em missão na Bósnia. Durante uma caçada ao líder rebelde Radovan Karadzic, ele e sua equipe haviam sido vítimas de uma emboscada. Malloy fora o único a sobreviver, mas permanecera refém dos guerrilheiros, e Connor havia despachado um agente da Divisão para resgatá-lo. No entanto, a história resultara numa grande trapalhada: tiroteios mataram civis e guerrilheiros, e o tal agente fora desmascarado. Apesar de tudo, Malloy conseguira escapar com vida.

Ele saiu andando pelo corredor com passadas largas e rápidas. Connor mal conseguia acompanhá-lo. Difícil acreditar que Malloy tinha uma prótese na perna, mas era justamente isso que o fazia

caminhar tão depressa. Vetado pelos rigorosos padrões de saúde dos SEALs, ele deixara a Marinha para se aventurar no mundo dos civis. Trabalhara para alguns dos grandes fornecedores do setor privado antes de Connor lhe arrumar uma colocação no governo. Era chegada a hora de saber se a boa ação teria retorno.

– Sente-se – convidou Malloy.

Sua mesa ficava sobre uma plataforma bem no centro da sala de operações. Em torno dela, descrevendo um círculo completo, havia uma impressionante variedade de monitores, telas e engenhocas de tecnologia de ponta, para que ele pudesse supervisionar em tempo real todas as coletas de dados realizadas pelos satélites designados à NGA.

– Vim lhe pedir um favor – disse Connor, puxando sua cadeira para a frente.

Malloy abriu um sorriso inquieto.

– Eu já esperava por isso. Também já sabia da sua promoção.

Connor contou-lhe a história do míssil que fora perdido na queda de um B-52 nas montanhas do Hindu Kush em maio de 1984.

– Acreditamos que alguém tenha encontrado esse míssil e talvez esteja tentando vendê-lo no mercado negro para um país inimigo ou um desses grupos fundamentalistas.

– Até que ponto suas fontes são confiáveis?

– Quase cem por cento. O problema é que não sabemos ao certo onde foi que o bombardeiro caiu.

– Com todo o respeito – disse Malloy –, por que é você quem está me dando essa notícia? Afinal, se estamos falando de um ALCM com carga nuclear, eu deveria receber ligações de Langley, do Estado-Maior ou até mesmo do presidente.

– Há outras questões.

– Como o quê, por exemplo?

– O incidente foi abafado pela Força Aérea. Para todos os efeitos, o tal míssil está no fundo de uma garganta qualquer da cordilheira. Não interessa a ninguém que ele seja recuperado. De qualquer

modo, ainda não tenho meios de fazer isso. Além do mais, pode ser que ele seja mesmo irrecuperável.

– Mas você não acredita muito nisso.

Connor deu de ombros.

– Estou aqui, não estou?

Malloy refletiu por um instante, depois disse:

– O que exatamente você quer de mim?

Connor começou pegando leve para não assustá-lo.

– Dados históricos – disse. – Preciso que você veja se há imagens daquela região a partir de maio de 1984. Estou procurando evidências de um acidente de avião.

– Naquelas montanhas? Estamos falando de alguns milhares de quilômetros quadrados. É como procurar uma agulha no palheiro. Você vai ter de me dar algo mais específico.

Connor retirou um arquivo de sua pasta surrada. A primeira folha continha as coordenadas da área mais provável do acidente de acordo com as informações obtidas da própria Força Aérea.

– Bem melhor – disse Malloy. – Então estamos falando de uma área de 130 quilômetros quadrados, bem na fronteira com o Afeganistão. Se bem me lembro, algum conflito importante estava acontecendo por lá em 1984.

– A invasão russa estava no auge – emendou Connor. – Havia 120 mil homens do Exército Vermelho parados na região. Foi mais ou menos nessa época que começamos a fornecer armas para os mujahedin. É muito provável que tivéssemos pelo menos um satélite fazendo a ronda da área todos os dias.

Malloy digitou uma série de comandos em sua estação de trabalho. Pouco depois, franziu as sobrancelhas e disse:

– Não vai dar.

– Por que não?

– Foi há muito tempo. Em termos de imagens de satélite, 1984 é a Pré-história. Ainda estávamos passando da película úmida para a tecnologia digital. Até 1983, nossos satélites usavam o bom e velho filme Kodak. Não havia essa história de tempo real. De modo geral,

as imagens levavam uma semana ou mais para ficarem prontas. Três dias, na melhor das hipóteses. Não estão mais aqui.

– Mas devem estar guardadas em algum lugar – insistiu Connor, que tinha alguma noção da incompetência burocrática.

– Claro, mas não aqui. Precisamos dar uma olhada nos arquivos. Portanto, meu caro, tire essa sua bunda gorda da cadeira porque vamos dar um passeio.

– Ótimo – disse Connor, levantando-se com um grunhido para seguir Malloy.

O destino deles era um conjunto de salas no quinto andar.

– No início da década de 1980, este lugar tinha o nome de Comitê de Requerimento e Exploração de Imagens, ou Comirex – explicou Malloy enquanto ligava um computador. – Uma espécie de organização fantasma. Totalmente clandestina. Desde então já teve não sei quantos nomes diferentes. Agora que são apenas três letras, todo mundo está feliz. A NGA está no mesmo nível de todos os outros figurões: CIA, DSI, FBI, NSA... – Ele apertou a tecla “Enter” e se recostou na cadeira. – Vamos lá. Parece que tínhamos quatro satélites cobrindo o Afeganistão. Dois eram do tipo *push-broom*: sobrevoavam a área com o diafragma bem aberto, tirando fotos de tudo. Estes não vão nos ajudar em nada. Precisamos de imagens mais específicas. Os outros dois eram de órbita geoestacionária: mantinham uma posição fixa sobre os alvos 24 horas por dia. – Malloy digitou mais alguns comandos. – Aqui está. Este é o satélite que estava sobre a área que lhe interessa. Ao que parece, fotografava uma rota de suprimentos nas montanhas.

A imagem na tela mostrava uma região do planeta vista de muito alto; num dos cantos viam-se alguns retângulos pretos e muitas, muitas montanhas. Malloy refinou as coordenadas, acionou o zoom e a imagem se reduziu a uma região montanhosa.

– Bingo! – exclamou. – Era aí que os seus amigos da Força Aérea estavam procurando. Não é à toa que não encontraram nada.

– Esta foto é de 30 ou 31 de maio?

Malloy examinou a tela, depois apertou o próprio nariz.

– Estranho. Pedi uma foto do dia 30, mas esta é do dia 28. Vamos tentar mais uma vez. – Ele repetiu os comandos e a mesma foto apareceu na tela. Digitou mais um pouco, esperou, digitou novamente. Por fim ergueu os braços, resignado. – Sempre que peço uma imagem entre os dias 30 de maio e 30 de setembro, recebo de volta esta foto do dia 28.

– De maio? Isso é normal?

– Claro que não! Se esse satélite estava no ar, deveria mandar fotos todos os dias, de minuto em minuto!

– E quando o envio se normaliza? – perguntou Connor.

Malloy esmurrou a mesa, cada vez mais irritado.

– No dia 1º de outubro – respondeu.

– Primeiro de outubro? É muito tempo pra um satélite ficar fora do ar. – Connor avaliou a imagem. Cerca de 120 dias de registros fotográficos estavam faltando. Certamente foi nesse período que a Força Aérea encontrou e destruiu o bombardeiro ou seus destroços.

– Neve. A área do acidente está completamente coberta de neve. Suponho que alguém queria se certificar de que esse avião nunca fosse encontrado.

Malloy se afastou do computador.

– Sinto muito, Frank, mas não tenho como ajudar você.

– Já ajudou – disse Connor. – Agora sabemos onde procurar. Uma área de 50 quilômetros quadrados não está além da nossa capacidade.

– Mas estamos em novembro. Com certeza aquelas montanhas já estão soterradas pela neve. Mesmo que o avião ainda esteja lá, não vamos conseguir vê-lo.

– Não é o avião ou o míssil que pretendo encontrar, mas as pessoas que estão tentando resgatá-los.

Malloy virou-se para ele, desconfiado.

– Você não está pedindo que eu...

– Só vai tomar uma hora do seu tempo.

– Não, Frank. De jeito nenhum. Não posso designar um satélite só pra esquadrihar aquela região.

– Na verdade, pode. Você não é o oficial de vigilância? Só você pode alterar os planos de voo.

– Os planos de voo dos nossos satélites são definidos com meses de antecedência. Cada minuto de cada dia dos próximos dois anos já foi reservado por alguém. Há clientes que dependem dessas imagens. O que você está pedindo põe em risco a segurança nacional.

– Eu diria o contrário – argumentou Connor. – Minha intenção é justamente preservar a segurança nacional. São só alguns minutos.

– E o que vou dizer pro pessoal da CIA, da CENTCOM ou seja lá quem for o dono do satélite que você pretende roubar?

– Diga que ele apresentou um defeito. Acontece, não acontece?

– O tempo todo – disse Malloy. – Mas e depois? Sabe o que vai acontecer depois? Os burocratas da Lockheed Martin ou do Departamento de Defesa vão baixar aqui como um enxame de abelhas e pegar no meu pé até descobrirem qual foi o defeito. Presta atenção, Frank. Cada tecla apertada em cada computador deste lugar é oficialmente registrada. Em cinco minutos alguém vai descobrir que eu dei o comando de alteração de rota e interrompi um programa de vigilância. Não é a mesma coisa que roubar o carro do papai e dar umas voltinhas por aí. Você está me pedindo que eu sequestre um equipamento avaliado em alguns bilhões de dólares. Por que você não arruma um Predator e voa até lá pessoalmente? Seria muito mais fácil!

– Já pensei nisso, mas não daria certo. Você mesmo disse. Agulha no palheiro.

– Porra, Frank. O que você está pedindo é impossível.

Procurando manter a calma na voz, Connor arriscou:

– Você era um SEAL, Jim. Fazia o que era preciso pra salvar vidas. Só estou pedindo que você faça, mais uma vez, o que sempre fez. Mas sem um fuzil nas mãos. Essa é a única diferença.

– Além de pôr em risco meu emprego, isso também pode dar cadeia. – Malloy desligou o computador e ficou de pé. – Sinto

muito, Frank. Mas dê uma olhada neste lugar. É muito maior do que eu.

Connor suspirou e baixou a cabeça. Ficou assim por um minuto, contemplativo como um monge, decepcionado. Depois tirou do bolso o pedaço de chumbo deformado e o arremessou para Malloy.

– Isso aí é o estilhaço que os médicos tiraram das suas costas depois que meu agente resgatou você.

Malloy examinou o metal.

– Não, Frank... Sinto muito.

– Isso não tem a ver comigo nem com alguma dívida entre nós – prosseguiu Connor. – Tem a ver com o juramento que fazemos todas as manhãs ao levantar da cama. O juramento de proteção à nação. Se há um míssil nuclear naquelas montanhas, eu preciso saber. Isso é maior do que nós dois, Jim. Maior do que esta agência. Maior do que tudo o que já tive de enfrentar na vida.

Malloy passou a mão na boca, balançando a cabeça e murmurando algo incompreensível. Devia pensar: “Por que *eu*?” Enfim jogou o metal de volta para Connor e disse:

– Seu filho da puta...

– Então, você topa?

– Volte hoje à noite. Um dos nossos satélites deve cobrir aquela região por volta das 11 horas. Não posso alterar a rota, mas posso reajustar a câmera. Esta será sua única chance, Frank. Depois disso, estamos quites.

– Obrigado, Jim. Você é um bom homem.

– Sem essa de “bom homem”. Sou americano, seja lá o que isso signifique.

Connor recolheu sua pasta e pousou uma das mãos no ombro de Malloy.

– Deus te abençoe.

Malloy balançou a cabeça outra vez e arrematou:

– Frank... Nunca mais me peça outro favor.

OS TRABALHOS DO DIA HAVIAM CHEGADO AO FIM. Primeiro, os exercícios de contravigilância no centro de Tel Aviv e, depois, os de memorização espacial e recapitulação na casa abandonada. Aos vergonhosos resultados iniciais haviam se seguido um *intermezzo* fraco e um *finale* medíocre. Ainda assim, Jonathan podia dizer a si mesmo que havia realizado algum progresso ao longo do dia. Progresso era progresso.

Danni guiava habilmente o sedã BMW que os levava de volta ao Mediterrâneo. A estrada era sinuosa, chovia forte e a água turvava os vidros, dificultando a visão. Jonathan tinha a sensação de que ambos estavam presos ali e percebia a camaradagem forçada de sua colega de cárcere.

– Como você o conhece? – perguntou de repente.

Danni apenas o fitou pelo canto do olho.

– Ninguém está ouvindo – insistiu Jonathan. – Estamos sozinhos. Estou falando de Frank Connor.

– Sei muito bem de quem você está falando.

– Então? – disse Jonathan num tom insistente, quase insubordinado.

Nas últimas 72 horas, vinha pulando de um lugar para outro e acatando ordens sem fazer perguntas ou reclamar. Obedecer se tornara uma questão de sobrevivência e nada mudara com o aparecimento de Connor: a proposta que ele fizera não passava de uma ordem velada. Emma era o coringa que a raposa havia esperado até o último momento para jogar na mesa e não restara outra escolha a Jonathan senão concordar. Além de marido, era um cidadão apontado por seu governo como o único indivíduo capaz de prestar um serviço essencial à segurança do país. Era esse agente recrutado à força que agora exigia uma explicação. Cada minuto na

companhia de Danni só ressaltava quão perigosa era sua missão. "Apenas o necessário" já não era o bastante para Jonathan.

– Trabalhamos juntos – disse Danni.

– Você é do Mossad?

– Nomes não são importantes. Digamos que a maioria dos governos tem algo equivalente à Divisão. Trabalho para a Divisão israelense.

– Como entrou nessa?

Danni se virou e novamente o fulminou com os olhos azuis. Mas, em vez de evitar a pergunta, sorriu. A primeira vitória de Jonathan naquele dia.

– Vamos ficar íntimos agora? – perguntou ela.

– Ontem eu estava nu, deitado no chão com seu joelho nas minhas costas e sua boca no meu ouvido. Acho que já temos alguma intimidade.

– Em Israel, o serviço militar é obrigatório para homens e mulheres. Dezoito anos, e lá vamos nós. Dois anos de farda. Acho que gostei da experiência mais que a maioria das pessoas. Talvez fosse um pouco melhor também. Acha estranho uma mulher neste ramo?

– Estranho? – disse Jonathan, só então se dando conta de que Danni não sabia nada a respeito de Emma. – Claro que não. Já escalei com muitas mulheres que eram mais fortes do que eu.

Os olhos azuis se apertaram.

– Só "mais fortes"?

– Tudo bem – concedeu Jonathan. – Mais inteligentes, mais ágeis, mais cautelosas. E mais fortes.

Danni balançou a cabeça, os lábios crispados como quem diz: "Agora sim."

– Você escala? – perguntou Jonathan.

– Eu? Não, obrigada. Tenho medo de altura. Minha única fobia. Larguei a escola de paraquedismo por causa disso. No dia do primeiro salto, cheguei até a porta do avião, olhei pra baixo e literalmente entrei em pânico. Dei uma gravata no instrutor e o

joguei no chão. Ele quase apagou. Então percebi que talvez tivesse outros talentos a explorar.

– É engraçado como as coisas acontecem.

Danni deu um risinho e pela primeira vez Jonathan achou que estava vendo a verdadeira mulher que se escondia atrás daquela fachada cuidadosamente construída.

– Meu esporte é corrida de orientação – disse ela. – Conhece?

Jonathan negou com a cabeça.

– Mapa e GPS no bolso, tênis de corrida nos pés, um fim de mundo qualquer... e lá vamos nós. É muito divertido.

– Acho que ia gostar também.

– Ninguém pra seguir a gente. Você não teria problemas.

Os dois riram e Jonathan arriscou uma olhadela. Gostou de ver que Danni finalmente não tinha a boca cerrada nem projetava os maxilares com tanta firmeza; seu olhar havia abrandado e o azul das pupilas parecia mais claro. Notou também que, na mão esquerda, pousada sobre o volante, não havia aliança.

– Você não é casada? – perguntou.

– Não.

Jonathan já ia perguntar por que quando viu que a boca e os maxilares dela haviam voltado à rigidez combativa de antes; os olhos estavam fixos na estrada à sua frente, mais focados do que nunca.

Ele abriu a janela e deixou entrar no carro refrescantes pingos de chuva, um cheiro forte de maresia. Danni não disse nada.

O SATÉLITE ERA UM LOCKHEED MARTIN KH-14, uma unidade de reconhecimento de última geração, tão grande quanto o telescópio espacial Hubble, pesando duas toneladas e construído ao custo de 1 bilhão de dólares para os contribuintes americanos. Avanços recentes na área de revestimento óptico aplicados às lentes telescópicas dos satélites haviam aumentado em 10 vezes a resolução das imagens. O KH-14 podia ler não só a manchete de um jornal como também o nome do repórter que assinava a matéria.

– Isso aí é uma área de 65 quilômetros quadrados vista de uma altitude de 50 mil pés – disse Malloy, apontando para o monitor à sua frente, que mostrava uma imagem da fronteira entre o Paquistão e o Afeganistão. – As partes mais amplas e lisas são os vales e as mais irregulares, as montanhas.

– Aproxime mil pés – disse Connor. – Veja se há algum sinal de atividade humana. Nessa época do ano, não deveria haver nenhuma.

Malloy digitou os comandos e a câmera aproximou o zoom, mostrando uma paisagem coberta de neve, como deveria ser vista pelos olhos de um pássaro. Branco, branco e mais branco, a monotonia quebrada apenas por algumas sombras, rochas e depósitos de tálus.

– Vou acionar um programa de busca – disse Malloy. – A área exibida será dividida em quadrantes com 500 metros de aresta, mais ou menos a área de um quarteirão urbano. A cada 30 segundos, passamos de um quadrante ao seguinte.

Eles permaneceram 50 minutos grudados à tela sem que detectassem nenhuma presença humana.

– Quantos quadrantes ainda faltam? – perguntou Connor.

– Mais ou menos a metade.

– Continue.

– Dez minutos, Frank. Depois é com você.

Connor se aproximou do monitor, como se isso pudesse aumentar as chances de localizar Balfour e seu bando. O novo quadrante trouxe à tela um pico especialmente íngreme. A legenda informava: Tirich Mir (7.708 metros). A varredura prosseguiu. Mais rocha. Mais neve. Uma geleira.

– Pare – sussurrou Connor assim que viu uma pequena mancha cinzenta na vastidão branca. – O que é aquilo? – perguntou, apontando.

Malloy deu mais zoom e a mancha cinzenta ganhou definição. De início viu-se uma linha, que cresceu para uma comprida superfície metálica, que cresceu para um objeto maior, de forma cilíndrica.

– É um helicóptero escondido sob uma rede de camuflagem – disse Malloy.

– Nessa altitude?

Malloy manipulou a câmera e os números sobre a cauda do helicóptero ficaram visíveis.

– Parece um helicóptero particular. Fabricado pela Aérospatiale Ecureuil.

De repente, uma figura saiu de baixo da rede de camuflagem. Um homem com uma mochila nas costas. Deu uns 20 passos e sumiu.

– Construíram abrigos por lá – disse Connor. – Quanto mais você pode aproximar a imagem?

Malloy manipulou a câmera outra vez, até que foi possível ver as pegadas sobre a neve. Ele e Connor examinavam a imagem, perplexos, quando uma segunda figura saiu do abrigo. Alguém mais magro, caminhando com passadas firmes. A certa altura, a pessoa parou e levantou o rosto como que para observar o céu.

– Mais zoom – disse Connor.

A câmera aproximou a imagem. A pessoa continuava com a cabeça inclinada para trás, mas logo tirou o boné e balançou os cabelos vermelhos e desgrenhados. Connor perdeu o chão.

– Santo Deus... – disse. – Emma.

— ELE ESTÁ DEIXANDO a West Tower agora – disse o homem sentado ao volante do Buick marrom.

– Quanto tempo ele ficou lá dentro? – perguntou a voz em seu fone de ouvido. O homem observava Frank Connor atravessar o estacionamento escuro na direção de seu decrepito *station wagon* Volvo.

– Duas horas.

– O mesmo contato de hoje cedo?

– Segundo o guichê de segurança, subiu pra falar com James Malloy, oficial de vigilância, no centro de operações. – Ele se abaixou no banco quando Connor saiu da vaga e passou pelo Buick.

– Alvo em movimento. Posso segui-lo?

– Negativo. Vá para a rua S, Noroeste, 3.624. Residência de Malloy. Coloque-o contra a parede e tente descobrir o que Connor queria saber. Mas tome cuidado. Malloy era um SEAL. Com certeza tem uma arma em casa.

O homem, que se chamava Jake Taylor, anotou o endereço. Também tinha sido das Forças Armadas. Alistara-se no Exército aos 17 anos e, ao longo da década seguinte, passaria pela 82ª Divisão Aereotransportada e pelo 1º Batalhão dos Rangers até ser despachado para o Iraque com os Boínas Verdes.

Diante da possibilidade de voltar para casa, o então primeiro-sargento Taylor fora trabalhar para um contratante do setor privado. Voltaria para Bagdá dali a um mês. O salário era ótimo e a comida, infinitamente superior à do Exército. E o melhor de tudo é que voltaria a fazer o que mais adorava e sabia fazer: matar.

Todas as noites, terminado o expediente oficial, ele deixava a segurança de seu condomínio e saía para as ruelas escuras da cidade. Não havia parte de Bagdá que não conhecesse. Com os

cabelos crespos e negros, a pele morena e a barba malfeita, era facilmente confundido com os locais. Seus alvos eram os insurgentes cujos nomes constavam dos boletins de alerta. Descobria onde essas pessoas moravam, invadia suas casas e as matava, quase sempre enquanto dormiam. Usava uma faca não só porque era mais silencioso, mas também porque apreciava o gosto do sangue. Por causa do hábito de retalhar as vítimas da cabeça aos pés, era chamado de "Jake, o Estripador".

Ao longo de três anos, executara 461 homens e 37 mulheres.

Jake Taylor havia deixado o Iraque. Jake, o Estripador estava em casa.

– Qual é o estado civil dele? – perguntou.

– Casado. A mulher tem 35 anos. Não trabalha nem tem filhos. Capriche na limpeza depois. Connor não pode saber que estamos interessados nele.

– Câmbio. Desligo.

O Estripador ligou o Buick, deixou o estacionamento e seguiu na direção norte. Passou pelo cemitério de Arlington, atravessou a Key Bridge e em 30 minutos alcançou o distrito de Colúmbia. Passou pela Universidade Georgetown, dobrou na Reservoir Road e encontrou uma vaga no tranquilo bairro residencial ao norte do campus. Durante o trajeto, recebera pelo telefone fotos e a planta da casa de Malloy. Levara 10 minutos para memorizá-las.

Às duas da madrugada, vestiu um par de luvas de couro e um gorro. Do porta-luvas do carro, retirou uma pistola semiautomática P40 e afixou o silenciador. Deixou a arma no banco do carona para guardar nos bolsos vários pares de algemas descartáveis e um rolo de fita adesiva. Conferiu se a faca KA-BAR estava na bainha, presa à sua canela. O arsenal se completava com um par de alicates bico de águia. Havia muito tempo que aprendera que o mais simples era sempre melhor. Unhas eram muito sensíveis.

Havia uma última coisa a fazer. Retirou um frasco do bolso do casaco e despejou sobre a palma da mão duas pequenas drágeas azuis: comprimidos de oxicodona, uma morfina sintética conhecida nas ruas como "a heroína dos pobres". Com o próprio frasco,

triturou as drágeas sobre um espelhinho, aspirou o pó numa rápida fungada e imediatamente sentiu uma corrente gélida se espalhar pelos braços e pernas. Revirando os olhos, sussurrou:

– Hora de botar pra quebrar.

Só então saiu para a noite escura.

Pouco antes das três horas, o Estripador voltou ao Buick. Retirou o gorro e ficou ali por alguns minutos, recuperando o fôlego.

– Corvo, sou eu – disse ao telefone encriptado.

– E aí?

– Connor queria descobrir a localização de um B-52 que caiu em algum lugar do Paquistão em 1984. Caiu e perdeu um míssil Nuclear. Segundo ele, algumas pessoas estão tentando resgatar esse míssil.

– Um míssil nuclear? E Connor já sabe onde ele está?

– Não. As fotos do local do acidente, tiradas há 25 anos, sumiram. Mas Malloy pegou carona num KH-14 que estava orbitando sobre a região e localizou uma equipe de resgate perto de onde o avião caiu.

– Em tempo real?

– Positivo. Malloy disse que eles estavam muito bem equipados. Pareciam prontos pra entrar em ação.

– E Connor viu isso tudo?

– Viu.

– E disse a Malloy o que pretendia fazer?

– Não. Malloy falou apenas que ele ficou muito aborrecido.

– Connor contou a outras pessoas o que descobriu?

– Não enquanto estava com Malloy.

– Ótimo.

– E agora? – perguntou Jake, o Estripador, limpando a lâmina da faca no pano das calças. – O que faremos com Connor?

– Essa é a questão – disse a superiora dele, por um raro momento deixando transparecer seu sotaque. Trabalhar para uma mulher já era estranho, mas para uma estrangeira era quase inimaginável. – O que faremos com Connor?

ASHOK BALFOUR ARMITRAJ, MAIS CONHECIDO como lorde Balfour, estava numa sala pequena e atulhada no segundo andar do Ministério de Relações Exteriores, correndo os dedos sobre os frisos impecáveis das calças. Estava com calor e perigosamente prestes a perder a paciência e as boas maneiras.

– A decisão é definitiva – disse o coronel do setor de imigração. – Seu visto foi revogado. O senhor tem 30 dias para deixar o país.

– Mas tudo não passa de um grande mal-entendido! – disse Balfour pela enésima vez. – Se examinarem meus papéis, verão que tenho todas as permissões necessárias. Recebi das mais altas autoridades a garantia de que minha estada não teria prazo de validade.

Com cautela, ele retirou do bolso um lenço de linho e secou o suor da testa. O dia vinha sendo difícil desde o começo. Chegara ao ministério pontualmente às nove da manhã, apenas para ficar esperando uma hora sem que lhe dessem qualquer explicação ou oferecessem um mísero copo d'água. Quando enfim foi recebido, vira-se obrigado a lidar não com um funcionário servil que cumpria fielmente as ordens do chefe, mas com um coronel afetado que havia descido das alturas para lhe dar a má notícia. Fazia quase uma hora que Balfour vinha tentando dobrá-lo sem qualquer esperança de sucesso.

– Sou a única pessoa com poderes para emitir um visto de residência permanente – disse o coronel. – E estou vendo seus documentos pela primeira vez.

– Seja como for – argumentou Balfour, pisando em ovos –, garantias me foram dadas. Promessas foram feitas. Fiz grandes investimentos neste país.

– O que nos deixa muito gratos – disse o coronel, sem o menor sinal de sinceridade. – Mas isso não muda as coisas. O senhor tem

30 dias para deixar o país.

Balfour suspirou e espalmou as mãos. Não gostava de passar por cima de hierarquias, mas estava claro que não havia alternativa.

– Talvez seja o caso de falarmos com o general Gul.

– O general Iqbal Gul?

– Exato. Fiz um acordo com ele. É um amigo pessoal.

– Não será possível.

– Por que não?

– O general Gul não está mais no ISI.

– Isto é ridículo – disse Balfour. – Claro que ele está no ISI. É vice-diretor.

O coronel se debruçou sobre a mesa.

– Então o senhor não soube?

– O quê? Aconteceu alguma coisa com ele? Gul está bem?

– Ah, não precisa se preocupar com a saúde do general – disse o coronel. – Mas ele foi preso e afastado do cargo há uma semana.

O chão tremeu sob os pés de Balfour.

– Por quê?

– Corrupção e peculato.

Balfour olhou para os documentos à sua frente: um dossiê de proporções enciclopédicas que continha toda a história oficial de sua estada no Paquistão, desde os recibos de cada ínfima taxa paga ao Estado. Todavia, em nenhum lugar constava o recibo do milhão de dólares que ele havia pago a Gul em troca de um visto de residência, tampouco nenhum dos recibos dos 50 mil que depositava mensalmente na conta do general em Liechtenstein para a renovação desse visto.

Balfour se debruçou sobre a mesa para tocar o braço do coronel.

– Talvez possamos, o senhor e eu, resolver este assunto apenas entre nós. Estou certo de que encontraremos uma solução satisfatória para ambos. Que tal jantarmos esta noite?

O coronel nem piscou ao dizer:

– Seu “assunto” não está mais sob minha alçada. Foi encaminhado à Polícia Federal. Não temos nada a discutir.

“Trinta dias.”

Balfour pensou em sua casa e nos ativos que tinha nos aeroportos de Islamabad e Karachi. O tráfico de armas não era um negócio barato. Ele possuía sete aviões e um hangar inteiro apenas para abrigar as peças de reposição. Se abandonasse o país, perderia tudo isso. Mesmo deixando de lado as quantias pagas a Gul ao longo dos anos, sofreria um prejuízo de muitos milhões de dólares. No entanto, não era o dinheiro o que mais o preocupava e fazia seu coração disparar. Ashok Balfour Armitraj simplesmente não tinha para onde ir.

– Veja bem, coronel – disse, sorrindo. – Meu visto ainda é válido por mais um ano.

– É mesmo? Por mais um ano? – O coronel também abriu um sorriso. – Posso ver seu passaporte?

Aliviado, Balfour pôs seu passaporte indiano sobre a mesa. Finalmente estava chegando a algum lugar.

– Ainda faltam 11 meses para vencer.

Já sem nenhum vestígio do sorriso recém-aberto, o coronel começou a folhear as páginas. Assim que encontrou o visto, tirou uma régua da gaveta e a usou para arrancar do passaporte aquela página ultrajante.

– Ei! – berrou Balfour, levantando-se. – O que o senhor está fazendo?

O coronel amassou o papel.

– Seu visto acabou de expirar – disse.

De pé, Balfour pegou o passaporte de volta e o guardou no bolso do paletó.

– O senhor por acaso sabe quem eu sou? – disse, o rosto crispado numa careta de desdém.

– O senhor é uma vergonha para o governo paquistanês. Tenha um bom dia.

30

FRANK CONNOR FITAVA SEU VICE-DIRETOR, Peter Erskine, com um desconcertante ar de suspeita.

– Não temos alternativa senão tomar as rédeas dessa operação – disse. – Ninguém irá agir com a rapidez necessária.

– A Divisão é uma agência de espionagem – retrucou Erskine, com a frieza que parecia correr em suas veias. – Não é um braço das Forças Armadas.

– É uma agência secreta cuja única missão é inserir agentes em territórios estrangeiros...

– Para colher informações de...

– Para defender os interesses da nação!

Passava um minuto das quatro da manhã, de acordo com um dos relógios do centro de operações da Divisão. Embora nem se comparasse em tamanho e sofisticação ao que se via no sexto andar da NGA, o lugar era suficientemente moderno e bem equipado para atender a todas as necessidades internas. Uma das paredes era coberta de alto a baixo de monitores de LCD de 62 polegadas e menos de 2 centímetros de espessura. Em outra alinhava-se uma série de sofisticadas estações de trabalho. Três telefones de cores diferentes – vermelho, preto e branco – tinham funções específicas. Connor e Erskine estavam sentados em extremidades opostas da mesa de reunião.

– O que você está propondo é uma intervenção armada numa área que nem sequer é oficialmente reconhecida como zona de guerra – disse Erskine. – E para isso será preciso, no mínimo, uma equipe inteira de operações especiais com apoio aéreo. Seria o mesmo que ordenar uma invasão.

– Não vamos precisar de tanto – disse Connor. – Uns 10 agentes devem bastar. Além do mais, o míssil está nos territórios tribais do

nordeste, uma terra de ninguém, sem nenhum governo soberano.

– Você não está entendendo, Frank. Não se trata de subornar o ditador da Guiné-Bissau em troca de algumas licenças de exploração de petróleo. Trata-se de uma importante questão de segurança nacional.

– Exatamente. Por isso não podemos ficar de braços cruzados nem mais um segundo. Essa informação que temos nas mãos requer ação imediata.

– Mas não a ação que você tem em mente.

Connor abriu uma lata de refrigerante diet e tomou um gole.

– Sabe o que vai acontecer se eu passar o problema pro alto escalão? – perguntou.

Erskine desviou o olhar como um garoto que já ouvira do pai o mesmo sermão milhares de vezes.

– Frank, por favor, você já...

– Eu sei, mas vou refrescar sua memória. A primeira pessoa pra quem vou ligar é o secretário de Defesa, que vai precisar de alguns minutos pra acordar e processar o que ouviu. Aposto que ele vai ligar de volta uma hora depois e pedir pra que eu repita tudo de novo. É um filho da puta, portanto não vai acreditar numa única palavra da minha história. Vai ligar pra Força Aérea e perguntar se é verdade que eles perderam um míssil nuclear há 25 anos. E a Força Aérea vai dizer: “Não, não é verdade. Frank Connor é um paranoico e tudo não passa de uma grande invenção.” Mas o secretário não vai se dar por satisfeito. É um político das antigas. Pra se resguardar, vai ligar pro Conselho de Segurança Nacional e repassar minha informação. Acontece que esse pessoal do Conselho é pago pra desconfiar das coisas, então alguém de lá vai conferir toda a história com a Força Aérea, depois comigo, e só então vai ligar pro chefe do Estado-Maior pra pô-lo a par de tudo. Sabe a que horas isso vai acontecer?

Erskine deu de ombros e arriscou:

– Meio-dia?

– Cinco da tarde! – disse Connor. – Pois bem. O Estado-Maior também vai querer falar com a Força Aérea, que a essa altura já vai estar de sobreaviso e pedirá um tempo pra fazer uma investigação interna, o que significa que vão ficar brigando entre si até decidirem quem vai pagar o pato quando tiverem de admitir que realmente perderam o míssil. Por fim, quando perceberem que muitas cabeças irão rolar, vão tentar sair pela tangente e dizer alguma coisa como: “Talvez um míssil tenha mesmo se perdido, mas, se aconteceu, foi numa região de difícil acesso e nunca será encontrado.” Teremos perdido mais um dia. No seguinte, os chefes do Estado-Maior convocarão uma reunião de crise na Casa Branca. Serei chamado ao Salão Oval para dizer como, diabos, consegui essa informação. Vou contar a eles sobre Emma e Rashid, bem como sobre o deputado Grant, que confirmou o desaparecimento do míssil. Depois vamos todos examinar as imagens do satélite e alguém vai perguntar como tive acesso a um KH-14 sem permissão explícita do Congresso. No fim, depois de toda essa via-sacra, vou ter de revelar a identidade de Emma e admitir que uma agente minha perdeu a cabeça e está liderando uma quadrilha pra recuperar a bomba no alto de uma montanha.

Connor desabotoou o colarinho e alongou o pescoço. Seu coração estava disparado; o rosto, vermelho como um tomate.

– Daqui a quatro dias, o presidente autorizará uma investida. Um esquadrão de SEALs será despachado, mas não achará absolutamente nada, porque Emma já terá retirado o conteúdo nuclear da ogiva e, se for esperta, e sabemos muito bem que ela é, terá reduzido a pó tudo o que sobrou. O presidente vai me chamar ao Salão Oval, vai me demitir pessoalmente e encerrar de uma vez por todas as atividades da Divisão.

– Esse seria o pior dos cenários – disse Erskine.

– Não – rebateu Connor. – O pior dos cenários é este: Balfour põe as mãos na bomba, que, mesmo depois de tantos anos, ainda funciona, e vende os 150 quilotons para um grupo de terroristas sanguinários. – Connor murchou na cadeira. – Sabe de uma coisa? Não estou nem aí se o presidente me demitir, mas gostaria que ele

fizesse isso depois de autorizar uma investida pra impedir que Balfour bote suas garras numa arma de destruição em massa. Emma está lá, Pete. Neste exato momento, ela está indo buscar o míssil naquelas montanhas.

– Me diga uma coisa. Por que diabo ela está ajudando Balfour?

Connor se levantou e contornou a mesa. Olhando através do painel de vidro que substituía uma das paredes, contou sete homens e sete mulheres trabalhando com afinco. Apertou um botão e o vidro ficou opaco. Só então respondeu:

– Um só motivo: vingança.

– Vingança? Por quê?

– Você ainda não se perguntou como Rashid ficou sabendo da arma que mandamos de presente?

– Rashid não sabia de nada. Simplesmente deduziu que se tratava de uma armadilha quando o cartucho explodiu na culatra. Todo mundo sabe que ele é paranoico. E que tem bons motivos pra isso.

– Talvez... – disse Connor baixinho, porém com firmeza. – Mas como ele sabia que Emma era uma agente dupla a nosso serviço? O FSB vem pegando no meu pé desde aquele fatídico dia, ameaçando fazer um escarcéu na imprensa a menos que libertemos os dois agentes russos que estão sob nossa custódia.

Com a testa franzida, Erskine ajustou os óculos no nariz enquanto tentava encontrar uma resposta. Por fim, levantou as mãos, dando-se por vencido.

– Emma está trabalhando pra Balfour porque está convicta de que nós a traímos – disse Connor.

– O que você está sugerindo é impossível – disse Erskine. – Pouquíssimas pessoas sabiam.

– Nada é impossível, Pete. Se você se der o trabalho de contar, verá que pelo menos umas 20 pessoas sabiam da operação, com maior ou menor número de detalhes.

Subitamente o rosto juvenil e pálido de Erskine ficou corado. Ele saltou da cadeira e disse:

– Você não está pensando que fui eu, está?

Connor deixou-o em suspense por um bom tempo, observando com atenção as reações do vice-diretor. Erskine tremia. Não de medo, mas de indignação. Um sentimento sincero e plenamente justificável.

– Não, Pete, não estou. Mas confesso que cheguei a pensar nisso.

– Isso me deixa profundamente decepcionado, Frank. Profundamente. Tenho dado o sangue por esta organização durante todos esses anos e você sabe disso. Poxa, meu avô trabalhou para Franklin Roosev...

– Eu sei, eu sei – interrompeu Connor. – Sei tudo sobre seu avô. Sei também que não foi você quem alertou Rashid. Você é muito bom num monte de coisas, Pete, mas é um tremendo canastrão quando precisa mentir. Jamais conseguiria pregar uma peça dessas. É honesto demais.

– Obrigado, Frank. É bondade sua dizer isso... eu acho. – Erskine retirou os óculos de aros de tartaruga para secar o vapor das lentes e Connor viu que as mãos dele ainda tremiam. Um delator não se deixaria abalar daquela forma: delatores têm sangue-frio. Erskine recolocou os óculos. – Então quem foi?

– Não sei, mas vou descobrir. Por Emma. Sabe por quê? Porque ela não vai deixar barato. É como dizem por aí: os estrangeiros que vêm pra cá são os mais patriotas de todos. Ninguém era mais leal a este país e à Divisão do que Emma. Mas, no fundo, ela é russa. De nascimento e criação. Vai conseguir sua vingança. Não faço a menor ideia do que está tramando agora. Mas estou com medo. Muito medo.

– Então... o que você pretende fazer, afinal? – perguntou Erskine.

Connor esfregou uma das mãos na nuca.

– Entrar em ação imediatamente. Cortar o mal pela raiz. Lavar a roupa suja em casa. E quanto mais rápido, menos pessoas ficarão sabendo.

– Uma responsabilidade e tanto. Até pra você.

– Paciência...

Erskine avaliou Connor por um instante, depois disse:

– Você está bem, Frank? Quer dizer... tem certeza de que está preparado pra comprar essa briga? – Seu tom de preocupação não inspirava a menor confiança.

– Se eu cair morto, você será o primeiro a saber. Prometo.

– Você é imortal, Frank – devolveu o outro, talvez com excesso de suavidade.

– É o que dizem. – Connor bebeu o resto do refrigerante e se sentiu melhor. – Então, posso contar com você ou não? Como você mesmo disse, é uma responsabilidade e tanto. Seria ótimo se eu pudesse dividi-la com alguém.

– Claro que pode, Frank. Eu só queria que você tivesse consciência das suas opções. Esse é o meu dever.

– Entendo. Pena que nesse caso não tenhamos muitas opções.

– Então, o que vai fazer?

Connor permaneceu imóvel por quase um minuto antes de responder:

– Tirá-la de lá. Agora mesmo.

31

DEPOIS DE ATRAVESSAR UM LONGO corredor e uma antessala, Balfour entrou em seu quarto e ficou triste ao deparar com uma escrivaninha tão arrumada. Embora o mercado global de armamentos estivesse mais aquecido do que nunca, sua participação era cada vez menor. O total de encomendas recebidas da Líbia, do Sudão, da Malásia e da Geórgia não passava de meros 10 milhões de dólares. Sua comissão seria de 10 por cento. Ele examinou os papéis com desânimo. Seus dias de glória como atravessador haviam chegado ao fim. Nenhum cliente o acompanharia em sua nova vida.

Em seguida abriu o laptop e entrou na página de sua conta num banco privado de Genebra. O saldo era de 90 milhões. Com desgosto, olhou para o asterisco vermelho no topo da página, junto do qual se lia: "Fundos bloqueados até disposição em contrário, conforme Mandado Judicial 51.223 emitido pela Procuradoria Geral da República, Berna."

O governo suíço congelara sua conta no dia em que a Interpol colocou seu nome na Lista Vermelha. Contas em outros países haviam sido igualmente bloqueadas. O único dinheiro a que ainda tinha acesso era o da comissão paga por Rashid e o pequeno saldo das contas locais. Não duraria muito. Só as despesas mensais com Blenheim chegavam a 100 mil dólares.

Balfour pensou em como sua sorte tinha virado, em como os frutos de tantos anos de trabalho árduo haviam escorrido ralo abaixo. Mas era um homem esperto. Tinha um plano. Se tudo corresse bem, muito em breve poderia gozar de anos de paz e anonimato, vividos no luxo ao qual já estava habituado e que tanto merecia.

Ele tirou o paletó e os sapatos. Uns 5 centímetros mais baixo, atravessou o quarto e foi até a varanda para admirar a ampla

paisagem do Hindu Kush. Em algum lugar daquelas montanhas estava Emma Ransom. Ela já tinha avisado pelo rádio que estava a caminho do local onde o míssil fora avistado. Em poucas horas começaria a desmontá-lo com sua equipe.

Balfour voltou à escrivaninha e abriu a gaveta superior. Ali, sobre uma pilha de papéis pessoais, encontrava-se a foto do míssil americano. Se fosse possível retirar dele o conteúdo nuclear, a venda do material lhe renderia o bastante para viver com conforto por muito tempo.

Uma última venda e Ashok Balfour Armitraj, também conhecido como lorde Balfour, deixaria de existir. Muito em breve o cirurgião plástico chegaria da Suíça para dar à luz o conde François-Marie Villiers.

CONNOR TINHA APENAS UM RECURSO: acionar a CJSOTF-A (Força-Tarefa de Operação Especial Conjunta – Afeganistão).

As unidades militares tradicionais obedecem a uma hierarquia que opera de cima para baixo. Um general de divisão emite uma ordem para um coronel de batalhão, que passa essa mesma orientação para um comandante de companhia (major ou capitão), que por fim convoca seus homens para executá-la.

No entanto, as Forças Especiais (Boinas Verdes, Força Delta, SEALs, Força Aérea de Resgate, Comando de Operações Especiais dos Fuzileiros Navais) funcionam de outro modo. Com exceção de casos específicos, as forças de operações especiais em ação numa zona de guerra geram suas próprias missões e obedecem a uma hierarquia que opera no sentido contrário, de baixo para cima. Os comandantes em campo, geralmente capitães, têm relativa liberdade para determinar os parâmetros e o escopo de suas missões.

No Afeganistão, onde o principal objetivo das Forças Especiais era localizar e destruir combatentes inimigos, equipes de 10 a 20 homens montavam bases avançadas em lugares estratégicos e saíam de lá em busca de seus alvos específicos.

Connor sentou-se ao teclado e se conectou ao JWICS. Os civis tinham a sua world wide web e os militares tinham suas próprias redes, nas quais civis não eram bem-vindos. O JWICS (Sistema Mundial de Comunicação entre Serviços de Inteligência) era uma delas e tinha por objetivo a troca de dados e informações confidenciais. Ali era possível encontrar, por exemplo, uma lista de todas as forças americanas lotadas mundo afora, até o nível de batalhão. Connor abriu a página da CJSOTF-A. Um coronel estava no comando, mas eram os oficiais especialmente convocados que de fato conduziam as operações. Um deles era Lawrence Robinson,

um sargento-mor do Corpo de Fuzileiros Navais que comandava o Centro de Operações Táticas na base aérea de Bagram, 30 quilômetros ao norte de Cabul.

Connor agradeceu a Deus pela sorte.

Sorrindo por dentro, arrastou a cadeira até o telefone vermelho. Uma linha encriptada interligava serviços secretos, instalações militares e embaixadas espalhadas pelo mundo.

– Sargento-mor Robinson.

– Frank Connor, da Divisão. Você é o mesmo Robinson que ajudou a tirar Saddam da toca alguns anos atrás?

– Você é o mesmo filho da puta que me despachou pra encontrar o capeta?

– E aí, Larry? Tudo em paz?

– Daqui a dois anos passo pra reserva e vou trabalhar com você.

– Será muito bem-vindo. Mas não se esqueça de avisar a sua mulher que você vai vender enciclopédias de porta em porta.

Robinson pigarreou. Raramente podia se dar ao luxo de uma brincadeira.

– Que tal você me passar seu código de verificação? Em nome dos velhos tempos.

Connor digitou sua senha de 10 caracteres. Já havia visitado a base aérea de Bagram mais de uma vez. Enquanto aguardava a autorização, imaginou Robinson empoleirado em sua plataforma, supervisionando as fileiras de mesas em que trabalhava sua dedicada equipe de homens e mulheres, bem como o sem-fim de monitores que cobria uma das paredes. Em dado momento, Robinson podia estar monitorando a missão de um Predator numa das telas, um interrogatório de campo em outra, o combate de uma tropa numa terceira – tudo isso enquanto estabelecia o plano de ação para o dia seguinte.

– O que posso fazer pela Divisão neste belo dia? – perguntou o sargento-mor.

– Um IGV – era assim que eles designavam os “indivíduos de grande valor” segundo os critérios de risco do Departamento de

Defesa – está em trânsito na região tribal do noroeste com um grupo de combatentes inimigos. Faz tempo que estamos tentando pegá-los. São muito perigosos. Por acaso você teria uma equipe na região, pronta pra ser despachada?

– Entendido, Frank. Tenho duas equipes de operações especiais no vale de Korengal. Fuzileiros. Mas preciso falar com os comandantes locais pra saber quem pode ir. Me dê uns 10 minutos.

Connor olhou para Erskine e cruzou os dedos. Era experiente o bastante para saber que ainda não chegara o momento de mencionar o míssil. Um IGV na companhia de combatentes inimigos já era um alvo de dar água na boca. O míssil poderia ficar para depois. Àquela altura, a prioridade era liquidar a equipe de Balfour. E isso incluía Emma Ransom.

– O capitão Crockett, da base de artilharia Persuader, está na escuta – disse Robinson. – Pode falar, Connor.

Connor relatou a história como lhe convinha. Um grupo de combatentes inimigos, incluindo um indivíduo que figurava na lista de terroristas procurados, havia sido localizado nas montanhas do noroeste do Paquistão. A presença deles na área havia sido confirmada visualmente poucas horas antes, com coordenadas precisas.

– Tenho dois Chinooks esquentando os motores no heliporto – disse Robinson. – O tempo previsto de voo é de uma hora.

O Centro de Operações Táticas ficava ao lado do heliporto de Bagram e Connor deduziu que Robinson podia ver os enormes helicópteros com os rotores gêmeos começando a girar.

– Só uma pergunta, Sr. Connor – disse o capitão dos fuzileiros. – Devemos tentar capturar e interrogar os combatentes ou o IGV?

– Negativo. Todos devem ser considerados armados e perigosos. Vão resistir a qualquer tentativa de captura. Atire para matar, capitão.

– *Hoo-yah* – disse o capitão, fiel ao grito de guerra dos fuzileiros. Connor desligou e olhou para Erskine.

Nunca uma sentença de morte fora decretada tão claramente.

ERA DE MANHÃ, E AS MANHÃS ERAM a parte do dia em que faziam os exercícios de memorização. Danni puxou a toalha branca que cobria uma mesa quadrada de 1,20 metro de lado.

– Vai! – ordenou.

Jonathan teria 10 segundos para memorizar o maior número possível de objetos sobre a mesa. No primeiro dia tivera 30 segundos para a tarefa e no segundo, 20. O tempo do exercício vinha diminuindo, ao passo que o número de objetos aumentava. Danni chamava esse tipo de prática de “alongamento”, pois acreditava que os limites da memória podiam ser esticados. Jonathan, movido pelo desejo inconsciente de ser melhor do que os outros em tudo, chamava-o de “baboseira” e tentava melhorar seus resultados.

“Dez segundos.”

Jonathan observou aquela variedade de objetos, atribuindo uma letra ou um número a cada um deles. “V” para vela. “L” para livro. “1” para celular, pois sempre havia um celular, o que estabelecia uma constante. (As outras constantes eram uma carteira de couro de crocodilo, “2”; um par de óculos, “3”; e uma caixinha de balas de hortelã, “4”.) Estimou que havia cerca de 25 objetos sobre a mesa. Alguns eram grandes e, portanto, mais fáceis de guardar na memória: uma pistola Colt .45, por exemplo. Mas Jonathan já sabia que esses eram incluídos com o único objetivo de atrapalhar a memorização de objetos menores e mais importantes. Foram estes últimos que ele tentou localizar primeiro. Um pen-drive disfarçado de caneta. Um pedaço de papel com os 12 números de um telefone (“Concentre-se nos oito finais”, Danni já o havia advertido. “É mais fácil descobrir o código do país depois.”). A foto de três homens e uma mulher (dois dos homens tinham a pele escura e bigodes fartos e o terceiro era careca e tinha uma marca de nascimento na

face esquerda, enquanto a mulher era ruiva, estava de óculos escuros e, estranhamente, nua da cintura para cima). Um cartão de visita com caracteres árabes.

Havia ainda outros objetos sem sentido, como um saca-rolhas ou um molho de chaves, que foram facilmente registrados.

– Tempo.

Jonathan deu as costas para a mesa e depois Danni a cobriu com a toalha, talvez receando que ele tivesse olhos na nuca.

O exercício ainda não havia chegado ao fim. Para reproduzir tanto quanto possível uma situação real, Danni o obrigava a esperar 10 minutos antes de ouvir a lista de objetos memorizados e, durante esse tempo, conversava com ele sobre as principais notícias do *Jerusalem Post*. “Compartimentalização”, como ela dizia. Isso significava dividir a mente em seções hermeticamente fechadas para depois colocar uma tranca e um rótulo em cada uma.

As manchetes daquela manhã haviam sido tiradas de um mundo em guerra. No leste do Mediterrâneo, a Marinha israelense havia interceptado um cargueiro de bandeira estrangeira, que transportava um diabólico arsenal de origem iraniana com destino às facções do Hezbollah na Síria e no Líbano.

– Como se chamava o cargueiro e de que país era a bandeira?

Jonathan tinha a resposta na ponta da língua:

– *Faring Rose*. Noruega.

Mais um confronto havia eclodido no monte do Templo. Duzentos policiais haviam sido chamados para dar fim à confusão.

– Por que as pessoas ficaram tão revoltadas?

– Acesso dos palestinos ao Templo.

– Quem era contra e quem era a favor?

– O Partido Popular... – Jonathan desistiu. Sempre se confundia com a política israelense. O fato de agora estar nesse país não ajudava em nada. – Próxima.

O exercício exigia que eles ficassem cara a cara e mantivessem contato visual, para evitar que Jonathan recorresse a qualquer artifício mental que lhe facilitasse a tarefa. Enquanto se submetia à

sabatina de manchetes, ele não podia deixar de notar certa melancolia nas feições de Danni. Já havia lido uma infinidade de histórias semelhantes e talvez já estivesse calejado, mas ela decerto havia testemunhado boa parte dessas mesmas histórias; talvez viesse daí a tristeza que ela deixava transparecer nos olhos. Contemplando-os, Jonathan notou também os pontinhos verdes que se misturavam ao azul da íris. Fazia calor e Danni usava um short e uma regata preta que combinavam com seus cabelos negros. A única concessão à maquiagem era uma camada de brilho sobre os lábios ressecados. Ela exalava o aroma discreto de um perfume francês. Para essas informações não havia compartimento na mente de Jonathan, nenhuma tranca ou rótulo. Ele as absorvia integralmente e sem nenhum esforço, mesmo contra a vontade.

Danni prosseguiu. Em Peshawar, na fronteira entre o Paquistão e o Afeganistão, três carros-bombas haviam explodido simultaneamente perto de uma base militar. Uma história à qual Jonathan havia prestado especial atenção.

– Quantos mortos? – perguntou ela.

– Sessenta confirmados até agora. Trezentos feridos. Ambos os números devem aumentar.

– Quem assumiu a responsabilidade?

– Um líder do Talibã.

– Nome?

– Sultan Haq. Alegou que o ataque foi em retaliação ao assassinato do pai dele. Eu estava na caverna quando Abdul Haq foi morto. Vi tudo.

Danni arregalou os olhos.

– Você conhece Haq?

– Era lá que eu estava antes de vir pra cá.

– Haq estava preso em Guantánamo – disse Danni, faiscando. – Vocês libertaram o homem errado.

– É o que parece.

Danni voltou ao jornal.

– E quem forneceu os explosivos? – perguntou.

– Não sei – disse Jonathan. – Você sabe?

– Não, mas não importa. Se não foi Balfour, foi alguém da laia dele. Outro inseto que precisa ser esmagado. Balfour é a sua meta. Não vamos esquecer o motivo de sua presença aqui.

Jonathan notou que seu coração batia mais rápido, sentiu que tinha dado mais um passo na direção de seu alvo.

– Pronto? – disse Danni. – Comece.

Ainda olhando nos olhos dela, Jonathan recitou a lista de objetos sobre a mesa. Chegou a 21 itens. Esqueceu-se apenas da caneta-tinteiro, do cartão de visita com caracteres árabes e de uma tangerina. Também trocou a ordem dos dois últimos dígitos do número de telefone anotado num pedaço de papel.

– Nada mau – disse Danni. – Descanse cinco minutos, depois vamos pra rua. Quem sabe você finalmente consegue identificar alguém? Mas não estou muito otimista quanto a isso.

Jonathan localizou seu primeiro seguidor quase imediatamente: um rapaz alto, com uma vasta cabeleira cacheada e calças jeans rasgadas, que parecia demasiadamente interessado no conteúdo das diversas vitrines. Seria natural que um esportista examinasse com atenção uma vitrine de equipamentos náuticos e varas de pescar, mas pouco provável que mostrasse o mesmo interesse pela loja de roupas vizinha. Por mais orgulhoso que estivesse por identificar o garoto, ainda maior era o orgulho pelo modo como o fizera. Olhando em volta para encontrar um meio de enxergar atrás de si, ele havia notado o reflexo do rapaz na janela de um táxi parado no engarrafamento do meio-dia. Em nenhum momento precisara virar o rosto ou olhar de relance enquanto amarrava os sapatos. Bastara uma rápida espiada na janela do táxi, tão nítida quanto um espelho, para ver o que queria. Jonathan apertava ou diminuía o passo e o garoto fazia o mesmo.

Um identificado.

Era meio-dia e meia e, naquele ensolarado princípio de tarde, a área de Haifa em frente à praia era uma colmeia de atividade. Cafés com vista para o mar, pequenos antiquários e mercados de toda sorte atraíam uma variada gama da população israelense: jovens, velhos, nativos, palestinos. Um amálgama do antigo e do moderno, uma pequena amostra do que era Israel nos novos tempos. Danni sabia muito bem como escolher suas colmeias.

Jonathan passava pela velha torre do relógio quando soaram as badaladas da meia hora. Na esquina, um velhinho corcunda vendia refrigerantes e *shawarmas* numa carrocinha. Jonathan comprou uma Coca, puxou conversa com o homem e aproveitou a oportunidade para espiar os dois sentidos da rua. Precisou fazer um esforço para seguir a orientação de Danni e não virar a cabeça.

Um bloco à frente estava seu segundo seguidor, uma mulher de meia-idade, magra, que o observava do outro lado da rua. Estava usando um vestido laranja e um chapéu de palha, apenas para se disfarçar. Pouco antes usava um suéter azul e trazia os cabelos presos numa trança. Foram os sapatos que a entregaram: um par de botinas pesadas, dessas de caminhada, que ele já havia notado dois quarteirões antes.

Dois identificados.

Ele estava aprendendo.

Jonathan ouviu, mais do que viu, o carro que se aproximava em alta velocidade às suas costas. O motor rugia alto o bastante para chamar sua atenção e parecia cada vez mais próximo. Ainda assim, ele resistiu à tentação de se virar. Só o fez quando o BMW preto passou rente à calçada, obrigando-o a dar um pequeno salto para o lado, e estacionou adiante.

A porta se abriu e Danni acenou para que ele se aproximasse. Jonathan correu ao encontro dela.

– O que foi? – perguntou. – Fiz algo errado? Um deles era o cara de cabelos cacheados e jeans rasgados e outro era a mulher de chapéu de palha.

– Isso não importa – disse Danni. – Vai, entra.

Jonathan ficou onde estava.

– Mas identifiquei dois deles! – falou com orgulho. – Logo agora que eu estava pegando o jeito...

– Meus parabéns – disse Danni, sem nenhum entusiasmo. – Sente no banco de trás. Estamos atrasados.

Jonathan entrou e ela se acomodou ao lado dele.

– Atrasados pra quê? – perguntou ele. – O que está acontecendo? Algum problema?

Assim que o carro arrancou, Danni entregou-lhe um passaporte.

– Mudança de planos. As coisas estão indo mais rápido do que o previsto. Vamos sair do país.

– Quando? Quer dizer... pra onde?

– O avião decola em duas horas – disse ela, conferindo o relógio no pulso bronzeado. – Não se preocupe. Você vai gostar do nosso destino. É frio e tem montanhas.

34

EMMMA LEVANTOU O CAPUZ do casaco e praguejou contra o mau tempo. A frente que ela percebera ao decolar de Chitral havia chegado antes do que ela esperava. A temperatura havia caído 7 graus e já fazia uma hora que estava nevando.

Ela cravou a picareta na encosta e deu passagem aos membros de sua equipe.

– O oxigênio está fazendo efeito? – perguntou a um dos físicos, dando um tapinha nas costas dele.

O homem grunhiu alguma coisa e seguiu adiante.

– Não é muito longe – disse ela. – Só mais esta encosta.

Tratava-se de uma mentira perdoável. Emma sabia que o sucesso de uma escalada dependia em grande parte de artifícios mentais. Um deles era quebrar a rota em segmentos menores, mais palatáveis. Atrás do primeiro físico foram passando os outros: o guia, os carregadores (levando nas costas 40 quilos de barracas, comida e, claro, as sofisticadas ferramentas que seriam necessárias para desmontar o míssil e retirar o conteúdo nuclear) e, por fim, o segundo físico. Emma observou esse último com mais atenção. O homem crispava o rosto numa careta de dor, parecia cambalear. Era magro e até aquele momento, a julgar pelos olhos brilhantes e pelo jeito sério, dera a impressão de que estava apto para a empreitada. Só agora Emma percebia que havia se enganado. Ele não estava em boa forma.

Fazia seis horas que eles vinham marchando com um breve descanso a cada 60 minutos. Após o acampamento base, a 4.500 metros de altitude, a trilha havia ficado um pouco mais íngreme e por sorte a neve estava firme. O primeiro desafio veio com a marca de 3 quilômetros, onde uma enorme cascata de gelo dava fim à trilha. Emma interrompeu a marcha para prender a corda, colocar os crampons e dizer aos outros que, caso um deles pisasse naquela

corda, ela o empurraria pessoalmente montanha abaixo. Depois disso, todos se calaram e a subida começou para valer.

A cascata, que subia 250 metros ao longo de alguns quilômetros, lembrava uma gigantesca escada de mármore em ruínas. Toda a escalada foi feita no mais absoluto silêncio, promovido pelo medo de que a qualquer instante eles se vissem obrigados a saltar uma garganta ou, pior, que ouvissem o troar gutural de um deslocamento de gelo. Por sorte, chegaram ao topo sem nenhum incidente. A trilha continuava pelo flanco da montanha, como se estivesse ao longo da bainha de uma saia, a neve mais uma vez firme sob os crampons.

Ao meio-dia eles pararam para o almoço: carne-seca, arroz e feijão. Emma já havia esquecido o tédio que era cozinhar nas alturas. A água demorava 30 minutos para ferver. Depois, eram necessários mais 30 para o arroz instantâneo cozinhar. Foi aí que começaram as lamúrias. O físico mais encorpado tinha bolhas por toda parte. Emma abriu-as, aplicou uma pomada antifricção e as cobriu com uma faixa. O outro reclamava de câibras na perna. Emma lhe fez uma massagem, cravando os polegares tão fundo nas panturrilhas que ele chegou a verter lágrimas.

Os físicos não foram os únicos a dar trabalho. Dali a pouco o guia começou a resmungar, ameaçando dar meia-volta caso não recebesse imediatamente a segunda parte do pagamento. Emma também tinha uma solução a oferecer. Chamou-o de lado e, sem que ele esperasse, apertou os colhões dele o mais forte que pôde.

– Você vai nos levar diretamente ao míssil – disse, pouco se importando com os apelos dele. – E vai fazer isso sem enrolação, nada de fingir que está perdido. Caso contrário, não só vou falar com Balfour pra que você não receba porra nenhuma – ela o largou e, pegando a pistola, a apertou contra a testa dele – como vou plantar uma bala nessa sua cabecinha oca e gananciosa.

Guardou a pistola na bainha e, com um tapinha no rosto do guia, concluiu:

– Balfour não me colocou no comando desta expedição porque gosta do meu corpo. Entendido?

– Sim, senhora.

Por fim, ela sacou a picareta e voltou com o guia para junto dos outros.

– Até os carregadores já estão cansados – disse. – Mais duas ou três horas e ninguém aguenta mais.

– Já estar perto – disse o guia, protegendo o saco com uma das mãos. – Outro lado daquela crista ter pequeno vale. Objeto lá, na ponta do vale.

– Acha que chegamos antes de escurecer?

– Se não demorar muito.

– Tem algum abrigo por lá?

– Umas cavernas, não muito longe.

Emma agarrou-o pela gola do casaco.

– E você sabe exatamente aonde estamos indo, não sabe?

O guia fez que sim com a cabeça, apavorado.

– Então, pé na estrada – disse Emma e o largou.

Em seguida olhou para o céu, já bem mais escuro, e para a neve, mais pesada e úmida. Três horas seriam uma eternidade para os que estavam mais cansados. Aquela expedição havia sido um projeto ambicioso demais. Dois dias não bastavam para organizar sequer um passeio no campo, muito menos uma escalada com oito pessoas em grande altitude. Por outro lado, não lhe restara alternativa. Balfour fizera questão de que o míssil fosse encontrado imediatamente e, a bem da verdade, a urgência dele viera a calhar. Diante da traição de Connor, encontrar o tal míssil era o único meio de garantir sua sobrevivência para além dos próximos dias.

Emma demorou-se um instante observando o grupo, que retomava sua lenta escalada. Durante o almoço ela havia batizado o chá deles com uma anfetamina leve, mas o efeito teria curta duração. Ela conferiu as horas no relógio e se juntou a eles.

Três horas.

Quase impossível.



O físico magricela foi o primeiro a sucumbir. Emma concedeu-lhe mais 10 minutos de descanso. Retirou as botas dele e massageou seus pés. Preparou um pouco mais de chá, obrigou-o a beber, mas não obteve nenhum resultado. O homem estava acabado. Os olhos baços exibiam aquela expressão distante que ela conhecia muito bem.

Emma olhou para o vale à sua frente, um amplo descampado sem qualquer árvore ou rocha que quebrasse aquela monocromia branca. Os flancos do Tirich Mir se erguiam ao longe, soberbos e semiencobertos pelas nuvens. Esforçando-se para não perder a paciência, ela esperou que o físico descansasse. Os carregadores nem se deram o trabalho de tirar as mochilas. Eles haviam acabado de ultrapassar a crista. Se naquele vale houvesse uma trilha, tinha sido encoberta pela neve havia muito tempo. Dali em diante caberia a eles traçar seu próprio caminho.

Apontando para um rochedo pontiagudo, o guia disse:

– Cinco quilômetros.

Emma entregou sua mochila para o mais forte dos carregadores. Em seguida, ficou de joelhos e mandou que o físico combalido subisse em suas costas. Levantando-se, ajustou os braços sob as pernas finas do homem e calculou que ele pesava pouco mais de 60 quilos. Os outros mal podiam acreditar no que estavam vendo.

– O último a chegar é mulher do padre – disse ela. E para o guia:
– Anda!



Eram 10 para as cinco e começava a anoitecer quando eles finalmente alcançaram o tal rochedo. Emma botou o físico no chão e se jogou de costas na neve. Permitiu-se um descanso de 10 minutos, depois ficou de pé. Enxergava mal, indício de que estava perigosamente perto da exaustão. Não havia tempo a perder. Para reanimar o grupo, foi falar com cada um deles, encorajando-os,

pedindo que se hidratassem, ajudando-os a encontrar pelo menos uma barra de cereais na bagagem reunida às pressas. Em seguida, foi cuidar de si mesma: bebeu um litro de água e comeu um pouco da mistura de sementes oleaginosas.

Depois de ordenar aos carregadores que procurassem uma caverna e acendessem uma fogueira, chamou os físicos e o guia e disse:

– Daqui a pouco vai estar totalmente escuro. Antes disso, quero que nossos amigos aqui, da oficina do Dr. Khan, deem uma olhada no prêmio que está à nossa espera.

– Está a uns 100 metros daqui – disse o guia. – Vou lhe mostrar.

O míssil era bem maior do que Emma havia imaginado. Ela já pesquisara a ficha técnica na internet, mas não contava que fosse tão imponente, tão marcial. O nome completo era: Boeing AGM-86 Míssil de Cruzeiro de Lançamento Aéreo Convencional. Tinha 6,5 metros de comprimento, 1,20 metro de diâmetro e pesava 1,5 tonelada.

O guia varreu a camada de neve com as próprias mãos e retirou a lona que ele e o irmão haviam levado para protegê-lo. O míssil tinha o tom cinzento de um tubarão e um bico anguloso que lembrava um jatinho comercial. As aletas longas e finas que ajudavam na sustentação não haviam sido acionadas, permanecendo escondidas na fuselagem. Uma válvula circular para entrada de ar se erguia entre as barbatanas da cauda. As palavras “Força Aérea dos EUA” estavam pintadas na superfície, bem como o número de série e outras informações operacionais. Mas todos só tinham olhos para duas coisas: os símbolos de radiação (pintados em amarelo e preto em três pontos diferentes da fuselagem) e a advertência: “Perigo. Conteúdo radioativo. A não observação das instruções pode ser fatal.”

Um eufemismo, pensou Emma.

O físico mais parrudo retirou da mochila um contador Geiger e o encostou no centro do míssil, onde ficava a carga nuclear. A agulha se agitou desordenadamente até parar no vermelho.

– Urânio-235 – disse, olhando para o cromatógrafo. – Em perfeito estado.

– E o trítio? – perguntou o colega, referindo-se ao gás concentrado necessário à produção de uma reação em cadeia.

– Noventa por cento.

– Meu Deus!

– O que foi? – perguntou Emma.

– A bomba ainda está viva. Pode explodir a qualquer momento.

O VOO 275 DA SWISS INTERNATIONAL AIRWAYS saído de Jerusalém pousou no aeroporto Contrin, de Genebra, pontualmente às 15 para as cinco. O céu estava cinzento, carregado. A temperatura era de 1°C, com 80% de umidade. Jonathan atravessou sozinho o longo corredor que conduzia às esteiras de bagagem, sentindo-se mais nervoso do que gostaria de admitir. Danni estava em algum lugar à sua frente. Ela havia viajado na classe executiva e ele, na última fileira da econômica. A separação era intencional. A missão já havia começado. Prova disso era o passaporte americano que ele agora carregava na mão esquerda, emitido em nome de John Robertson, natural de Austin, Texas. Seu primeiro codinome. Agora era oficial: ele era um espião.

No guichê da imigração, Jonathan esperou ansioso que seu passaporte fosse escaneado e as informações aparecessem no monitor do policial. Cinco segundos se passaram. Naquelas circunstâncias, pareceram uma eternidade.

– O motivo da sua visita?

– Trabalho – disse Jonathan.

O policial comparou-o à foto e só então carimbou o passaporte.

– Tenha uma boa estadia.

Jonathan pegou de volta o passaporte e permaneceu imóvel por alguns segundos, feito um idiota, até se dar conta de que tudo estava em ordem e ele podia seguir em frente.

Como fora instruído, esperou cinco minutos para seguir Danni depois de vê-la retirar sua bagagem e passar pela alfândega. O que não foi tão simples assim. Por causa da típica eficiência suíça, sua mala já estava na esteira quando ele enfim chegou até lá, então teve que se obrigar a ficar parado, enquanto via a bagagem passar várias vezes.

Carregando a mala, deixou o terminal e atravessou a rua até a Seção B do estacionamento. Uma minivan cinza estava estacionada num dos cantos mais distantes do terceiro andar. Ele abriu a porta e deparou com Danni sentada no banco de trás, quase invisível nas sombras.

– Entre – disse ela.

– Rápido, Dr. Ransom – apressou o motorista. – Temos um longo caminho pela frente.

Falava inglês, com um forte sotaque suíço-alemão. Era um homem pequeno, de ombros estreitos, feições sérias e cabelos grisalhos cortados em estilo militar.

Jonathan levou um susto.

– Você?

– Olá de novo – disse Marcus von Daniken, diretor do Serviço de Análise e Proteção, a agência de contraespionagem da Suíça. – Por favor, feche a porta. A calefação está ligada.

Jonathan se acomodou no banco do meio e fechou a porta.

– Como está seu braço?

– Não vou poder jogar tênis tão cedo, mas pelo menos posso ver os jogos na televisão.

Dez meses antes, Von Daniken havia se ferido ao ajudar Jonathan e Emma a frustrar o ataque a um avião comercial israelense.

– Quer dizer então que você conhece Connor? – perguntou Jonathan.

– Frank e eu somos colegas de longa data. O episódio de fevereiro serviu pra estreitar nossos laços e identificar interesses em comum. Ajudo sempre que posso.

– É um prazer vê-lo de novo.

– Por favor, Dr. Ransom. A delicadeza não é um requisito nesta profissão.

– Eu só estava dizendo que...

– Eu sei, eu sei. – Von Daniken fitou-o pelo retrovisor, deixando transparecer no olhar sério algo próximo a uma expressão de

respeito. Balançou a cabeça, solene, depois emendou: – Só estou decepcionado com uma coisa.

– Ah, é? O quê?

– Você ainda insiste em andar com o tipo errado de mulher.

– Não enche, Marcus – disse Danni, ríspida, mas logo caiu na gargalhada junto com o suíço.

Jonathan ficou se sentindo um peixe fora d'água em meio àquela camaradagem súbita e um tanto sinistra.

Von Daniken deu partida na van, deixou o estacionamento e saiu para a autoestrada. Durante algum tempo eles seguiram pelos subúrbios de Genebra, que, à luz do entardecer, parecia tão deprimente e sem personalidade quanto qualquer outra cidade da Europa Central. A certa altura os prédios foram rareando até que sumiram por completo; a autoestrada ganhou aclive e a vasta superfície do lago de Genebra surgiu no horizonte, um oceano negro, confinado a oeste pelos picos imponentes da Alta Savoia francesa.

Incomodado com a calefação, Jonathan abriu uma fresta na janela e o vento gelado invadiu o carro, carregando um cheiro forte de terra. Imediatamente ele despertou. Com os sentidos aguçados, olhou para Danni, que cochilava no banco de trás, e foi acometido por uma raiva súbita. Ela sabia de tudo (por que ele estava ali, o que teria de fazer e como), mas não abria o jogo. “Dizer apenas o necessário.” Essas palavras o enlouqueciam. Se alguém tinha necessidade de saber de alguma coisa, esse alguém era ele. E tinha que saber agora.

A estrada seguia contornando o lago, passando por Lausanne, Montreux e Vevey, até que o lago se estreitou e confluía com as águas do Ródano, as montanhas já mais próximas de ambos os lados, as sombras se imprimindo no vale como sentinelas dos deuses.

– Mas que droga! – exclamou Jonathan. – Pra onde vocês estão me levando?

Danni abriu os olhos. Não mandou que ele cuidasse da própria vida, como de costume, apenas bocejou e disse:

– Marcus, o Dr. Ransom quer saber aonde estamos indo. Pode fazer a gentileza de contar a ele?

– Estamos indo aonde deve ir todo casal apaixonado que gosta de neve e é muito rico – disse Von Daniken. – Gstaad.

O Palace Hotel coroava sua própria colina na extremidade norte do vilarejo de Gstaad, um castelo de conto de fadas sobrelevando um reino não menos encantador. Nuvens muito finas e brancas dançavam sobre a estrada de acesso. Por um instante o hotel sumiu de vista, dando lugar a uma encosta coberta de neve e bétulas peladas. Outra curva e lá estava ele novamente, bem maior do que antes, uma sinfonia de luzes e tapetes vermelhos. Lacaios de libré esperavam à *porte cochère* para abri-la.

– Pode me ajudar com isto? – Danni estendeu o punho para que Jonathan abotoasse um bracelete de diamantes. Ela usava um anel de esmeralda na mão direita e, na outra, um diamante amarelo-canário do tamanho de uma castanha-do-pará.

– São de verdade? – perguntou ele.

Durante a última hora da viagem para Gstaad, não antes, Danni enfim lhe passara todos os detalhes de sua missão. Dali em diante eles seriam o Sr. e a Sra. John Robertson, de Austin, Texas. Ele seria uma espécie de figurão do ramo imobiliário. (“Se perguntarem, diga que você trabalha com ‘terras’”, recomendara ela. “No Texas, isso basta.”) O casal estava em Gstaad para descansar. Sol, esqui e um pequeno retoque no rosto, por que não? Cortesia do Dr. Michel Revy. Revy era o alvo, o cirurgião plástico que Balfour havia contratado para remodelar o rosto dele no Paquistão.

– Claro – respondeu ela, piscando como uma debutante. – Baby adora suas pedrinhas.

Por um instante Jonathan ficou mudo. Não ficara chocado com a qualidade dos passaportes falsos, com o motivo dado para a presença deles em Gstaad nem com o que se esperava dele. Fazia

horas, se não dias, que vinha aguardando para obter todas essas respostas e, no fim das contas, a missão nem era tão complicada quanto ele havia imaginado. O que de fato o chocara fora o sotaque de Danni. Ou melhor, a total ausência dele. Ela falava como se tivesse nascido e crescido no Texas, à sombra dos poços de petróleo do papai.

– Baby? – Jonathan olhou para Von Daniken em busca de ajuda, mas o suíço já havia descido da van para dizer aos porteiros que não ficaria no hotel.

O check-in aconteceu sem nenhum problema, com exceção do momento em que Jonathan precisou consultar o passaporte para conferir a grafia correta do novo sobrenome: aos olhos do aprendiz de espião, “Robertson” era um nome exótico. Um número de cartão de crédito já constava da reserva e, ao ser consultado, Jonathan respondeu que sim, todas as despesas deveriam ser debitadas nele. O gerente do hotel os acompanhou até o quarto e levou cerca de 10 minutos explicando todos os recursos controlados pelo painel ao lado da cama.

A suíte 420 era uma das mais luxuosas, com uma pequena antessala adjacente ao amplo quarto de dormir. Carpete cor de mel com estampa de flor-de-lis; móveis modernos e confortáveis. Uma garrafa de água mineral Passuger gelava num balde de prata e, em outro, uma de Veuve Clicquot.

– Posso abrir o champanhe agora? – perguntou o gerente.

– Não, não será... – Jonathan foi dizendo.

– Claro, Herr Ringgenberg – interrompeu Danni, que de algum modo se lembrava do nome do homem. – Estamos mortos de sede, não estamos, meu bem?

Herr Ringgenberg serviu o champanhe com cerimônia e desejou ao casal uma excelente estadia. Demorou-se à porta e foi Danni quem precisou tomar a iniciativa de recompensá-lo com uma nota de 50 francos, agradecendo com delicadeza. A porta se fechou. Danni se virou para Jonathan e ergueu a taça.

– Saúde, meu bem.

– Saúde. Você não acha que exagerou um pouco?

– A gente precisa ter um pouco de diversão – disse ela, sem nenhum sinal de que estava se divertindo, o sotaque israelense de repente expulsando a dondoca texana. Pousou a taça sem beber do champanhe, depois disse: – Vá se trocar. Há um terno no armário. Camisa branca e gravata, por favor. Somos ricos e conservadores. Aqui não é lugar pra camisa de flanela e botinas.

No armário, Jonathan encontrou três ternos: um cinza, um azul-marinho e um preto.

– Vou ficar parecendo um coveiro.

– Coveiros não usam Zegna.

Jonathan não sabia o que, ou quem, era Zegna, mas preferiu não perguntar.

– E você?

Danni entrou no banheiro levando no ombro um vestido armazenado num saco de viagem.

– Espere e verá.

A porta se fechou e por um tempo razoavelmente longo Jonathan ficou olhando para a luz que saía pela fresta. Pensando em outro hotel de luxo no qual nunca deveria ter posto os pés, em outra cidade estrangeira, em outra mulher. Algo fervilhava dentro dele. Algo mais forte que o desejo. Deu um passo em direção à porta e parou, desconcertado com os próprios pensamentos.

Como instruído, Jonathan vestiu o terno azul-marinho, uma camisa branca e uma gravata escura. Tudo parecia feito sob medida e, quando se olhou no espelho, viu o médico com o qual seu pai sempre havia sonhado. Ou, como Connor poderia ter dito se estivesse presente, “o médico que ele estava prestes a se tornar”.

A porta do banheiro se abriu, deixando escapar para o quarto alguns compassos da “Valsa do Imperador”, de Beethoven, e notas de perfume francês.

– Está pronto?

Jonathan se virou do espelho e levou um susto. A primeira coisa que lhe passou pela cabeça foi que aquela mulher à sua frente não poderia ser Danni. Alguém havia substituído a agente bonita e forte com a qual ele passara os últimos quatro dias por uma supermodelo de cabelos escuros, recém-saída das passarelas de Paris. Ela estava embrulhada num vestido preto que de tão justo não deixava nenhum espaço para a imaginação. As curvas eram bem mais acentuadas do que ele havia pensado. Graças aos saltos, também estava mais alta. Sua maquiagem era perfeita: um carro de bombeiros ficaria pálido ao lado daqueles lábios tão vermelhos; Cleópatra se roeria de inveja se visse o contorno preto dos olhos. Os cabelos estavam presos num coque, deixando à mostra os brincos de diamantes. Mais pedrinhas para *Baby*.

– O que foi? – perguntou Danni. – Alguma coisa errada?

Jonathan vasculhou seu baú de comentários sarcásticos em busca de algo que pudesse explicar sua expressão de espanto. Encontrou apenas a verdade.

– Você está... *linda*.

De olhos marejados, Danni correu para o armário e voltou pouco depois com uma caixinha de couro preto. Jonathan se levantou da cadeira quando ela retirou da tal caixa um relógio masculino com pulseira de couro de crocodilo.

– Um cronógrafo português IWC – disse ela, virando o pulso de Jonathan para afivelar o relógio. – Ouro branco, porque você não gosta de ostentação.

– Ao contrário de você.

Danni baixou os olhos e Jonathan precisou fazer um esforço para ignorar o toque suave dos dedos dela, a concentração absoluta que ela dedicava à tarefa, a proximidade dos corpos. Afivelado o relógio, ele desceu o punho da camisa e disse:

– Não chega a ser um Casio G-Shock.

– Estamos na Suíça – disse Danni. – As pessoas reparam nos relógios. Ah, mais uma coisa.

– O quê?

Danni pegou a mão esquerda dele e colocou uma aliança em seu dedo.

– Agora é oficial – disse.

Jonathan admirou a própria mão, lembrando-se dos dias em que usava uma aliança naquele mesmo dedo. Era um homem que gostava de relações duradouras.

– Boa noite, Sra. Robertson – falou.

Danni ergueu os olhos, séria.

– Boa noite, Sr. Robertson. Então, podemos ir?

Jonathan fez que sim com a cabeça e eles se entreolharam por um tempo. Talvez longo demais.

A **BASE DE ARTILHARIA PERSUADER** ficava na cabeceira de um vale estreito entre as montanhas da província de Korengal, no norte do Afeganistão, a apenas 5 quilômetros da fronteira com o Paquistão. Abrigava 15 fuzileiros americanos, membros da Equipe Alfa de Operações Especiais, Terceiro Batalhão, Primeira Divisão. Resumia-se a um terreno de 30x20 metros, confinado por uma barreira HESCO com pouco mais de 1 metro de altura (o equivalente moderno aos sacos de areia) e uma cerca de 3 metros encimada por espirais de fita farpada.

Fazia quatro meses que a Equipe Alfa vinha esquadrinhando os vales que corriam feito dedos de bruxa através das montanhas, ora preparando emboscadas, ora construindo esconderijos, subindo e descendo colinas muito mais que o mitológico Sísifo. Sua missão era simples: interceptar o fluxo de armas e munições trazidas das regiões tribais independentes do Paquistão e bloquear o trânsito de guerreiros estrangeiros que tentavam atravessar a fronteira para se juntar aos irmãos talibãs. Àquela altura, já tinham sua cota de vitórias e derrotas. Havia perdido dois de seus homens, porém mataram um contingente 100 vezes maior. Uma estatística triste, mas que ninguém ousava condenar. Na guerra, a Equipe Alfa de Operações Especiais era um espinho solitário na fronteira defensiva do país. Mas um espinho bastante afiado.

O capitão Kyle Crockett ouviu os rotores dos helicópteros antes mesmo de ver as aeronaves. Anoitecia e uma névoa violeta pairava no ar, bloqueando a vista que se estendia pelo vale até as planícies do norte. Numa zona de guerra, os helicópteros sempre voavam em dupla. Caso um fosse ao chão, o outro estava lá para resgatar e transportar os eventuais sobreviventes. Crockett pegou seu fuzil e sua mochila, deixou o posto de comando e atravessou o chão lamacento para se juntar aos outros membros da equipe, 12 dos

quais embarcariam na missão daquela noite. Eram homens disciplinados e muito bem treinados, que sabiam manter a calma sob fogo cruzado, mas que, na hora certa, podiam ser cruéis como lobos.

Todos vestiam fardas de inverno camufladas em tons de cinza e anoraques sobre os coletes blindados. Dez deles portavam fuzis automáticos M4 (muito parecidos com o predecessor M16) com 10 pentes de munição, totalizando 270 balas por pessoa. Quatro levavam lança-granadas M203 montados sob o cano das armas e dois, o lança-granadas M79, de maior precisão. O 11º era um atirador de elite equipado com um M40, em essência um Remington 700 turbinado. O 12º era o artilheiro da equipe, responsável pela operação de uma metralhadora M249, uma geringonça pesada capaz de disparar 2.500 balas por minuto.

Pelo rádio, Crockett foi avisado para limpar a zona de aterrissagem.

– Estamos pousando em dois minutos.

Crockett repassou a informação para os fuzileiros, que imediatamente recolheram as mochilas para descer à zona de aterrissagem.

Os Chinooks cruzaram o vale e enfim pousaram, um atrás do outro. Os chefes de tripulação saltaram, acenando para que os fuzileiros embarcassem.

Crockett agrupou seus homens para uma palavra final.

– É possível que encontremos alguma resistência por parte desses caras – berrou, tentando se fazer ouvir em meio à barulhada dos rotores. – São guerreiros inimigos. Nesse caso, atirem pra matar. Não há espaço pra prisioneiros nesses helicópteros. Estamos entendidos?

– *Hoo-yah!* – berraram todos em uníssono.

– Muito bem, então. Hora da diversão.

O TÍTULO DA PALESTRA ERA “Avanços nos tratamentos estéticos e cosméticos: uma perspectiva clínica”. O palestrante era o Dr. Michel Revy, licenciado pela Sociedade Suíça de Cirurgia Plástica, membro do Colégio Americano de Cirurgiões e da Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Cosmética, vencedor de meia dúzia de prêmios e títulos dos quais Jonathan nunca tinha ouvido falar. O local reservado para o encontro não era o auditório de uma universidade ou de um hospital, mas o salão privado do restaurante Chesery, na ponta sul do vilarejo. Uma placa à porta informava que a casa era filiada à Chaîne des Rôtisseurs e havia recebido 18 do total de 20 pontos atribuídos pelo *Gault Millau*. Bastou uma rápida farejada no ar para que Jonathan constatasse que estava num paraíso gastronômico.

Um homem se encontrava a postos na escada para receber os casacos. Jonathan conduzia Danni pelo braço.

– Qual de nós é o paciente? – perguntou.

– Eu – disse ela, pegando na mão dele. – Preciso de uma esticadinha.

– Você não precisa de *esticadinha* nenhuma – retrucou Jonathan com sua autoridade de médico.

– Puxa, John, essa foi a coisa mais gentil que você me disse em muitos anos! – Baixando a voz, ela emendou: – Fique de olho em Revy. Observe os hábitos, os tiques. Puxe conversa com ele. Ligue o gravador assim que se aproximar. Estamos aqui pra ouvir e aprender. Ele e Balfour têm se falado pelo menos três vezes por semana, mas isso é tudo o que sabemos. Não temos a menor ideia do que Revy possa ter falado de si mesmo.

O salão estava lotado. Jonathan agora se acotovelava com uma diversificada amostra da elite internacional. Nos primeiros 20 minutos, apertou as mãos de um *Graf* alemão, de um “rei do gado”

argentino e de um magnata do petróleo norueguês. Foi absolutamente gentil com todos, sorrindo e trocando amenidades, mas guiando o olhar recém-treinado para o inquieto vulto do Dr. Michel Revy, cercado de elegantírrimas e esticadíssimas senhoras.

Revy era um tanto atarracado, de estatura mediana e óculos de aro de metal que escondiam um olhar paternal. Usava um paletó de smoking com gravata preta. Segundo Connor, ele e Balfour ainda não haviam se encontrado pessoalmente. Revy não incluía fotos suas em seu site, apenas as usuais imagens “antes e depois” dos pacientes. Uma alentada pesquisa na web havia confirmado sua preferência pelo anonimato.

A palestra começou às oito e meia. Ao longo de uma hora, Revy falou sobre os novos recursos para interromper e reverter o envelhecimento. Começou com a necessidade de uma boa alimentação, seguiu com as novidades na área dermatológica e culminou com sua própria especialidade, a cirurgia plástica. Cada parte do corpo foi abordada, desde as nádegas até as sobrancelhas, com uma infinidade de slides para ilustrar o antes e o depois dos diversos procedimentos. Jonathan tinha uma boa intuição para avaliar a competência de um médico e em nenhum momento pôs em dúvida a de Revy. Ele era um cirurgião talentoso.

“Ele é um jogador compulsivo”, dissera Danni. “Já ganhou fortunas nas mesas de jogo, mas perdeu 10 vezes mais. Está endividado até o pescoço. Teve que entregar a casa e os brinquedinhos para os bancos. Deve horrores aos agiotas. Alguns anos atrás operou o rosto de um chefe da máfia corsa e desde então ficou conhecido como um ‘bisturi de aluguel.’”

Revy concluiu sua apresentação dizendo:

– Será um prazer conversar pessoalmente com todos vocês após o jantar.

Os convidados aplaudiram com moderação e voltaram às mesas.

Foram servidos vinho branco, um Fendant local, acompanhado de um *amuse-gueule* de *terriner* de *foie gras* com figos e pistache, *Bouillon mit Mark* (caldo de carne com tutano) como primeiro prato, seguido de *Kalbgeschnetzeltes nach Zürcher Art* (cubos de vitela

com fatias finas de cogumelo e creme de vinho branco, acompanhados de batata *rösti*) e uma salada verde. Garçons diligentes empunhavam garrafas de Dole des Monts, cuidando para que as taças nunca ficassem vazias. Frutas e queijos foram servidos na sequência e, por fim, de sobremesa, *Apfeltorte mit Schlagrahm* (torta de maçã quente com chantili). As conversas foram ficando mais ruidosas com as rodadas de conhaque e licor. A certa altura, Revy ficou de pé e deu o jantar por encerrado.

– Agora é sua chance – disse Danni. – Vá falar com ele. E não se esqueça de fazer perguntas pessoais. Você é americano.

Jonathan se levantou e seguiu para a entrada do salão, onde um grupo de mulheres adulava Revy num círculo fechado. Cruzou os braços, esperou que elas se dispersassem e dali a pouco se viu frente a frente com o médico.

– Restylane – sentenciou Michel Revy.

– Perdão? – Jonathan virou-se para trás, pensando que ele havia falado com outra pessoa.

– Restylane, é disso que você precisa. – Revy empinava o queixo enquanto fazia seu exame. – Isso, isso, isso... uma ampola para os sulcos nasogenianos, outra para esses traços horrorosos na testa. Ficaré espantado com o ar descansado que terá depois.

– Descansado?

– A-hã. Ficaré 10 anos mais moço. Não deixe de me procurar. Isso, isso, me procure depois.

– Claro – disse Jonathan. – Mas eu gostaria de saber...

Antes que ele pudesse terminar, Revy voltou sua atenção para uma cliente mais promissora, uma cinquentona quase totalmente desprovida de peitos, de cabelos avermelhados e pele tão danificada pelo sol que sua textura lembrava os pergaminhos do mar Morto.

Jonathan ficou por perto, observando e ouvindo enquanto o médico espetava sua caneta no tórax reto da mulher, comparando as próteses de silicone às de solução salina, listando os méritos de cada uma. Jonathan notou que ele tinha o hábito de dizer “isso,

isso, isso..." e que muitas vezes terminava as frases com um "não é?"; também não deixava que ninguém falasse por mais de cinco segundos sem resmungar: "Humm, humm, humm." Tudo isso com o forte sotaque da Suíça romanda.

– O que você aprendeu? – perguntou Danni, assim que Jonathan voltou.

– Nada. O cara estava ocupado demais angariando clientes. Em menos de 10 minutos conseguiu duas cirurgias de rosto, uma de peito e uma de barriga.

– Isso não é bom. – Danni puxou Jonathan pela manga do paletó e o conduziu para as escadas. – Vou dar uma saída.

– Pra onde?

– O hotel de Revy. Talvez encontre alguma coisa por lá.

– Como descobriu onde ele está hospedado?

– Von Daniken me contou. Grand Hotel Park. Quarto 333.

– Ele também lhe deu a chave?

– Não – disse Danni. – Isso foi obra minha. – Ela roçou o cartão magnético que servia de chave na perna dele.

– Como...?

– Você não teve tempo de aprender a bater carteiras. Se quiser, posso te ensinar depois que você voltar. – Enquanto se despedia com um beijinho no rosto, Danni sussurrou: – Se alguém perguntar, diga que estava indisposta. Não deixe Revy sair antes que eu volte. Preciso de uma hora.

– E se eu não conseguir?

Danni levou o indicador aos lábios dele.

– *Shhh*. Neste ramo não existe "E se?".

O LUGAR PARECIA UM SÍTIO ARQUEOLÓGICO. Eles haviam erguido uma grande tenda para se protegerem da neve e dos ventos fortes, bem como da remota hipótese de que alguém os observasse do alto. Um par de lâmpadas de vapor de sódio jogava luz sobre o míssil. Ao lado dele, os carregadores estavam dentro de uma vala, da altura de seus joelhos, batendo as picaretas em movimentos ritmados. Havia uma hora que estavam cavando; apesar do frio, vestiam apenas uma blusa de lã e suavam.

– Ainda falta muito? – perguntou Emma, cruzando os braços à beira da vala.

A neve havia sido retirada sem maiores dificuldades. A terra, no entanto, estava congelada, dura feito rocha. A vala já tinha 1 metro de profundidade e o dobro de largura, mas ainda não oferecia o espaço necessário para os trabalhos que estavam por vir.

– Pelo menos meio metro ainda – respondeu o físico mais parrudo. – Caso contrário, não conseguiremos abrir a tampa de acesso.

O Boeing AGM-86 se dividia em três seções. O terço traseiro abrigava a instalação de força: um motor turbo-hélice Williams F107 e combustível; o nariz e o terço dianteiro continham um sistema de navegação inercial TERCON, uma espécie de protótipo do GPS; e a parte central, a carga nuclear de 150 quilotons. O acesso a essa carga se dava por meio de uma tampa na barriga do míssil.

Emma imaginou o momento em que a tal tampa se abriria, deixando cair a perigosa carga.

– A bomba pode cair? – perguntou.

– Acho que não – disse o físico. – Está aparafusada ao interior da parede. De qualquer modo, a senhora não precisa se preocupar. A bomba só é detonada quando uma carga de alto teor explosivo atinge o núcleo de urânio, dando início a uma reação em cadeia.

– Que tipo de carga?

– Aproximadamente meio quilo de explosivos plásticos.

Meio quilo de Semtex era mais que suficiente para reduzir a pó qualquer um que estivesse a 7 metros do míssil.

– E essa carga pode ser acionada se a bomba cair?

O físico perdeu o ar de displicência.

Emma saltou para o interior da vala e se deitou de costas. Rebites de aço prendiam a tampa retangular à barriga do míssil, o que não era um problema. Todas as ferramentas necessárias à retirada da bomba estavam numa das três mochilas de lona: brocas, chaves, serras elétricas e até mesmo uma tocha de acetileno. Mais cedo ela havia perguntado aos físicos se eles já haviam trabalhado com aquele tipo de míssil.

– Claro que não – respondera um deles, sem nenhum sinal de preocupação.

– Nossa especialidade são os mísseis balísticos de lançamento terrestre. Mas estudamos todos os esboços.

O rádio-satélite deu sinal de vida no interior da tenda e Emma saiu da vala para responder ao chamado.

– Sim?

– Como estão as coisas por aí? – perguntou Balfour.

– Estamos quase abrindo.

– *Quase?* Quanto tempo ainda falta? – Havia na voz dele uma urgência que até então não existia.

– O que foi, Ash? Algum problema?

– Vocês precisam se apressar. Não temos muito tempo.

Emma deu as costas para os carregadores, que prosseguiram com a escavação, e para os físicos, que observavam o míssil atônitos.

– Do que você está sabendo? – sussurrou ela.

– A presença de vocês foi detectada. O Exército americano mandou uma equipe para investigar.

Emma se conteve. As implicações da notícia eram demasiadamente complexas e amplas para serem absorvidas de uma só vez. Quem os havia detectado? Como poderiam ter

suspeitado da escalada? E o mais importante de tudo: quem havia passado a informação para Balfour? Emma estava convicta de que o indiano sabia mais do que estava dizendo, no entanto aquele não era o momento de pressioná-lo. Havia providências mais urgentes a tomar.

– De quanto tempo dispomos? – perguntou.

– Uma unidade de operações especiais no norte do Paquistão foi acionada algumas horas atrás. Tudo dependerá da rapidez deles.

Emma já havia trabalhado com membros de unidades especiais no passado. Sabia por experiência própria que eles podiam se mobilizar muito rapidamente.

– Quer dizer então que eles podem chegar a qualquer momento?

A resposta de Balfour não foi nada consoladora.

– Sugiro que vocês retirem essa bomba já.

– Estamos tentando.

– Têm que fazer melhor que isso. A ordem dos americanos é atirar para matar. Não querem que ninguém descubra que perderam uma bomba nuclear.

A linha foi cortada. Emma precisou conter a raiva antes de se juntar aos outros e dizer:

– Senhores, temos novidades. Precisamos apressar o serviço. Balfour pediu que estejamos de volta pela manhã. Naturalmente, vai pagar o dobro do combinado.

Em 15 minutos os carregadores terminaram a escavação. Os físicos se posicionaram sob o míssil, retiraram a tampa com facilidade e levaram algum tempo trocando chaves e alicates entre si. Embrulhados em casacos enormes e calças forradas com penas de ganso, respirando com o auxílio de máscaras de oxigênio, eles prosseguiram com uma lentidão irritante.

Emma saiu da tenda. Flocos de neve caíam de uma nuvem baixa. Ela correu os olhos pelo céu, mas não viu nada. Sabia que os americanos se aproximariam com as luzes apagadas. Foi então que ouviu o farfalhar típico de um helicóptero. Depois um segundo, com a mesma assinatura. Rotores duplos. Provavelmente Chinooks. O

que implicava uma equipe grande, de pelo menos 10 homens. Armados até os dentes. Realmente eles não tinham a menor intenção de fazer prisioneiros.

Emma apertou as pálpebras na tentativa de localizar pelo menos uma sombra em meio às nuvens. Pouco importava que os pilotos não pudessem fazer contato visual ou que estivessem usando óculos de visão noturna. Os Chinooks dispunham de sofisticados sistemas de rastreamento infravermelho capazes de detectar o calor dos alvos através de qualquer nuvem, por mais densa que fosse.

Os ruídos se tornavam mais audíveis até que foram encobertos por uma forte ventania. Emma ficou tão imóvel quanto pôde, receando que, assim que o vento parasse, os americanos já estivessem bem acima deles. Mas depois de alguns minutos a lufada se acalmou e nada se ouviu. Os pilotos haviam passado para o vale seguinte.

Emma voltou para o interior da tenda e diminuiu as luzes.

- Vocês acham que podem terminar nos próximos 10 minutos?
- Precisamos de mais luz.
- Sem chance.

Um dos físicos franziu as sobrancelhas e disse:

– Ainda faltam sete desses parafusos que prendem a bomba à fuselagem, depois...

Emma plantou as mãos nos ombros dele.

- Podem ou não podem?
- Se for absolutamente necessário...
- É.

O físico, um tanto pálido, berrou algumas ordens para o colega e ambos voltaram ao trabalho com vigor redobrado. Emma se postou à beira da tenda, vigiando ora os físicos, ora o céu. A certa altura, ouviu um grito de dor e se virou para a vala. Viu que metade de um projétil de aço havia caído da barriga do míssil e agora espremia um dos físicos no chão.

– Tenham cuidado! – berrou ela, cedendo ao nervosismo. Voltou a cabeça para fora e novamente ouviu os helicópteros. Não havia mais dúvida: os americanos estavam chegando. Tão logo apontassem as câmeras de infravermelho para a área, veriam os vultos vermelhos contra o fundo preto dos monitores. – Os que não tiverem nada pra fazer aqui, saiam imediatamente – ordenou Emma. – Voltem pra caverna e entrem o mais fundo que puderem. Depressa!

Assustados com o tom de voz, os carregadores e o guia saíram em disparada. “Se eu estiver demonstrando tanto medo quanto eles”, pensou, “estou ferrada.” E, para os físicos, disse:

– Acabem logo com isso.

– O último parafuso está emperrado – chiou um deles.

Emma saltou na vala.

– Me dê uma chave inglesa.

O físico passou-lhe a ferramenta e mostrou onde estava o parafuso.

Emma encaixou a chave e deu um puxão. Nada. Depois outro. Nada ainda.

Em meio ao vento, ela podia ouvir os helicópteros.

– Saiam daqui – disse aos físicos. – Cuido disto sozinha. Voltem pra caverna e entrem pelo menos uns 20 metros. Esses helicópteros estão atrás da gente. E os tripulantes não vão fazer muitas perguntas antes de começarem a atirar.

Os físicos fugiram da tenda.

Emma deitou-se de costas e examinou as entranhas do míssil, que lembravam o motor de um Chevrolet turbinado. Um daqueles carros com os quais Jonathan sempre sonhara, um Camaro SS 68 com faixas pretas no capô. Abriu um sorriso amargo: aquele não era exatamente um bom momento para lembrar o passado. Tentou novamente desemperrar o parafuso, mas sem sucesso.

– Dane-se esta chave.

Sem hesitar, sacou a pistola, posicionou o cano a alguns centímetros do parafuso, protegeu os olhos e puxou o gatilho. A

bala atravessou a fuselagem, esfacelando o parafuso. A ogiva enfim se soltou das garras que a prendiam e despencou sobre o peito dela, esmagando-a. Com muito esforço, Emma começou a empurrá-la para a direita enquanto arrastava o próprio corpo para a esquerda, até conseguir que a ogiva rolasse para o chão.

Com 1 metro de comprimento, a ogiva era de aço e tinha a forma de uma bala, afunilada numa das pontas e achatada na outra. Os flancos exibiam uma profusão de números de série, mas nenhuma advertência além de um ícone de radioatividade pintado em preto e amarelo. Qualquer um que se aproximasse de uma bomba nuclear não precisava ser advertido de nada.

Emma ficou de pé, levantou a ogiva e a deixou sobre a borda da vala. Em seguida, reuniu todas as forças de que ainda dispunha para transportar os 40 quilos de metal até a tenda. Os helicópteros estavam mais próximos e, embora o vento soprasse horizontalmente, fazendo com que o Gore-Tex da tenda trepidasse com fúria, ela podia discernir o estrépito dos rotores. Impossível dizer ao certo onde eles estavam. Os sons viajavam de um modo estranho nas montanhas. Perto o suficiente, pensou Emma.

Apesar disso, seus pés não a levaram para fora da tenda. O peso da ogiva os prendia ao chão. Emma cogitou arrastá-la para fora, sentar-se nela e esperar. Não sentiria nada quando fosse atingida pelas balas das metralhadoras. Sua existência terminaria ali e pronto. A morte nem sempre era a pior das tragédias. A bomba seria descoberta e levada para algum lugar seguro e o mundo veria naquilo um derradeiro ato de coragem que havia poupado milhares de vida e evitado uma desgraça de grandes proporções.

Mas então Emma pensou nos crimes cometidos contra ela, nas pessoas que os haviam planejado, em tudo o que essas mesmas pessoas ainda fariam aos outros. Pensou em Balfour e no dinheiro que ele lhe devia. Por fim, pensou em si mesma e no futuro.

Com um grunhido, ergueu a ogiva e saiu com ela para a neve, rumo à segurança da caverna. No meio do caminho, contudo, não se conteve e olhou para o céu. Os helicópteros estavam tão próximos que ela podia sentir no peito as pancadas dos rotores.

O GRAND HOTEL PARK FICAVA no topo de uma colina cercada de bosques, um gigantesco chalé de pinho escuro com minúsculas luzinhas dançando sob as calhas e os torrões de neve escorrendo do telhado. Era mais um dos hotéis megaluxuosos de Gstaad. Os novos-ricos ficavam no Palace; os podres de ricos, no Park.

– Tem certeza de que ele veio sozinho? – Danni ocupava o banco do carona da van, admirando a festiva fachada do hotel. – Não quero ter nenhuma surpresa.

Marcus von Daniken passou-lhe uma cópia da ficha de registro.

– Dr. Michel Revy. Suíte single. Nenhuma mulher, acompanhante ou cachorro.

Danni vestiu um suéter preto sobre o vestido e trocou os saltos por um par de sapatos com sola de borracha.

– Tem certeza de que não escorregam? – disse, calçando as luvas de alpinismo.

Von Daniken fulminou-a com o olhar.

Num gesto apressado, ela prendeu os cabelos sob um gorro.

– Espere aqui – disse.

– Sou um policial, não um motorista de táxi.

– Seja um bom menino, Marcus, e faça o que estou mandando.

Sem mais uma palavra sequer, Danni saltou da van e atravessou o bosque na direção do hotel. Os hotéis de luxo tinham um severo esquema de segurança. Com apenas 99 quartos, o Park hospedava um número relativamente pequeno de pessoas e os funcionários eram treinados para reconhecê-las. Danni não podia correr o risco de ser interpelada.

Chegando à fachada sul do prédio, ela sacudiu um cano de escoamento para testá-lo. Mais firme, impossível. Assim era a Suíça: provavelmente havia um inspetor federal para os canos de

escoamento. Danni escalou até o primeiro andar. Não havia uma varanda, apenas um janelão de duas folhas com vista para a floresta. Von Daniken havia prometido que ele estaria destrancado. Encaixando um dos pés entre o cano e a parede, Danni se inclinou para a direita e enfiou a lâmina de um canivete entre as duas folhas. O janelão se abriu. Com a agilidade de uma ginasta, ela apoiou o pé no parapeito, depois uma das mãos e logo após estava dentro do hotel.

“Não há câmeras nos corredores”, dissera Von Daniken. “Os hóspedes gostam de privacidade. Mas cuidado com o pessoal da limpeza. São verdadeiros falcões.”

Danni encontrou a escada de emergência e subiu ao terceiro andar. Passando a cabeça pela fresta da porta, viu que o corredor estava vazio e caminhou apressada até o quarto 333, que ficava numa das extremidades. Já havia alcançado a porta quando ouviu vozes atrás de si. Hóspedes? Camareiras? Baixando a cabeça, passou o cartão pelo leitor magnético da porta. Uma mulher gargalhou, aparentemente bêbada. Hóspedes. Camareiras não bebiam. A porta se abriu e ela entrou.

Retirou uma lanterna da pochete e começou a inspecionar a suíte de Revy. Logo viu que as camareiras já haviam passado por lá: um roupão felpudo jazia dobrado sobre o *duvet* com um par de chinelos no chão; em vez de chocolate nos travesseiros, um trio de pequeninos confeitos esperava sobre a mesinha de cabeceira; música clássica tocava baixinho. Depois de vasculhar armários, cômoda e escrivaninha à procura de papéis e documentos pessoais, Danni foi para o laptop que se encontrava na escrivaninha. Apertou a tecla ENTER e o monitor se iluminou, conectado à internet.

O histórico de consultas mostrava que Revy vinha pesquisando as colunas sociais em busca de informações sobre os convidados de sua palestra. Há um espião dentro de todos, pensou Danni. Revy também havia acessado um site de pôquer on-line pelo site do Hotel Bellagio de Las Vegas e outro de apostas de turfe na Inglaterra. Por fim, ela encontrou o que queria: num site de buscas,

Revy havia pesquisado "Ashok Armitraj", "lorde Balfour" e "riscos do turismo no Paquistão".

O último endereço era o da Emirates Airlines.

Danni o abriu.

Encontrou uma reserva para o Dr. M. Revy num voo de Zurique para Dubai. Primeira classe, poltrona 2A. Conexão para Islamabad pela Pakistan International Airlines. Ela memorizou os dados enquanto o coração batia mais forte e uma voz interna protestava: "Cedo demais."

Danni saiu do browser e decidiu inspecionar o conteúdo do HD. Na ferramenta de busca, digitou "Balfour Armitraj" e em poucos segundos recebeu uma lista de arquivos, entre eles uma pasta com o título "Armitraj – Histórico Médico". Em seguida, conectou um pen drive ao laptop e copiou todos os arquivos relativos ao traficante de armas indiano. Ainda tinha uma coisa a fazer.

Assim que a transferência de arquivos se completou, ela abriu um programa de spyware chamado Rêmora, o real motivo de sua visitinha noturna. Assim como o peixe que lhe dava nome, o programa se acoplava ao hospedeiro e o seguia para onde quer que ele fosse. Em outras palavras, dali em diante todos os movimentos de Revy no computador (textos digitados, sites abertos e, o mais importante de tudo, os e-mails enviados) seriam monitorados e retransmitidos para a Divisão por meio dos recursos wireless do laptop. Sempre que Revy escrevesse uma carta ou consultasse um documento, um registro das mudanças feitas seria enviado para Washington. Sempre que ele entrasse na internet, Connor seria informado dos sites visitados e da duração de cada acesso. E, sempre que o bom médico mandasse ou recebesse um e-mail, o agente seria informado também.

O download se completou em 10 segundos e, 10 segundos depois disso, Danni retirou o pen drive e o guardou no bolso.

Foi para a porta do quarto e ficou ali por um tempo, tentando ouvir alguma coisa nos corredores. Nada. O hotel estava silencioso como um túmulo. Ela conferiu as horas no relógio. Teria de se apressar.

Ainda precisava encontrar uma coisa.

Voltando ao armário, vasculhou os bolsos de todas as calças e de todos os paletós ali pendurados, mas não encontrou o que queria. Examinou o banheiro sem nenhum resultado. Foi sob a cama que ela enfim localizou a pasta do médico. Retirou-a do esconderijo e abriu as trancas de mola sem nenhuma dificuldade. A pasta estava repleta de papéis, panfletos e pastas de arquivo, meticulosamente organizados. O passaporte escapava de um dos bolsos. Danni o retirou e o abriu no chão. Em seguida plugou um scanner biométrico à saída de força do celular e copiou tudo de que precisava para clonar o documento de Revy: marca d'água, dados pessoais, carimbos de imigração... Tudo, página por página. Depois, examinou com cuidado os papéis e documentos guardados na pasta, aflita com o tempo que corria.

Entre eles encontrou um envelope pardo com a etiqueta: "Paquistão: documentos de viagem". No interior estavam os papéis do visto de turista com uma fotografia tamanho passaporte anexada. Danni guardou-os no bolso.

Repôs a pasta do médico no mesmo lugar onde a tinha encontrado e olhou a seu redor para checar se não havia deixado nenhuma pista de sua invasão. Satisfeita com o que viu, foi para a porta, abriu uma fresta e usou um pequeno espelho para espiar o corredor. Ninguém à vista.

Três minutos depois, estava de volta à van, descendo a colina na companhia de Von Daniken.

- Problemas – disse ela.
- Que foi?
- Revy vai viajar mais cedo do que esperávamos.
- Quando?

Danni respondeu e Von Daniken franziu a testa, imediatamente se dando conta do problema em questão.

– Ransom está preparado? – perguntou, cético.

Danni deu de ombros e olhou para ele com uma expressão de significado universal no mundo da espionagem: o tempo havia sido curto para um treinamento adequado.

– Neste exato momento ele precisa de um passaporte suíço – disse e entregou os papéis do visto paquistanês de Revy. – *Schnell*.

– *Einverstanden* – disse Von Daniken.

Entendido.

40

OS CHINOOKS CH-47 VOAVAM com dificuldade pelo estreito corredor entre as montanhas, avançando lado a lado através da neve e das nuvens, como dois irmãos perdidos. A visibilidade agora era de apenas 30 metros, com ocasionais períodos de branco total. Seguindo à velocidade de solo de 180 nós, os helicópteros estavam praticamente voando às cegas. Óculos de visão noturna de nada adiantavam naquelas circunstâncias. Os pilotos podiam apenas contar com os instrumentos de bordo e com a própria experiência, ou pedir a Deus que um anjo da guarda olhasse por eles.

O capitão Kyle Crockett estava sentado ao lado do chefe da tripulação, com os olhos grudados no monitor que mostrava as imagens de solo, tal como eram traduzidas pelas câmeras de infravermelho situadas sob o nariz do helicóptero. Outro monitor exibia um detalhado mapa topográfico da mesma área, com um ícone indicando a posição das aeronaves.

O piloto falou nos fones de Crockett:

– Estamos sobrevoando as coordenadas onde os bandidos foram vistos hoje de manhã. Está vendo alguma coisa?

– Nada – disse Crockett, olhando para o monitor escuro.

O helicóptero alcançou uma bolsa de ar e despencou 10 metros numa fração de segundo, sacolejando os fuzileiros, que estavam sentados nas próprias mochilas, e fazendo o estômago de Crockett pular até o céu da boca.

– O tempo está ficando feio – disse o piloto. – Mais 20 minutos, é só o que podemos ficar por aqui. Depois vamos dar o fora. Pousar está fora de questão. Assim que você localizar os inimigos, nós os pegamos do alto.

Crockett consultou o mapa. O vale abaixo seguia mais 10 quilômetros para o norte, depois se dividia em dois braços: um para

leste, rumo à fronteira afegã, e outro para oeste, rumo ao interior do Paquistão.

– Siga adiante, depois entre no vale do leste – disse o capitão. – Esta é a melhor rota de fuga pra eles.

Crockett precisou se agarrar à rede de carga quando o helicóptero deu uma guinada para a esquerda. Por 10 minutos ficou olhando para o breu do monitor, sobressaltando-se cada vez que via algum pontinho de cor, por mais ínfimo que fosse. Em nenhum momento viu nada que pudesse sugerir um vulto humano ou até mesmo animal. Aquilo era um grande terreno baldio no topo do mundo.

– Fim de linha – anunciou o piloto. – Alguns picos gigantes estão bloqueando o caminho. Então, pronto pra voltar pra casa?

– Negativo – disse Crockett. – Tente o outro vale. Eles não podem ter ido muito longe nesta tempestade.

– Dez minutos, capitão.

– Entendido.

O helicóptero tombou para bombordo e executou uma volta de 180 graus. Simultaneamente, um forte vento cruzado tomou-o em suas garras e o sacudi com violência. Crockett travou o estômago, tentando não vomitar; sentia-se como uma mosca presa num pote de geleia. Pior do que a turbulência era o barulho infernal. As turbinas guinchavam na tentativa de manter a sustentação no ar rarefeito e a fuselagem gemia em resposta. Um capacete se perdeu e rolou pelo chão da cabine. Os fuzileiros ali presentes possuíam ampla experiência tanto em solo quanto no ar, já tinham dado inúmeras provas de seu valor, mas nenhum deles jamais enfrentara um voo como aquele. Muitos já haviam botado o almoço para fora. A cabine recendia a vômito e nervosismo. Para um fuzileiro, um acidente de helicóptero era o pior dos pesadelos. Crockett viu quando o chefe de artilharia inclinou o tronco para a frente e levou à boca o saco de vômito.

– Tudo bem aí, artilheiro?

– Melhor, impossível. Estou me divertindo pra caralho.

- *Hoo-yah* – disse Crockett. – Que tal repetirmos a dose amanhã?
- Pode contar comigo, capitão. Adrenalina nunca é de mais.

O CH-47 enfim se estabilizou e seguiu adiante pelo segundo vale. Crockett se debruçou sobre o monitor, como se a força do pensamento bastasse para fazer surgir ali alguma assinatura térmica. O mapa topográfico indicava que eles sobrevoavam uma cascata de gelo para depois alcançar um trecho relativamente plano.

Um pontinho vermelho surgiu na tela, indicando uma assinatura térmica.

Crockett sentiu o coração palpitar.

– Norte por noroeste – disse ao piloto, com a mais absoluta calma. – Pisa fundo.

– Velocidade máxima – devolveu o piloto, aumentando a velocidade para 220 nós por hora. – Encontrou os bandidos?

– Ainda é cedo pra dizer.

Crockett nem sequer piscava enquanto crescia o pontinho, que dali a pouco já estava do tamanho de um amendoim. Notou que o vulto se movia, mas a distância ainda era grande demais para saber se era uma pessoa ou um animal. O vulto continuou crescendo e agora ele já tendia a achar que se tratava de um dos tais bandidos. Afinal, que espécie de animal sairia da toca naquele tempo?

E então o ponto sumiu.

– Que diabos...? – Crockett se virou para o chefe da tripulação. – Você viu isso?

– Sumiu do mapa. Literalmente.

– A que distância estamos?

– Dois quilômetros.

Crockett repassou ao piloto as coordenadas do local onde vira a assinatura térmica pela última vez.

– Vamos baixar.

Um minuto depois, o Chinook pairava sobre a posição.

– Nada no monitor – informou o chefe.

– Acenda as luzes – disse Crockett.

– Tem certeza? – A preocupação do piloto tinha fundamento. Acender um holofote de 5 mil watts era o mesmo que pintar um alvo no helicóptero e convidar os inimigos em terra a abrir fogo. Pairando a 30 metros do chão, eles não teriam tempo para acionar nem mesmo o mais rudimentar dos lança-mísseis de ombro.

– Não viemos até aqui pra voltar de mãos vazias.

– O senhor é quem manda. – O piloto informou os novos planos ao segundo helicóptero, esperou que ele subisse 300 metros, depois disse: – Luz, câmera, ação.

Um cilindro de luz baixou do helicóptero. O repuxo dos rotores se somava aos ventos fortes da tempestade para levantar um redemoinho que dificultava bastante a visão. Mesmo em tão baixa altitude, Crockett mal podia enxergar o chão.

– Mais altitude.

O helicóptero subiu rapidamente e os torvelinhos se dissiparam, deixando apenas a neve como obstáculo. Foi então que ele viu: um tecido claro tremulando freneticamente com o vento. Olhando melhor, Crockett discerniu o contorno de uma grande tenda retangular.

– Algum sinal de calor lá embaixo? – perguntou ao chefe.

– Negativo. Ninguém por lá, a menos que esteja morto.

– Baixe uma corda de rapel.

O chefe da tripulação conferiu a temperatura externa, depois disse:

– Vinte graus negativos, sem considerar a sensação térmica. Tem certeza de que quer descer?

Crockett fez que sim com a cabeça.

– Isso vai doer. – Uma torrente de ar gelado invadiu a cabine quando o chefe abriu a porta de correr para posicionar o molinete hidráulico e prender a corda. – Tudo pronto, senhor.

Crockett pendurou o M4 ao ombro, enroscou os pés na corda, segurou-a com as mãos enluvadas e escorregou rumo ao chão.

Dez passos o separavam da tenda. Afastando o plástico com a ponta do fuzil, ele esquadrinhou o que havia dentro: os holofotes,

as picaretas, a vala e o míssil guiado. Tocou a lâmpada mais próxima e viu que ela ainda estava quente. Num átimo, deu-se conta do que havia acontecido ali.

Então depôs o fuzil, saltou para dentro da vala e correu a mão pela fuselagem do míssil. Rapidamente localizou o ícone de radioatividade. Embora fosse um combatente de infantaria e se orgulhasse disso, sabia muito bem o que estava à sua frente. “Cacete, é uma arma nuclear”, disse a si mesmo e se deitou sob a fuselagem. A ogiva não estava mais lá.

Crockett saiu da tenda e procurou por pegadas na neve. Não demorou para localizar a marca funda de uma bota, seguida de outra adiante.

– Depressa, capitão – disse o piloto ao fone dele. – O combustível está baixo.

– Só mais um pouco. Eles estão por perto.

– Somente dois minutos. Depois vamos embora. A escolha é sua.

Crockett foi seguindo a trilha de pegadas, mas não avançou muito. O vento uivava, fustigando-o, por pouco não o derrubando. Segundo o mapa topográfico, ele estava na parte mais baixa de uma encosta, mas a visibilidade era tão limitada que ele mal conseguia enxergar 10 passos a seu redor. Pensou em mandar que seus homens descessem para fazer uma busca. Estava convicto de que os bandidos não podiam ter ido longe. E, caso tivessem mesmo se apossado de uma bomba nuclear, não poderiam sair vivos dali de jeito nenhum.

Múltiplos fatores pesavam contra a ideia de uma busca: a escassez de combustível e oxigênio, a tempestade que só piorava, a pouca ou nenhuma familiaridade com o terreno, mas, sobretudo, as incertezas quanto ao inimigo. Crockett não tinha nem ideia de quantos combatentes teria de enfrentar, tampouco o tipo de armamento de que eles dispunham. Impossível dizer o que estava por vir: uma busca inútil ou uma emboscada fatal.

Do outro lado da balança, no entanto, pesava a necessidade de interditar uma célula terrorista de posse de uma bomba nuclear.

– Seu tempo acabou, capitão – disse o piloto. – É agora ou nunca.

A decisão foi mais fácil do que Crockett havia esperado. A verdade é que os perigos eram grandes demais. Ele não poderia colocar em risco a vida de 14 homens, tampouco provocar um acidente com os dois helicópteros.

– Já estou indo – disse. – Só preciso tirar umas fotos. O pessoal de Washington vai gostar muito de ver isto aqui. Registre as coordenadas e convoque outra equipe pra vir imediatamente.

Crockett correu de volta à tenda e começou a fotografar com sua câmera digital, dando preferência ao míssil em si, tirando closes dos números de série estampados na cauda e na barriga. Novamente se deitou sob a fuselagem e examinou as entranhas do míssil.

Ali, afixada à parede, havia uma caixinha embalada em plástico verde, mais ou menos do tamanho de um maço de cigarros. Uma vareta de alumínio se projetava na lateral com fios ligados a um contador de cristal líquido. Crockett, que já tinha alguma experiência com dispositivos dessa natureza, logo se deu conta do perigo que corria: ali estava cerca de meio quilo de explosivo plástico C4.

Ele acendeu a lanterna do capacete e virou a cabeça para ler o contador, que indicava: 0:00:06.

Seis segundos.

– Bater em retirada imediatamente – disse ao piloto, surpreso com a própria calma. – Estou fodido.

Kyle Crockett nem tentou fugir. Ficou ali, acompanhando a contagem regressiva. Houve um clarão e então um breu.

Ele não sentiu nada.

41

A NÃO SER POR UM SÚBITO e quase imperceptível esgar, Frank Connor recebeu a notícia sem demonstrar nenhuma emoção. Era experiente demais para recear que tudo estivesse acabado. Sabia que perder uma batalha não era o mesmo que perder a guerra. Em seu gabinete, ao lado de Peter Erskine, ele ouvia, impassível, os detalhes da missão fracassada, relatados pelo chefe da tripulação do helicóptero.

– Pouco antes da explosão que o matou, o capitão Crockett informou pelo rádio que havia combatentes inimigos por perto.

– Mina? IED? Granada? – perguntou Connor. – Pode me dar mais detalhes?

– Nem mina nem granada – respondeu o chefe com seu sotaque arrastado. – Estávamos parados bem acima dele, pedindo que ele saísse logo dali. As condições de voo eram péssimas, Sr. Connor. Metade do pessoal já tinha vomitado e o major McMurphy, nosso piloto, queria dar o fora de lá. Mais da metade do combustível já havia sido consumida só na busca. De qualquer modo, lá estava eu, implorando que Crockett voltasse, quando de repente ele ordenou que batêssemos em retirada. Deve ter visto o que o matou, porque três segundos depois o lugar explodiu. Na minha opinião, foi C4. Tinha aquela cor alaranjada, sabe? A merda quase derrubou a gente também, não estou brincando.

– Como assim, “o lugar”? Crockett estava dentro de alguma coisa?

– Sim, senhor. Numa tenda. Eu não lhe disse? Foi por causa dela que o capitão resolveu descer. Tinha uma porra de tenda bem na encosta da montanha.

Connor olhou de relance para Erskine e disse:

– Ele encontrou o troço. – E para o chefe da tripulação: – Ele não contou o que havia sob essa tenda?

– Não, senhor. Disse apenas que os bandidos estavam por perto.

– Antes disso, vocês tinham qualquer indício de que os combatentes estavam na área?

– Apareceu um pontinho no infravermelho por uns 20 segundos, mas, quando chegamos mais perto, sumiu. Ligamos o holofote e então o capitão viu a tenda sacudindo na ventania.

– Vocês puderam confirmar se a assinatura térmica era de um ser humano? – perguntou Erskine.

– Não, senhor. Como eu disse, foi só um pontinho. Podia ser qualquer coisa. Mas... pense bem. Que tipo de animal sairia numa tempestade daquelas? Só mesmo um fuzileiro louco, pode acreditar.

“Ou um dos meus melhores agentes, decidido a resgatar uma arma de destruição em massa”, pensou Connor.

– Vocês viram alguma coisa no chão depois disso?

– Nada além de fogo. Nenhum sinal de Crockett também. Mas com certeza havia alguma coisa debaixo daquela tenda. Nosso helicóptero foi atingido na barriga, um baque muito forte. Depois que pousamos, encontrei um pedaço de metal de mais ou menos 7 centímetros engastado na fuselagem. Se tivesse atingido o rotor, teria sido o nosso fim.

– Um fragmento de granada, talvez? – aventou Erskine.

– Não, senhor. Não era isso. Era um laminado pesado, com pelo menos 2,4 centímetros de espessura. É tudo o que posso dizer.

Connor pediu que o chefe da tripulação enviasse o pedaço de metal para análise na Divisão. Depois se reacomodou na cadeira e disse:

– Em quanto tempo você consegue arregimentar uma nova equipe e voltar àquela montanha?

– Isso depende do sargento-mor Robinson, mas antes o tempo precisa melhorar. Por mim, não vale a pena. Não importa quem estava lá em cima, a essa altura já está longe.

Connor encerrou a ligação. Já eram quase seis horas na Virgínia. Só então ele percebeu, olhando pela janela, que a tarde estava

linda. Pensando em Crockett, perguntando-se o que ele teria encontrado, ficou de pé e disse:

– Emma conseguiu o que queria.

– Não temos como afirmar isso – retrucou Erskine. – Não fazemos ideia do que havia debaixo da tal tenda.

– Não estou com disposição pra bancar o advogado do diabo, Pete. Há 36 horas que não durmo e a morte desse capitão está pesando na minha consciência. Se havia uma tenda naquela encosta, foi Emma quem a colocou ali, enquanto tentava retirar a ogiva do míssil. Depois explodiu todos os rastros, justamente como foi ensinada a fazer. Às vezes penso que exageramos no treinamento dela.

– Quer que eu ligue para o secretário?

Connor se virou para Erskine.

– E diga o quê? Que uma agente nossa se debandou pro lado dos terroristas e está de posse de uma arma de destruição em massa? Se eu fizer isso, esta agência estará com os dias contados. Não, Pete, o problema ainda é nosso. Tomamos a decisão de lidar sozinhos com essa história e agora vamos até o fim. Ou até o dia em que alguém colocar um cabresto na gente. Não dá pra passar a bola adiante.

Erskine franziu a testa e disse num tom grave:

– Frank, acho que já é hora de passarmos este caso para alguém acima de nós. Alguém com mais recursos.

– Já falamos sobre isso – respondeu Connor. – Recursos levam tempo. E tempo é a única coisa de que não dispomos.

– Mas...

Connor silenciou-o com um olhar de irritação.

– Vamos conseguir – disse.

Erskine murchou na cadeira, resignado.

– Então, qual será o nosso próximo passo?

– Me coloque num avião pra Zurique. Preciso falar com Jonathan Ransom.

JONATHAN NÃO PÔDE DEXAR de notar o clima de tensão que pairava no sedã Audi do inspetor-chefe Marcus von Daniken. Eram oito horas da manhã e eles estavam deixando Gstaad, seguindo pelo vale na direção de Saanen. O céu estava azul, sem nenhuma nuvem. O sol forte derretia a geada nos campos, que agora cintilavam como diamantes. No entanto, olhando para a cara fechada dos companheiros de viagem, Jonathan tinha a impressão de que estava indo a um funeral.

Von Daniken estava mais sério que de costume. Falava com Jonathan por meio de olhares, não de palavras. Entre. Coloque o cinto. Sente aí e não faça perguntas. Um balão de ar quente com as cores do arco-íris subia de um campo vizinho para se juntar aos outros dois que já vagavam pelos montes. Ninguém dizia nada. Sentado no banco do carona, Jonathan virou-se para Danni, que estava no banco de trás. Ela levantou os olhos, mas logo virou o rosto. Assim como ele, vestia calça jeans, uma blusa de lã e um casaco pesado. Nenhum sinal das joias da véspera. Os brincos, as pulseiras e as alianças haviam sido empacotados e deixados no hotel, junto com os fantasmas do Sr. e da Sra. Robertson. Ali estavam apenas Danni e Jonathan, outra vez a instrutora e o aprendiz. Jonathan pensava que talvez tivesse se enganado e que a atração entre eles não houvesse sido mútua.

Na noite anterior ele já havia percebido certa mudança. Danni voltara ao restaurante com uma postura um tanto arredia, nem de longe lembrando a grande atriz que saíra de lá. Sem nenhuma explicação, insistira em que eles fossem embora imediatamente, dizendo apenas que ele precisava descansar. E as coisas não haviam sido melhores no hotel. Se antes ela estava fria, agora se tornara glacial. Qualquer tentativa de conversa era recebida com respostas monossilábicas. Às três da madrugada, Jonathan notara

que estava sozinho na cama. Levantou-se e encontrou Danni à janela da antessala, olhando para a lua crescente.

O Audi deixou a autoestrada para subir uma estradinha ladeada por pinheiros. No lugar do asfalto, neve batida; no lugar do sol, sombras. O interior do carro ficou ainda mais gelado. Alguns metros adiante, uma cancela de aço bloqueava o caminho e, ao lado dela, uma placa informava: "Entrada Proibida. Propriedade do Departamento de Defesa Suíço. Campo de Tiro e Depósito".

Von Daniken deixou o carro em ponto morto e desceu para abrir a pesada cancela, precisando de ambas as mãos para empurrá-la. Quando voltou, parecia ainda mais taciturno que antes. Pela primeira vez naquele dia, Jonathan ficou preocupado.

– Minha missão é substituir um cirurgião plástico – disse. – Por que preciso aprender a atirar?

– Quem falou em aprender a atirar? – Von Daniken arrancou com o carro e percorreu mais 1 quilômetro antes de parar num estacionamento de cascalho, diante de um prédio de concreto que mais lembrava uma caserna. Outro carro estava parado junto da entrada.

– Desce – disse Von Daniken.

Jonathan abriu a porta.

– Você não vem? – perguntou a Danni, que não havia mexido um único músculo.

– Já sei essa parte – respondeu ela. Depois, menos ríspida, emendou: – Pode ir, Jonathan. Nos encontramos daqui a pouco.

Dois homens estavam no interior de uma ampla sala de múltiplas funções, iluminada por lâmpadas fluorescentes. Algumas cadeiras se empilhavam num dos cantos. Um tatame cobria metade do chão. Alguém havia se esquecido de ligar a calefação. O lugar estava frio e úmido.

– Estes são o Sr. Amman e o Sr. Schmid – disse Von Daniken. – Vão lhe ensinar alguns truques bastante úteis.

Amman era baixo, magro e tinha cabelos claros; a pele queimada indicava que ele não era um rato de escritório. Schmid, de cabelos raspados, era mais alto e mais musculoso; olheiras acentuavam a pele muito branca e a barba malfeita.

– Ele não terá uma arma? – disse Amman, virando-se para Von Daniken.

– Não.

– Nem uma faca? – interveio Schmid.

– Apenas se encontrar uma – disse Von Daniken. – Caso contrário, estará totalmente desarmado.

– Assim é mais interessante – disse Amman, cravando os olhos em Jonathan, que, nesse momento, soube que seus instintos estavam certos: ele tinha motivo para ter medo.

Havia uma mesa por perto, sobre a qual eles tinham colocado alguns objetos. Um molho de chaves, uma caneta esferográfica, um cartão de crédito, um livro de capa dura e muitos outros itens igualmente inofensivos. Jonathan olhou para eles e por um instante achou que estava ali para mais um exercício de memória. Do outro lado da sala, porém, Schmid vestia braçadeiras e Jonathan sabia que elas nada tinham a ver com memorização.

– Segura!

Jonathan se virou e pegou as chaves segundos antes de ser atingido no rosto.

– O que você tem nas mãos? – perguntou Amman.

– Chaves.

– Errado. Você está segurando uma arma mortal. Prenda uma dessas chaves entre o indicador e o dedo médio, com os dentes se projetando do punho.

Jonathan examinou as chaves.

– Isso é mesmo necessário? – perguntou a Von Daniken.

– No seu lugar, eu faria o que eles estão mandando – disse o policial suíço. Jonathan segurou a chave como havia sido instruído.

Amman conduziu-o para o tatame e disse:

– Você deve atacar como se tivesse apenas uma chance de machucar seu oponente. Um único golpe com o máximo de força. *Klar?*

– *Klar* – retrucou Jonathan.

Schmid ergueu os antebraços protegidos e começou a dar voltas em torno de Jonathan.

– Um único golpe – repetiu Amman.

Jonathan apertou a chave entre os dedos. Atacou com certa hesitação e Schmid aparou o golpe com facilidade, fazendo com que as chaves caíssem ao chão.

– Mais garra – disse Amman.

– *Er ist wie ein Mädchen*, ele parece uma moça – disse Schmid com um risinho.

Jonathan recolheu as chaves e prendeu a maior delas entre os dedos. Com os braços relaxados, Schmid estufou o peito, olhou para o colega com uma expressão de escárnio e disse:

– O que vamos fazer com esse pato aí?

Amman, o mais profissional da dupla, deu de ombros, resignado.

Jonathan ouviu tudo em silêncio. Alongou as pernas, estalou o pescoço e girou os ombros. “Uma advertência justa”, pensou, enquanto Schmid se aproximava com os braços ainda relaxados, o queixo erguido numa postura arrogante.

O primeiro golpe atingiu o suíço um pouco abaixo da orelha, a chave virada para cima a fim de evitar um estrago maior. Antes que o instrutor pudesse reagir, antes mesmo que pudesse erguer os braços minimamente, Jonathan desferiu um jab de esquerda, que acertou o queixo dele. Schmid se dobrou em dois.

– *Wie ein Mädchen* – disse Jonathan, olhando de cima o suíço, que estava assustado feito uma garotinha.

– Então você sabe lutar – disse Amman, ajudando o colega a se levantar. – O inspetor-chefe Von Daniken omitiu essa informação.

– Vocês deviam ter perguntado a mim, não a ele.

– Tem razão. – Amman falou ríspidamente com Schmid, que a contragosto retirou as braçadeiras e saiu na direção do banheiro para estancar o sangue do ferimento. – Acho que já terminamos com as chaves. Pegue aquela caneta ali.

Amman mostrou a Jonathan como segurar a caneta.

– Não como uma faca, mas como uma adaga. – Em seguida recomendou que ele a usasse como se fosse uma extensão do punho. – Não é pra cortar, e sim pra estocar. Uma, duas vezes. A força vindo de dentro. – Amman apontou para o peito dele, referindo-se à musculatura de base.

E, quando chegou a vez de Jonathan, a estocada foi tão rápida que apenas os reflexos de Amman o salvaram de ter um dos olhos perfurado.

O cartão de crédito podia ser usado como uma lâmina para cortar a garganta de alguém; o livro, como um instrumento para golpear as têmporas da vítima e danificar o cérebro irreparavelmente.

Pouco depois Danni entrou na sala. Von Daniken lhe disse alguma coisa e Jonathan viu quando ela ameaçou abrir um sorriso.

– Agora é a vez da Danni – disse Amman quando eles terminaram com todos os objetos. – Boa sorte. Somos amadores, mas ela é profissional. Tome muito cuidado.

Amman e Schmid saíram da sala; Von Daniken foi atrás deles. Danni tirou os sapatos e subiu no tatame.

– Então – disse ela, prendendo os cabelos num rabo de cavalo –, mais algum segredinho que ainda não sabemos? Ouvi dizer que você é muito talentoso.

– Bobagem – disse Jonathan. – Houve um momento na minha vida em que eu gostava de me meter em encrencas. Acabei aprendendo uma coisa ou outra. Vantagens de uma juventude problemática.

– Você, *problemático*? Não acredito.

– Bem, felizmente todo mundo cresce. – Jonathan sentou-se no chão com as pernas cruzadas e secou a testa com uma toalha. – Então, o que vem agora? Uma queda de braço?

– Não exatamente. – Danni sentou-se ao lado dele. – Tudo isso que o Sr. Amman e o Sr. Schmid lhe mostraram são técnicas de autodefesa. Coisas que você pode fazer quando não tem nenhum outro recurso. Não são a minha especialidade.

Jonathan se surpreendeu com o tom reticente.

– Qual é a sua especialidade então?

Olhando para o nada, Danni disse:

– Tenho talento pra matar.

– Matar? Tipo uma assassina? De verdade?

– Não usamos essa palavra – disse Danni com frieza, agora o encarando. – Posso fazer tudo aquilo que te ensinei. Localizar seguidores, fazer uma entrega sem que ninguém perceba... E não há porta neste mundo que eu não consiga destrancar em menos de dois minutos. Mas não é isso que meu governo quer que eu faça.

– E também não é pra isso que nos deixaram sozinhos neste lugar.

– Não.

– Você está aqui pra... – Jonathan deixou que ela terminasse a frase.

– Pra ensinar você a matar rápida e silenciosamente.

– Estou indo ao Paquistão pra colher informações. Em nenhum momento Connor falou em matar.

– Porque não era necessário.

– E agora é?

– Pense nisso como uma medida de precaução – disse Danni, mas algo em seu olhar sugeria que os objetivos da lição eram outros.

– Connor descobriu alguma coisa sobre minha mulher? Ela está em cativeiro ou algo assim? Está correndo perigo?

– Não sei nada sobre sua mulher.

– Então o que está acontecendo? Ora, Danni! Pelo amor de Deus! Connor não pode pedir que eu mate alguém. Autodefesa é uma coisa. Assassinato é outra muito diferente.

Jonathan se levantou de um salto e caminhou para o outro lado da sala. Num piscar de olhos, Danni se juntou a ele e o deteve, puxando-o pela mão.

– Pelo menos ouça o que tenho a dizer.

– O que você pode dizer? Tudo isso é ridículo. Sou médico. Eu salvo vidas, não acabo com elas.

– Você já fez isso antes. Connor me contou.

– Só pra me proteger.

– E Zurique? E o general Austen? Você matou dois homens. E não foi em legítima defesa.

– Não tive escolha.

– E se agora você também não tiver?

– Foi diferente. Havia um avião. Eles iam matar centenas de inocentes. Tudo aconteceu muito rápido.

– É mais fácil pensar assim, não é? “Fiz o que fiz porque não tive tempo pra pensar.”

Jonathan se desvencilhou e se dirigiu para o fundo da sala. Precisava de espaço para organizar suas ideias. Esfregou a testa, com a impressão de que só agora via as coisas com clareza.

– Onde é que eu estava com a cabeça? Por que fui dizer a Connor que iria ajudá-lo? Devia estar louco. Estresse pós-traumático, qualquer merda dessas. Tudo isso... o treinamento em Israel, essa história de ficar andando pelas ruas tentando identificar seus amiguinhos, os jogos de memória, toda essa confusão com o Dr. Revy... Não dá pra tapar o sol com a peneira. Não pertenco a esse mundo. Não sou agente nem espião, ou seja lá que nome vocês dão pra isso.

Danni se aproximou com cautela, os olhos fixos nos dele. Não pretendia suplicar nada. O momento para tentar convencê-lo já havia passado. Sem pressa, medindo as palavras como se tivesse à sua frente um assaltante armado, ela disse:

– E se estivermos falando de um contingente ainda maior? Milhares de vidas em risco, não apenas centenas?

– Pra mim não faz diferença. Se Connor acha que vou matar alguém, está muito enganado.

– E se não pudermos contar com mais ninguém?

– Não é problema meu.

– É problema de todos nós – rebateu Danni. – Por acaso você acha que gosto de fazer o que faço? No início eu me sentia exatamente como você. Era uma garota de 21 anos. Sabia usar uma metralhadora, saltava obstáculos. Mas matar? A única coisa que eu tinha matado até então era um pato, numa caçada com meu tio. Fiquei uma semana chorando pelos cantos. E depois, quando disseram que eu teria de matar, achei um absurdo. O que eles estavam pensando? Eu não era uma pessoa má. Mas os instrutores perceberam algo em mim. Não alguma coisa de ruim, mas uma determinação, uma certa frieza. Sempre completava os exercícios, por mais difíceis que fossem. Era capaz de deixar meus valores de lado e fazer o que era preciso. Muitas vezes é a nossa cabeça que dificulta as coisas. Você é igualzinho a mim, Jonathan. Não consegue fazer nada pela metade. Por isso está aqui.

– Estou aqui porque um homem torturou minha mulher e tenho a oportunidade de fazer alguma coisa pra evitar que ele e seus comparsas voltem a machucar outra pessoa.

– Não é nada disso. Está aqui pra ver se é tão bom quanto ela.

– Isso é ridículo.

– Será? Você quer descobrir por conta própria se é capaz de fazer tudo o que ela faz. Se está à altura dela.

– Não é verdade.

Danni acariciou o rosto dele.

– Você ainda ama sua mulher. É por isso que está aqui.

Jonathan afastou a mão dela. Queria negar, berrar a plenos pulmões que ela estava redondamente enganada. Mas não conseguiu. Desviou o olhar e se sentou novamente. Danni sentou-se ao lado dele.

– Caso você tenha alguma pergunta a fazer, poderá falar diretamente com Connor.

Jonathan se virou para ela, surpreso.

– Ele está vindo pra cá?

– Vai chegar mais tarde pra lhe dar os últimos detalhes da missão. Você parte hoje à noite.

– Hoje à noite?

– Às oito e meia.

– Mas... – De repente não havia mais nada a dizer. Jonathan pensou apenas se transparecia no rosto o medo que estava sentindo.

De um bolso secreto da calça, Danni sacou uma faca comprida e fina, a lâmina da cor do mercúrio.

– Vamos começar – disse, oferecendo a mão para que ele se levantasse. – Não temos muito tempo.

O SEQUESTRO DO DR. MICHEL REVY aconteceu às duas horas daquela mesma tarde ensolarada, arquitetado e executado pelo inspetor-chefe Marcus von Daniken, com o auxílio de seu próprio Serviço de Análise e Prevenção, braço da Polícia Federal responsável pelas ações de contraterrorismo e monitoração de todas as atividades de espionagem em território suíço.

A operação fora planejada às pressas, o que não chegava a ser novidade. Eram raras as vezes que o tempo trabalhava a favor da polícia e Von Daniken já estava bem conformado com isso. A palavra “perfeição” não constava de seu vocabulário. Ele tivera apenas 12 horas para elaborar seu plano, reunir uma equipe e posicioná-la. Teria recebido de bom grado um dia extra para realizar pelo menos um ensaio, mas a agenda de Michel Revy não o permitira. No ramo de Von Daniken, trabalhava-se com o possível, não com o desejável.

– Móbil Um, afaste-se. Móbil Dois, sua vez.

O carro do inspetor se encontrava num acostamento à margem dos densos bosques que cobriam as colinas dos subúrbios de Berna. Uma brisa insistente soprava do norte, levantando a neve das encostas e fazendo com que ela espiralasse no ar. Von Daniken examinava o radar portátil que trazia no colo, os olhos grudados no pontinho vermelho que vinha em sua direção pela autoestrada A1. O tal pontinho vermelho era Revy (transmitido por um radiofarol que o próprio Von Daniken havia instalado no para-choque do Porsche Panamera do cirurgião, um sedã esporte absurdamente caro e lindo, cujo financiamento já estava atrasado em três parcelas). Os três pontinhos azuis eram os homens do inspetor. Tratava-se de uma típica operação de revezamento de carros: a cada sete minutos, um deles se posicionava atrás de Revy.

– Ele está saindo da autoestrada – disse Móbil Um.

– Continue na posição até ele atravessar o vilarejo. Assim que ele virar na Dorfstrasse, arme o bloqueio. Ninguém passa.

A bem da verdade, todo aquele esquema de vigilância era apenas uma medida de precaução. Um e-mail enviado por Revy na véspera, e interceptado pelo spyware, informava que ele pretendia fazer uma rápida visita à mãe antes de embarcar para o Paquistão. Eles já haviam discutido como e onde o capturariam: no hotel, na casa da mãe ou em algum ponto do trajeto entre os dois lugares. Também haviam discutido o que fazer com ele depois: alguns sugeriram que o cirurgião fosse drogado e deixado em coma induzido pelo tempo necessário; outros, que fosse trancafiado num chalé em Gornergrat, onde seria visto apenas pelos corvos. Independentemente do que fossem fazer, os pré-requisitos eram os mesmos: ninguém poderia testemunhar a captura e Revy jamais poderia saber quem o havia sequestrado, nem onde ficara.

No fim das contas, optaram por pegá-lo a caminho da casa da mãe. Os preparadores de campo haviam localizado um trecho do itinerário que Von Daniken poderia interditar por um breve instante, não mais que isso, para fazer o serviço. Em seguida, Revy seria levado para um abrigo antiaéreo abandonado em Engadine, próximo à cidade de Pontresina, e vigiado por dois guardas em turnos alternados. O coma induzido seria arriscado demais.

Von Daniken baixou a janela e disse para o motorista do carro estacionado a seu lado (uma van com o logotipo da Swiss Telecom na lateral):

– Cinco minutos.

O motorista bateu a cinza da cigarrilha que estava fumando, deu partida na van e seguiu adiante.

Von Daniken voltou a se acomodar no banco. Geralmente ficava nervoso quando ia entrar em ação. A verdade é que não era um homem de campo. Antes de ser transferido para o contraterrorismo e a espionagem, construía sua reputação investigando crimes financeiros. Embora não tivesse nenhum ímpeto marcial nem gostasse de armas ou de violência, com o tempo descobrira que tinha talento para a coisa. Revelara-se um velhaco capaz de

superar em raciocínio e estratégia até mesmo os agentes mais bem treinados. Mas raciocinar era uma coisa; agir era outra. Naquele momento, ele preferiria estar sentado à sua mesa, tomando o segundo *espresso* da tarde e ouvindo os relatórios diários dos chefes de departamento.

O pontinho vermelho dobrou à direita no entroncamento da Lindenstrasse com a Dorfstrasse. Esta última era uma via de duas pistas que serpenteava entre bosques e colinas por exatos 3,8 quilômetros antes da primeira interseção.

– Móbil Um, em que pé está seu bloqueio?

– Tudo pronto, senhor.

– Móbil Quatro – disse Von Daniken pelo rádio ao motorista da falsa van da Telecom. – Algum outro carro na pista?

Móbil Quatro estava encarregado de bloquear o tráfego vindo da extremidade da Dorfstrasse e colocar uma equipe de manutenção no meio do asfalto. O objetivo era obrigar Revy a parar sem que desconfiasse de nada.

– Nenhum à vista.

– Feche a estrada.

O pontinho vermelho fez mais uma curva, com o primeiro dos pontinhos azuis no seu encalço. Espichando o pescoço pela janela, Von Daniken pôde ouvir o ronronar aveludado do Porsche de Revy.

– Fique atento – disse. – Não quero que ele pense que pode escapar para algum lugar se ficar nervoso.

De onde estava, Von Daniken podia ver as curvas e os aclives da estrada que atravessava os bosques. A certa altura viu um reflexo prateado em meio às árvores. Só podia ser Revy.

– Móbil Quatro, seus homens estão a postos?

– Pista fechada. Ninguém à vista.

Von Daniken apertou o volante. Agora era só esperar que Revy seguisse o roteiro.

O Porsche dobrou a curva mais próxima. Von Daniken agora podia ver sua presa sem nenhuma obstrução. Ficou aliviado ao constatar que Móbil Um seguia bem na cola do médico. Deu partida

no carro e entrou no asfalto. Deixou que Revy o ultrapassasse, seguido por Móbil Um. Mal pôde acreditar na velocidade do Porsche, que parecia voar. Lembrou então que Revy conhecia aquela estrada como a palma da própria mão. Von Daniken pisou fundo no acelerador.

– Trinta segundos – disse pelo rádio.

– Trinta segundos – confirmou Móbil Quatro.

Observando o Porsche margear a primeira sequência de cones alaranjados no centro da pista, Von Daniken esperou que as luzes de freio se acendessem e que o médico diminuísse a velocidade. Mas teve a impressão de que ele havia acelerado ainda mais ao ver a traseira do carro derrapar ligeiramente para a esquerda na curva fechada. Pensou que provavelmente tinha sido por causa do *verglas*, a fina camada de gelo que cobria o asfalto, invisível aos motoristas. Segundos depois, Revy já havia sumido do outro lado da curva.

Von Daniken também acelerou para alcançá-lo. Sabia o que estava adiante. Três homens vestindo macacões sujos e coletes de segurança alaranjados fingiam trabalhar no meio da pista; outro direcionava o tráfego enquanto a van da Telecom bloqueava a contramão. Num país obcecado com a qualidade de suas estradas, um cenário desses era visto diariamente em algum lugar.

O inspetor fez a curva, mas Revy já tinha desaparecido. Viu apenas a traseira do sedã em que ia Móbil Um. “Você está indo depressa demais”, pensou o inspetor advertindo Revy mentalmente, como se o médico o estivesse desobedecendo. “Mais devagar! É uma ordem!”

Von Daniken fez a curva seguinte a tempo de testemunhar o acidente. Havia coisas que não podiam ser planejadas, muito menos previstas. E naquele instante aparentemente interminável, enquanto observava seu plano tão bem traçado ir pelos ares, ele soube que, mais tarde, quando eles se reunissem na central de Berna, algum espertalhão diria que aquela área era uma reserva natural, que bichos de toda espécie vagavam pelos bosques e que ele deveria ter pensado nisso antes.

Mas ali, naquele momento, tudo o que podia fazer era continuar observando.

Era o maior cervo que ele já tinha visto desde sua infância nas montanhas perto de Zinal. O gigante havia saltado da encosta para o asfalto, aterrissando a menos de 10 metros do Porsche de 200 mil francos de Revy. Ao ver o carro se aproximando, ficara paralisado na estrada, a cabeça erguida com brio, a magnífica galhada (de pelo menos 18 pontos) contraposta ao sol do entardecer. O fato de não ter atropelado o animal era a prova de que Revy tinha bons reflexos. O Porsche se desgovernou para a esquerda e Von Daniken poderia jurar que as luzes de freio em nenhum momento haviam se acendido enquanto o carro capotava encosta abaixo, praticamente voando até bater de frente no tronco de um pinheiro centenário e despencar mais 20 metros até as águas de um riacho.

Não havia a menor chance de sobrevivência, mesmo com airbags e cinto de segurança. O Porsche aterrissara com as rodas para o ar, esmagando a lataria. Von Daniken saiu do carro a tempo de ouvir o estilhaçar dos vidros, ver o pinheiro tombar sobre os escombros e as primeiras chamas vazarem do tanque de gasolina. A explosão aconteceu segundos depois, engolindo o carro. Com sorte, pensou, Revy teria quebrado o pescoço antes de ser incinerado.

Por mais uns 10 segundos, Von Daniken ficou ali, observando as chamas que dançavam através das janelas. Lamentou que o médico tivesse morrido. Talvez até tenha ficado com pena dele. A essa altura os homens de sua equipe já estavam a seu lado, mudos, consternados com a funesta cena. Pouco depois surgiram um carro da polícia, o caminhão dos bombeiros, uma ambulância. Alguém chamaria um repórter do jornal local. O acidente havia sido espetacular o bastante para merecer um artigo de pelo menos meia página e fotos coloridas no *Blick*, o tabloide diário dos suíços. Von Daniken não podia permitir que nada disso acontecesse.

– Mantenha o bloqueio na estrada – disse a um dos colegas. – Chame uma equipe de limpeza. Este acidente nunca aconteceu.

A ÚLTIMA CONVERSA ENTRE O DR. JONATHAN RANSOM, agente recém-formado, e Frank Connor, diretor da Divisão, aconteceu numa das salas de reunião no quinto andar do Centro de Negócios do aeroporto de Zurique, às seis horas da tarde. Uma vidraça que ia do chão ao teto dava vista para as pontes de embarque dos terminais A e B, bem como para o terminal E, que, a uns 500 metros de distância, mais lembrava uma ilha perdida na pista de decolagem. Aviões de diversas nações estavam diante dos portões. Muitos eram de companhias orientais (Thai Airways, Cathay Pacific, Singapore Airlines) e estavam sendo preparados para os voos noturnos que os levariam de volta a seus países de origem. Quase invisível na extremidade do Terminal E, havia um Boeing 787 com as listras verde, preta e vermelha da Emirates Airlines: o voo 221, com destino a Dubai, estava programado para decolar às oito e meia, com 248 passageiros.

– Aí está o meu garoto – disse Connor ao entrar na sala e deparar com Jonathan junto da vidraça. – Caramba, quase não o reconheci. Que diabos fizeram com os seus cabelos? Ficaram louros? Os óculos... O terno... Está muito elegante.

Jonathan abriu um sorriso tenso. A única coisa que Connor não havia notado eram as lentes de contato azuis.

– Olá, Frank. Como vão as pernas?

– Doendo pra cacete, como sempre. Você é médico. Vou aproveitar pra fazer uma consultinha. – Connor riu para mostrar que estava de bom humor e os dois se cumprimentaram. O diretor prendeu a mão de Jonathan enquanto o examinava da cabeça aos pés. – E a Danni? Cuidou bem de você?

– Acho que sim.

– Ela disse que você se saiu muito bem, que superou todas as expectativas. Um dos melhores alunos que já teve. Pena que não

encontrei você antes.

– Encontrou, sim. Pelo menos, Emma encontrou. O que dá no mesmo, não é?

Jonathan se sentou e cruzou as mãos sobre a mesa. Em cada um dos oito lugares havia uma garrafa de água mineral, bloco e caneta. Uma placa à porta da sala informava: “Reservada para Atlantic International Consultants”.

Connor sentou-se ao lado dele, afastando a cadeira de modo que pudessem se ver.

– Sinto muito por toda essa correria – disse. – Ninguém esperava que as coisas acontecessem tão rápido. Ossos do ofício.

– Balfour está em apuros?

– Não mais do que antes. Acontece que os paquistaneses deram um prazo pra que ele deixe o país. Um prazo bem mais curto do que esperávamos. – Connor tirou alguns dossiês da pasta e acintosamente conferiu as horas no relógio. – Duas horas para o seu embarque. Ainda temos um tempinho. – Batendo os nós dos dedos no primeiro dossiê, emendou: – Então, já sabe tudo sobre o nosso homem?

– Balfour? Sei de muita coisa, mas as lacunas também são grandes.

– É assim que ele gosta. Todo mundo sabe que Balfour nasceu na favela, mas ele negará até a morte. Essa é uma grande pedra no sapato dele. Bem, conseguimos interceptar quase uma centena dos e-mails trocados entre ele e Revy. Trouxe um resumo dos mais importantes. Leia no avião. Depois rasgue tudo, página por página, e jogue no vaso do banheiro. Entendido?

– Sim, senhor! – disse Jonathan, como um recruta. Só então percebeu que não se incomodava mais com a inflexão militar das instruções de Connor.

– Ao que parece, Balfour construiu o Taj Mahal dos centros cirúrgicos na sua mansão. Só não sabe que Revy embolsou uma gorda comissão dos fornecedores de equipamentos médicos. – Connor deu um risinho sarcástico, apenas para avaliar até onde ia o

nervosismo de seu novo agente. Ficou mais tranquilo quando Jonathan riu também. – E aqui está uma lista das viagens mais recentes de Revy: Sardenha, Roma, Paris, Atenas, Kiev, Berlim. O homem é um viajante. Decore tudo. Também conseguimos algumas plantas da mansão na prefeitura de Islamabad. Balfour chama o lugar de Blenheim. A edificação principal tem 2 mil metros quadrados e três andares. Há vários anexos e também uma cocheira. Balfour gosta de montar. Quanto a Revy, parece que serviu numa unidade de cavalaria do Exército suíço. Nos e-mails você vai encontrar algumas referências a hanoverianos, warmbloods e todas essas firulas de quem monta a cavalo. Como você se sai em cima de uma sela?

– Sei subir e descer de um cavalo – disse Jonathan. – E só.

– Não sabe montar?

– Se me derem uma sela com arção, tudo bem, eu me viro. Caso contrário, é acidente na certa.

Connor refletiu por um instante.

– Então diga que está com um problema no joelho. Que se machucou esquiando. Diga o que quiser, mas nem chegue perto de um cavalo. Balfour não pode desconfiar que você não é quem diz ser. Entendido?

– Entendido.

– Ótimo. – Connor abriu sobre a mesa uma cópia reduzida da planta da casa de Balfour. – Agora vamos ao que interessa. O quarto de hóspedes fica no segundo andar, bem aqui. A suíte principal fica no terceiro, diretamente acima do quarto de hóspedes. É o centro nervoso de toda a operação. Tudo o que precisamos descobrir deve estar lá dentro.

Jonathan examinou a planta.

– Ele mantém guardas dentro de casa?

– Não exatamente guardas, mas um bom número de empregados, entre eles um sique de 2 metros de altura, chamado Sr. Singh. É mordomo, secretário particular e capanga de Balfour.

– Parece que não vai ser difícil identificá-lo.

– Ele é a força bruta de Balfour e vai ficar de olho em você. Tome cuidado. – Connor lançou para Jonathan um olhar de advertência antes de prosseguir. – Há também um pequeno harém de oito a 10 moças que Balfour importa a cada seis meses. Russas, inglesas e, segundo ouvi dizer, até algumas americanas. Se ele oferecer, aceite. Revy é um solteirão e mais de uma vez Balfour já perguntou quais são as preferências dele.

– Preferências?

– Louras, morenas ou ruivas. Aliás, Revy gosta especialmente das muito jovens, louras e peitudas. Não pergunte mais nada. Já estou velho. Fico sem jeito de falar dessas coisas.

Jonathan olhou de relance para seu próprio reflexo na vidraça. Ou melhor, para o reflexo de Revy. Sua antipatia pelo cirurgião suíço era cada vez maior.

– Vocês o pegaram? – perguntou.

Os olhos de Connor subitamente se ergueram dos papéis.

– Revy? Claro. Não se preocupe. Von Daniken não fez nada para machucá-lo. O bom médico está descansando na mais completa paz e deverá continuar assim por um bom tempo.

Jonathan disse que ficava aliviado com a notícia, mas sua preocupação com o bem-estar do médico era significativamente menor do que havia sido dias antes.

– Mas tivemos um pequeno revés – prosseguiu Connor. – O telefone de Revy se quebrou durante a operação. Providenciamos um novo pra você. O número é o mesmo, mas não conseguimos transferir os dados que estavam no chip original.

– Isso vai trazer algum problema?

– Creio que não. De qualquer modo, é bastante provável que você não precise ligar pra ninguém enquanto estiver no Paquistão. Uma coisa é certa: o sinal estará bloqueado na área da mansão. Ninguém fará ou receberá ligações. Depois dos contratemplos que teve com o governo indiano, Balfour ficou um tanto paranoico com a possibilidade de estar sendo vigiado.

– Então... como vou repassar as informações que conseguir?

– Se possível, use o laptop pra mandar e-mails; meu sistema de correio eletrônico é 100 por cento protegido. Melhor ainda se você puder sair da mansão pra ligar. Se não puder, terá um brinquedinho muito legal pra furar o bloqueio de sinal. Use apenas se tiver algo realmente importante a informar ou se precisar de ajuda. Mandaremos uma equipe no prazo de um dia.

– Um dia me parece muito tempo. E a Danni?

– O que tem ela?

– Vai estar lá também?

– Infelizmente, não. Meus créditos com a Danni já acabaram. Ela precisa voltar pra Israel. Algum assunto urgente. Desde o início falei que você teria de se virar sozinho. Não é muito diferente das grandes escaladas que você costumava fazer: depois de certo ponto, você tem de continuar por conta própria. Mas, se quiser, ainda pode desistir. Não vou lhe cobrar nada.

– E Emma?

– Quanto a Emma... só posso dar mais informações se você assumir um compromisso.

– Quer dizer então que vocês descobriram alguma coisa?

– Descobrimos.

De repente a sala estava quieta. Connor deixara de lado os papéis, os gestos de ênfase, o tom de voz geralmente alto. A mesa tremeu de leve quando um jato decolou e Jonathan mais uma vez se lembrou dos dias que passara a bordo do USS *Ronald Reagan*.

– Vocês já têm uma ideia mais precisa do que querem que eu descubra? – perguntou, jogando verde.

– Ainda estamos falando de certa munição e da identidade do homem pra quem Balfour pretende vendê-la – respondeu Connor.

Jonathan não gostou do que ouviu. Desconfiou da exagerada displicência da resposta, do recato no tom de voz. Além disso, ainda se lembrava do que Danni dissera mais cedo naquele mesmo dia: “E se estivermos falando de milhares de vidas em risco?”

– Que *tipo* de munição? – quis saber.

– E então? Podemos contar com você ou não? – devolveu Connor.
– Acho que, como Júlio César, chegamos ao Rubicão.

Correndo os dedos sobre os lábios, Jonathan pensou em Danni e no que ela dissera sobre o real motivo que o levava a aceitar a proposta de Connor. Concluiu que ela estava certa: o que ele realmente queria era se colocar à prova e ver se era capaz de fazer o mesmo que Emma. Mas isso não era tudo. Não se tratava apenas de uma questão de competitividade, mas também de um arraigado senso de dever, talvez até de uma pitada de culpa. Querendo ou não, ele ajudara Emma em tantas missões que seria uma hipocrisia de sua parte ver a si mesmo apenas como um espectador. Maridos tinham a obrigação de saber a profissão da mulher. E, quando ele descobrira a de Emma, suas próprias ações haviam mudado radicalmente. Nos últimos 11 meses ele havia passado de um reles fantoche à posição de comparsa: na Suíça, na França e, por fim, no Afeganistão. Fugira da Justiça. Testemunhara crimes terríveis. Cometera assassinatos, tanto em legítima defesa quanto premeditadamente. Em algum ponto do caminho, deixara de ser apenas um marido, um médico e um cidadão comum para se tornar outra coisa. E, se não tivesse algum talento, jamais teria sido recrutado por Connor. Até então ele não conhecia o peso de ser convocado para servir ao país, mas agora, olhando para aquele homem sentado a um braço de distância, aquele senhor obeso de bochechas rosadas e terno amarfanhado, Jonathan sentia algo muito próximo da honra. Via nos olhos do oficial uma convicção que queria para si.

“Eu salvo vidas”, pensou. “Isso é apenas um jeito diferente de fazer a mesma coisa.”

– Pode contar comigo – disse por fim.

– Tem certeza?

– Tenho.

Connor balançou a cabeça solenemente. Exalou um longo suspiro e ao mesmo tempo sentiu um tremor que desceu dos ombros às mãos calejadas.

– Acreditamos que lorde Balfour esteja de posse de uma arma nuclear. Mais precisamente, de uma ogiva retirada de um míssil que perdemos nas montanhas próximas ao Afeganistão cerca de 25 anos atrás.

Seguiu-se um demorado silêncio, como era esperado.

– Uma arma de destruição em massa? – disse Jonathan.

– Exatamente. Cento e cinquenta quilotons espremidos numa ogiva de aço não muito maior que uma melancia madura.

Connor ainda estava inclinado para a frente, encarando Jonathan com visível preocupação. O médico percebeu que o diretor ainda tinha algo a dizer, decerto algo terrível.

– E Emma?

– Emma ajudou Balfour a tirar essa ogiva das montanhas. De um pico chamado Tirich Mir.

– *Tirich Mir?*

– O nome lhe diz alguma coisa?

– Não importa.

Claro que dizia, mas aquele não era o momento de ressuscitar o passado. Jonathan desviou o olhar, horrorizado. Não perguntou se Connor tinha certeza do que estava dizendo. Eles já haviam ultrapassado aquele estágio inicial de reticências, meias verdades e encenações. Já haviam alcançado o estágio “operacional”, como diria o próprio Connor. Agora era para valer.

– Quando descobri onde o míssil havia caído, designei um satélite espião pra obter uma imagem detalhada da região. Vi Emma com meus próprios olhos. Ela liderava uma equipe de resgate nas montanhas. Mandei uma unidade de operações especiais pra interceptá-la, mas o tempo não colaborou. O oficial dos fuzileiros que comandava a missão foi morto.

– Por Emma?

– Ela acionou o contador de uma carga explosiva pra destruir a fuselagem do míssil. Sabia que, sem provas, eu não poderia tornar a coisa pública. O capitão Crockett não conseguiu sair a tempo.

Jonathan se empertigou na cadeira e procurou falar com seriedade, com a voz de médico que costumava usar para dar as piores notícias. Sabia de longa data que o profissionalismo era o primeiro refúgio da vergonha.

– Mas por que ela ajudaria Balfour? Você não disse que ele estava presente quando Rashid a torturou?

– É possível que Balfour a tenha resgatado do deserto e que tudo isso tenha sido uma forma de retribuição. Mas a culpa é minha. Criamos tanta tensão que Emma certamente já não sabe mais quem ela é. E a tortura só piorou as coisas, claro. Se eu não tivesse visto com meus próprios olhos, também não acreditaria.

– Ela vai estar lá?

– Não sabemos. Supomos que ela tenha trazido a ogiva das montanhas e a tenha entregado a Balfour. Não há motivos pra que continue por lá, mas também ninguém poderia supor que ela debandaria pro lado dele.

Jonathan voltou os olhos para as plantas. Precisava se concentrar. Em prol da missão e de sua própria sanidade mental.

– Você imagina em que local da casa ela pode estar? Estou falando da ogiva.

– Duvido que Balfour a tenha guardado na casa principal. Não é o tipo de coisa que você esconde debaixo do colchão. Segundo os especialistas, é impossível que depois de tantos anos essa bomba ainda funcione. Se a intenção de Balfour for vendê-la por uma boa grana, e temos certeza de que é, vai ter de fazer alguns reparos. Para isso vai precisar de um lugar seguro, de uma oficina distante dos olhares curiosos.

Jonathan apontou para os dois anexos externos, sugerindo que ambos poderiam cumprir essa função. Pelos 10 minutos seguintes, ele e Connor consideraram outros lugares onde a bomba poderia estar, examinaram o esquema de segurança em Blenheim e repassaram os hábitos de trabalho de Balfour.

Em seguida, Connor tirou do bolso uma pequena embalagem contendo uma lâmina.

– Está vendo isto? – disse, mostrando o objeto na palma da mão.
– Pra você é um tesouro e deverá ser guardado como tal. Parece uma lâmina de barbear, mas na verdade é um pen drive. Tudo o que você precisa fazer é plugá-lo num dos computadores de Balfour por 10 segundos. No laptop ou no desktop, tanto faz, desde que haja uma conexão wireless ou Ethernet. Um programa de spyware será instalado e todo o conteúdo do computador, bem como o de todas as máquinas com que ele fizer contato, será enviado pra nós. Se Aquiles vivesse nos dias de hoje, é com isso que se pareceria seu cavalo de Troia.

Jonathan examinou o pen drive na própria mão. Sentia-se relativamente confortável com os parâmetros de sua missão. Conhecia o Paquistão razoavelmente bem por conta das escaladas que fizera ainda jovem no Hindu Kush e no Himalaia. Era médico e teria de interpretar um médico, o que seria fácil. Mesmo a ideia de se infiltrar no santuário de Balfour não o preocupava muito. Ele já havia passado por circunstâncias igualmente difíceis e soubera manter a calma. Como cirurgião, estava acostumado a operar sob as lentes de um microscópio, por assim dizer.

Havia apenas um fator imprevisível.

– E se eu encontrar Emma? – perguntou.

Connor se inclinou para a frente e juntou as mãos, as pontas dos dedos se tocando.

– Converse com ela. Tente descobrir por que está agindo assim. Veja se consegue descobrir onde a bomba está escondida. Depois tente trazê-la de volta.

– E se ela ameaçar me entregar?

Connor franziu a testa.

– Nesse caso... você terá de matá-la.

Jonathan não disse nada. Para sua surpresa, não ficou indignado com o que acabara de ouvir. Em vez disso, lembrou-se da sensação da lâmina na mão e finalmente entendeu por que Danni insistira tanto para que ele aprendesse a manejar uma faca.

Mas foi Connor quem deu a última palavra:

– Isso, claro, se ela não matar você antes.

45

LADO A LADO, ELES OBSERVAVAM o voo 221 da Emirates decolar. Ninguém por perto, a não ser uma velhinha na outra ponta da varanda. Mesmo assim eles falavam a meia-voz. Connor por causa do hábito e Danni, da necessidade. Não havia outro modo de mascarar o que ela estava sentindo.

– Como ele se saiu? – perguntou Connor.

– Que tipo de pergunta é essa? – devolveu Danni, ríspida. – Ele mal começou.

– E...?

– Não se saiu mal, mas também não se saiu bem. É muito inteligente. Não teve dificuldade com os exercícios de memória. É atento, sobretudo em lugares fechados. Se conseguir entrar no escritório de Balfour, com certeza vai encontrar o que precisa. Mas ainda não é um agente de campo. Nem de longe. Precisa de mais um mês, pelo menos.

– Agora é tarde.

– Isso não está certo. Ele é um amador.

– Não o subestime, Danni.

– Não estou subestimando Jonathan. É você quem está subestimando Balfour. Os bons modos, as roupas sofisticadas, tudo isso não passa de um disfarce. Ele é um assassino frio e calculista, desses que você encontra nos piores guetos do mundo. Dois anos atrás meu pessoal tentou infiltrar um agente nas organizações dele. Não deu um mês e o homem apareceu morto numa favela de Pindi. Com a garganta cortada e os testículos enfiados na boca. E ele era muito bom, Frank. Um *sayeret*. Você enviou um novato sem nenhuma experiência para a casa de um gângster num país estrangeiro, sem nenhum tipo de apoio. Quanto tempo acha que ele vai durar?

– O bastante pra nos dizer onde Balfour escondeu a ogiva e pra quem pretende vendê-la.

– Você contou a ele sobre Revy?

– Não achei necessário.

– Acha que Von Daniken consegue abafar o acidente?

– Está fazendo o que pode. Até agora, nada vazou. Mas ele não está tão confiante como eu gostaria.

– Você devia ter contado a verdade.

– A verdade tiraria a calma de que ele precisa.

– E Emma?

– Ele sabe o que fazer se encontrá-la por lá.

– Acha que ela está com Balfour?

– Sinceramente, não sei.

– Ele não vai conseguir. Pelo amor de Deus! É o marido dela.

– Jonathan já matou antes. Vi a expressão nos olhos dele. Não é tão avesso à ideia quanto você imagina.

– Mas nunca se viu diante de uma circunstância dessas. Você está pedindo demais.

– Mesmo assim, o serviço precisa ser feito.

Danni pousou a mão no braço de Connor.

– Tire Jonathan dessa história. Você ainda pode falar com ele em Dubai. A escala é de seis horas.

– Essa opção não existe. Você, mais do que ninguém, devia saber disso.

– Ele não está pronto.

Connor notou algo na voz dela. Algo que até então nunca havia notado.

– Tenho certeza de que ele dará conta do recado, Danni.

– Ele precisa de ajuda. Você não pode mandá-lo pra lá sozinho. Dificilmente ele conseguirá sair vivo.

Connor olhou para ela. Nunca havia sentido o peso de sua responsabilidade como agora. De repente se sentiu muito velho e muito cansado. Suspirou e disse:

– Nunca achei que ele fosse sair.

O **NEGÓCIO FOI FECHA DO NO INTERIOR** de um singelo barraco num povoado a 1 quilômetro da fronteira com o Tajiquistão. A produção anual de pasta de morfina de Sultan Haq financiaria a última parte da transação. Do lado de fora, colinas de um vermelho alcalino se estendiam ondulantes até a linha do horizonte: um cartão-postal da solidão.

Dentro, a atmosfera era formal, mas sem nenhuma tensão. As partes já tinham um longo histórico comercial. Se ainda não confiavam uma na outra, já fazia muito tempo que haviam chegado a uma relação de respeito mútuo. O acordo entre elas era lucrativo demais para que uma ou outra arriscasse qualquer atitude menos profissional. No entanto, apenas como garantia, ambas levaram consigo uma milícia particular de 50 homens armados até os dentes.

A contraparte de Sultan Haq era um certo Boris, chefe do Movimento Islâmico do Uzbequistão, uma entidade que dividia com o Talibã, cada qual em seu país, a mesma determinação no combate ao despotismo. Os dois homens se encontravam frente a frente, em lados opostos de uma mesa baixa, bebendo chá e comendo os folhados doces de uma bandeja de bronze marchetado. Boris estava vestido com o habitual desleixo, escondendo a pança sob uma camiseta manchada e uma jaqueta de couro. Haq, por sua vez, honrava a ocasião com a melhor de suas túnicas e uma camada extra de *kohl* sob os olhos. Trazia ao ombro o rifle de caça Kentucky, sinal claro de que era bem diferente de Boris: mais do que um homem de negócios, era um guerreiro.

– Eu ofereço 6 mil dólares por quilo – disse Boris. – É o melhor que posso fazer, meu amigo. O mercado está saturado. Seu país está produzindo duas vezes mais do que no ano passado. Uma questão de oferta e demanda.

Haq permaneceu imóvel, uma terrível esfinge vestida de preto. Seis mil dólares representavam exatamente 60 por cento do que ele havia faturado no ano anterior. A oferta era baixa, mas, a bem da verdade, não chegava a ser ultrajante. A produção de ópio puro havia alcançado um patamar até então sem precedentes. Apesar da invasão americana, a produção afegã chegara a 6.100 toneladas, um volume tão absurdo que excedia em 30 por cento todo o consumo mundial. Por outro lado, Haq sabia que Boris tinha nas mãos um mercado aquecido e, se quisesse satisfazer sua demanda, precisaria até da última gota de pasta de morfina que pudesse obter. A prática de Boris consistia em levar a morfina de Haq para seus próprios laboratórios, refiná-la em heroína 4 e vender o produto final na Rússia, onde o consumo da droga crescia a um ritmo alucinante.

– Nove mil – contrapôs Haq, depois de muita deliberação.

Boris fez uma careta e correu os dedos de unhas roídas sobre o papo mal barbeado.

– Sete.

– Oito – disse Haq, estendendo a mão.

Boris a apertou imediatamente.

– Oito.

O negócio enfim foi fechado.

Boris estalou os dedos e um rapaz entrou no barraco com um BlackBerry. Foram dadas instruções para que 32 milhões de dólares fossem transferidos para a conta de Haq num banco familiar de Cabul. Em 10 minutos, todas as formalidades foram cumpridas.

Haq saiu do barraco e também fez uma ligação.

– Olá, irmão.

– Então, como foi? – disse uma voz grave e conhecida.

Haq relatou os detalhes da transação com Boris.

– Acha que foi suficiente? – perguntou.

– Depois que pagarmos nossos parceiros, ainda teremos um saldo de 12 milhões. É mais do que suficiente.

– Ótimo – disse Haq. – Está tudo em ordem?

- A transferência será feita daqui a dois dias.
 - E o resto?
 - Nosso amigo cuidou de tudo. Você seguirá para o alvo diretamente do Paquistão. Está pronto?
 - Tão pronto quanto alguém pode estar para se tornar o inimigo.
 - Com o conhecimento que tem da língua, você vai se misturar com facilidade. Ninguém saberá que há uma cobra entre eles.
 - Os americanos não sabem de muita coisa.
 - Já escolheu o alvo?
- Haq correu os olhos pelas colinas pardas de sua terra natal.
- Nos Estados Unidos, o alvo é um só.

A VIAGEM PARA CABUL, por estradas precárias, levou 12 horas. Para descansar, Haq passou a noite num casebre. Na manhã seguinte, fez suas orações e se preparou para a viagem. Uma pasta de arquivo estava à sua espera. Ele examinou o conteúdo: mapas do alvo, horários, programa de ação e documentos de viagem, que incluíam um passaporte britânico cuja foto havia sido tirada 10 anos antes, quando Haq ainda era jovem.

No quintal, tomou um banho de esponja e cautelosamente limpou as queimaduras. Em seguida, afundou as mãos numa bacia de água quente para amolecer as unhas. Cortou-as com cuidado. Cada uma delas representava uma lição aprendida com alguém ao longo da vida:

Impotência, com o irmão caçula, que havia morrido aos 3 anos de uma doença desconhecida.

Tragédia, com a mãe, que morrera um ano depois ao dar à luz o filho que ocuparia o lugar do menino morto.

Resignação, com o bebê que morrera com ela.

Honra, com a irmã mais velha, violentada pelos invasores russos quando ainda era pura; sabendo-se suja e indigna de um marido, ela preferiu se afogar nas águas de um rio a desgraçar o nome de seu clã.

Nobreza, com a esposa, mãe de seus seis filhos.

Sabedoria, com o pai, que lhe ensinara a comandar homens.

Humildade, com o Profeta, que a paz descesse sobre Ele.

Autorrespeito, com o nobre clã dos Haq, o seu clã, que por mil anos havia resistido às invasões.

E, por fim, esperança, com seu caçula, o único filho homem. Haq amava o garoto com um coração do tamanho do céu afegão e

rezava diariamente para que ele continuasse lutando por outros mil anos.

Haq não cortou a décima unha, que representava a coragem, uma lição que só aprenderia no último minuto de vida.

Em seguida, sentou-se numa cadeira para que uma moça cortasse seus cabelos.

– Curto – pediu –, mas de forma que ainda dê para pentear.

A moça era hábil e terminou o trabalho em 15 minutos.

Haq raspou a barba e o bigode por conta própria e isso levou mais tempo. Teve dificuldade com o pente; jamais havia partido os cabelos de qualquer jeito que fosse. Voltando ao quarto, vestiu as roupas que haviam sido deixadas ali para ele: terno escuro, camisa branca e gravata. Os sapatos de couro apertavam-lhe os pés, machucando-os.

Por fim se olhou no espelho. Só então viu que esquecera um último detalhe. Com um pano umedecido, limpou o *kohl* das pálpebras e voltou os olhos para o espelho. Deparou com um ocidental.

Pior, um americano.

Teve ânsia de vômito.

Resignado, ligou para a Ariana Afghan Airlines.

– Gostaria de fazer uma reserva para um voo ainda nesta manhã.

– Destino?

– Islamabad.

– Ida e volta?

– Não – disse Sultan Haq. – Apenas ida.

ELE TINHA MAIS DOIS dias de vida.

Lorde Balfour atravessou a porta da cozinha e cruzou o estacionamento, caminhando com passos largos e determinados. Numa das mãos levava uma caneca de *chai* e na outra, um chicote de couro preto. Vestia-se informalmente, com calças de linho e sua camiseta predileta: a da equipe de polo de Highgrove, da qual William e Harry participavam regularmente com o pai, o príncipe Charles. Estava tão bem-humorado que permitira ao barbeiro alisar e partir seus cabelos crespos, bem como aparar os bigodes. Um hóspede estava para chegar. Hóspedes eram raros por ali, sobretudo europeus. Enquanto caminhava, assobiava alegremente a melodia de “Colonel Bogey March”. Não tinha o aspecto de um homem à beira da morte.

Atrás dele, a um passo de distância, vinha o Sr. Singh. Com andar ainda mais determinado. Não trazia *chai* nem chicote, e sim um fuzil de assalto AK-47 com um carregador alongado e curvo, parecido com uma banana. Vestia as roupas habituais de trabalho: um *shalwar-kameez* branco e o turbante dos siques. Não assobiava. O rosto se crispava numa careta de poucos amigos. E ninguém havia penteado seus cabelos ou aparado sua barba. A pessoa que tivesse tentado fazer isso já estaria morta.

Os Range Rovers se encontravam fora das vagas para a limpeza diária. Alinhavam-se sob o sol da manhã como uma frota imperial de navios de guerra, todos brancos. Uma equipe de funcionários aguardava por perto. Balfour entregou sua caneca a Singh, empertigou o tronco e foi passando os carros em revista, contornando cada um deles à procura de falhas na limpeza. Ao encontrar uma mancha de água, tomou a flanela das mãos de um dos empregados e a limpou por conta própria. O castigo foi uma chicotada no rosto do garoto.

Balfour também inspecionou o interior dos carros. Restos de cera foram encontrados no banco traseiro de um deles; cinza no cinzeiro de outro. O indiano fazia questão de encontrar falhas no desempenho de seus funcionários; essa era a única maneira de deixá-los mais atentos. O chicote se agitou no ar e desferiu mais dois golpes.

Terminada a inspeção, chamou o chefe da equipe, um jovem paquistanês, e deu-lhe uma bronca, censurando-o pela baixa qualidade do serviço. Era uma sorte que ele não tivesse de refazer toda a limpeza. Que isso não se repetisse na próxima vez. Ele ergueu o chicote, mas, em vez de baixá-lo, abriu um sorriso e entregou uma nota de 100 dólares ao rapaz, que se curvou numa mesura e, exatamente como haviam lhe ensinado, disse:

– Muito obrigado, milorde.

Apenas Balfour sabia que não haveria uma próxima vez. Em dois dias ele estaria morto.

Deixando o pátio, atravessou o pequeno gramado que servia de campo de críquete, apelidado de Runnymede, e foi para as cocheiras. Possuía 12 cavalos. Seis eram árabes, ariscos demais para seu gosto. Dois eram hanoverianos; e três, warmbloods belgas. O último, seu predileto, era um quarto de milha chamado Sundance que, seis anos antes, ganhara de presente do chefe local da CIA em agradecimento por ter transportado equipamento militar americano do Cazaquistão para Bagram. Os cavalariaços exercitavam Sundance e Balfour parou junto à cerca para admirar a destreza do animal.

– Milorde vai montar hoje? – perguntou um dos cavalariaços.

– Hoje não – disse Balfour. – Mas estou esperando um hóspede que é exímio cavaleiro. Deixe o Inferno selado amanhã às 10 horas. Talvez tenhamos tempo para uma breve cavalgada.

Inferno era um hanoveriano de batalha, o único ganhão da tropa.

Balfour foi passando pelas baias, acarinhando o focinho deste ou daquele favorito. Morreria de saudade de seus animais. Dentro de um mês, depois que as autoridades encerrassem as buscas e o

dessem como morto, eles seriam discretamente enviados para as propriedades de diversos generais paquistaneses com os quais ele já havia se entendido.

Do outro lado do gramado, seu pequeno harém de estrangeiras fazia a corrida matinal. À frente iam as americanas Kelly e Robin, seguidas de Anisa, Ochsana e Greta. Mais atrás, como sempre, ia Petra, ex-miss Bulgária e segunda colocada no concurso de Miss Universo.

– Corre, minha filha! – berrou Balfour. – Esse seu traseiro está parecendo o de um elefante!

Mulheres não eram muito diferentes de animais: precisavam de exercícios, comida e disciplina. Ele havia adquirido as suas numa agência de Londres, a mesma que atendia o sultão de Brunei. Os salários iam de 10 a 15 mil dólares mensais para uma estada que girava em torno de 90 dias. As roupas eram por conta da casa e havia muitas oportunidades para que as moças ganhassem gratificações na forma de joias, drogas e dinheiro.

Petra perdeu completamente o fôlego e passou a caminhar, o que enfureceu Balfour. Ele não estava pagando aquele régio salário para que a preguiçosa engordasse. Já ia levantando o chicote para açoitá-la quando uma ideia lhe ocorreu:

– Sr. Singh, por gentileza. Um pouquinho de motivação para a nossa adorável Miss Bulgária.

Singh apoiou o fuzil no ombro e disparou, um estalo de apenas dois segundos. A grama atrás de Petra se levantou com um jato de terra. Ouviu-se um grito e a búlgara retomou a corrida.

– É assim que eu gosto! – berrou Balfour. Ele correu alguns metros para incentivá-la, mas logo se cansou e parou.

Voltando pelo mesmo caminho que haviam percorrido, Balfour e Singh entraram na guarita de segurança localizada na porta da garagem. Dois guardas estavam à frente de diversos monitores com imagens internas e externas de Blenheim. Desde a revogação do acordo de proteção que ele tinha com o ISI, Balfour havia reforçado todas as medidas de segurança. Visitantes eram obrigados a parar

o carro a 30 metros do portão. Dois homens zanzavam pelo teto da casa levando ao ombro mísseis portáteis de lançamento terrestre.

– Eles devem aparecer a qualquer instante – informou, distribuindo tapinhas nas costas dos guardas. – Fiquem de olho.

“Eles” eram os homens da RAW, o serviço de inteligência indiano. A Índia havia jurado expatriar seu filho mais infame e levá-lo a julgamento por ter fornecido armas aos terroristas que atacaram Mumbai, matando quase 200 pessoas. Boatos falavam de um possível cerco a Blenheim.

Satisfeito por ver que tudo corria bem e que sua segurança estava garantida pelas próximas horas, Balfour deixou a guarita e foi para o anexo de manutenção, onde dois guardas vigiavam a porta. Examinou as armas de cada um, verificando se estavam devidamente carregadas e travadas, e só então entrou. Outra dupla de guardas se encontrava ao final de um longo corredor, vigiando uma segunda porta. Como antes, Balfour só entrou depois de inspecionar as armas dos funcionários.

Ele agora estava numa ampla oficina de piso de concreto e pé-direito alto. Nenhum móvel, apenas uma extensa bancada que corria ao longo das paredes. A ogiva se encontrava num berço atado por correntes às vigas do teto.

– E então? – perguntou Balfour.

Os dois físicos nucleares ladeavam a ogiva, radiantes.

– Funciona.

– Conseguiram armá-la?

– Conseguimos.

– Excelente.

Balfour deixou a oficina, voltou para a casa principal e subiu ao escritório.

Acenando para que Singh fechasse a porta, fez uma ligação.

– Alô – respondeu uma voz que ele agora reconhecia e com a qual havia antipatizado desde o início.

– Como vai, sheik? – disse ele ao homem que havia conhecido como convidado do príncipe Rashid no campo de pouso de Sharjah,

agora seu novo e último cliente. – O tapete está pronto para entrega, como previsto.

– E está em boas condições?

– Como novo.

– Ótimo.

– Faremos a troca no meu armazém no aeroporto de Pindi, amanhã ao meio-dia. O preço é aquele que combinamos. Seu irmão chegará na hora marcada?

– Sim. E ele agradece seu convite para hospedá-lo. Com relação à troca – prosseguiu o sheik –, você tomou as providências que pedi?

– Fique tranquilo. Seu irmão não terá o menor problema para levar o tapete. Todas as contingências foram previstas.

– Muito bem, então. Nos vemos amanhã.

Balfour desligou. Conferindo as horas no relógio, ficou preocupado.

– Já são quase 10 – disse para Singh. – Vá agora mesmo para o aeroporto. O Dr. Revy chega ao meio-dia.

“ACREDITAMOS QUE LORDE BALFOUR esteja de posse de uma arma nuclear.”

Jonathan Ransom bebeu a vodca num único gole. Ocupando uma das poltronas da primeira classe da Emirates, ele olhava pela janela quando a metrópole de Dubai despontou no deserto para cumprimentá-lo. O álcool ardia em sua garganta de um jeito delicioso. Ele fechou os olhos, deixando que o ardor descesse para o peito. Aquele era seu segundo voo em três dias. Geograficamente, estava retrocedendo. No entanto, tinha a desconcertante impressão de que avançava rumo a seu alvo.

Até aquele momento, tudo não passara de um ensaio. Não apenas os últimos cinco dias com Danni, mas toda sua vida. A juventude conturbada, as escaladas como válvula de escape, a redenção pela medicina e, por fim, a união com Emma, que não chegara a ser um casamento de verdade, e sim oito anos de acobertamento de uma espiã nascida na Rússia e treinada nos Estados Unidos. Uma longa estrada que agora culminava no nascimento de um agente.

“Acreditamos que lorde Balfour esteja de posse de uma arma nuclear.”

As palavras de Connor ecoavam em sua cabeça desde que ele as ouvira, oito horas antes. Algo bem mais complexo do que vasculhar gavetas para encontrar o nome de um homem ou revirar armários escuros em busca de algumas granadas. Antes de embarcar ele havia enchido Connor de perguntas, querendo saber por que a questão não havia sido levada ao alto escalão do governo, por que eles não despacharam em seu lugar um destacamento da Força Delta ou dos SEALs, por que não lançavam sobre a mansão do indiano uma *bunker buster* ou uma *daisy cutter* ou fosse lá o nome que agora as bombas tinham. E Connor havia respondido com

firmeza, valendo-se de um argumento que Jonathan julgava perfeitamente compreensível: “Porque não temos tempo.”

O médico havia sido convocado para realizar uma operação de vital importância em nome de seu país.

Pedi uma última dose de vodca. A comissária, uma estonteante morena do País de Gales, com seu uniforme bege e chapeuzinho pillbox, se ajoelhou para servir a bebida e um prato com amêndoas torradas quentinhas.

– Vai ficar em Dubai? – perguntou ela.

– Não – disse Jonathan. – Continuo até Islamabad.

– Que pena. – A comissária sorriu e voltou às suas funções.

50

NENHUMA COMISSÁRIA PERGUNTOU a Frank Connor se ele queria uma segunda dose de vodca ou um prato de amêndoas torradas. Viajando sozinho na cabine escura de um Lear Jet emprestado, ele abocanhou o último pedaço de uma barra de chocolate e arrematou o que restava de uma Coca Light. Em terra, as luzes da pista do Aeroporto Internacional Dulles riscavam o breu do interior da Virgínia. Eram duas horas da madrugada.

Ele tinha o direito de estar exausto. Vinha pulando de um aeroporto para outro nas últimas 36 horas e, em duas semanas, não havia dormido mais do que quatro horas consecutivas. Mas, em vez disso, estava bem desperto, inquieto, como se conduzisse seu primeiro caso na Divisão. Não foi o nervosismo, entretanto, que o fez saltar às pressas do jato ao aterrissar e correr para o carro sem ao menos agradecer ao piloto, mas uma crescente sensação de irresponsabilidade, uma percepção tardia de que ele havia se tornado excessivamente cínico e insensível e que, por causa disso, havia colocado em risco a vida de um agente.

Connor não questionava a decisão de ter infiltrado Ransom na casa de Balfour, por mais inexperiente que o médico fosse. Não havia alternativa. O trabalho precisava ser feito e Ransom era o único recurso disponível. As chances de que ele encontrasse informações que levassem à localização da ogiva resgatada por Emma e identificasse o misterioso comprador de Balfour não passavam de 20 por cento. Mas naquele ramo isso bastava para que as fichas fossem apostadas. O problema não era esse. O que mais incomodava Connor era o fato de que ele já considerava seu agente morto. Jonathan Ransom nem sequer havia chegado ao Paquistão. Merecia um voto de confiança.

Ele entrou no Volvo e pegou a rodovia com destino a Washington. Vendo que o trânsito estava tranquilo, fez uma ligação.

- Plantonista falando – atendeu o funcionário da NGA.
- Preciso falar com Malloy. Diga que é Frank Connor.
- Um momento, por favor.

Connor tamborilava com os dedos no volante, pensando no que dizer para dobrar Malloy. Sabia muito bem que já havia esgotado sua cota de favores com ele. Mesmo assim, se conseguisse convencê-lo a posicionar um satélite sobre a mansão de Balfour, talvez pudesse captar uma imagem da ogiva sendo transportada de um local para outro. E essa imagem bastaria para acionar os peixes grandes sem passar pela demorada burocracia do Departamento de Defesa ou do Conselho de Segurança Nacional. Em 10 minutos, a CENTCOM entraria em ação.

Até a última contagem, o Paquistão possuía mais de 70 mísseis nucleares e a possibilidade de que um deles caísse em mãos erradas tirava o sono de boa parte dos estrategistas militares. Uma arma de destruição em massa em território paquistanês era um cenário que eles já haviam imaginado 1 milhão de vezes. Não era segredo para ninguém que uma equipe de reação rápida da Força Delta se encontrava a postos na base de Rawalpindi, a menos de 30 minutos da mansão de Balfour, para lidar justamente com esse tipo de situação.

– Sinto muito, Sr. Connor, mas Malloy não está. Posso ajudá-lo em alguma coisa?

– Ele me disse que estava escalado para trabalhar esta noite.

– Estava, mas não apareceu. Aliás, também não apareceu ontem. Deve estar muito doente, porque nem telefonou pra avisar. Tem certeza de que não posso ajudá-lo?

– Tenho – disse Connor. – De qualquer modo, obrigado. Meu assunto com Malloy é pessoal. Vou tentar a casa dele.

Connor deu uma guinada para a direita, pegou a saída mais próxima e seguiu pela George Washington Parkway. Enxergava mal à noite e estava preocupado com os acontecimentos. Mas nem uma coisa nem outra justificava que ele não tivesse notado o sedã que, desde o aeroporto, o vinha seguindo a certa distância e que dera a mesma guinada imprudente para sair da autoestrada.

Ele atravessou o Potomac pela Chain Bridge e seguiu pela Canal Road, sob o esquelético dossel formado pelos galhos finos dos carvalhos depenados pelo inverno. Ainda com o sedã em sua cola, chegou à casa de Malloy e estacionou o carro mais à frente.

Com passos cautelosos e as mãos enterradas nos bolsos do sobretudo, foi caminhando até a porta. As luzes da casa estavam apagadas, o que era natural àquela hora. Tocou a campainha e recuou um pouco. Ninguém atendeu. Do outro lado da porta, nenhum ruído de vozes ou passos. Esperou dois minutos, depois caminhou para a esquina e seguiu pela ruela que passava por trás de todas as casas. O carro de Malloy estava estacionado no quintal, ao lado de outro que ele deduziu ser de sua esposa. Um lance de degraus conduzia a uma varanda. Connor o escalou e ficou surpreso ao constatar que a porta dos fundos estava destrancada. Para um ex-SEAL que agora lidava com informações altamente confidenciais, isso era impensável.

Ainda com a mão na maçaneta, aguçou os ouvidos na esperança de detectar algum ruído no interior da casa, mas não ouviu nada além de seu próprio coração. Por fim, entrou. E logo sentiu o fedor. Rapidamente cobriu a boca e o nariz, buscando apoio na bancada da cozinha. Jamais havia sentido cheiro parecido, um odor tão forte, azedo e pestilento. Olhou pela janela da cozinha. Sob a meia-lua, a ruela continuava escura e deserta.

– Malloy! – chamou.

Nenhuma resposta.

Hesitante, foi andando na direção da porta de vaivém que dava para a sala de jantar. Não estava armado. Geralmente não precisava de armas. Além disso, conhecia a si mesmo bem o bastante para saber que acabaria acertando o próprio pé em vez de seu agressor. A porta rangeu ao se abrir e ele passou à sala. Uma lata de refrigerante se encontrava sobre a mesa junto de uma vasilha com pipocas. Atormentado pelo mau cheiro que ficava mais intenso, subiu ao segundo andar.

– Malloy! Sou eu, Frank Connor. Tudo bem por aqui?

As palavras ecoaram nas paredes e Connor se sentiu um idiota por tê-las dito. À porta do quarto de Malloy, retirou um lenço para cobrir a boca e o nariz, contou até três e entrou.

– Santo Deus! – exclamou, vendo os dois corpos sobre a cama, atropelado pelo fedor.

Olhou a cena por apenas um segundo, talvez menos, até que sentiu os olhos arderem e precisou desviar o rosto. Foi o bastante para ver que ali estavam Malloy e a mulher, que o tronco de ambos havia sido cortado desde o esterno até o púbis e que as vísceras haviam sido jogadas no chão. O suficiente para ver os vermes que se agitavam no sangue e confirmar o que ele já suspeitava desde que colocara os pés naquela casa.

Malloy e a mulher haviam sido assassinados. E a culpa era dele.

♦♦♦

Da esquina, Jake Taylor, o Estripador vigiava a porta dos fundos da casa de Malloy.

– Ele está lá dentro. O que você quer que eu faça?

– Por enquanto, nada.

O Estripador olhou para a janela do quarto no segundo andar. Sabia que àquela altura Connor já estava diante dos corpos, admirando sua obra de arte. Sentiu uma vontade quase incontrolável de acrescentar ao conjunto o corpo do agente federal. O gordo grunhiria feito um porco quando a lâmina abrisse sua pança.

– Tem certeza? Posso entrar e fazer o serviço rapidinho. Ninguém vai saber.

– Ele é valioso demais. Se matá-lo, vai jogar merda no ventilador.

Pouco importava ao Estripador que a merda se espalhasse. Tudo o que queria era afundar sua faca no peito de Connor, sentir o músculo oferecer aquela resistência inicial para depois relaxar.

– Veja aonde ele vai, depois me avise.

– Tudo bem, chefe. Você é quem manda.

Jake Taylor detestava receber ordens de uma mulher, sobretudo de uma morena gostosa como aquela. Cedo ou tarde cuidaria dela. Para deleite de sua faca.

51

JONATHAN PASSOU PELA IMIGRAÇÃO sem nenhuma dificuldade. O passaporte suíço que Von Daniken havia providenciado era uma cópia exata daquele usado para obter o visto paquistanês de Revy. Um homem muito alto usando um turbante preto se destacava no mar de gente que esperava do outro lado da corda de isolamento à saída da alfândega. Ao ver Jonathan, ele ergueu o braço e chamou:

– Dr. Revy?

– Sim, sou eu – disse Jonathan. – Bom dia.

– Meu nome é Singh. Em nome do Sr. Armitraj, seja bem-vindo. Ele está esperando pelo senhor em Blenheim. Venha comigo.

Singh levantou a Vuitton de Jonathan como se segurasse uma pluma e seguiu abrindo um amplo caminho através da multidão com Jonathan em seu encalço. Que ele logo tivesse tomado um ocidental alto e louro por Revy sugeria que o sique não sabia ao certo qual era o aspecto do cirurgião suíço. Jonathan ficou aliviado, mas sabia que a prova de fogo viria dali a pouco, quando enfim se encontrasse com Balfour.

Quatro homens vestindo ternos claros e idênticos acompanhavam Singh, formando uma pequena falange. Não eram os capangas molambentos e mal barbeados que Jonathan costumava ver nas esquinas do sul da Ásia, à espreita de um alvo qualquer. Eram jovens, fortes e muito bem barbeados. Quando o vento levantou a aba do paletó de um deles, Jonathan pôde ver a coroa de uma pistola.

Dois Range Rovers brancos esperavam junto da calçada com batedores da polícia do aeroporto. Singh abriu a porta de um dos carros para Jonathan, em seguida entrou e se acomodou ao lado dele no banco de trás, ocupando quase todo o espaço com o corpanzil e o turbante, que roçava o teto. Um dos guarda-costas

sentou-se no banco dianteiro e ofereceu a Jonathan uma toalhinha quente e uma garrafa de água mineral.

O carro deixou o aeroporto e foi seguindo por uma rodovia através de uma planície pontilhada de casebres e terrenos arados. Uma boa centena de fogueiras solitárias exalava espirais de fumaça que lembravam uma legião de gênios escapando de suas respectivas lâmpadas. Pedestres abarrotavam os acostamentos: fazendeiros puxando cabras, ambulantes carregando cestos, crianças vendendo refrigerantes para os carros que passavam a 100 quilômetros por hora. Pouco a pouco, a aridez da terra foi dando vez à cidade, até que, de um segundo a outro, Jonathan se viu cercado por um agitado centro urbano em que o colonial se misturava ao moderno sob o denominador comum da extrema pobreza.

Incomodado com o ar-condicionado do carro, ele abriu uma fresta na janela, deixando entrar um cheiro de dióxido de carbono, esgoto aberto, carne queimada e fumaça de lenha. Em todos os lugares do Terceiro Mundo o cheiro era o mesmo. Portanto, Jonathan se viu totalmente à vontade com a paisagem a seu redor. Quanto mais longe ia, mais em casa se sentia.

Pouco depois a cidade foi ficando para trás enquanto eles subiam pelas colinas de Margalla. Um lago comprido e de águas turvas, essencialmente feio, surgiu à direita. Era o lago Rawal, cujas margens eram povoadas pelos ricos e famosos do Paquistão, mas sobretudo pelos criminosos. Após uma sucessão de mansões à beira d'água, todas no estilo mogul, cópias menores e menos suntuosas do Taj Mahal, a rodovia deu uma guinada para o norte. Mais adiante, os carros tomaram uma estrada secundária, reta como uma lâmina, e já estavam longe nas colinas quando uma cerca alta de arame despontou em meio aos campos verdejantes. Os motoristas aceleraram e passaram direto pela guarita da entrada, mas não tão rápido que Jonathan deixasse de notar as armas automáticas e metralhadoras que os guardas ostentavam. Mais à frente ele avistou um jipe preto fazendo a ronda do terreno com uma metralhadora calibre .30 montada na traseira, pilotado por

homens usando chapéu de safári com as abas dobradas. Os Ratos do Deserto haviam deixado o norte da África e, ao que parecia, agora estavam no Paquistão. Ainda havia uma segunda cerca, eletrificada, segundo informava uma placa, e encimada por espirais de fita farpada. Jonathan teve a impressão de que acabara de chegar a uma fortaleza militar, não à residência de alguém.

Acelerando ainda mais, os carros ultrapassaram a crista de um monte além do qual estava Blenheim. Jonathan já tinha visto as fotos fornecidas por Connor, mas nada poderia tê-lo preparado para a grandiosidade daquilo, para a estranheza de ver uma réplica da famosa propriedade do duque de Marlborough a 6 mil quilômetros da Inglaterra. Eles atravessaram uma pequena ponte de madeira e entraram no amplo pátio de cascalho que ficava em frente à casa principal. Um homem baixo e magro se encontrava à porta, acenando com entusiasmo. Vestia um terno branco com gravata-borboleta também branca e trazia um cravo vermelho na lapela. A voltagem do sorriso poderia iluminar um vilarejo inteiro.

“Não se deixe enganar pelo comportamento dele”, advertira Connor. “Balfour é capaz de abraçá-lo e jurar que vocês são irmãos de sangue e, no minuto seguinte, mandar que o capanga dele, Singh, passe o *kukri* na sua garganta. E em nenhum momento deixará de sorrir. A afabilidade e os modos aparentemente civilizados são o maior trunfo dele, o escudo que usa para se proteger dos inimigos e do próprio passado.”

O Range Rover estacionou e Singh abriu a porta para que Jonathan saltasse. Balfour permaneceu onde estava, imóvel. Nenhum aceno, apenas o olhar cravado no recém-chegado e o sorriso congelado nos lábios. “Ele já viu uma foto de Revy”, pensou Jonathan. “Sabe que sou um impostor. A qualquer momento vai acionar Singh e será o meu fim.” Mas, em vez de ceder ao pânico, relaxou. Foi isso que vira Emma fazer durante oito anos. Jamais apanhara a mulher num ato falho. Ele também seria capaz de fazê-lo.

Abrindo um sorriso que rivalizava com o de Balfour, Jonathan foi ao encontro de seu anfitrião.

– *Allo*, Sr. Armitraj. Muito prazer! – disse, com seu melhor sotaque romando.

Mesmo assim Balfour não se mexeu. Ainda o encarando, fez um sinal para Singh e aparentemente reclamou com ele. O sique olhou para Jonathan, que fez o possível para manter o sorriso enquanto se lembrava do que Connor dissera: “A boa notícia é que você não terá de enfrentar uma prisão paquistanesa; será sumariamente executado em Blenheim.” Percebendo um vulto no telhado, viu o atirador que apontava um fuzil para seu peito. Balfour berrou mais uma ordem e os guarda-costas se aproximaram como lobos farejando uma presa. Era cada vez mais difícil sustentar o sorriso.

Balfour cuspiu uma última ordem para Singh. O sique caminhou na direção de Jonathan, parou a poucos centímetros dele e disse:

– Não se mova.

Jonathan se preparou para o que estava por vir, relaxando os ombros, sentindo um choque na ponta dos dedos.

Então Singh levou a mão ao bolso e de lá tirou um cravo semelhante ao de Balfour, para depois colocá-lo na lapela de Jonathan.

– Perdão, senhor. Milorde pediu que eu lhe entregasse isto logo na chegada.

– Um cravo – acrescentou Balfour, aproximando-se enquanto fulminava o capanga com o olhar. – É o símbolo de Blenheim. – Tomou a mão de Jonathan e disse: – Bem-vindo à minha casa, Dr. Revy. E, por favor, me chame de Ash. Esqueça essa tolice de “Sr. Armitraj”. Isso é o que a polícia escreve em seus mandados. Achei que já tivéssemos falado sobre isso.

– Para nós, suíços, é difícil abrir mão das formalidades – disse Jonathan, surpreso que tivesse encontrado qualquer coisa para dizer.

– Mais um motivo para a admiração que tenho por seu país. – Balfour puxou-o pelo braço e o conduziu para a entrada da casa. – Por aqui. Quero lhe mostrar o centro cirúrgico. Todas as suas especificações foram rigorosamente atendidas. Gostaria de começar os trabalhos imediatamente, se o senhor não se importar.

– Claro – disse Jonathan. – Mas temos duas semanas pela frente.
– Minha programação foi alterada.
– Muito bem, então. Podemos terminar tudo em alguns dias.
– Alguns dias não, Dr. Revy. Gostaria de ser operado amanhã à noite.

– Impossível – disse Jonathan, categórico. – Opero apenas pela manhã, quando estou mais descansado. Quanto ao senhor, é fundamental que esteja de estômago vazio. Precisa fazer um jejum de 12 horas antes de receber a anestesia geral. – O ator em Jonathan queria bater o pé no chão para dar ênfase, mas o chão era de cascalho, então ele preferiu evitar o melodrama. – Além disso – emendou, menos incisivamente –, ainda precisamos fazer seu hemograma, terminar as consultas...

– O hemograma já voltou do laboratório – disse Balfour. – Os resultados estão em seu quarto.

– Ah. – Jonathan não havia lido nada sobre a antecipação dos exames. Uma das últimas mensagens trocadas entre o indiano e o suíço sugeria que Revy supervisionaria todo o pré-operatório assim que chegasse. – Isso, isso. Excelente – disse, recorrendo ao tique repetitivo de Revy. – Humm, vejo que não temos tempo a perder.

Eles atravessaram o pátio e entraram no hall. Enquanto a pesada porta de madeira se fechava atrás dele, Jonathan viu o primeiro dos homens armados empoleirado na cavernosa galeria dos menestréis. Percebeu que tinha acabado de entrar numa prisão.

ANTES DO CENTRO CIRÚRGICO, veio o tour pela mansão.

Balfour já havia largado o braço de Jonathan e agora caminhava alguns passos à frente dele, atravessando os longos corredores enquanto, como um professor, dava informações casuais sobre cada cômodo e os objetos de decoração. Mostrou a biblioteca, cujos livros, todos eles, haviam sido trazidos da residência do duque de Bedford em Woburn Abbey. Mostrou o salão de visitas, em que havia um retrato assinado por Sargent e uma paisagem de Constable. Mostrou o escritório e a escrivaninha sobre a qual, no início da Segunda Guerra Mundial, Winston Churchill havia redigido seu famoso discurso: “Nada a oferecer senão sangue, suor e lágrimas.”

“Balfour é um grande mitômano”, Connor já havia alertado. “Você vai pegá-lo na mentira muitas vezes, mas não diga nada. Ele vive nessa bolha de fantasia que criou pra si mesmo, não gosta que ninguém a estoure.”

À medida que avançavam no tour, Balfour ia apontando aquelas partes da casa que Jonathan tinha ou não permissão para visitar. A sala multimídia era território livre e eles ficaram ali por tempo suficiente para que Balfour demonstrasse sua habilidade com o sem-número de recursos de uma tela de plasma de 96 polegadas ao mesmo tempo que exibia o ensurdecedor sistema de som.

A boate também estava ao inteiro dispor de Jonathan. Embora ainda não fosse nem uma da tarde, três louras devidamente vestidas para a noite dançavam no centro da pista de mármore preto, empunhando taças de champanhe e sacudindo os quadris ao ritmo hipnótico da *house music*, enquanto se desdobravam para disfarçar o tédio. Balfour as apresentou como Kelly, Robin e Ochsana; disse-lhes que Jonathan era um hóspede importante e, como tal, merecia todo tipo de cortesia. As moças se adiantaram

para cumprimentá-lo com mãos moles e olhares nada sutis. Jonathan, por sua vez, disse que estava encantado em conhecê-las. Deduziu que o trabalho cirúrgico feito no trio ultrapassava facilmente a casa dos 100 mil dólares.

Mas, quando chegaram à escada que levava ao terceiro andar, Balfour empacou nos degraus e se dirigiu a ele com um tom de voz nem um pouco hospitaleiro.

– Meu escritório fica lá em cima – disse. – É nele que conduzo todos os meus negócios e cuido dos assuntos particulares. Mas, para você, todo o terceiro andar é território proibido.

“Nunca baixe a cabeça pra ele”, dissera Connor. “Você é tudo o que ele deseja ser. Rico, estudado, europeu. Volta e meia tentará intimidá-lo, mas não se deixe dobrar. Não há nada que ele deteste mais do que a fraqueza.”

– Mas... talvez eu queira ver um pouco mais de sua fantástica coleção de arte – disse Jonathan. – Outro Constable, quem sabe?

– Toda a arte está embaixo.

– E se eu precisar falar com você? – insistiu Jonathan, sabendo que havia alcançado um limite cuja rigidez precisava ser testada.

– Posso encontrá-lo sempre que necessário – disse Balfour. Ele voltou a abrir o sorriso, mas agora para embalar uma advertência: – Se eu o vir em algum lugar do terceiro andar, mandarei o Sr. Singh matá-lo. Fui claro?

O rompante surpreendeu Jonathan e ele não teve como disfarçar o susto. Apertando as pálpebras enquanto pensava numa resposta, por um momento se sentiu na pele do próprio Revy. Sua vontade era agarrar o almofadinha pelas lapelas engomadas e ameaçar quebrar-lhe todos os dentes da boca caso ele voltasse a falar naquele tom. “Calma”, alertou Emma nos escaninhos de sua mente. “O Dr. Revy jamais se atracaria com alguém.” Jonathan ouviu o conselho, mas a contragosto. Já suando no colarinho, o aprendiz de agente por fim optou pelo humor: um europeu sofisticado jamais se rebaixaria ao nível de um pobre-diabo da Ásia meridional.

– Mas então... – disse. – Quem poderia tornar esse rosto ainda mais perfeito do que já é?

Balfour refletiu por um instante. Assim que decidiu ceder à diplomacia da resposta, jogou a cabeça para trás e riu espalhafatosamente.

Eles deixaram a ala principal da casa e, saindo por uma porta nos fundos, Balfour conduziu Jonathan através de um jardim de topiaria no qual se viam ursos, raposas e veados perfeitamente esculpidos. Na extremidade do jardim, o caminho se bifurcava e, à esquerda, se via uma construção baixa, sem janelas, com fachada de concreto e telhas de madeira. Segundo o mapa que Jonathan vira antes, tratava-se de uma oficina de manutenção, mas a seus olhos mais parecia um abrigo antiaéreo. Dois guardas com fuzis AK-47 apertados contra o peito postavam-se à porta e outro Range Rover esperava por perto com as portas abertas e mais quatro seguranças de prontidão. Ouviu-se uma algazarra quando dois homens de jaleco entraram na edificação empurrando uma máquina qualquer.

– O que há ali? – perguntou Jonathan.

– Meu futuro – respondeu Balfour.

– Parece perigoso – observou Jonathan, ainda ressabiado com a conversa que tivera pouco antes.

Olhando por cima do ombro, Balfour disse:

– Cuide da sua vida.

♦♦♦

A sala de cirurgia era como Jonathan sempre sonhara. Cada vez que um ventilador emperrava ou um oxímetro de pulso não funcionava, que os grampos cirúrgicos eram insuficientes ou não havia nenhum carrinho de reanimação, ele fechava os olhos e prometia a si mesmo jamais operar novamente em condições semelhantes. Na sala de Balfour havia uma mesa de cirurgia; uma estação de anestesia Dräger, tão grande quanto uma secadora; um aspirador; monitores para medir a função cardíaca, o pulso, a pressão sanguínea e os níveis de CO₂. Sem falar nos instrumentos. Uma bandeja abrigava conjuntos completos de bisturis, porta-

agulhas, grampos, fórceps e pinças hemostáticas, os quais brilhavam de tão novos e limpos. Pelo menos uma centena deles, se não mais.

– Satisfatório – disse Jonathan, com a arrogância de qualquer cirurgião paparicado pelos ricos e pelos criminosos. – Acho que posso trabalhar com o que está aqui. Sim, sim, sim.

Balfour arqueou as sobrancelhas, preocupado.

– Está faltando alguma coisa? Encomendei tudo o que o senhor pediu.

Jonathan recapitulou mentalmente a lista de compras roubada do computador de Revy.

– O ventilador com filtro HEPA?

– Aqui está – disse Balfour, apressando-se até um canto da sala.

– Um Guardian 400.

– *Ótimo*. E meus assistentes? Pedi um anestesista profissional e uma enfermeira cirúrgica.

Balfour informou que havia contratado o chefe de anestesia do Instituto Nacional de Saúde e que a enfermeira cirúrgica seria a filha dele. Jonathan disse que assim estava bem, depois acrescentou:

– Estou um pouco cansado. Além disso, preciso de um tempinho para ler o resultado dos exames. Podemos marcar nossa primeira consulta para as três horas?

– Às três está ótimo – concedeu Balfour. – Se quiser, mais tarde podemos dar um passeio. Pedi aos cavaleiros que deixassem meu animal preferido pronto pra ser montado.

Jonathan percebeu a expressão de desafio nos olhos dele. Lembrou-se dos pretextos sugeridos por Connor e os descartou sem hesitar.

– Será um prazer – disse. – Uma cavalgada aumentará nosso apetite para o jantar.

Subitamente, Balfour conferiu as horas no relógio e disse:

– Desculpe, mas agora devo deixá-lo. Alguém está à minha espera.

Jonathan precisou se conter para não segui-lo. Ainda não vira Emma e se roía de curiosidade ao pensar que esse “alguém” pudesse ser ela.

AO CHEGAR EM CASA, FRANK CONNOR subiu lentamente as escadas até sua toca no terceiro andar, descansando a cada degrau para não dar ao coração mais um motivo para expirar num momento inapropriado. Não tirou a habitual soneca de 20 minutos antes de ir para o escritório. Qualquer artifício seria inútil naquelas circunstâncias: ele sabia que estava sendo espionado.

Serviu-se de três dedos de uísque e os sorveu com voracidade. Não era um homem de campo, nunca fora. Era um homem de operações: sabia planejar, organizar, convencer os outros e, por vezes, intermediar. Portanto, foi com dificuldade que espantou da mente a imagem ensanguentada de Malloy. O uísque ajudou, levando consigo um pouco da ansiedade enquanto abria caminho garganta abaixo. Ele desabou na cadeira e procurou se concentrar nos acontecimentos recentes, repassando cada dia das duas últimas semanas com a esperança de detectar as pegadas do traidor e, se possível, identificá-lo.

Antes de tudo havia o episódio de Dubai, quando Rashid tinha desmascarado Emma como agente da Divisão. Peter Erskine estava certo ao observar que algumas pessoas sabiam do rifle preparado para matar o príncipe, até porque haviam fabricado a tal bala que deveria explodir na culatra, mas quase ninguém sabia que Emma era agente dupla. Quatro pessoas apenas: o próprio Connor, Erskine, Sir Anthony Allam (diretor do MI5 britânico) e Igor Ivanov (diretor do FSB russo, um dos informantes mais valiosos da Divisão e o homem a quem Emma, ou Lara Antonova, se reportava).

Connor podia se excluir da lista. Igor Ivanov também estava acima de qualquer suspeita: não poderia desmascarar a única agente capaz de desmascará-lo também. Allam era uma possibilidade, mas só se o vazamento de informações tivesse estancado ali – e não tinha.

O traidor também sabia da visita que Connor fizera a Malloy na NGA. A pergunta era: como? Seguirá-o até o prédio da agência? Nesse caso, como descobrirá que ele havia falado com Malloy? O mais provável era que alguém o tivesse informado da visita e de seu objetivo.

Connor repassou a conversa que tivera com o chefe da tripulação do helicóptero. Se ousasse ler nas entrelinhas, o fuzileiro poderia ter deduzido que Emma havia sido alertada da chegada de uma equipe de operações especiais. Apenas uma pessoa havia presenciado o telefonema de Connor para a base aérea de Bagram e acompanhado minuto a minuto toda a agonia da operação: Peter Erskine.

A lista de suspeitos se reduzia a um único nome.

Mas nessa altura o exercício dedutivo de Connor deparou com uma parede. Erskine conhecia todos os detalhes da visita à NGA. Não havia motivo para que seus comparsas torturassem Malloy a fim de obter informações que o próprio Erskine poderia repassar às partes interessadas. A não ser, é claro, que Malloy tivesse informações das quais nem mesmo Connor soubesse.

Ele se levantou para buscar mais uma dose de uísque. Por maiores que fossem as evidências, custava-lhe acreditar que Peter Erskine era um espião a serviço de alguma potência estrangeira. O homem era recém-casado, tinha sangue azul e, verdade seja dita, era um ótimo sujeito. Para Connor, desconfiar de Erskine era o mesmo que desconfiar de si próprio. Mas... quem mais poderia ser?

“Uma vez eliminado o impossível, o que sobrar, por mais improvável que seja, decerto é a verdade.”

Muito obrigado, Sr. Sherlock Holmes.

O traidor era Erskine, mesmo que Connor não quisesse admitir.

E, se Erskine tinha contado a seus superiores sobre Emma e Malloy, não havia motivo para que também não tivesse contado sobre Jonathan Ransom.

Connor depôs o copo de uísque, foi até o telefone encriptado e fez uma ligação para o exterior. Para sua decepção, ninguém atendeu. Àquela altura ela já deveria estar de volta a Israel,

certamente desfrutando de uma merecida licença. Após a mensagem gravada do correio de voz, ele disse:

– Danni, sou eu, Connor. Vá pra Islamabad o mais rápido que puder. Nosso amigo está em perigo. Ligue pra mim assim que ouvir este recado. Não importa o que aconteça, não deixe de ligar.

Em seguida, telefonou para o superior de Danni na sede do Mossad em Herzliya. Foi transferido imediatamente, mas apenas para confirmar sua suspeita: Danni havia solicitado uma semana de licença antes de ir para Zurique e não havia deixado nenhum número ou endereço para contato.

Desanimado, Connor desligou.

Não podia perder mais um agente.

JONATHAN DESFEZ A MALA COM CUIDADO, guardando meias e cuecas numa gaveta, camisas em outra, e pendurando os ternos no armário. O quarto era enorme. Um tapete xadrez cobria todo o piso de tábua corrida. A cama de dossel era tão grande quanto um veleiro; e o teto, alto o bastante para abrigar uma cesta de basquete de tamanho oficial. Connor o havia instruído para agir como se estivesse sendo observado a cada segundo do dia. Não era preciso um grande esforço de imaginação: impossível deixar de notar a câmara de vigilância relativamente grande que pendia de uma das quinas do teto. Jonathan buscou uma toalha no banheiro e, saltando, conseguiu jogá-la sobre a lente.

Viu que o hemograma de Balfour estava numa pasta sobre a escrivaninha. Sem se dar o trabalho de sentar, examinou os resultados, mas não antes de acionar o cronômetro do relógio de pulso. Ao que tudo indicava, o indiano estava razoavelmente bem de saúde. O colesterol estava alto. As enzimas sugeriam algum problema no fígado, talvez uma úlcera. Nada que o impedisse de se submeter a uma cirurgia plástica.

Ele largou os exames e foi para a janela de guilhotina com vista para os fundos da casa. O pátio dos carros ficava logo abaixo. À direita, as cocheiras e um amplo gramado; à esquerda, a movimentada oficina de manutenção. Uma van estava estacionada junto da entrada. Homens de macacão azul haviam descarregado uma máquina e agora a levavam para dentro com o auxílio de um carrinho.

Jonathan ficou observando a cena por alguns minutos. Diante de tanta movimentação, bem como da presença de tantos guardas armados e da ansiedade de Balfour, ele se convenceu de que o traficante realmente estava de posse de uma bomba nuclear e que ela só poderia estar guardada na tal oficina, a menos de 50 metros

da casa. Também concluiu que a antecipação da cirurgia era sinal de que Balfour já havia fechado sua venda e, portanto, pretendia entregar a bomba ao comprador ainda no dia seguinte.

Um ícone em seu telefone indicava que não havia nenhum serviço de conexão sem fio. Connor estava certo ao supor que Balfour mantinha um rígido bloqueio das comunicações em Blenheim: ninguém fazia ou recebia ligações na propriedade. Afinal, os telefones celulares não só eram o principal recurso de rastreamento das agências de espionagem como também podiam funcionar como microfones ou dispositivos de *homing*. Em outras palavras, nada mais fácil que bisbilhotar uma conversa pelo celular.

Jonathan abriu a janela e correu a mão pela parede externa. A superfície era áspera, porosa, com sulcos que corriam horizontalmente a intervalos de mais ou menos 1 metro. De acordo com as plantas, diretamente acima de seu quarto ficava o escritório de Balfour. As janelas do andar superior pareciam estar uns 4 metros acima. Mais uma vez correndo os dedos sobre a fachada, ele calculou que os sulcos tivessem uns 5 centímetros de profundidade: o bastante para os dedos dos pés, mas pouco para os das mãos.

Alguém bateu à porta, interrompendo seu primeiro exercício de reconhecimento.

– Sim?

Antes que Jonathan pudesse fechar a janela, a porta se abriu e entraram dois dos seguranças de terno claro. Jonathan imediatamente olhou para o relógio: os homens tinham levado seis minutos e 30 segundos para notar que a imagem da câmera havia desaparecido e subir para investigar o motivo.

– Vocês precisam de alguma coisa?

Um deles marchou diretamente para a câmera tapada. Duas vezes tentou saltar para retirar a toalha, mas era baixo demais.

– Senhor, por favor, retire isto – pediu.

Jonathan permaneceu de braços cruzados.

– Diga ao Sr. Armitraj que, se quiser me vigiar noite e dia, terá de se mudar para este quarto também. Caso contrário, a toalha fica.

Os seguranças trocaram algumas palavras. Um deles acionou o rádio e disse algo em híndi, língua que Jonathan não falava nem compreendia. Em seguida, franziu as sobrancelhas e saiu do quarto com o companheiro, fechando a porta devagar.

– Muito prazer em conhecê-los também – disse Jonathan e foi se deitar na cama.

Pouco depois ouviu um dos cavalos relinchar ferozmente nas cocheiras. Tentou tirar um cochilo, mas não conseguiu pegar no sono. Só pensava na cavalgada que aceitara fazer com Balfour. E na sua língua comprida.

Balfour estava vestido para uma caçada: blazer vermelho, *jodhpurs* brancas e botas de cano alto. Um cavalariaço segurava sua montaria, uma égua alta de pelagem tordilha e aspecto calmo.

– Esta aqui é a Copenhagen – disse ele. – Você vai montar o Inferno.

– O garanhão – disse Jonathan. – Vamos dar uma olhada nele.

Outro cavalariaço surgiu das sombras puxando um imponente cavalo negro de peito largo e olhos espertos. Jonathan engoliu em seco e se aproximou.

– Como vai, Inferno? – disse, tocando o focinho do animal.

Inferno mostrou os dentes e recuou, nervoso.

– Acha que consegue montá-lo? – perguntou Balfour com empáfia.

Jonathan pegou o cabresto com autoridade, ou pelo menos com algo próximo disso.

– Por que não? – respondeu.

– Ótimo – disse Balfour. – Então, vamos?

Eram quatro da tarde. O exame clínico já havia sido feito e, como era previsto, Balfour havia passado nele, embora não fosse nenhum modelo de saúde. Tinha pressão alta e pelo menos 7 quilos de sobrepeso. Sua flexibilidade era pouca ou nenhuma e o pulso em

repouso girava em torno de 80 batimentos por minuto, sugerindo um condicionamento abaixo da média. Ele havia admitido beber dois coquetéis diariamente, mas todo médico tinha como regra dobrar o que os pacientes diziam sobre o consumo de álcool. De fato, bastava um rápido exame do fígado do indiano para saber que os dois coquetéis diários na verdade eram quatro. Ainda assim, com uma combinação adequada de estatinas, betabloqueadores e demais drogas milagrosas que a indústria farmacêutica reservava aos incautos, ele decerto viveria até os 80 anos.

Ao exame clínico seguira-se uma consulta estética e Balfour fora bastante específico em suas exigências. Com uma foto de Alain Delon na mão direita e outra de Errol Flynn na esquerda, obrigara Jonathan a prometer que faria o possível para torná-lo uma mistura dos dois. Com a ajuda de programas de última geração, Jonathan havia criado um fac-símile digital do novo rosto do anfitrião e, com ele, decidira o que fazer: estreitar o nariz, colocar implantes nas faces e no queixo, afinar o lábio inferior e realizar um pequeno lifting no rosto. Bastaria que Balfour tingisse os cabelos e colocasse lentes de contato para se tornar uma pessoa completamente diferente – pelo menos aos olhos da lei e dos softwares de reconhecimento facial cada vez mais sofisticados espalhados mundo afora para identificar criminosos.

Inferno, o garanhão, relinchou e recuou um pouco, dando a Jonathan uma boa medida de sua força.

– Seja um bom garoto – disse Jonathan, acariciando o pescoço do cavalo, que se acalmou.

Um cavaliariço improvisou um estribo com as mãos. Apoiando o pé esquerdo nele, Jonathan jogou a perna direita para o alto e se acomodou na sela. Segurou as rédeas com ambas as mãos, apertou as pernas e saiu trotando em direção aos campos, atrás da égua Copenhagen, montada por Balfour. Mais tranquilo ao sentir a marcha calma do garanhão, deixou as mãos pousarem sobre a sela. Mesmo assim, teria preferido poder contar com a segurança de um arção.

– Fico muito feliz que você tenha podido vir – disse Balfour, agora cavalgando ao lado dele. – Sei que foi uma imposição da minha parte.

– De modo algum. Afinal de contas, esta é minha profissão.

– Você nem imagina o meu alívio. Depois de tantos anos fugindo de um lugar para me esconder em outro, sempre me perguntando se molhei ou não as mãos de alguém, ou mesmo se foram as mãos certas... Sinceramente, fico feliz de poder deixar tudo isso para trás.

– O que pretende fazer agora?

– Relaxar – disse Balfour. – Aproveitar a vida. Ler. Talvez me arrisque no golfe.

– Que nada – devolveu Jonathan. – Você é como eu. Nunca relaxou na vida. Não conseguiria, mesmo que quisesse. A cabeça está sempre funcionando. Precisa estar fazendo alguma coisa pra se sentir vivo. No meu caso, é o trabalho e o jogo. Sou ótimo no primeiro e um desastre no segundo. Mas isso me faz parar? Não. Parar não resolve nada. Então continuo firme.

– Você está certo. Para falar a verdade, já tenho um negócio em mente.

– É mesmo? Pode dizer o que é?

– Dessa vez, nada de armamentos, mas químicos. O futuro está nas bioarmas. Gás sarin, ricina... são meros brinquedos perto do que os engenheiros químicos andam desenvolvendo por aí. Mesmo uma quantidade pequena dessas novas substâncias pode causar um tremendo estrago e esse é o segredo. É quase impossível localizá-las. Sem falar nas margens de lucro, que são astronômicas.

– Vai trabalhar sozinho?

– Como sempre – disse Balfour. – Nunca tive sócios. É muito difícil encontrar alguém em quem confiar. Tenho apenas clientes. Você vai conhecer um deles logo mais. Vamos jantar juntos. Isto é, se você não se importar.

– Será um prazer – disse Jonathan, já ansioso para saber a identidade do convidado.

– Por sorte você não é americano – observou Balfour, abrindo um meio galope. – Ele não ficaria nem um pouco satisfeito.

Jonathan cravou os calcanhares nos flancos de Inferno, mas não conseguiu fazer com que o cavalo se apressasse.

– Vamos! – berrou. – Eia, eia! Vamos! – Não importava o que dizia, ou quanto estalasse os lábios, Inferno continuava a trotar. Jonathan ainda tentou atijá-lo com as pernas e as rédeas. – Anda! Vamos!

Inferno parou de repente e Jonathan suspirou. Temia que o cavalo fosse arisco demais, não que pudesse acabar dormindo. Novamente o golpeou e Inferno finalmente começou a galopar. Jonathan segurou as rédeas com firmeza, fazendo o que podia para não cair da sela. “Calcanhares para baixo”, Emma havia lhe ensinado. “Jamais abrace o cavalo caso ele dispare. Fará apenas com que ele corra ainda mais.”

Inferno logo ultrapassou a égua tordilha de Balfour, e o indiano, pensando tratar-se de um desafio, também começou a galopar. Assim que os cavalos se emparelharam, Jonathan olhou para o lado e viu seu anfitrião cavalgando de pé sobre os estribos, totalmente à vontade, provocando-o com um sorriso. Inferno acelerou o galope. Quicando violentamente sobre a sela, Jonathan perdeu um dos estribos e escorregou para o lado. Assim que conseguiu se reerguer, puxou as rédeas até onde pôde, mas Inferno continuou correndo, indomável.

– É um animal forte! – gritou Balfour, novamente os alcançando.

A certa altura, o flanco da égua roçou o pescoço de Inferno. Assustado, o garanhão negro deu uma guinada brusca para a direita e rapidamente retomou a disparada. Jonathan, por sua vez, permaneceu na horizontal, alçando voo para depois se estatelar de ombro no chão.

– Uma bela queda! – disse Balfour, que conseguira frear sua égua sem nenhum esforço. – Você está bem?

Jonathan ficou de pé e se limpou com as mãos.

– Estou – disse com certa aspereza. Depois, voltando à sobriedade do médico suíço, emendou: – Não se preocupe, não me

machuquei.

– Teve sorte de não quebrar o pescoço. – Balfour apeou e o ajudou a limpar a blusa de lã, coberta de terra e gravetos. – Às vezes é difícil controlar Inferno. Sobretudo para alguém que não monta há algum tempo.

Jonathan sustentou o olhar do indiano, mas não disse nada. Apenas tateou o ombro até encontrar o ponto mais dolorido do músculo.

– Faz tempo que você não monta, não é? – insistiu Balfour.

– Muito – disse Jonathan, como se admitindo uma culpa.

Balfour riu e Jonathan percebeu que ao indiano pouco importava que ele tivesse mentido sobre sua experiência como cavaleiro. Importava apenas que, em pelo menos um aspecto, fosse comprovadamente superior ao sofisticado Dr. Revy. Por um instante o indiano pôde se ver ombro a ombro com o europeu.

Bastou um assobio dele para que Inferno desse meia-volta. Balfour o recompensou com tapinhas nas ancas, depois ajudou Jonathan a montar novamente, sugerindo que eles voltassem para casa num trote tranquilo.

Pouco depois, já montado, Balfour se virou para trás e balançou a cabeça num gesto de descrença.

– Afinal – disse –, onde já se viu um suíço que saiba montar?

ERA COMO SE ALI ESTIVESSE uma joia de rara beleza.

Sultan Haq olhava estupefato para o cilindro de aço que jazia sobre a mesa à sua frente. O objeto tinha 80 centímetros de comprimento e, no máximo, 30 de diâmetro, afunilando-se ligeiramente em ambas as pontas. Uma fresta quase invisível, mais ou menos a um dedo de distância do topo, indicava onde o dispositivo podia ser aberto.

– É isto aí?

– Claro – disse Balfour. – Impressionante, não acha?

– Posso? – perguntou Haq, apontando para a ogiva reconfigurada.

Balfour fez que sim com a cabeça e Haq ergueu a ogiva com as próprias mãos. Era mais pesada do que parecia, mas não passava de 20 quilos.

– Só não a deixe cair – disse Balfour.

Rapidamente, Haq deixou a bomba sobre a mesa.

– Não se preocupe – prosseguiu Balfour. – Pelo que me disseram, é bastante robusta. Quase indestrutível. Minha equipe o ensinará a operá-la. Mas sob uma condição: que o senhor não exploda a todos nós. Bem, agora preciso ir. Voltamos a nos ver esta noite, certo?

Haq fez que sim com a cabeça e manteve os olhos grudados na ogiva enquanto Balfour saía da oficina.

– Então? – perguntou, agora mais ríspido, dirigindo-se aos físicos de jaleco. – Como funciona?

Haq ouviu atentamente as explicações dos cientistas. Apesar da diabólica complexidade da coisa em si, a operação era ridiculamente simples. Para acessar o painel de controle bastava levantar a tampa, sob a qual se encontravam dois pequenos teclados, cada um com seu visor de LCD. Para armar a bomba era

preciso inserir um código de seis dígitos. Uma vez armada, ela podia ser detonada por um timer ou manualmente, por meio de um pequeno botão vermelho protegido por uma capa de plástico.

– Qual é a potência? – perguntou, o vocabulário técnico soando mal em sua boca.

– Doze quilotons – respondeu um dos cientistas.

– E quanto é isso exatamente?

– O bastante para que, num raio de 1 quilômetro da detonação, tudo seja instantaneamente obliterado por um bólido de temperatura superior a 10 milhões de graus. Num raio de 3 quilômetros, algo equivalente a 25 quarteirões de uma cidade, a onda de choque destruirá todas as estruturas e aniquilará quase todas as criaturas vivas. Nenhuma edificação ficará de pé. Os que não morrerem nos escombros serão consumidos pela tempestade de fogo. Num raio de 5 quilômetros, as baixas serão de apenas 70 por cento, mas os sobreviventes morrerão em pouco tempo por causa da radiação. Posso continuar se o senhor quiser.

Haq fez que não com a cabeça, agora encarando a ogiva com renovada admiração.

– Talvez o senhor queira aprender a operar o timer – sugeriu o físico.

– Não será necessário – disse Haq.

O JANTAR SERIA SERVIDO no grande salão. Guardanapos de linho branco transbordavam de taças de cristal. Os pratos eram de estanho; os talheres, de prata reluzente. Um par de castiçais dava um clima intimista à luz com o auxílio de um enorme candelabro de ferro preso ao teto. Ao entrar no salão, Jonathan contou 16 lugares à mesa. Ele vestira um terno azul com gravata e penteara meticulosamente os cabelos louros com gel; nas ocasiões formais, o Dr. Revy usava os óculos de aro preto.

Um garçom de colete se aproximou com champanhe numa bandeja de prata. Balfour o interceptou, recebeu duas taças e ofereceu uma delas a Jonathan.

– Decidi seguir seu conselho – disse. – Vamos esperar até o dia seguinte para a cirurgia, em vez de fazê-la às pressas amanhã. Melhor prevenir do que remediar. Saúde.

– Saúde – disse Jonathan, erguendo sua taça para o brinde. – Achei que o assunto não estivesse aberto a discussão.

– Ora, o que não está aberto a discussão neste mundo? – Balfour sorveu todo o champanhe da taça e se serviu de uma segunda. – E seu ombro? Não vai atrapalhar?

Notando o aspecto vidrado dos olhos do indiano, Jonathan suspeitou que ele já tivesse ingerido algo mais forte.

– De modo algum. Está só um pouco dolorido. Mas não se esqueça: jejum absoluto depois das seis horas da tarde. Também é muito importante descansar na véspera de uma cirurgia desse porte. Espero que você não tenha nada de muito estressante programado para amanhã.

– Apenas negócios – disse Balfour. – O mais provável é que passe o dia inteiro fora. Infelizmente, terei de deixá-lo sozinho aqui.

– Nada de muito cansativo, espero.

– Não, nada. A menos que alguém possa se cansar ao descontar um cheque polpudo.

Jonathan sorriu.

– Acha que posso dar um passeio pela cidade?

– Você permanecerá aqui – disse Balfour, ríspido. Depois suavizou-se, o sorriso despontando com alguns segundos de atraso.

– Mas, por favor, fique longe de Inferno. Não podemos correr o risco de que tome outro tombo.

Os convidados chegaram em grupo, como se tivessem vindo no mesmo ônibus de turismo. Balfour pediu a Jonathan que ficasse a seu lado para as apresentações. Lá estavam o Sr. Singh, vestindo uma jaqueta Nehru branca com turbante da mesma cor, e três paquistaneses, o Sr. Iqbal, o Sr. Dutt e o Sr. Bose, todos presentes em Blenheim para ajudar num “projeto especial”. Em seguida vinham as mulheres: as ninfetas que Jonathan já havia conhecido mais cedo e outras quatro cujos nomes ele esqueceu tão logo os ouviu. Jonathan, por sua vez, foi apresentado como “o Sr. Revy, da Suíça”, sem nenhuma menção ao título de médico.

Contou 14 pessoas. Nenhum sinal de Emma.

Um garçom cochichou algo no ouvido de Balfour, que correu os olhos pelo salão, aparentemente à procura de alguém, antes de dizer:

– Então, vamos nos sentar?

Jonathan foi acomodado à direita de Balfour; ao seu lado, a ucraniana Yulia, tão loura e peituda quanto o anfitrião prometera. Os demais tomaram seus lugares e Jonathan notou as duas cadeiras que permaneceram desocupadas: uma à cabeceira da mesa e outra bem à sua frente.

– Ah, aí está você! – disse Balfour, levantando-se de um pulo e saindo em direção à entrada. – Eu já estava me perguntando o que teria acontecido!

Ela está aqui, pensou Jonathan e, apavorado, percebeu que não sabia o que dizer. Mas, virando-se para trás, viu que não era

Emma. Era um estrangeiro alto, de terno cinza, provavelmente o cliente de Balfour. O homem foi acomodado à esquerda do indiano.

– Michel, este é meu amigo Shah. Shah, este é Michel, da Suíça.

Jonathan o cumprimentou e o recém-chegado respondeu com um aceno de cabeça. Não era paquistanês nem indiano: tinha a pele clara e as maçãs do rosto salientes demais. Eles se entreolharam por um instante. Jonathan notou algo de familiar no rosto dele, algo ligeiramente desconcertante.

Balfour conversava em dari com seu cliente quando a bela ucraniana Yulia, tocando no braço de Jonathan, perguntou se ele conhecia seu país. Jonathan disse que não e, na conversa que se seguiu, precisou se desdobrar para entre ouvir o que diziam o anfitrião e seu cliente, que agora falavam a meia-voz, sérios.

Garçons chegaram para servir uma sopa de batata e alho-poró. Com um *tastevin* pendurado ao pescoço, o sommelier trouxe o vinho para que Balfour desse sua aprovação. Em seguida, afastou-se para servir os convidados. O homem chamado Shah ergueu a mão para cobrir sua taça. Só então Jonathan pôde ver a unha comprida de seu dedo mindinho. Achou que fosse perder toda a compostura ali mesmo. Não era à toa que o rosto do sujeito lhe parecera familiar.

O Sr. Shah era Sultan Haq.

– Michel, que tal o vinho? – perguntou Balfour. – Em sua homenagem, escolhi um Dézaley suíço.

– Perdão? – disse Jonathan, rapidamente desviando o olhar da unha retorcida e amarelada de Haq.

– O vinho. É um Dézaley. Espero que goste.

– *Merveilleux* – disse Jonathan, depois de dar o primeiro gole. O sotaque não foi dos melhores e a resposta, um tanto exagerada. A qualquer instante ele seria reconhecido por Haq, que saltaria da cadeira para denunciá-lo como agente americano e executá-lo sumariamente.

Deixando a taça sobre a mesa, Jonathan logo tratou de retomar a conversa com a ucraniana. Não fazia a menor ideia do que estava

dizendo, distraído pelas olhadelas que volta e meia lançava na direção de Haq. Era quase impossível reconhecê-lo sem o gigantesco turbante, a barba desgrenhada e o *kohl* sob os olhos. O tempo foi passando. Haq ainda não dissera nada, mas nem por isso Jonathan se sentia aliviado. Tinha certeza de que o guerreiro afegão também havia notado algo familiar em seu rosto e tentava se lembrar de onde o conhecia.

– Michel, Shah perdeu o pai recentemente – disse Balfour. – Conte-lhe que você é médico e que seria ótimo que o país dele pudesse contar com mais profissionais da medicina.

Jonathan não teve escolha senão olhar para Haq.

– Lamento por seu pai – disse, buscando refúgio no sotaque suíço. – De onde o senhor é?

– Do Afeganistão – disse Haq, no mesmo inglês impecável que impressionara Jonathan duas semanas antes. – Do outro lado dessas montanhas. Para ser sincero, não compartilho desta fé que o Sr. Armitraj deposita nos médicos.

– Ah, não? – disse Jonathan, encarando os olhos negros de seu interlocutor. – E por quê?

– Foi um médico que matou meu pai.

– Tenho certeza de que essa não foi a intenção dele.

– Uma pessoa não degola outra por descuido.

Jonathan olhou para Balfour em busca de apoio.

– Não sei se entendi direito.

– Meu pai era um *guerreiro* – prosseguiu Haq, enfatizando a palavra para que não restassem dúvidas com relação a contra quem ele lutava. – Os americanos o queriam morto e mandaram um médico para fazer o trabalho sujo. O senhor há de me perdoar por não respeitar sua profissão tanto quanto o Sr. Armitraj.

– Nesse caso, tudo o que posso dizer é que sinto muito pela sua perda.

– Sente mesmo? – perguntou Haq, inclinando-se na direção de Jonathan, crivando-o com o olhar. – O senhor é suíço. É europeu.

Sem dúvida tem a mesma visão unilateral que o resto do mundo tem do Oriente.

– Tento me manter longe da política – disse Jonathan.

– Pior ainda – disse Haq com visível desdém. – O senhor não tem princípios.

– Posso lhe afirmar que tenho princípios, sim – devolveu Jonathan. – Apenas procuro não impingi-los aos outros. Sobretudo aos que acabei de conhecer.

– Senhores, por favor – interveio Balfour, estendendo as mãos para os lados numa tentativa de acalmar a situação.

– Está tudo bem, Ash – disse Jonathan. – A revolta do Sr. Shah é perfeitamente compreensível. Ele ainda está sofrendo com a morte do pai.

– Meu sofrimento nada tem a ver com o ódio que sinto pelo povo que invadiu meu país sob o pretexto de preservar sua própria liberdade, mas com o real objetivo de escravizar meus irmãos e irmãs.

– As únicas coisas que escravizam seu povo são a ignorância e a pobreza, essas duas mazelas que, pelo visto, o senhor defende com entusiasmo.

– Francamente, Michel, você deveria... – disse Balfour, incomodado.

Haq o interrompeu, jogando o guardanapo sobre a mesa e dizendo:

– O senhor não conhece meu país, não sabe nada a respeito dele, portanto não tem nenhum subsídio para criticá-lo.

– Mas de uma coisa eu sei: enquanto não construírem escolas para educar os jovens afegãos, tanto os meninos quanto as meninas, vocês jamais conseguirão sair desse lamentável estado em que se encontram.

Haq ficou de pé e, com o dedo em riste, fulminando Jonathan com o olhar, disse:

– O estado do meu país não lhe diz respeito.

– Infelizmente, diz, sim. Se a política afegã promover caos e ruína nos países vizinhos e se isso trouxer instabilidade para o resto do mundo, então todos nós...

Foi nesse instante que algo explodiu do lado de fora, fazendo a casa tremer. O candelabro agora balançava no alto e as luzes bruxuleavam. Balfour estava paralisado, os olhos esbugalhados. Ouviram-se disparos, seguidos de outra explosão, mais forte que a primeira, talvez mais próxima. Uma janela se estilhaçou no cômodo ao lado, um dos quadros caiu da parede. Uma metralhadora abriu fogo e Yulia gritou. Os convidados saíram da mesa, alguns disparando rumo à porta, outros correndo de um lado para outro sem saber o que fazer, outros ainda se deixando paralisar pelo pânico, correndo os olhos ao redor. Jonathan se viu de volta ao topo daquela colina em Tora Bora.

– Malditos indianos – disse Balfour, calmamente depondo o guardanapo sobre a mesa. – Finalmente chegaram, os insolentes.

– Algum risco para o nosso negócio? – perguntou Haq, de pé, próximo demais de Balfour para esboçar qualquer atitude de confronto com Jonathan. A rusga com o europeu dera lugar a preocupações mais urgentes.

– É a mim que eles querem – disse Balfour. – Mas, se você quiser, posso pedir ao Sr. Singh que o acompanhe até a oficina para que você monte guarda pessoalmente.

Singh saiu com Haq em meio a uma nova saraivada de tiros. O rádio de Balfour zumbiu.

– De Runnymede? Tem certeza? Quantos estão por lá? Cinco? Dez? Como assim, você não está vendo ninguém? Chame de novo quando souber. – Ele desligou e se virou para Jonathan. – Dr. Revy, sugiro que vá para seu quarto e tranque a porta. Fique longe das janelas. Eu estarei na guarita de segurança. Não se preocupe. Tudo isso terá acabado antes da sobremesa, pode acreditar.

Uma terceira explosão sacudiu a casa e as luzes se apagaram.

AQUELE ERA O MOMENTO.

Jonathan se recostou à porta do quarto, ouvindo o tropel dos seguranças no corredor, os jipes que saíam da garagem, o *basso profundo* da metralhadora que ele vira antes no telhado da casa. Em seguida, correu até a janela a tempo de ver Balfour e Singh embarcando num Range Rover, fuzil em punho, e saindo em disparada rumo aos portões. O indiano não era covarde, era preciso reconhecer.

Jonathan abriu a janela e botou a cabeça para fora. A propriedade se escondia sob um manto de escuridão. Nenhuma luz na casa principal ou na oficina. Embora o sistema de segurança ainda estivesse funcionando, a situação era grave demais para que alguém se preocupasse em vigiar os hóspedes.

Portanto, ele entrou em ação. Tirou o paletó e os sapatos. No banheiro, pegou a lâmina do aparelho de barbear e a guardou no bolso. Passou talco nas mãos, sobretudo nas pontas dos dedos, e em 30 segundos já estava de pé no parapeito da janela. Ninguém à vista na garagem. Nas cocheiras, os cavalos relinchavam freneticamente enquanto o fogo de armas leves cortava a noite.

Estendendo a perna direita, Jonathan encaixou os dedos do pé no sulco que cortava a fachada de pedra. Com um pequeno teste, viu que poderia sustentar o próprio peso ali. Então ergueu o joelho esquerdo e plantou o calcanhar no lintel da janela, que devia ter uns 10 centímetros de profundidade. Para um alpinista com sua experiência e habilidade, era praticamente um degrau. Por fim alçou o corpo e, estendendo o braço, agarrou-se à aba que margeava a janela do escritório de Balfour.

Apoiou novamente os dedos dos pés. Esticou a mão direita. Agarrou o parapeito. Puxou-se para cima até poder espiar o

cômodo. Encaixou o pé no sulco seguinte. Apoiando-se nele, pôde verificar se a janela do indiano estava aberta. Não estava.

Golpeou a guilhotina na esperança de abri-la. Em vão. Embora o pátio permanecesse deserto, cedo ou tarde alguém chegaria ali. A janela seguinte ficava três metros à sua esquerda. Ele se arrastou na direção dela. Conseguiu abri-la com facilidade.

Aliviado, jogou-se para dentro da casa. Por um instante ficou imóvel, o suor fazendo a camisa se grudar às costas. A porta que dava para o corredor estava fechada; apesar da escuridão, intuiu que não havia ninguém ali. Então tirou uma lanterna do bolso e a acendeu.

Só então viu que não estava no escritório de Balfour, mas num quarto parecido com o seu. Uma mala jazia aberta sobre um cavalete ao lado do *armoire*. Dentro dela, roupas masculinas: camisas, cuecas, meias. No chão, um par de mocassins masculinos. Enormes. Examinando as roupas, Jonathan viu que as etiquetas eram de marcas estrangeiras que ele não conhecia.

Sobre a escrivaninha havia um Corão e, sob ele, uma pasta de arquivo abarrotada de papéis. Ao lado havia uma passagem aérea com o logotipo da Ariana Airlines. Jonathan examinou-a. Um voo de Cabul para Islamabad. Ele estava no quarto de Sultan Haq.

Ciente de que o tempo era curto, Jonathan vasculhou o conteúdo da pasta. Encontrou papéis impressos de sites islâmicos e outros escritos em pachto. Também havia um mapa do aeroporto de Islamabad, com alguns números e letras rabiscadas no topo. Uma carta manuscrita, claramente de uma criança, chamou sua atenção. Embora estivesse em pachto, ele pôde reconhecer algumas palavras: "Querido papai, já sinto saudades... Pena que o senhor não me verá crescer... Espero que fique orgulhoso de mim... Do filho que muito te ama, Khaled."

Sob a carta havia um papel marcado com uma espécie de logotipo: METRON; abaixo, HAR e NEWH.

Jonathan ouviu passos no corredor. Rapidamente fechou a pasta e foi para a porta do quarto. Tão logo os passos se dissiparam, abriu uma fresta e espiou. Vendo que o corredor estava vazio,

esgueirou-se até a porta do escritório de Balfour, viu que ela estava aberta e entrou.

Recostado à porta, correu a lanterna pelo escritório. Uma imponente secretária de mogno se estendia ao longo de uma parede; dispostos lado a lado, três monitores ocupavam o centro da mesa. Ao lado do móvel via-se um cesto de *rattan* com celulares usados e, acima dele, prateleiras repletas de aparelhos novos, ainda nas caixas. Armários ocupavam as outras paredes. E, por todo lado, papéis. Resmas e mais resmas, amarradas em fardos e empilhadas até o teto. Os arquivos de Balfour, prontos para serem triturados.

Com a lanterna na boca, Jonathan examinou os papéis sobre a secretária. Connor o havia instruído a agir como se fosse um repórter: deveria descobrir onde, quando, quem e como. Nomes, lugares, datas, horários. Connor suspeitava que Balfour estivesse com a bomba e Jonathan agora sabia que o diretor estava certo. Em algum lugar deveria encontrar informações sobre o comprador, bem como sobre o lugar e o horário previstos para a entrega. Sultan Haq seria o usuário final ou apenas um intermediário? A entrega seria feita no aeroporto?

Uma das pilhas continha extratos bancários; outra, contas de telefone; uma terceira, faturas de cartão de crédito. O problema não era a escassez de informações, mas o excesso delas. Lembrou-se das instruções de Danni para que tentasse expandir a mente a fim de ver tudo de uma vez e, mais tarde, confiar na memória para pinçar as coisas mais importantes. Jonathan correu os olhos pelos papéis enquanto mentalmente registrava números de contas bancárias e de telefone, confinando-os em gavetas específicas da mente e ordenando que eles ficassem lá até que precisasse deles.

Uma explosão iluminou o céu, chocalhando janelas e móveis. Jonathan se agachou e instintivamente protegeu a cabeça. Ao se levantar, notou o grande mata-borrão que jazia sobre uma mesa lateral. A folha superior estava repleta de anotações, mas todas em urdu, portanto, incompreensíveis.

Ele apertou o "Enter" no teclado do computador, mas nenhum dos monitores deu sinal de vida. A propriedade ainda estava sem energia e, ao que tudo indicava, o sistema de informática não contava com um gerador próprio. Se não conseguisse encontrar nada ali, deixaria que Connor o fizesse por conta própria mais tarde. Pescou do bolso a lâmina que havia retirado do aparelho de barbear e a apertou entre os dedos. Como lhe havia sido explicado, não se tratava de uma lâmina, mas de um pen drive codificado com o spyware Rêmora. As instruções não poderiam ser mais simples: bastava inserir o objeto numa porta USB e esperar 10 segundos para que o programa copiasse todo o conteúdo do disco rígido e o enviasse para a Divisão por meio da própria conexão Ethernet do computador. Havia apenas um problema. Jonathan não conseguia encontrar a CPU. Os cabos que saíam dos monitores se perdiam sob o carpete. Esquadrinhou as paredes de lado a lado, mas não encontrou nada.

Outro beco sem saída.

Tornou a ouvir passos no corredor. Pelo menos dois homens. Ficou imóvel até que eles fossem embora. Só então voltou a respirar.

E foi para a secretária. A gaveta superior estava trancada, mas a lateral estava aberta. Nela havia um panfleto sobre a prática cirúrgica de Revy, uma caixa de fósforos de Dubai, canetas, uma calculadora e outros objetos sem importância. Ele tentou abrir a gaveta superior novamente mas não conseguiu. A fechadura só poderia ser das comuns, pois a secretária era antiga demais: sem dúvida, Mahatma Gandhi assinara nela a declaração de independência da Índia. Jonathan procurou uma chave, mas não encontrou. Tentou arrombar a gaveta com um abridor de cartas, mas a lâmina era espessa demais. Então correu a lanterna ao longo do tampo e algo reluziu: um par de tesouras cirúrgicas. Inserindo as pinças na fechadura, tentou localizar o tambor. Uma aula que Danni se esquecera de lhe dar. Movimentou as pinças em diversos ângulos até que, encontrando um obstáculo, pressionou-as com mais força e o tambor caiu.

Cuidadosamente, puxou a gaveta. Havia uma agenda sobre uma caixa de papéis com uma fita marcando a página daquele dia, onde estava escrito em inglês: "M. Revy – Emirates Air, 12h." E na linha de baixo: "Haq chega. Preparar o transporte para o EPA. H18." Jonathan virou a página. "UAE6171. 2000. PARDF Pasha." Em seguida, um número de telefone, com as iniciais M.H. Jonathan reconheceu o código do Afeganistão.

Na página seguinte encontrou mais detalhes, agora sobre voos para Paris e de lá para St. Barth. Leu os nomes e os lugares: hotéis e bancos, figurões do governo e do mundo empresarial, todo o itinerário da nova vida de Balfour.

Seus olhos treinados encontraram algo mais no interior da gaveta. Uma faca. Opaca e cinzenta como pele de tubarão. Ele a retirou para examiná-la de perto. Uma KA-BAR do Exército, fio liso de um lado, dentado do outro.

Outra explosão fez tremer as janelas e por um momento o escritório se iluminou. Foi então que Jonathan localizou a torre do computador, do outro lado da porta de vidro de um armário. Guardou a agenda de volta e já ia fechando a gaveta quando ouviu um motor rugir na garagem. Portas se abriram e fecharam. Pela janela, pôde ver Balfour e Singh saltando do Range Rover.

– Não são fantasmas! – dizia Balfour. – Alguém está nos atacando! Se não forem os indianos, então só pode ser o ISI, tentando me assustar para que eu fuja do país! Não vá me dizer que não há ninguém aqui. Quero que você os encontre, está claro?

Jonathan correu para o computador e, ajoelhando-se, passou a mão pela parte de trás da torre. Viu que uma das portas USB estava livre. Tentou encaixar o pen drive nela, mas o espaço era muito estreito. Então largou o pen drive sobre a secretária e puxou a torre para fora.

Ainda de joelhos, tateou a mesa no escuro.

O pen drive não estava mais lá.

– É isto que você está procurando?

Jonathan congelou.

A voz.

Era ela.

Lentamente ficou de pé e, virando o rosto, deparou com sua mulher.

– Olá, Emma.

ELES ESTAVAM FRENTE A FRENTE NO ESCURO. Por um longo momento, permaneceram mudos. Jonathan precisou desse tempo para observá-la melhor. Notou os cabelos presos com cuidado atrás da nuca, as faces queimadas pelo vento, os lábios rachados. No queixo, havia uma cicatriz que antes não existia: um corte que precisara de pontos. Ela usava uma blusa preta larga e calça jeans, roupas que evidentemente não lhe pertenciam. Eles se entreolharam e o choque de rever a esposa naquelas circunstâncias tomou Jonathan com a força de um vendaval. Não por causa das emoções do amor perdido ou de uma vontade incontrolável de tomá-la nos braços. Já fazia um tempo que ele havia proibido a si mesmo de pensar em Emma como sua mulher. Ainda a amava, claro, talvez o que sentisse fosse ainda mais profundo que amor. Mesmo depois de tanto tempo, aquela beleza criminosa ainda o extasiava. A poucos centímetros um do outro, ele podia ouvir a respiração lenta e curta dela, sentir a doçura do sândalo que sua pele exalava e, tanto quanto no dia em que a conheceu, inebriar-se com a força animal de sua personalidade.

– Pelo amor de Deus, o que você está fazendo aqui? – perguntou Emma afinal, a voz estrangulada de raiva.

– Eu devia lhe perguntar a mesma coisa – disse Jonathan.

Emma jogou o pen drive sobre a secretária.

– Connor finalmente conseguiu dobrá-lo. Deve estar muito orgulhoso. O que ele disse?

– Que você ajudou Balfour a resgatar uma bomba nuclear das montanhas. Foi o que bastou.

– Ele deve ter ficado muito surpreso.

– Por quê, Emma?

– Ora, Frank não lhe disse? Será que se esqueceu? Ele me traiu, Jonathan. Queria que me matassem.

– Disso eu não sei.

– O que você sabe, afinal?

– Sei que você está ajudando um traficante de armas sem nenhum juízo a colocar uma bomba nuclear nas mãos de um terrorista muito competente e muito racional que não pensará duas vezes antes de usá-la contra os Estados Unidos.

– Então você não sabe de nada.

– Sei que o príncipe Rashid torturou você.

– Foi assim que Frank o convenceu? Mandando você salvar a mulherzinha indefesa?

Jonathan pegou a mão dela.

– Você está bem?

– Estou viva. Algumas cicatrizes novas, só isso. Na nossa profissão, queridinho, isso é só um charme a mais. Mas isso não é da sua conta.

– *Você é da minha conta.*

– Nunca fui – disparou ela. – Pelo contrário. É melhor que você entenda isso de uma vez por todas.

– Não acredito em você.

– Acredite no que quiser – disse Emma, talvez cansada demais para levar aquela conversa adiante. Num piscar de olhos, mudou de expressão, trocando a irritação pela frieza da espiã. – Estou curiosa. Como você conseguiu se infiltrar na fortaleza de Balfour?

– O governo paquistanês o expulsou do país. Então ele contratou um cirurgião suíço pra se transformar em outra pessoa e sumir do mapa depois que vender a ogiva.

– E Connor colocou você no lugar do suíço.

– Mais ou menos isso.

– Agora você sabe o que é viver na pele de outra pessoa. Então, está gostando?

– Não muito.

– Também jamais gostei. – Emma baixou o queixo contra o pescoço e, imitando o tom de voz de Connor, disse: – Coragem, Dr. Ransom. E espírito de equipe!

– Pare com isso. – Jonathan a segurou pelos ombros. – O que você ainda está fazendo aqui?

– Foi parte do nosso acordo. Balfour salvou minha vida. Em troca, ajudei a resgatar a ogiva e agora estou ensinando a ele como viver sob o radar. É o que tenho feito nos últimos 10 anos da minha vida. Ele não poderia ter encontrado professora melhor.

– Balfour vai entregar a bomba amanhã. Não podemos deixar que isso aconteça. Onde será feita a entrega?

Emma sorriu com frieza, voltando à terra de ninguém em que havia se transformado a relação deles.

– Você está dando um passo muito maior que as pernas, Jonathan.

– Não tive escolha, você sabe disso.

– Você poderia ter recusado a convocação de Connor.

– Essa possibilidade não existia.

Emma se desvencilhou.

– Volte pro seu quarto. Vá dormir. E amanhã, quando se levantar, sugiro que tenha um bom motivo pra dar o fora daqui. Aliás, vou lhe dar um motivo. Diga que não consegue operar sob tensão, que ficou abalado demais com tudo isso que aconteceu. Tenha uma crise de nervos.

– Não posso, Em.

– Você não significa nada pro Connor. Ele sempre soube que você não sairia vivo daqui. Acha mesmo que Balfour vai deixá-lo ir embora depois que mudar o rosto dele? Você? Um ocidental? A cor da sua pele é um ônus permanente, Jonathan. Mas, se der o fora, você ainda terá uma chance.

– Há uma bomba nuclear logo ali, naquela oficina. Não vou a lugar nenhum antes de repassar a Connor essa informação. Onde fica o Hangar 18? O que significa “EPA”?

Emma não respondeu.

– Podemos fazer isso juntos – insistiu Jonathan. – Fazer o que é certo.

– Não estamos no mesmo time.

Nesse momento, a expressão nos olhos dela o assustou. A obsessão dos fanáticos, a sanha dos militantes, coisas que até então ele nunca vira ali. Emma havia sido sua amante, sua mulher, sua confidente, sua melhor amiga. E de repente ele percebeu que não a conhecia mais. À sua frente estava uma estranha e, se quisesse continuar vivo, teria de considerá-la uma inimiga.

– Não vou deixar que você ajude Balfour, Emma.

Ela baixou os olhos para a faca que ele trazia na mão.

– Cuidado com isso aí. Senão vai machucar alguém.

– Onde será feita a entrega?

Com a rapidez de uma víbora, Emma agarrou-o pelo punho e ergueu a faca até o próprio pescoço.

– Eles te disseram onde inserir a lâmina para que eu não consiga gritar? É bem aqui. Logo abaixo da clavícula. – Jonathan tentou puxar a faca de volta, mas Emma era forte demais. – Basta uma única estocada – prosseguiu. – Uma estocada rápida, pra que eu não tenha tempo de reagir. A lâmina vai perfurar o coração. – Então soltou o punho de Jonathan e ergueu o queixo, oferecendo-se à morte. – Agora faça o que tem de fazer.

Jonathan jogou a faca para longe. Na escuridão, os olhos de Emma brilhavam como duas contas de vidro escuro. Ele podia sentir o cheiro dos cabelos dela, ver o suor que brotava em seu rosto. Emma se adiantou e o beijou demoradamente nos lábios. Depois disse:

– Vá embora. Caso contrário, contarei a Balfour quem você realmente é.

– Você não vai contar nada.

– Não pague pra ver.

– E se eu contar que você é minha mulher?

Emma empurrou o corpo contra o dele.

– Você não tem colhões pra isso.

Jonathan recuou, horrorizado.

– O que aconteceu com você?

Mais uma vez eles se entreolharam e algo em Emma derreteu. Ela deixou cair os ombros e suspirou.

– Eu estou...

Antes que ela pudesse se explicar, Balfour começou a gritar no pátio.

– Como assim, só havia uma pessoa? – perguntava, abrindo e batendo portas, pisoteando os tijolos do chão. – E ninguém conseguiu pegá-lo! Eu devia executar vocês todos ainda nesta madrugada! Sem vendas nem último cigarro! Um bando de inúteis, isso é o que vocês são! E meus convidados?

Emma espiou pela janela.

– Ele está entrando. Volte para o quarto. Faça o que eu disse. É sua única chance.

Jonathan olhou para o estacionamento a fim de se certificar de que não havia ninguém lá. Depois disse, virando-se:

– Você está o quê?

Mas aquela Emma havia desaparecido ao primeiro sinal de perigo. Qualquer vestígio de vulnerabilidade sumira como se nunca tivesse existido.

– Nada – disse. – É melhor que você não esteja mais por aqui amanhã. Senão cumprirei minha promessa, ouviu bem?

Jonathan passou a perna sobre o parapeito da janela e encontrou apoio para o pé. Cuidadosamente, arrastou-se de volta para o quarto.

♦♦♦

Ele já anotava todas as informações que havia colhido quando enfim se lembrou: deixara o pen drive de Connor na mesa de Balfour.

59

SEM BATER, BALFOUR ABRIU a porta do quarto de Jonathan.

– Tudo bem por aqui? – perguntou. – Nenhum invasor fantasma tentou abduzi-lo?

Jonathan se levantou da escrivaninha, onde vinha estudando o histórico médico do indiano.

– Estou bem – disse. E, caprichando na careta de preocupação, emendou: – Então, acabou? O que aconteceu exatamente?

Balfour entrou no quarto com passos cautelosos, como um carcereiro indo inspecionar uma cela. Estava com os cabelos desalinhados, o paletó aberto e trazia uma pistola na mão.

– É isso que estamos tentando descobrir.

– Você disse alguma coisa sobre os indianos.

– Essa foi minha primeira hipótese. Ao que parece, me enganei. Meus compatriotas jamais montariam uma operação tão absurda como essa. De qualquer modo, meus problemas com o governo indiano não lhe dizem respeito. Blenheim é um lugar seguro. Perdi dois homens, mas estou vivo. Não há motivo para alterarmos nossos planos.

– Dois mortos? Isso é terrível. Então foi mesmo um ataque.

– Um ataque, sim – disse Balfour. – Seguramente, um ataque. Mas ainda não sabemos direito qual era o alvo.

– E já acabou?

– Está ouvindo algum disparo? – perguntou Balfour, ríspido.

– Não.

– Então acabou.

– E a sala de cirurgia? Sofreu algum dano?

– Está intacta – disse Balfour, perambulando pelo quarto.

Singh entrou em seguida, os olhos grudados em Jonathan, que não contestou a invasão. Preferiu fazer o papel do hóspede

assustado que não se deixava intimidar.

– Mas foram muitas explosões. Não seria o caso de chamar a polícia?

– As explosões foram apenas algumas granadas de mão e uma única RPG, que matou as sentinelas do telhado. Os disparos foram quase todos de armas leves. A polícia não interfere nesse tipo de ocorrência. Se tivéssemos de chamar alguém, seria o Exército, mas, para dizer a verdade, ultimamente o Exército paquistanês não anda muito interessado em me proteger.

Balfour se aproximou da escrivaninha e, com o cano da pistola, afastou os exames para ler as anotações de Jonathan no bloco que jazia sob eles. Em sua mente, Jonathan ouviu a voz de Emma dizendo que ele inventasse um bom motivo para ir embora. Se decidisse seguir o conselho dela, aquele seria o momento. Poderia fingir uma súbita crise de estresse, alegar que o tumulto o havia deixado abalado demais. Diria que era médico, não soldado, e pediria para tomar o primeiro avião de volta para casa. Mas então se lembrou de que Revy havia operado um chefe militar checheno em Grozny, além de um gângster corso com a cabeça colocada a prêmio pela polícia nacional. O suíço já havia passado por um número mais que razoável de situações estressantes para se deixar abalar por meia dúzia de granadas. Mas isso não vinha ao caso. Jonathan havia se comprometido com a missão e jamais voltaria atrás em sua palavra.

– Você ficou no quarto durante todo esse tempo? – perguntou Balfour, abrindo o armário e examinando os ternos.

– Claro – disse Jonathan. – Eu não ousaria sair daqui.

– Naturalmente – resmungou Balfour.

Ainda sob o olhar sinistro de Singh, Jonathan perguntou:

– Então, nossa cirurgia está confirmada para depois de amanhã?

– Claro que está. – A essa altura Balfour já havia passado para o banheiro. Remexia displicentemente no kit de barbear de Jonathan, fingindo desinteresse. – Vim aqui para lhe dizer que Yulia ficou um tanto perturbada com tudo o que aconteceu. Infelizmente, não poderá atendê-lo. Talvez você queira escolher outra companhia.

– Não, não – disse Jonathan. – Já me diverti o bastante por esta noite.

– Nenhum preservativo – disse Balfour enigmaticamente, passando a cabeça pela porta.

– Perdão?

– Um médico deveria ser o primeiro a se cuidar.

Mas Frank Connor era tão esperto quanto Ashok Balfour Armitraj. Ele lera a correspondência entre Revy e o indiano um número suficiente de vezes para suprir Jonathan com os mais ínfimos detalhes sobre o cirurgião. Sexo, ele sabia, era o principal interesse de quase todos os viajantes solitários do sexo masculino.

– Se quiser um pacote emprestado – disse Jonathan –, é só abrir a gaveta. Balfour abriu a gaveta superior da bancada, de onde retirou uma embalagem prateada.

– Fique à vontade – disse Jonathan. – Só espero que não sejam grandes demais.

Pela primeira vez Balfour não soube o que dizer.

– Boa noite, Ash – arrematou Jonathan. – Fico feliz que tudo tenha terminado bem.

Balfour jogou os preservativos de volta na gaveta e saiu.

PETER ERSKINE FOI AO ENCONTRO de Connor assim que o diretor cruzou a porta da Divisão:

– Frank! Que bom vê-lo por aqui. Faz uma hora que o telefone não para de tocar, de Islamabad. Por onde você tem andado?

– Ocupado – disse Connor, ziguezagueando através do centro de operações a caminho de sua sala. – Qual é a grande novidade?

– O ISI está falando de um grande tumulto na propriedade de Balfour.

– Em Blenheim? Feche a porta, por favor. Continue.

Erskine fechou a porta da sala de Connor e se recostou nela, cruzando os braços.

– O ISI ainda mantém um de seus homens de olho em Balfour, embora tenha cancelado todos os acordos de proteção. Segundo informou esse homem, Blenheim se transformou num verdadeiro pandemônio nos últimos 45 minutos. Granadas. RPGs. Armas de pequeno porte. Ele não estava dentro da propriedade, mas, pelo que pôde ver, parece que o ataque foi realmente feio.

– Alguma indicação de que tenham sido os indianos querendo levar Balfour? A RAW está atrás dele desde o episódio de Mumbai. É possível que tenham descoberto que ele estava planejando sumir e finalmente tiveram coragem de fazer alguma coisa.

– Nenhuma indicação. Ainda é cedo demais.

– Então o que foi? Armas de pequeno porte? Algumas granadas? Quanto tempo durou esse... ataque?

– Não muito. Talvez uns 20 minutos.

Connor largou a pasta sobre a mesa.

– É bem possível que tenha sido o próprio Balfour quem causou todo o barulho, demonstrando seu arsenal para alguém.

– Não creio. Pelo que ouvi, duas ambulâncias foram até o local.

A notícia chamou a atenção de Connor, que disse:

– Ah, é? Mas elas foram mesmo ou não?

– Aquilo lá é o Paquistão. O que parece uma ambulância pode muito bem ser uma Kombi de manutenção. De qualquer modo, elas não saíram às pressas.

– Ou seja, as pessoas que foram buscar já estavam mortas.

Erskine se aproximou da mesa.

– Alguma notícia de Jonathan Ransom?

– Faz apenas oito horas que ele chegou a Blenheim. Pedi que ficasse quieto até que tivesse algo de concreto pra relatar. Tente encontrar o coronel al-Faris e ponha ele na linha. Se Ransom morreu, quero saber. Ligue pra residência do coronel e, se ele não estiver lá, tente a casa da amante.

– Você tem o número?

– Está nos arquivos – disse Connor. – Ela trabalha pra gente. Antes de sair, Erskine parou à porta e disse:

– Ah, já ia me esquecendo. Recebemos uma resposta dos ingleses a respeito da foto que mandamos pra eles. A do amigo mal-encarado de Rashid, o desconhecido que estava com ele no hangar de Sharjah.

Connor levantou a cabeça bruscamente.

– Quem é o homem, afinal?

– Os ingleses acham que é Massoud Haq. O irmão mais velho de Sultan Haq.

– Não pode ser. Massoud Haq está em Guantánamo. Foi pego logo no início. Era general no exército do Talibã. Liderou uma investida de cavalaria contra um destacamento da 82ª Divisão Aerotransportada. É louco de pedra. E dos mais radicais também. – Connor balançou a cabeça, tremendo só de pensar nessa possibilidade. – Não, não pode ser ele. Estava na gaiola durante todo esse tempo.

Erskine ajustou os óculos antes de dizer:

– Massoud Haq foi libertado seis meses atrás. Eu mesmo verifiquei. O Departamento de Justiça expediu um alvará de soltura.

– *O quê?* – Connor desabou na cadeira e soltou um palavrão, o que raramente fazia. – *Mais um?* Metade dos malucos que perseguimos hoje em dia já passou por Guantánamo e foi solta! Será que esses caras esqueceram que estamos em guerra? Até onde sei, ninguém liberta um refém antes que o inimigo se renda. – Ele se calou por um instante e avaliou Erskine. – Quando exatamente você descobriu tudo isso, Pete?

– Os ingleses ligaram quando você estava fora.

Connor achou a resposta evasiva, mas não disse nada. Acenou para indicar que a conversa havia terminado e esperou que Erskine saísse para fazer a ligação. Vendo-o se afastar, ficou se perguntando há quanto tempo ele realmente sabia. Desanimado e furioso, retirou da pasta seu bloco de anotações e o BlackBerry. Abriu as mensagens, mas não encontrou nenhuma de Danni. Então ligou para a sede do Mossad em Herzliya, e dessa vez pediu para falar com o diretor da agência.

– Frank, se eu soubesse onde a Danni está, eu diria. Mas ela saiu de licença. Pode estar em qualquer lugar. Já tinha muitas milhas acumuladas. Estava exausta, precisava descansar. Mas deve voltar daqui a seis dias.

Connor desligou o telefone, depois ligou para um local mais próximo: Fort Meade, Maryland, sede da NSA, ou Agência Nacional de Segurança. O principal propósito da instituição era colher mundo afora qualquer informação de interesse para o país. O que implicava bisbilhotar todos os meios conhecidos de comunicação, tanto os terrestres quanto os intermediados por satélite. A conversa foi rápida. Ele passou quatro números de telefone e pediu um registro de todas as chamadas feitas e recebidas ao longo dos últimos 30 dias. Os números pertenciam a Peter Erskine: o celular particular, o BlackBerry da Divisão, o telefone fixo e o fax residenciais.

Traição era assunto grave e Connor não sairia acusando ninguém antes de recolher as provas. Até lá, seria obrigado a restringir tanto quanto possível o acesso de Erskine a toda e qualquer informação sobre a busca de Ransom pela ogiva nuclear. Mas não era só isso. Erskine era apenas um brinquedo, um dos muitos dentes de uma

engrenagem bem maior. Connor estava mais interessado em descobrir para quem ele trabalhava e dismantelar toda a operação. Prender Erskine naquele momento faria apenas com que os superiores dele voltassem para dentro da toca. Seis meses depois eles sairiam outra vez com novas identidades, mas com a mesma intenção demoníaca de corromper a Divisão e suas irmãs na comunidade dos serviços de inteligência.

Connor ainda fez uma terceira ligação, agora para o lado de cá do Potomac, para a Rede de Fiscalização de Crimes Financeiros. A FinCEN era uma peça de fundamental importância na luta contra o terrorismo, embora ninguém lhe desse o devido valor. Criada para investigar apenas as falcatruas financeiras no cenário doméstico, vira suas incumbências crescerem significativamente após o 11 de Setembro e agora cuidava de todas as operações, nacionais ou internacionais, que pudessem ter alguma ligação com o terrorismo.

Connor cumprimentou seu interlocutor, forneceu o número de inscrição de Peter Erskine na Previdência Social e pediu um relatório completo sobre o histórico financeiro dele. Interessado sobretudo nas contas bancárias, pediu que os extratos dos últimos seis meses fossem pesquisados minuciosamente com o objetivo de identificar depósitos significativos por parte de pessoas físicas ou jurídicas. Pedidos dessa natureza eram o básico da FinCEN. O relatório ficaria pronto em 24 horas.

Connor ainda falava ao BlackBerry quando o telefone fixo tocou. Encerrou a conversa com a FinCEN e atendeu:

- Sim?
- Encontrei o coronel al-Faris.
- Obrigado, Pete. Pode transferir.

Seguiu-se um breve silêncio, até que:

– Frank, é o Nasser. Já é muito tarde por aqui. Mas diga, em que posso ser útil a meus amigos americanos?

– Como vai, Nasser? – disse Connor. – Eu gostaria de saber se... – De repente ele ficou mudo. Algo havia chamado sua atenção.

Um cursor vermelho começara a piscar na tela de seu computador. Uma janela se abriu com a mensagem: "Rêmora 575 ativo. Baixando o primeiro de 2.575 arquivos." Em seguida vinha um endereço de IP. "Tempo restante: dois minutos."

– Frank... Você ainda está aí?

– Nossa Senhora... – disse Connor, os olhos grudados na tela. – Ligo pra você daqui a pouco.

"Rêmora 575" pertencia a Jonathan Ransom. Perplexo, mal acreditando nos próprios olhos, Connor permaneceu imóvel enquanto o conteúdo do disco rígido de Iorde Balfour era transferido para o seu.

"E às vezes nossas preces são atendidas mesmo quando o mundo está desabando ao nosso redor."

SULTAN HAQ A CORDOU ASSUSTADO.

Ergueu-se abruptamente e, na escuridão, deparou com um rosto que o encarava. Olhos azuis. Cabelos louros. Óculos pesados de armação preta. Era Revy, o médico suíço que, mais cedo naquela noite, tão abusadamente o insultara e ofendera seu país.

Haq devolvia o olhar do canalha, desprezando-o tão visceralmente quanto desprezava todos os ocidentais: pelos privilégios e pela arrogância, mas sobretudo pela falsa superioridade tão arraigada naquela gente. O rosto continuava a encará-lo sem dizer nada, aparentemente exigindo algo. Haq tentava decifrá-lo. Quanto mais o fazia, mais inquieto ficava – e mais convencido de que estava sendo ludibriado. Ignorando os óculos, encarou o par de olhos azuis à sua frente.

Seu interrogador no Camp X-Ray de Guantánamo também tinha olhos azuis e cabelos claros. Olhando para o rosto de Revy, Haq se viu de volta naquela sala de interrogatório. Lembrou-se das lâmpadas fluorescentes, dos rostos ávidos e coléricos de seus captosres, do hálito fétido que eles exalavam com suas perguntas intermináveis, e depois se lembrou do capuz, dos golpes súbitos na cabeça, do ar sorvido às pressas antes da torrente de água. Água no lugar da respiração. Água no lugar da luz. Água vindo como a morte para levá-lo em suas ondas fluidas e incessantes.

E lá no alto, pendurada a um canto, provocando-o quando o capuz era retirado e ele podia voltar a respirar, a indefectível televisão repetindo sempre as mesmas imagens, aquelas imagens horríveis de marinheiros dançando pelas ruas de Nova York, berrando canções alegres, que falavam de esperança.

Haq fechou os olhos para afugentar as lembranças, mas elas persistiram. Imagens de um mundo diferente. Um mundo bárbaro e

enganoso. Um mundo que ele havia prometido a si mesmo exterminar.

O interrogador era um homem fraco, mole, mas os olhos azuis que o encaravam no escuro não eram nem uma coisa nem outra. Eram olhos de um adversário terrível. Então Haq perguntou o que Revy queria com ele, por que o havia despertado.

Haq acreditava no poder dos sonhos.

Revy não respondeu e Haq se deu conta de que ele o estava provocando, desafiando-o a descobrir seu segredo.

Sultan Haq continuou olhando para o rosto do médico até vê-lo desaparecer, deixando em seu lugar nada mais que o breu – e uma terrível suspeita que agora corroía a alma do guerreiro afegão.

EMMMA LHE APARECEU DURANTE O SONO. Sentindo o calor dela a seu lado, seu corpo reagiu. Ele a tocou e ela gemeu. Jonathan estava sonhando, claro. Somente assim podia vê-la como realmente era, ou talvez como desejava que ela fosse. Ele correu as mãos pelo corpo da mulher, emocionado, como se a tocasse pela primeira vez. Reviu-a deitada na grama sob o corpo dele. Era noite nas colinas verdejantes da África Ocidental, lá onde ele a conhecera, onde havia se apaixonado irremediavelmente. Desafivelou o cinto dela, arrancou-o da cintura e desceu a calça pelos quadris fortes e ávidos. Ela afastou as pernas e sussurrou o nome dele. "Jonathan. Me ame." O hálito quente acariciou suas orelhas e seu pescoço e ele sentiu o coração disparar no peito. Olhou nos olhos dela, penetrou-a, e ela balançou a cabeça num sinal de aprovação, de deleite.

– Jonathan.

Ele acordou assustado. Emma estava sentada a seu lado na cama, os cabelos agora soltos, a camisa desabotoada até a cintura.

– Shhh... – sussurrou ela, despindo-se.

Em seguida afastou as cobertas e montou nele, arqueando as costas, encarando-o enquanto era penetrada. Jonathan deixou escapar um gemido e ela cobriu sua boca com a rapidez de um animal. Não disse nada, mas balançou a cabeça, sempre o encarando, já começando a arfar. A luz da aurora caía sobre seus seios, bem mais cheios do que Jonathan se lembrava, os mamilos excepcionalmente rígidos. Com as mãos cravadas na cintura dela, ele a estocava, e ela o estocava de volta, o ritmo cada vez mais frenético, mais violento. Emma baixou a cabeça, deixando que os cabelos varressem o peito dele. Ela suave, a respiração ofegante, os movimentos rápidos, sugando-o, exigindo atenção, até que Jonathan, incapacitado de sustentar tamanho furor, sucumbiu ao êxtase.

Segundos depois Emma estremeceu, exalou um langoroso gemido por entre os dentes cerrados e deixou o corpo desabar, enterrando o rosto no pescoço dele, bufando um jato quente contra sua pele.

– Vem comigo – disse, ainda ofegante. – Vou embora daqui a pouco. Posso tirar você daqui.

– Não.

– Vai morrer se ficar.

– Talvez.

Ela se afastou, deitando-se ao lado dele.

– Por mim?

– Não estamos no mesmo time, Emma.

– E pelo seu filho?

Jonathan se apoiou nos cotovelos.

– *O quê? Você está...*

– Grávida.

– De quantos meses?

– Quatro.

Jonathan se sentou, perplexo.

– Londres?

Emma fez que sim com a cabeça.

– Tem certeza que é meu? – perguntou Jonathan. As palavras saíram descontroladas, forjadas pela desconfiança. Emma o estapeou com força e se arrastou para a borda da cama. Jonathan não reagiu, apenas virou os olhos para o dia que nascia do outro lado da janela. Depois de alguns segundos de silêncio, disse: – Então por que você está aqui? Por que está fazendo tudo isso?

– Pra salvar a minha pele.

Jonathan percebeu algo na voz dela, a sugestão de uma tarefa ainda a ser cumprida.

– Como assim?

Emma se virou e, sustentando o olhar dele, respondeu:

– Venha comigo e você vai saber. Mas terá de confiar em mim.

Olhando para a barriga dela, Jonathan notou o volume que antes não havia lá; constatou que os seios *realmente* estavam mais cheios. Estendeu o braço para tocar seu rosto, mas ela o repeliu e se afastou. Alegria e tristeza o acometiam em igual medida.

– Não posso – disse. – Sinto muito.

– Então você é um idiota – respondeu Emma.

E deixou o quarto tão silenciosamente quanto havia entrado.

ERAM OITO HORAS DA MANHÃ e a vida seguia a pleno vapor em Blenheim. No pátio, os Range Rovers estavam sendo lavados e encerados a céu aberto. Nas cocheiras, cavalos eram puxados para fora ou para dentro das baias, o barulho dos cascos ecoando no ar. A casa fervilhava com o vaivém de seus muitos residentes. Estranhamente, não se via nenhuma atividade na área em torno da oficina. Nenhum carro por perto. Nenhum sinal dos seguranças armados que na véspera montavam guarda à porta.

De início Jonathan pensou que a ogiva tinha sido retirada de lá. O ataque da noite anterior havia assustado Balfour, que não pensara duas vezes antes de transferi-la para um lugar mais seguro. Mas depois lhe ocorreu outra hipótese: justamente porque estava assustado, Balfour não arriscaria remover seu tesouro. Tanta calma não passava de uma fachada, de um stratagema para evitar chamar atenção para o local. Jonathan viu que estava certo quando, de relance, notou um movimento no telhado da garagem: dois atiradores de elite vigiavam o perímetro da oficina. Não estariam ali para defender um lugar vazio.

Tudo isso Jonathan vinha acompanhando da janela de seu quarto no segundo andar. De banho tomado e devidamente barbeado, vestindo um short e uma camiseta para uma corrida matinal, ele era dominado por um sentimento que até então desconhecia. Em parte porque ansiava entrar em ação, em parte porque tinha sede de vingança, sentia arder no peito um incontrolável desejo de fazer o que fosse preciso para concluir sua missão. Sua própria sobrevivência era irrelevante. Ele repassaria a Frank Connor as informações que havia colhido. Simples assim. Não sabia ao certo se o que o impelia era a coragem dos idiotas ou a obrigação paterna de fazer algo em prol do filho que ainda ia nascer. Sabia

apenas que os homens se definiam por suas ações e que esperar não era uma opção.

Era Emma, claro. Sua visita havia despertado sentimentos que ele acreditava mortos. Ou que preferia que estivessem mortos. Ah, os poderosos artifícios de sedução do ego. Por maior que tivesse sido a traição de Emma, por mais hediondos que tivessem sido seus crimes, ele não conseguia se livrar do amor que sentia por ela. Emma era um veneno do qual ele havia provado inadvertidamente. Jonathan se considerava um homem disciplinado, mas Emma era maior que seu autocontrole. Atormentava-o com sua natureza, inspirava-o com sua competência. E agora era a mãe do filho dele. Por causa disso, Jonathan lhe jurou fidelidade eterna. Fidelidade, mas não ajuda. Caso não pudesse derrotá-la no amor, tentaria derrotá-la na guerra.

Saindo da janela, foi até o armário e retirou da carteira um cartão American Express Platinum emitido em nome de Michel Revy. Na verdade, não era um cartão de crédito, mas um dos mais engenhosos brinquedinhos de Frank Connor. Embutido sob o plástico encontrava-se um poderoso dispositivo capaz de anular o bloqueio de sinais com o qual Balfour protegia sua fortaleza.

As instruções de Connor haviam sido claras. Assim que encontrasse qualquer informação relevante a respeito da localização da ogiva e da transação orquestrada por Balfour, Jonathan deveria repassá-la para a Divisão. E era possível fazer isso de três maneiras. Se conseguisse despistar Balfour e sair de Blenheim, poderia simplesmente usar a linha segura programada em seu celular. Caso não conseguisse (e Connor dissera que essa era a hipótese mais provável), poderia usar o laptop e enviar as informações encriptadas para um site seguro; no entanto, como em seu quarto não havia serviço wireless ou conexão com a internet, o laptop também estava fora de questão.

A última opção seria ativar o dispositivo antibloqueio do cartão de crédito. Uma vez ativado, o cartão tinha poder suficiente para neutralizar até o mais poderoso dos sistemas de bloqueio por até oito minutos. Durante esse tempo, ele deveria ser capaz de ligar

para a Divisão, transmitir todas as informações colhidas e receber instruções sobre o que fazer em seguida. Havia apenas um problema. Connor fora claro ao advertir que a equipe de Balfour detectaria a queda do bloqueio na mesma hora e, pior, levaria apenas 60 segundos para fazer uma triangulação e localizar o dispositivo. Usar o cartão implicaria ser pego. E morto.

Jonathan guardou o cartão e o telefone no bolso do short e saiu calmamente do quarto. Olhou para ambos os lados e decidiu descer pela escada dos fundos, que passava pela cozinha. Foi ganhando confiança a cada passo que dava no corredor vazio. Assim que deixasse a casa, correria para além das cocheiras e do gramado que Balfour apelidara de Runnymede e iria para os limites da propriedade. Quanto mais se afastasse do sinal de bloqueio, mais eficiente seria o cartão. Passando pela reprodução de *O menino azul*, de Picasso, e pela coleção emoldurada de armas medievais, perguntou-se que destino teria o acervo do indiano.

Uma porta se abriu à direita e o Sr. Singh saiu ao corredor, bloqueando seu caminho. Jonathan cumprimentou o gigante com um protocolar bom-dia e o contornou sem diminuir o passo. Já se aproximava da escada quando ouviu o telefone do sique tocar.

– Bom dia, milorde – respondeu Singh em seu inglês exemplar.

Rumo à cozinha, Jonathan mais uma vez apalpou o bolso para se certificar de que o cartão de crédito estava lá. Já podia sentir o perfume das salsichas, dos ovos e de todas as maravilhas de um café da manhã campestre. Ao sopé da escada, foi recebido pela cozinheira, que abraçava um cesto de bolinhos. Jonathan se viu obrigado a conversar com ela, recusando educadamente as sucessivas ofertas de bolos, torradas e ovos pochés. Livrou-se apenas quando aceitou uma maçã e prometeu voltar depois da corrida. Enfim ela retornou ao fogão, encantada, e ele pôde atravessar os últimos metros até a porta.

– Ransom.

Seu nome foi calmamente chamado no impecável sotaque americano que tanto o havia impressionado não fazia muito tempo. Danni o ensinara a identificar perseguidores e a guardar na

memória uma infinidade de objetos. Mas nada dissera sobre como reagir quando alguém chamava seu nome de forma inesperada e você estava a milhares de quilômetros de casa, cercado de inimigos.

Ele parou, rígido, e naquele momento soube que tudo estava perdido. Virou o rosto para trás. Sultan Haq estava do outro lado da cozinha. Eles trocaram olhares, disparando uma centelha de reconhecimento mútuo. Uma imagem veio à cabeça de Jonathan: o guerreiro cercado de chamas nas montanhas de seu país, rifle de caça em punho, clamando por vingança. Jonathan também se lembrou de Hamid e dos valentes soldados que haviam morrido no labirinto de cavernas de Tora Bora e, por uma fração de segundo, lhe ocorreu matar o afegão bem ali, naquele exato momento.

Foi então que ouviu passos na escada. Singh e Balfour.

Jonathan disparou para fora, batendo a porta atrás de si, e, sob o olhar confuso dos funcionários que lavavam os carros no pátio, saiu correndo na direção das cocheiras.

– Ransom! – berrou Haq.

– Atrás dele! – ordenou Balfour.

A bordo de um quadriciclo, um segurança partiu em seu encalço, de pé sobre o chassi, sem entender direito o que se passava.

Com um golpe de ombro certeiro, Jonathan conseguiu derrubá-lo e se apoderar do veículo.

– Atirem! – berrava Balfour.

Jonathan deu uma guinada brusca no quadriciclo e partiu em disparada até ultrapassar as cocheiras. Sentindo o veículo tremer quando um tiro acertou a lataria, debruçou-se sobre o guidom e acelerou ao máximo, ganhando velocidade. Outra bala acertou o para-lama. Ele desviou para a relva, aumentando a distância que o separava da casa, e com uma rápida olhadela pôde ver que ninguém o seguia. Então reduziu a velocidade o bastante para sacar o cartão de crédito e acionar o antibloqueio. Em seguida pegou o telefone e apertou a tecla de discagem rápida com o número de Frank Connor. Ouviu apenas um chiado e a ligação caiu.

– Merda.

Nesse instante, viu uma sombra escura avançando sobre o terreno. Numa segunda olhada, viu que era Sultan Haq montando o garanhão Inferno, galopando em sua direção. Tentou o celular outra vez. Novamente ouviu o chiado e voltou a xingar. De um segundo a outro, no entanto, o ruído se desfez e a ligação se completou. Jonathan voltou a acelerar. O quadriciclo irrompeu na grama, sacolejando brutalmente, por pouco não o derrubando do selim. Não era possível controlar o veículo e segurar o telefone ao mesmo tempo.

Atrás dele, Haq chegava mais perto. Jonathan levou a mão esquerda ao guidom, prendendo o celular contra a palma. Outro quadriciclo surgiu mais adiante na relva, bloqueando o caminho. Jonathan virou para a direita e se afastou na diagonal. A certa altura, foi reduzindo a velocidade até parar por completo.

– Frank, sou eu, Jonathan. Está me ouvindo?

– Jonathan... sim, estou, mas muito mal. Que diabos você está fazendo?

– Frank, ela está aqui. A ogiva está em Blenheim. Você precisa agir rápido. Eles vão tirá-la daqui ainda hoje. Sultan Haq é o comprador.

– Por favor, repita, Jonathan. A ligação está péssima... não consegui ouvir direito...

Jonathan olhou por sobre o ombro. Viu Haq galopando a seu encontro, o cavalo arfando violentamente. Então arrancou e foi conduzindo o quadriciclo até um ponto da cerca onde vira um jipe e alguns trabalhadores. Por mais que acelerasse, não conseguia ser mais veloz que Inferno, agora já tão próximo que ele podia ouvir o barulho dos cascos, sentir a presença do animal. Novamente olhou para trás. Avaliou que Haq já estava a uns 5 metros de distância e se aproximava cada vez mais. Correndo os olhos pela paisagem à sua frente, notou um buraco na cerca e apontou o quadriciclo na direção dele.

Pouco depois Haq estava a seu lado, inclinando-se na sela para golpeá-lo com um punho enorme. Jonathan deu uma guinada para

a direita, mas, agarrado à crina do animal, com as pernas fincadas nos flancos, o afegão logo o alcançou, aproximando-se o bastante para desferir um segundo soco. Jonathan rebateu às cegas com o braço esquerdo, acertando a lateral da cabeça de Haq e assustando o animal. Enfim conseguiu se desvencilhar.

Cinquenta metros o separavam da cerca.

Debruçado sobre o guidom, castigou o acelerador, sugando do motor a última gota de potência.

Um vulto surgiu à direita e logo depois um jipe irrompeu à sua frente. Singh vinha ao volante e Balfour na traseira, manejando a metralhadora calibre .30.

Jonathan precisou dar um golpe no guidom a fim de evitar a colisão. O movimento brusco fez o quadriciclo tombar para um dos lados, com duas rodas se levantando do chão. Jonathan jogou o corpo na direção oposta, mas estava em alta velocidade e a terra sob os pneus era fofa demais. O quadriciclo capotou e ele foi lançado de cara no mato alto.

Cuspindo ramas e gravetos, ficou de joelhos a tempo de ver Balfour girar a metralhadora em sua direção, engatilhando-a.

– Não atire! – berrou Haq enquanto apeava e corria a seu encontro. – Olá, Dr. Ransom. Esperava voltar a vê-lo, mas não julgava possível. Desta vez o senhor não vai poder contar com a ajuda da cavalaria.

– Provavelmente, não.

Haq chutou-o nas costelas e Jonathan caiu para o lado. O gigante afegão recolheu o celular em meio ao mato, apertou diversas teclas, mas não conseguiu o que queria.

– Pra quem você ligou? – disse.

Jonathan permaneceu calado.

Haq virou-se para Balfour, que disse:

– Tenho um poderoso sistema de bloqueio de sinais. Ninguém pode fazer uma ligação wireless num raio de 5 quilômetros, a menos que o número seja previamente aprovado por mim. Esse

homem... Revy ou Ransom, seja lá quem for... não fez ligação nenhuma.

Haq não se convenceu. Cada vez mais irritado, virou-se para Jonathan.

– Pra quem você estava ligando?

– Pro seu pai, no inferno. Pra dizer que lamento não ter cortado a garganta dele com minhas próprias mãos.

– Em breve poderá falar com ele pessoalmente. Mas antes preciso saber se está dizendo a verdade. Sr. Singh, segure-o.

O sique içou Jonathan do chão e imobilizou os braços dele contra o peito.

Haq retirou algo do bolso. Uma faca, mas não uma faca comum. Uma lâmina curta, com o aspecto de meia-lua, presa a um bulbo de madeira lanhada. Era o tipo de faca que os cultivadores de papoula usavam para rasgar sulcos nos bulbos maduros e deixar o precioso ópio escorrer.

– Você tem olhos escuros – disse Haq. – Eu me lembro.

Jonathan piscou diversas vezes e só então se deu conta de que havia perdido as lentes azuis durante a queda. Erguendo a faca até as bolsas sob os olhos dele, Haq disse:

– Um cirurgião cego não pode mais operar.

Ele aumentou a pressão da lâmina.

Jonathan tentou se desvencilhar, mas foi detido por Singh.

– Pois bem, meu amigo – prosseguiu Haq, deslizando a lâmina de um lado a outro –, como o tempo é curto para tantas perguntas, vou lhe fazer apenas uma. Diga a verdade ou pagará com um olho. E, se acha que vou matá-lo em seguida, está muito enganado. Minha intenção é outra. Você contou a seus superiores sobre nossos planos?

– A ligação não se completou – disse Jonathan.

E sentiu a lâmina rasgar sua pele num golpe rápido. Estremeceu, mas ficou mudo.

– Vou perguntar mais uma vez, depois vou dar seu olho para o cavalo comer. Jonathan se preparou para o que estava por vir. Sabia

que, em seu lugar, Emma não cederia.

“Se não no amor, então na guerra.”

– Você contou a seus superiores sobre nossos planos? – repetiu Haq.

– Não.

Haq olhou para Balfour, que permaneceu impassível.

– Sinto muito – disse Haq, apertando a faca contra uma dobra de pele. – Mas não acredito em você. Ainda não.

– Tente você mesmo – retrucou Jonathan, arfante. – Aperte o número sete e a tecla de enviar. Você vai ver.

Haq baixou a faca. Apertou as teclas e levou o telefone ao ouvido. Jonathan se perguntava ansiosamente quantos minutos haviam se passado desde que ele acionara o dispositivo antibloqueio. Haq arregalou os olhos e Balfour redobrou a atenção, aflito. Mas pouco depois o afegão guardou o telefone no bolso.

– Então? – perguntou Balfour.

– A ligação não se completou. O sistema de bloqueio funcionou.

– Então se afaste – disse Balfour. – Sou eu quem vai acabar com ele.

Haq ergueu a mão para detê-lo.

– Ainda não. Quero levá-lo pra falar com meu irmão. O Dr. Ransom ainda tem muitas contas pra acertar.

Balfour pensou por um instante, depois desviou a metralhadora, apontando-a para o alto.

– Como quiser – disse. – Ele vai ser meu presentinho pra você.

H₁₈

Estatelado no banco de trás do Range Rover de Balfour, Jonathan leu as grandes letras brancas pintadas na parede de um dos hangares do aeroporto de Islamabad e concluiu que eles haviam chegado. Singh estava sentado a seu lado; não tirara os olhos de Jonathan em nenhum momento do trajeto de uma hora desde Blenheim. Sultan Haq ocupava o banco da frente, enquanto o próprio Balfour dirigia. Outro veículo abria caminho; outros dois vinham atrás. Mas a carga principal estava no porta-malas, a um braço de Jonathan: um engradado verde-oliva, mais ou menos do tamanho do baú que ele costumava levar para os acampamentos de escoteiro, dentro do qual se encontrava a ogiva nuclear.

Construído para acomodar jatos grandes, o Hangar 18 ficava isolado na extremidade do aeroporto. As palavras "East Pakistan Airways" corriam sobre os portões fechados. EPA. Mais uma das pistas que Jonathan havia encontrado durante a visita que fizera ao escritório do indiano. Não havia nenhum sinal de atividade dentro ou fora do galpão, mas assim que o Range Rover se aproximou um dos portões se abriu. Balfour nem sequer reduziu a velocidade para cruzar os trilhos de metal e subitamente a claridade da manhã deu lugar à penumbra. No lugar de aviões se viam apenas engradados: sucessivas montanhas de engradados verde-oliva, empilhados até o teto. Nas laterais, escritas em estêncil ora em inglês, ora em cirílico ou árabe, informações como: "Munição: 5.000 balas calibre .45. Granadas: Antipessoais. Fuzis: Kalashnikov AK-47." E também "Semtex", "C4", "Bofors" e "Glock". O lugar era uma espécie de Nações Unidas dos armamentos.

Balfour percorreu um sinuoso caminho através das pilhas. Um comitê de recepção esperava nos fundos. Jonathan contou 10 homens vestindo a tradicional *kameez* dos orientais e outro (um

sujeito mais velho, de aspecto sombrio) com os trajes negros de um imame. Atrás deles, diversos carros: uma picape Hilux, dois jipes, uma van.

O Range Rover parou e Singh empurrou Jonathan para fora do carro. Ao mesmo tempo, os seguranças de Balfour saltaram de seus respectivos veículos para formar um semicírculo. Não havia menos que 20 deles, todos usando o mesmo terno claro e empunhando Kalashnikovs idênticos. Singh rugiu uma ordem e dois dos homens descarregaram o engradado para depois colocá-lo sobre uma mesa grande.

Haq se aproximou de Jonathan e lhe passou uma toalha úmida.

– Limpe-se.

Jonathan limpou cautelosamente o olho ferido enquanto Haq dava tapinhas em seu ombro num gesto de vencedor para vencido. Jonathan afastou a mão dele.

– Pronto – disse, jogando a toalha de volta.

Haq caminhou até o homem de vestes pretas, beijou-o três vezes no rosto e, após uma breve conversa, apontou para Jonathan. O mais velho se aproximou.

– Você é o curandeiro que matou meu pai?

Jonathan não respondeu, constrangido com a verdade: não passara de um reles joguete que não sabia nada do que estava acontecendo, quando deveria ter sido um participante ativo. Seus dedos ansiavam por uma faca para cravar na garganta do homem.

– Meu nome é Massoud Haq. Sou o chefe do nosso clã e vou levá-lo conosco para nossa terra. Temos uma punição específica para os assassinos, que são enterrados até o pescoço para depois serem apedrejados até a morte pela família da vítima. No seu caso, a primeira pedra será lançada por mim, em nome de meu pai.

– Mal posso esperar – ironizou Jonathan.

– Nem eu.

Dois dos cientistas que Jonathan vira em Blenheim supervisionavam o trabalho dos homens que retiravam a ogiva da caixa. A arma não se parecia nem um pouco com a das fotos

mostradas por Connor. Era bem menor. Em vez de uma peça de artilharia, parecia uma versão aumentada de uma garrafa térmica de alumínio. Os cientistas desaparafusaram uma das extremidades e executaram uma série de testes para a avaliação dos irmãos Haq. O inglês era a *lingua franca* e Jonathan pôde ouvir palavras como “12 quilotons”, “indetectável”, “timer” e “código de detonação”. Lentamente, Sultan Haq digitou seis números num pequeno teclado. Os cientistas voltaram a fechar a bomba para depois alojá-la numa segunda caixa sobre a qual se lia: “Departamento de Defesa dos EUA”.

Massoud Haq fez uma ligação e passou uma série de instruções em pachtu. Jonathan conhecia a língua o suficiente para entender a menção a um banco e uma transferência de 10 milhões de dólares. Massoud Haq desligou e, logo em seguida, Balfour fez quatro ligações para seu próprio banco, passando um número de conta que Jonathan havia memorizado na véspera. O indiano abriu um sorriso largo e Jonathan concluiu que a transferência havia sido bem-sucedida.

Balfour se aproximou dele e estendeu a mão.

– Por acaso você não teria um bom cirurgião plástico pra me indicar? – disse, e riu abertamente, deixando à mostra os dentes perfeitos e muito brancos. Os olhos pareciam exultantes com o desenrolar dos fatos. Embora o cirurgião escolhido fosse na verdade um espião, nenhum mal havia resultado disso: ele ainda tinha pela frente uma confortabilíssima vida de aposentado e decerto encontraria outro médico capaz de lhe dar um novo rosto, uma nova identidade.

– Canalha – disse Jonathan, ignorando a mão estendida.

Balfour não fez mais que inclinar a cabeça e dar uma gargalhada ainda mais espalhafatosa.

Foi então que, após um repentino estrépito, o rosto de Massoud Haq se desmanchou numa gosma ensanguentada e o corpo desabou, mole como um boneco de pano.

Metralhadoras começaram a disparar de todos os lados. Ouviu-se uma terrível explosão e uma frota de Humvees irrompeu no hangar.

Balfour não sorria mais. Curvando-se, correu até uma pilha de caixas coberta por uma rede e caiu de encontro a elas.

Jonathan se jogou no chão e foi se arrastando até as caixas mais próximas em busca de proteção. Olhando para a esquerda, deparou com uma caixa marcada com a palavra "Semtex".

O fogo cruzado cederia lugar a uma violenta batalha. Os homens de Balfour, junto com Singh e Sultan Haq, haviam se agrupado nos fundos do hangar, protegendo-se atrás dos carros. No campo oposto, soldados armados até os dentes saíam de trás das caixas de armas e munição. Jonathan estava encurralado no meio do caminho.

Uma granada passou por cima dele e foi rolando na direção de Sultan Haq. Um dos seguranças de Balfour saltou sobre ela e, segundos depois, foi alçado pela explosão, quase inaudível em meio à cacofonia das metralhadoras. Outra granada foi lançada. Haq conseguiu pegá-la e a lançou de volta, mas não contra as tropas que o atacavam. Em vez disso, virou-se para as caixas atrás das quais Balfour se escondia e, habilmente, arremessou-a bem no centro da pilha. Em uma das caixas, Jonathan leu as palavras "Munição calibre .30". A granada ricocheteou uma vez e Balfour, espichando-se tanto quanto podia, apesar da falta de jeito, conseguiu pegá-la. Já ia se preparando para arremessá-la de volta quando a granada explodiu. O indiano desapareceu momentaneamente em meio às labaredas.

O fogo se dissipou e ele ainda estava de pé, o antebraço decepado, ossos e músculos à mostra, o rosto desfigurado pela explosão. Atordoado, virou-se e viu Jonathan olhando para ele. Arregalou o olho que ainda lhe restava, como se custasse a crer na reviravolta do destino. Outra granada aterrissou na pilha. Explodiu pouco depois e as balas calibre .30 começaram a espocar, crivando de estilhaços o corpo do indiano, arremessado no solo.

O hangar tremeu de repente. As luzes começaram a bruxulear.

A tropa de assalto já ia recuando quando Jonathan notou a bandeira americana costurada ao ombro de um dos homens. Só podia ter sido Connor quem os mandara para lá, mas como ele

poderia ter descoberto o local da transação quando nem mesmo Jonathan o conhecia com certeza?

A alguns metros de distância o fogo começou a se espalhar e, pouco depois, as chamas já roçavam as vigas do teto. Mais caixas de munição começaram a explodir. Balas zuniam acima de Jonathan. Metralhas cruzavam o hangar como moscas dentro de uma garrafa. Uma viga mestra ruiu e desabou sobre um soldado.

Desesperado para fugir, Jonathan ergueu a cabeça e espiou ao redor. A uns 10 metros, Haq carregava a ogiva para depositá-la na traseira de um jipe. Ficou de joelhos, mas caiu quando uma bala se alojou num dos engradados vizinhos, explodindo-o. Estatelado no chão, viu Haq fechar o porta-malas do veículo e correr para o banco do carona. Um homem se sentou ao volante, levou um tiro, caiu e foi substituído por outro.

– Peguem ele! – Jonathan agitava os braços e apontava para Haq, mas sua voz não passava de um sussurro em meio aos estrondos. Tomado pela fúria, ficou de pé e correu em direção ao jipe. Balas esfuziavam por toda parte. Uma delas raspou a parte superior de sua orelha, fazendo com que perdesse o equilíbrio e caísse no chão. Ele se reergueu. – Haq!

Um corpo o empurrou pelas costas e novamente ele foi ao chão, sem fôlego.

Singh se jogou sobre Jonathan, fincou uma pistola no queixo dele e puxou o gatilho, mas a arma falhou. Com uma joelhada na virilha do sique, Jonathan conseguiu se desvencilhar. Mal dera um passo quando foi agarrado pelo tornozelo e caiu. No lugar da pistola, Singh agora empunhava seu *kukri* de lâmina curva. Tentou cravá-lo na panturrilha de Jonathan, mas errou o alvo e o fincou no chão. Jonathan chutou-o no rosto, tirando seu turbante. Chutou novamente, quebrando-lhe o nariz. Um terceiro chute o acertou no queixo.

Com as tranças desgrenhadas grudadas no rosto e o nariz sangrando, o sique enfim conseguiu se defender. Ficou de pé e ergueu o facão para um golpe mortal. Jonathan levou o braço à cabeça num gesto instintivo de proteção que se revelou inútil, pois

a lâmina ficou onde estava. O peito de Singh convulsionou-se uma, duas, três vezes, gêiseres de sangue jorrando da *kameez*, até que ele desabou de lado e ficou no chão, sacudindo-se em espasmos.

Um soldado puxou Jonathan para trás de uma pilha de caixas e o ajudou a se sentar.

– Peguem ele! – disse Jonathan, desorientado, apontando para o jipe. – Peguem Haq! Ele está com a ogiva!

– Haq não vai a lugar nenhum – disse o soldado, berrando junto ao rosto dele. – Este lugar está completamente cercado.

Uma voz feminina. E conhecida.

– Emma?

O soldado tirou o gorro preto que cobria seu rosto.

– Você está bem? – perguntou.

Jonathan enfim olhou para ela. Olhos azuis, não verdes. Cabelos negros.

– Danni? Você aqui?

– Tentei alertar você ontem à noite.

Jonathan piscou, lembrando-se do ataque a Blenheim.

– Foi Connor quem mandou você?

– Não. Vim por conta própria. Hoje cedo fiquei sabendo que ele estava tentando falar comigo desde que você partiu. Connor me colocou em contato com o pessoal da Força Delta. Minhas ordens foram pra que eu ficasse de olho em você para que os americanos não o acertassem por acidente.

– Mas Haq... – disse Jonathan, procurando o jipe que não estava mais lá. Uma explosão monstruosa abalou os alicerces do hangar. Lâmpadas gigantes despencaram do teto. Uma segunda viga se partiu, desabando no chão.

– Precisamos sair daqui – disse Danni. – Antes que seja tarde demais.

Antes que Jonathan pudesse protestar, Danni o agarrou pelo colarinho e o pôs de pé. Juntos, saíram em disparada através do labirinto de engradados e caixas até que irromperam na luz do dia, tossindo e ofegando.

Um oficial americano quis conduzi-los até o caminhão de assistência ao lado do hangar, mas Jonathan ainda estava agitado demais para se preocupar consigo mesmo.

– Haq... – balbuciou, dobrando o tronco enquanto tentava limpar a garganta. – Vocês o pegaram? O jipe preto... ele está com ela... com a bomba.

– O senhor agora precisa de água e de cuidados médicos – disse o oficial. Ignorando a oferta, Jonathan se reergueu para confrontá-lo.

– Vocês o pegaram? – repetiu.

– Senhor, estamos no comando desta operação. O senhor agora precisa de assistência. Sargento! Leve este homem para o caminhão.

– Deixe que eu mesma levo – disse Danni.

– Vocês estão surdos! – berrou Jonathan. – Ele está com uma bomba nuclear! Eu vi! Ela estava no jipe!

– Tirem ele daqui! Já!

– Calma, Jonathan – disse Danni. – Há mais de 100 soldados aqui. O perímetro está cercado. Haq não vai a lugar nenhum.

Ela o conduziu até um ponto a cerca de 50 metros da pista, na lateral do hangar, onde dois Humvees e um caminhão de meia tonelada estavam estacionados. Um soldado paquistanês ofereceu-lhes água, chá e barras energéticas.

– Quem são essas pessoas? – perguntou Jonathan, os olhos grudados na porta do hangar. – De onde elas saíram?

– São soldados da Força Delta e do Exército paquistanês – respondeu Danni.

– Como eles sabiam pra onde ir?

– As informações que você mandou pro Connor. Ele entrou em contato com o Comando Central americano e eles acionaram a Força Delta.

– As informações que eu mandei?

– Os arquivos começaram a chegar logo depois do nosso falso ataque a Blenheim. Você foi esperto. Aproveitou a oportunidade pra

entrar no escritório de Balfour.

– Foi Connor quem lhe contou tudo isso?

– Ele disse que tinha recebido os arquivos. Falou que eram uma mina de ouro.

– Mas eu não...

Jonathan não completou a frase, momentaneamente confuso pela simultaneidade dos pensamentos. Ao mesmo tempo que relembrava os acontecimentos no escritório de Balfour, acompanhava, com medo e perplexidade, os soldados que corriam de cabeça baixa para fora do hangar, seguidos por um Humvee que dava ré em alta velocidade. No exato momento em que se lembrou de Emma mostrando o pen drive na palma da mão e concluiu que só poderia ter sido ela quem enviara as informações para Connor, ele avistou o oficial americano, que obstinadamente agitava os braços no ar, berrando:

– Afastem-se!

As palavras foram engolidas por uma súbita onda de fogo laranja, uma explosão tão forte que chegou a eclipsar o sol do meio-dia. Segundos antes de ser atropelado pela onda de choque, Jonathan viu o Humvee se empinar sobre duas rodas, como se tivesse ficado na ponta dos pés, e arremessar para o alto o soldado que o conduzia. Nesse instante pensou: “Então é assim que alguém vê uma bomba nuclear explodir a 200 metros de distância.”

Ele apertou os olhos e os abriu em seguida. Mal acreditando que ainda estivesse vivo, apoiou-se num dos cotovelos e ficou observando as grandes placas de alumínio corrugado que haviam sido arrancadas do telhado e agora, em meio a nuvens de fumaça negra, despencavam do céu para aterrissar nos escombros.

– Abaixem-se! – berrou Danni, puxando-o pelo cotovelo. – O hangar inteiro explodiu!

Jonathan não lhe deu ouvidos, pois havia notado algo mais. Algo além do fogo, dos escombros e do Humvee que alçara voo. Erguendo a cabeça, olhou para o outro lado da pista, apertando as pálpebras para enxergar melhor.

Lá, do outro lado das chamas e do tumulto, dois jipes se afastavam do hangar em alta velocidade. Um bólido emergiu dos escombros, cegando-o por um instante. Quando as chamas enfim se dissiparam, os jipes já haviam sumido no tráfego do aeroporto.

— **N**OSSA SENHORA!

Sentado na borda de sua mesa no centro de operações, boquiaberto, mas não se importando nem um pouco com isso, Frank Connor via o Hangar 18 se desintegrar bem diante de seus olhos. A tela piscou algumas vezes, depois escureceu e ele concluiu que havia perdido o sinal do aeroporto de Islamabad.

— Me coloque na linha com o comandante da operação – disse ao chefe de telecomunicações.

— O áudio está intacto, senhor. Perdemos apenas a imagem.

— Então dê um jeito nela.

A sala estava apinhada com o alto escalão da Divisão. As vitórias andavam raras nos últimos tempos e dificilmente qualquer um dos presentes, inclusive Connor, presenciaria outra de tamanha magnitude. Ele havia acompanhado a operação desde o início por meio de uma câmera afixada à proteção de ombro do comandante. Testemunhara a invasão do hangar, as mortes de Balfour e Massoud Haq, o fogo cruzado que viera a seguir. E agora se remoía de ansiedade enquanto esperava que os rapazes da Força Delta viessem à luz com o prêmio tão cobiçado.

— Então, conseguiram resgatar a mercadoria?

— Não, senhor. Não dá pra chegar nem perto do lugar. Do jeito que a munição está pipocando, até parece uma zona de guerra. Neste exato momento preciso cuidar dos meus homens. Dois estão gravemente feridos e um foi morto em ação.

A notícia foi um balde de água fria sobre os espectadores.

— Me mantenha informado – disse Connor.

O dia havia sido longo. Ao receber os arquivos de Balfour, ele imediatamente os submeteu a uma busca por palavras-chave; os resultados haviam produzido uma montanha de informações sobre

os diversos negócios do indiano, além de uma centena de artigos sobre mísseis guiados e o arsenal nuclear americano, mas quase nada a respeito dos detalhes da operação para resgatar a ogiva da montanha de Tirich Mir.

Após três horas peneirando os milhares de arquivos e mensagens, Connor encontrara um e-mail recuperado da lixeira de Balfour e endereçado a Massoud Haq, no qual eles combinavam o lugar e o horário para a entrega da bomba. Assim como em outras mensagens, não a mencionavam nominalmente, apenas faziam uma enigmática referência a certo "tapete" à venda. Esse e-mail, somado ao convite feito a uma equipe de físicos paquistaneses para ir até Blenheim e examinar "um objeto que demandava o conhecimento deles", foi tudo o que Connor conseguira para prosseguir. Infelizmente não havia nenhuma fotografia ou qualquer outra prova que atestasse a existência da ogiva.

Connor olhou para Peter Erskine a seu lado. Erskine cruzava os braços com uma expressão soturna, aparentemente mais velho do que sugeriam as feições juvenis.

– Está vendo, Pete? – disse Connor. – Conseguimos. Corremos o risco e fomos recompensados. Se tivéssemos passado a bola adiante, a essa altura aquela bomba já teria caído na Times Square e Nova York estaria ardendo em chamas.

– Concordo, Frank. Ao que parece, sua aposta deu bons frutos.

– Aposto porra nenhuma. Eu sabia o que estava fazendo. Corri um risco, sim, mas um risco calculado. Ninguém além de nós podia fazer alguma coisa.

– Se você diz...

– Sim, Peter, é o que eu digo. E digo mais.

Connor se levantou da mesa com um olho na tela. Sua vontade era confrontar Erskine ali mesmo e denunciar a traição dele na frente de todos os colegas, mas ainda não havia provas suficientes. A devassa realizada pela NSA nos registros telefônicos de Erskine não havia revelado nada mais interessante que o hábito de ligar para a mulher inúmeras vezes ao dia, inclusive durante a madrugada, fosse em casa ou no gabinete dela no Departamento

de Justiça. Nenhum número desconhecido. Nenhuma ligação internacional para indivíduos ou organizações suspeitos. Além disso, a FinCEN ainda não dera notícias, boas ou más, sobre a situação financeira dele. Por mais convicto que estivesse da deslealdade de seu vice-diretor, Connor nada podia fazer na ausência de provas que corroborassem suas acusações.

De repente formou-se uma confusão à porta do centro de operações. Connor viu Lorena, sua secretária executiva, falando com três homens desconhecidos e um quarto que ele conhecia muito bem: Thomas Sharp, assessor de segurança nacional e antigo vice-diretor da Divisão.

Quase atropelando a secretária, Sharp irrompeu na sala e, sob o olhar estupefato dos demais, disparou na direção de Connor.

– Desta vez você foi longe demais! – foi logo dizendo, alto o bastante para que todos ouvissem. – Fiquei pendurado no telefone com a CENTECOM durante uma hora. Eles queriam saber por que diabos eu não estava a par dessa operação. Por acaso você achou que eles não iriam me avisar?

– Pra dizer a verdade, Tom, eu não estava nem aí. Se precisasse da sua opinião, teria contado tudo pessoalmente.

Sharp, profissional como sempre, desconsiderou o insulto. Além de alto, elegante e muito esperto, era um burocrata experiente, sabia muito bem como rebater as provocações.

– Por sorte – disse com frieza, ou com a confiança dos vitoriosos –, o Sr. Erskine pensava de outra forma.

– O Sr. Erskine? – Connor lançou um olhar incrédulo para seu vice-diretor, que manteve o rosto baixo. – Peter ligou pra você?

Sharp deu um passo adiante, preparando-se para o bote.

– Você suspeitava que Ashok Balfour Armitraj estava prestes a vender uma arma nuclear. Um míssil *nosso*, ainda por cima! Mas achou por bem não me informar. Nem a mim nem a ninguém. O que foi? Perdeu o juízo?

– Não havia tempo pra formalidades. Não contei nada a você nem aos homens do Pentágono porque vocês botariam tudo a

perder.

– Quando você ficou sabendo dessa história?

– Faz alguns dias. Uma semana, no máximo.

– Pelo que o Sr. Erskine me contou, faz *duas* semanas.

– Duas semanas desde que começamos a investigar as pistas. Se você faz questão dos minutos e segundos, só tivemos a confirmação de que ele está mesmo com a bomba algumas horas atrás.

– Então você tem provas de que essa bomba existe? – perguntou Sharp.

– A prova está naquele hangar.

– Duas semanas. E para fazer o trabalho você despachou um amador que nem sequer foi autorizado pelas instâncias superiores de segurança.

– Foi esse amador quem nos passou a informação sobre o local da transação.

– Quem é esse Ransom, afinal?

– Um médico que já nos deu alguma ajuda no passado.

– Um médico? Bem, pelo menos alguma formação ele tem. Mesmo que ela nada tenha a ver com uma operação de inteligência. Onde ele está agora? Quero falar com ele.

– Não sei – disse Connor. – Ransom tentou falar comigo há algumas horas, mas a ligação caiu.

Sharp recuou, os braços plantados na cintura. Balançando a cabeça, disse:

– Pelo amor de Deus, Frank. Você não está apenas fora de si. Está fora do *planeta*! Nem sei por onde começar.

– Então não comece. – Connor virou o rosto com uma acintosa expressão de desdém. – Feche essa matraca e espere pra ver o que vai acontecer. Como o resto dos mortais.

Cinco minutos se passaram até que Connor voltasse a falar com o comandante.

– Já dá pra entrar agora?

– Impossível. O maldito hangar desabou. Lá dentro há munição suficiente pra uma divisão inteira dos fuzileiros. Parece uma

pipoqueira. Metralhas voando pra todo lado. Ninguém entra até a situação melhorar.

– E Sultan Haq?

– Senhor, ninguém saiu de lá, a não ser meus homens. Se Haq estava naquele hangar quando tudo aconteceu, ainda está lá.

Connor olhou para Sharp.

– A bomba está lá – disse. – Tivemos uma confirmação visual.

– Você viu com seus próprios olhos?

– Vimos a caixa onde ela estava acondicionada.

– A caixa – repetiu Sharp, cético.

– Sim. Você acha o quê? Que alguém carrega uma bomba no cinto como se fosse um BlackBerry?

– Para o seu próprio bem, Frank, espero que esteja certo. Mas, ao que parece, essa história ainda vai levar um bom tempo pra ser esclarecida. Até lá, você ficará afastado do seu posto. Esses homens são agentes federais. Estão aqui pra escoltá-lo de volta pra casa, onde ficará detido até segunda ordem.

Mal acreditando no que ouvira, Connor olhou para os dois homens plantados atrás de Sharp.

– Prisão domiciliar? Sob que acusação?

– Negligência profissional, pra início de conversa. Além disso, um homem chamado James Malloy foi encontrado morto ontem à noite. Pelo que sei, você foi falar com ele há alguns dias. Tenho certeza de que vamos encontrar muitas outras violações depois que você contar exatamente o que andou fazendo.

Connor apontou para a tela.

– Há uma arma de destruição em massa naquele hangar.

– Se ela estiver lá, vamos encontrá-la.

– Tenho uma agente no local. Danni Pine. Preciso falar com ela.

– Uma das nossas?

– Do Mossad.

– Outra irregularidade? Bom saber. Vamos falar com ela imediatamente.

Um dos federais se aproximou e Connor deu um passo atrás.

– Preciso saber se Ransom está bem. Temos de tirá-lo de lá.

– Pode deixar que darei o recado – disse Sharp. – Acabou, Frank. Você não tem mais nada pra fazer aqui. Adeus.

– Venha comigo, senhor – disse o agente, pegando Connor pelo braço. Resignado, Connor ergueu a cabeça e foi saindo da sala.

– Sinto muito – disse Peter Erskine. – Você não me deixou alternativa.

ARRASTANDO-SE NO CHÃO por uns 100 metros, Jonathan e Danni foram para o galpão de manutenção onde os soldados haviam se reunido antes do ataque.

O hangar ainda retumbava com morteiros, projéteis de artilharia, granadas e balas, a pista de aterrissagem sacudindo a cada explosão. Mas tudo o que Jonathan conseguia ver era a imagem dos jipes batendo em retirada. Aflito, ficou de pé e correu até o soldado mais próximo.

– Preciso falar com seu comandante – disse. – É uma emergência. É possível que eu tenha visto Haq fugindo.

Seu interlocutor era um soldado paquistanês ajoelhado no chão com uma das mãos no capacete.

– O major Nichols, é com ele que o senhor tem de falar – disse, olhando ao redor à procura do comandante, sem encontrá-lo. Então o chamou pelo rádio e transmitiu a informação de Jonathan. – O major está do outro lado do hangar, mas disse que vem pra cá imediatamente.

Em dois minutos um militar surgiu à esquerda, correndo com a cabeça baixa.

– Sou Nichols – disse o homem, praticamente um emblema da Força Delta: barba, óculos Oakley, o pescoço mais grosso que um tronco de carvalho. – Quem é você?

– Ransom. Trabalho para o governo. Eu estava com Balfour. Preste atenção: o homem que vocês estão procurando...

– Espere. – Nichols ergueu uma das mãos para que Jonathan se calasse. – Você é Jonathan Ransom? E a senhorita é Danni Pine?

Danni fez que sim com a cabeça.

– Vocês dois, venham comigo. Recebi ordens pra levá-los sob custódia.

– Custódia? – disse Danni, cautelosa. – Por quê?

O major tirou do bolso um bilhete amarfanhado e, lendo-o, disse:

– Pediram-me que os informasse que Frank Connor foi afastado do posto de diretor da Divisão. Até que ele seja devidamente interrogado e investigado, vocês dois ficarão em confinamento militar.

– Afastado? Por quê? – perguntou Jonathan.

– Senhor, isso é tudo o que sei. Agora vamos.

– Espere – disse Jonathan, sério, um homem inteligente e bem-intencionado falando com outro. – Tudo isso pode esperar. Segundos antes de o hangar explodir, vi dois jipes fugindo pelos fundos, na direção dos terminais de carga. Um deles parecia o jipe em que Haq estava guardando a ogiva.

Assim que ouviu a palavra “ogiva”, Nichols se enrijeceu.

– Você viu Haq com seus próprios olhos?

– Os jipes estavam longe demais – disse Jonathan. – Por quê? Vocês o encontraram lá dentro?

Nichols avaliou o rosto castigado de Jonathan, o corte sob o olho, o talho na orelha.

– Você é o maluco que vi lá dentro, correndo atrás de Haq?

– Sou eu mesmo.

Nichols guardou o bilhete no bolso. Pensou um pouco e disse:

– Não. Nem Haq nem a ogiva foram localizados. Não tivemos tempo suficiente, porque o lugar começou a espocar.

– O jipe saiu pelos fundos – disse Jonathan, as imagens do veículo agora mais claras em sua cabeça. Ele se lembrava de ter visto homens uniformizados no banco da frente, uma silhueta curvada no de trás: um homem embrulhado num cobertor. Fechou os olhos e, tal como Danni havia ensinado, procurou limpar a mente para ativar a memória. As imagens foram ficando mais detalhadas até que, num gesto brusco, ele voltou a abrir os olhos. – Era Haq. Era ele quem estava naquele carro. Conheci bem o homem. Estive com ele no Afeganistão. Haq está com a ogiva. Vi quando ele guardou a caixa no jipe, lá no hangar.

Nichols se aproximou.

– Você o viu guardando a ogiva no jipe? Sozinho?

– Balfour contratou dois físicos, que reduziram o tamanho da bomba. Ouvi um deles dizer que ela tinha 12 quilotons. A coisa em si parecia uma garrafa térmica aumentada.

– Seja como for, o lugar está cercado. Não há como Haq fugir.

– Vocês encontraram o corpo dele? – insistiu Jonathan.

– Já disse que não – respondeu Nichols, começando a se irritar. – Nas próximas 24 horas, ninguém vai entrar naquele hangar pra resgatar o corpo de quem quer que seja. Mas pode acreditar: só é possível sair de lá pelos portões principais.

– Quem disse isso? Os mesmos oficiais paquistaneses que estão levando Haq naquele jipe? Você não sabe o que dizem por aí sobre esses caras? “Nunca à venda, mas sempre pra aluguel.”

O major se irritou com o tom de Jonathan, mas era experiente o bastante para levar o argumento dele em consideração.

– Coronel Pasha – chamou pelo rádio pendurado à proteção de ombro. – Seu pessoal está de sentinela nos fundos do hangar, não está?

– Claro que sim – disse o paquistanês.

– E nenhum carro saiu de lá, saiu?

– Nenhum.

Nichols olhou para Jonathan e Danni.

– Tem certeza absoluta? – insistiu com o coronel. – Fui informado de que dois jipes saíram pelos fundos pouco antes da explosão, possivelmente Haq com a ogiva.

– Jipes? Não. Nenhum veículo saiu pelos fundos.

– Ele está mentindo – disse Jonathan.

– Calado! – disse Nichols. E para Pasha: – Nenhum veículo? Pensei ter visto um jipe escapando naquela direção.

– Os jipes que o senhor viu são nossos – disse Pasha.

– O cara está mentindo – disse Jonathan, invadindo o espaço do major. – Eu *vi* os carros saindo. Era Haq. Escondido debaixo de um cobertor. *Você não pode* acreditar nesse sujeito!

– Escute aqui, caubói – disse Nichols, fechando um punho na camisa de Jonathan. – Conheço esse coronel pelo avesso. Ele treinou comigo durante um ano e já salvou minha pele não sei quantas vezes. Se está dizendo que ninguém saiu pelos fundos, é porque ninguém saiu pelos fundos. Estamos entendidos?

– Não, não estamos entendidos – respondeu Jonathan, resolutivo.

– Estou dizendo que vi Haq naquele jipe. Você está disposto a correr o risco de deixá-lo fugir com uma arma de destruição em massa?

Remexendo no cinto de munição, Nichols encarou Jonathan e Danni e disse:

– Merda. É melhor que você esteja certo.

– Estou.

Só então ele largou a camisa de Jonathan.

– Vem comigo! – Nichols correu para um Humvee e sentou ao volante. – Você disse que ele foi para o leste?

– Na direção dos terminais de carga. Um jipe preto. Dois militares paquistaneses no banco da frente.

Jonathan e Danni entraram atrás e o major pisou fundo no acelerador, desenhando um amplo arco em torno do hangar em chamas enquanto falava ao rádio, convocando os subordinados para ajudar na busca.

– Sigam-me pra região leste do aeroporto. Terminais de carga. Fui informado de que um dos bandidos escapou pelos fundos com a mercadoria. Avise o general Zoy e diga a ele pra fechar o aeroporto.

– Ele nunca fará isso – foi a resposta.

– Diga que é uma ordem direta do Comando Central dos Estados Unidos.

– Um momento, chefe. O senhor não está se esquecendo de uma coisa? Este aqui é o país deles.

– Que se dane. Diga que tem um louco solto por aí com uma bomba nuclear debaixo do braço. Quero ver o que ele vai dizer.

Nichols olhou para o relógio, depois lançou na direção de Jonathan o olhar mais colérico que o médico já recebera.

– Faz 10 minutos que o filho da puta fugiu. Por que você não me procurou antes?

— **V**OCÊ ESTÁ ATRASADO — disse o piloto, puxando a porta para fechá-la. — Encontre um lugar pra se sentar e aperte o cinto. Daqui a pouco vamos decolar.

Sultan Haq foi entrando na cavernosa fuselagem, apertando as pálpebras na penumbra enquanto passava por jipes, veículos blindados e inúmeras caixas com equipamento militar. Os jipes pertenciam ao Exército americano, bem como os blindados e cada uma das caixas a bordo do Starlifter.

♦♦♦

Foi o maior êxodo de equipamento militar de toda a história.

Durante sete anos, os Estados Unidos haviam despachado seus filhos e filhas para o Iraque com a missão de libertar o povo das garras de um cruel ditador e plantar as sementes da democracia. Junto com as tropas, um fluxo constante de armas, equipamentos e munição havia desembarcado no país. Aviões chegavam diariamente às diversas bases militares. Starlifters C-141 trazendo tanques, peças de artilharia e Humvees blindados. Boeings C-19 recheados de caminhões pesados, unidades móveis de cozinha e coletes Kevlar. Enormes navios cargueiros também ancoravam nos portos do golfo Pérsico para entregar jipes, munição e uma infinidade de caixas com refeições prontas para consumo.

Mas a guerra já chegava ao fim e as tropas americanas começavam a se retirar do país, levando consigo todo o aparato de combate. Mais de 3 milhões de unidades de equipamento militar vinham sendo repatriadas ou encaminhadas para o Afeganistão, onde a guerra estava no auge. Tanques Abrams M1, veículos de infantaria Bradley, blindados Stryker, obuseiros — a lista não tinha fim. No entanto, a tarefa era grandiosa demais para ser realizada

apenas com as frotas das Forças Armadas e os oficiais de logística vinham sendo obrigados a buscar navios e aviões extras no setor privado. Uma das empresas contratadas era a East Pakistan Airways, de Ashok Balfour Armitraj.

Deixando o corpo desabar num assento improvisado mais ou menos no centro da fuselagem, Haq recostou a cabeça na antepara e respirou fundo. Suava copiosamente, suas mãos tremiam, ainda tomado pela adrenalina da fuga e de todo o terror que havia testemunhado. Com um gesto brusco e praguejando contra as roupas ocidentais, puxou a manga da camisa para ver as horas no relógio: faltavam poucos minutos para as sete. Instintivamente, apenas para se acalmar, tocou na caixa depositada sobre o assento de lona a seu lado. A decolagem estava prevista para as sete em ponto. Fretes militares não esperavam por passageiros ou cargas clandestinos.

Uma a uma, as turbinas Pratt & Whitney foram ligadas. O avião tremeu violentamente, depois arrancou. Taxiou por diversos minutos e Haq, aos poucos, foi se acalmando. Só então percebeu a dor na perna. Levantando a bainha da calça, viu o estilhaço cravado na panturrilha, o sapato coberto de sangue. Pensou no adorado irmão Massoud, inerte no chão daquele hangar, desfigurado pelos assassinos. E, com reverência bem menor, pensou também em Balfour, morto pela própria munição.

O avião parou de repente. O tempo foi passando e nada. Após cinco minutos, Haq procurou uma janela, mas a aeronave não fora planejada para transportar passageiros. Preocupado, levantou-se e foi até a cabine.

– O que está acontecendo?

O piloto parecia nervoso.

– Todas as decolagens foram suspensas. O Exército quer revistar todos os aviões.

– Por quê?

– Você é que pode dizer. – Levantando-se, o piloto emendou: – Vá para os fundos e se esconda num dos caminhões.

Haq escolheu um dos veículos e entrou. A demora o exasperava. Os minutos foram se passando até que completaram uma hora inteira. Por fim, ele sentiu o avião tremer ligeiramente e ouviu vozes na cabine. Agachado atrás de um banco, anteviu o momento em que alguém abriria a porta e apontaria uma lanterna para ele. Mas as vozes se calaram quase na mesma hora. Erguendo a cabeça, olhou pelo para-brisa e viu o piloto vindo sozinho a seu encontro.

Pulou do caminhão e foi logo perguntando:

– Então?

– Estamos num avião militar americano. Eles deram uma olhada rápida na carga e foram embora.

Haq respirou aliviado.

– Já podemos decolar?

– Assim que o aeroporto for reaberto. Somos os sétimos da fila.

– Quanto tempo de voo até a primeira escala?

– Sete horas.

Haq sentiu uma pontada na panturrilha.

– Traga um kit de primeiros socorros e um alicate.

– Depois da decolagem – disse o piloto e voltou para a cabine.

Minutos depois o avião se moveu. Fez algumas curvas, parou e as turbinas gigantescas começaram a rugir, fazendo tremer os jipes, os blindados e as caixas, levantando poeira por todo lado ao zunir pista afora. Por fim o nariz se ergueu, as rodas saíram do chão e a tremedeira parou.

De olhos fechados, Haq rezou. Rogou pela sabedoria do pai e a esperteza do irmão; pelo respeito do filho e a coragem da família. Assim que terminou, jurou a si mesmo que um dia conquistaria a admiração de todo o seu clã.

Uma canção brotou em sua cabeça. Uma música saltitante, alegre, demasiadamente presunçosa, carregada de um otimismo

ridículo, entoada por homens que envergavam as fardas de seu país com orgulho exagerado, zombando instintivamente de todas as culturas diferentes da sua. Homens de nariz pequeno e ignóbil que consideravam os estrangeiros inferiores por natureza e, de modo geral, dispensáveis. Homens que acreditavam ter o direito irrevogável de governar o mundo. Americanos.

A contragosto, Haq cantarolou alguns compassos. E viu seu ódio aumentar, se é que ainda havia em seu peito espaço para ódio maior. De repente se deu conta de que durante toda a vida se preparara para aquela viagem.

Rumo ao Ocidente.

À terra do sol poente.

A BUSCA FOI CANCELADA depois de duas horas.

Mais de 20 veículos e 100 homens fizeram uma varredura no aeroporto. Todas as partidas foram atrasadas enquanto eram checados os manifestos de carga e as listas de passageiros. Uma descrição de Haq foi enviada à polícia do aeroporto e distribuída para os oficiais de plantão. Todos os hangares foram inspecionados. Para todos os efeitos, Haq havia morrido e seu corpo era uma massa de ossos e cinzas soterrada por toneladas de alumínio corrugado. Junto com a bomba. Ambos seriam encontrados no devido tempo, conforme prometera o coronel Pasha. Enquanto isso, o hangar ainda em chamas foi oficialmente cercado. Os trabalhos preliminares de limpeza estavam previstos para as oito horas da manhã seguinte.

– É cedo demais pra desistir – disse Jonathan ao major Nichols, os dois e Danni já de volta ao local de onde haviam saído. – Haq pode ter embarcado num desses aviões. Precisamos evacuar todos eles.

– Impossível – disse Nichols. – Isso caberia às autoridades da aviação civil. O coronel Pasha está convicto de que ninguém escapou do hangar. Talvez ele esteja certo.

– Mas eu o vi – disse Jonathan.

– Olhe, muita coisa está acontecendo. Você está abalado, está sangrando. Talvez não tenha sido Haq quem você viu.

– Caramba, você não ouviu o que eu disse?

– Perfeitamente. Acontece que isto aqui não é o aeroporto de Los Angeles. Se Haq escapou, não pode ter ido longe. Não encontramos nenhuma pista dele ou do jipe. Essa pode não ter sido a busca dos seus sonhos, mas você vai ter de se contentar com ela.

– Haq está vivo, de posse de uma bomba nuclear e pretende usá-la. Não podemos parar por aqui. Deve haver mais alguma coisa que possamos fazer.

Nichols desceu do Humvee.

– Olhe, Ransom, não sei se você está certo ou errado, mas já fizemos tudo o que estava ao nosso alcance. Se você não está feliz, fale com os seus superiores em Langley, ou seja lá quem eles forem. Mas agora você vem comigo. Preciso entregá-lo às autoridades.

Jonathan também desceu e seguiu no encalço dele.

– Você é a única pessoa com quem eu posso...

– Chega – rugiu Nichols, virando-se para encará-lo. – Vocês dois não vão me causar nenhum problema, vão?

– Claro que não, major – interveio Danni, colocando-se entre os dois homens.

– Estamos gratos que o senhor nos tenha dado o benefício da dúvida. Sabemos que fez tudo o que pôde pra encontrar Haq. Foi um dia difícil.

– Muito difícil, Srta. Pine.

Danni abriu um sorriso apaziguador.

– Pra onde vão nos levar? – perguntou. – O senhor tem alguma ideia?

– Pra embaixada. Isto é um assunto das agências de inteligência. Vocês, espões, que se entendam.

UMA HORA DEPOIS, JONATHAN estava com Danni na traseira de um Humvee do Exército paquistanês, dois agentes da Força Delta no banco da frente, atravessando as ruas ensolaradas de Islamabad. Uma bandagem cobria sua orelha. Pomada de arnica havia sido aplicada em sua testa. Pontos fechavam o corte aberto pela faca de Hag.

– O que será que está acontecendo? – perguntou ele. – Connor foi “afastado do posto”. O que isso significa?

– Que os colegas dele descobriram o que ele vinha fazendo e não gostaram – respondeu Danni. – Frank nunca foi muito de rezar pela cartilha. E, ao que tudo indica, finalmente se deu mal.

– O timing não poderia ter sido pior.

– Esqueça Connor. Neste momento nossa prioridade é Haq. Temos de partir do princípio de que ele está vivo e à solta com uma bomba nuclear nas mãos. Nada mais importa.

Os dois estavam sentados em bancos opostos, próximos um do outro, falando a meia-voz. Não estavam algemados. Afinal, como Danni havia assegurado ao major Nichols, ali só havia profissionais.

– Haq cortou os cabelos – disse Jonathan. – A barba também e todas as unhas, menos uma. Está indo pra algum lugar com a intenção de se fazer passar por outra pessoa. Americano ou europeu.

– Um ocidental? É, pode ser. Você sabe mais alguma coisa sobre ele? Algo que possa nos dar uma pista das suas intenções?

– Ele passou um bom tempo em Guantánamo. Suponho que não tenha muita simpatia por médicos ou americanos. Ah, e adora cinema. Mas isso não ajuda muito, não é?

– É um começo. Como você disse, ele não cortou os cabelos à toa. Com certeza vai entregar a bomba em algum lugar onde

precisa passar despercebido e deve fazer isso imediatamente.

– Imediatamente? Quando?

– O mais provável é que entregue a bomba, ou a detone pessoalmente, nas próximas 24 horas.

– Eu vi a ogiva – disse Jonathan. – É relativamente pequena. Pode ser escondida em qualquer lugar. Pelo menos podemos contar ao pessoal da embaixada o que sabemos sobre ela. Deve haver alguma coisa que eles possam fazer.

– Que bomba? – disse Danni. – Além de nós, a única pessoa que sabe da existência dela é Frank Connor e ele agora é carta fora do baralho.

– O que você quer dizer? Que ninguém vai acreditar na gente?

– Você acreditaria? Quem é você, afinal? Um agente sem nenhum treinamento formal, nenhuma experiência, orientado por outro que acabou de cair em desgraça.

– Mas estou falando a verdade.

– Tudo bem. Pode até ser que você consiga convencer as pessoas que vão te interrogar em Washington. Elas não são burras. Vão escutar o que Connor tem a dizer, o que você tem a dizer, depois vão juntar uma coisa com a outra. Mas tudo isso deve levar no mínimo umas quatro semanas. Tarde demais, na minha modesta opinião.

– E você?

– O que tem eu? Não estou aqui em missão oficial. Meus chefes acham que estou de licença. Assim que ficarem sabendo da minha participação neste fiasco, acabou, vão me botar pra correr. – Danni sorriu com ironia. – Ou melhor... Como foi mesmo que Nichols falou sobre Connor? Vão me "afastar do posto". É exatamente isso. Me afastar do posto.

– Achei que não demitissem pessoas como você.

Danni refletiu por um instante.

– Tem razão. Não demitem, mesmo. Eles são cruéis demais pra isso. Em vez de me colocarem na rua, vão me transferir pra algum

fim de mundo na Cisjordânia. Seria mil vezes melhor se me demitissem.

Nesse momento, o Humvee passou por um buraco no asfalto e Jonathan foi ejetado do banco, precisando buscar apoio nos joelhos de Danni para não cair. Encarando-a e novamente se maravilhando com a profundidade daqueles olhos azuis, não conseguiu desviar o olhar. Manchas de fuligem riscavam o rosto dela; gotículas de suor brotavam acima dos lábios. Ela já havia tirado o colete à prova de balas e o cinto militar; com a túnica displicentemente desabotoada, os cabelos desalinhados sobre o rosto, nem de longe lembrava a exímia atiradora que havia cravado quatro balas no peito do Sr. Singh.

– Danni, por que você veio, afinal?

– Porque você não estava pronto. Porque era meu aluno e eu me sentia responsável por você. Porque não costumo despachar as pessoas de quem eu gosto para a morte certa.

– Obrigado.

Danni virou o rosto, constrangida.

– Vou falar com meu pessoal – disse. – Eles vão emitir um alerta tanto pra Interpol quanto pra Agência Internacional de Energia Atômica. Ambas têm medidas já institucionalizadas pra lidar com o tráfico de armas nucleares.

– O que vai acontecer?

– O nível de alerta será aumentado em todos os pontos de entrada na Europa e na América do Norte: aeroportos, portos marítimos, postos de controle nas fronteiras. Uma descrição de Haq também será divulgada.

– Acha que isso vai adiantar alguma coisa?

– Não. Mas é o melhor que podemos fazer até conseguirmos alguma informação concreta sobre o destino de Haq. – Subitamente, Danni empertigou o tronco e se recostou no banco. – Jonathan, preciso saber de uma coisa. Se não foi você quem enviou os dados do computador de Balfour, quem foi então?

– Emma.

Danni não conteve o susto.

– Ela estava lá?

Jonathan fez que sim com a cabeça.

– Tentou me convencer a desistir de tudo. Falou que podia me tirar de Blenheim hoje de manhã, com ela.

– Mas por quê? Ela sabia que você corria perigo?

– Achava que eu queria dar um passo maior que as pernas.

– O que ela estava fazendo por lá?

– Ensinando Balfour a viver uma vida nova sem chamar atenção. Acho que o estava ensinando a ser um espião.

Danni apertou as pálpebras, incomodada.

– Mas por que ela enviaria os dados pra Connor? Se estava ajudando Balfour a vender a bomba, por que colocaria a transação em risco? Suponho que estivesse sendo paga por seus serviços.

– Provavelmente.

– Ela também está ajudando Haq?

– Acho que não. Na verdade, fiquei com a impressão de que Balfour estava tentando mantê-los afastados um do outro. Ontem à noite, ele ofereceu um jantar formal pra todos os hóspedes: Haq, os dois físicos que reconfiguraram a bomba e eu. Emma não estava lá.

– Não estou gostando nada disso.

Jonathan suspirou.

– Você quer saber por que ela mandou os dados, então vou lhe dizer. Emma está armando alguma. Só não sei o quê.

– Então vamos nos concentrar no que você sabe – disse Danni. – O que encontrou no escritório de Balfour?

– Li muitos papéis dele. Números de telefone, números de contas bancárias, as anotações que ele fez num mata-borrão.

– Tipo o quê?

– Alguns nomes. Muita coisa em urdu ou dari, que não entendi. Assim que voltei pro quarto, anotei tudo que consegui lembrar.

– Você ainda tem essas anotações?

– Não. Levaram todos os meus pertences depois que Haq me reconheceu.

– Ainda se lembra de alguma coisa?

– De alguma coisa, sim. Mas não de tudo.

– Vai ter de servir.

Jonathan olhou através do para-brisa. Eles já haviam chegado ao distrito das embaixadas. Gramados amplos dividiam as duas pistas da avenida; muros altos protegiam belas mansões; seguranças montavam guarda em todos os portões.

– Que tal uma corridinha? – perguntou Danni.

– Corridinha? Você tem algum lugar pra onde ir?

– Talvez.

Jonathan apontou a cabeça para o banco da frente.

– Esses caras não são da Guarda Nacional. São da Força Delta. O que significa que são atiradores de elite.

– Eu sei – disse Danni, escorregando na direção da porta traseira. Contrariando todas as advertências do bom senso, Jonathan fez o mesmo.

– Como assim, “eu sei”? Se você sabe, por que acha que vai conseguir fugir?

Danni não respondeu. Nesse momento, o Humvee parou num sinal de trânsito. Sem hesitar, ela abriu a porta e saltou. Jonathan saltou em seguida e eles partiram em disparada.

– Ei, que diabos vocês estão... Parem! Os dois! Voltem aqui!

Jonathan ouviu os berros às suas costas, mas não ousou virar o rosto para olhar. Corria a meio passo de Danni, copiando uma a uma todas as guinadas dela, ambos abrindo caminho pelo tráfego do meio-dia como se estivessem atravessando um fumacento labirinto de carros, ônibus e bicicletas, atraindo o olhar curioso dos ambulantes. Pouco a pouco, o pisotear das botas que os perseguiam foi ficando mais distante, até que sumiu por completo.

No cruzamento seguinte, Danni dobrou à direita numa rua mais estreita, pavimentada apenas pela metade e margeada por um *nullah*, uma vala ampla e profunda para escoamento da água das

chuvas. Danni pulou para dentro dela e saiu do outro lado, deparando com uma mureta além da qual se estendia uma favela de barracos de zinco e abrigos improvisados. Saltando a mureta, gesticulou para que Jonathan se apressasse.

Ambos seguiram correndo pelas ruelas, zigzagueando em disparada, até que, a certa altura, Danni parou e se recostou em uma banca em que eram vendidas revistas europeias há muito tempo fora de circulação.

– Viu? – disse ela, espiando para se certificar de que ninguém os havia seguido. – Falei que eles não iam atirar.

Jonathan se curvou, completamente sem fôlego.

– Como é que você sabia?

– Estamos em Islamabad, capital do país. Se um soldado americano abrir fogo no meio da rua, metade da população vai partir pra cima dele, causando um grande escândalo diplomático em menos de uma hora. Oficialmente, os soldados americanos nem deviam estar em solo paquistanês. Naquele cerco que fizeram ao aeroporto... não havia nenhum americano por lá. Pra todos os efeitos, aquilo foi uma operação paquistanesa.

– Ligue pro Connor. Agora. Temos de contar a ele tudo o que aconteceu. Ele precisa saber que Haq está com a bomba.

Danni ficou em dúvida, mas acabou cedendo e fazendo a ligação, que caiu numa mensagem de correio de voz.

– Connor não atende.

Jonathan se reergueu e limpou o suor da testa.

– Você sabe onde estamos?

– Não faço a menor ideia – disse Danni. – Islamabad não é o meu destino favorito nas férias.

– Ótimo. Ainda por cima estamos perdidos.

Danni saiu andando com determinação.

– Mas sei pra onde ir.

A CASA PERTENCIA A UM RICO comerciante judeu de ascendência inglesa, cuja família vivera na Índia e, desde o fim da colonização britânica, no Paquistão. As glórias desbotadas de um império perdido decoravam todos os cantos da mansão colonial, desde o vestíbulo de mármore até o escritório com lambris de teca: presas de marfim esculpidas, requintadas chaleiras de cobre, uma réplica em miniatura do Zamzama, o canhão “cuspidor de fogo” celebrizado pelo *Kim* de Rudyard Kipling. Por causa de seu status na comunidade, o comerciante tinha acesso aos mais altos níveis do governo paquistanês, bem como aos segredos econômicos do Estado; tal como fizera o pai, costumava repassar à pátria de seus ancestrais as informações que julgava de maior interesse. O Mossad dispunha de uma palavra para homens como ele no mundo todo: *sayyan*. Amigo.

O comerciante, um baixinho de barba grisalha, conduziu Jonathan e Danni para seu escritório e, sem dizer nada, fechou a porta atrás de si.

Jonathan sentou-se à mesa dele com Danni a seu lado. Começou a trabalhar imediatamente, anotando as informações que havia colhido no escritório de Balfour. Alguns números vieram com facilidade; outros se revelaram irritantemente fugidios, escapando-lhe da memória como um sonho após o despertar. Não teve dificuldade para lembrar um grupo de sequências alfanuméricas de seis caracteres, que Danni reconheceu como códigos SWIFT para transferência de fundos entre bancos internacionais. Atrapalhou-se, no entanto, com as sequências maiores, que ambos descartaram como pouco confiáveis. Após 15 minutos, estava exausto.

– Isso é tudo – disse.

E, pela primeira vez, Danni não tentou pressioná-lo.

– É o bastante.

Além dos códigos SWIFT (que ela passou a limpo em outra folha e guardou no bolso da túnica), outras tantas anotações pareciam dignas de investigação. A primeira delas era um número de telefone com o código do Afeganistão e as iniciais M.H. ao lado.

– M.H. só pode ser Massoud Haq – disse Jonathan.

Danni concordou e disse que repassaria o número aos técnicos da “firma”, como ela costumava chamar o serviço secreto de seu país.

– Pode demorar, mas eles vão conseguir identificar os comparsas de Balfour a partir dos telefonemas que ele fez e recebeu.

– Quanto tempo? – perguntou Jonathan.

– Esse é sempre o problema – disse Danni, exasperada. – Mas, com alguma pressão, talvez possamos acelerar as coisas.

Jonathan apontou para as sequências de letras que ele lembrava ter visto sobre a mesa de Sultan Haq: “METRON”, “HAR” e “NEWH”.

– Isso lhe diz alguma coisa? – perguntou.

Danni as leu em voz alta.

– Parecem partes de palavras.

Jonathan tentou juntar sílabas para completá-las, mas não obteve resultado.

– Vamos em frente.

– Este também pode interessar – disse Danni, apontando para a linha em que Jonathan havia escrito “Pasha” e “PARDF”. – Pasha não era o nome do fidelíssimo amigo do nosso major americano?

– É um nome bastante comum.

– PARDF é Força Paquistanesa de Posicionamento Estratégico e Ataque Rápido – prosseguiu Danni. – Quantos Pashas você acha que eles têm? – Ela empurrou a cadeira para trás. – Pasha sempre esteve na folha de pagamento de Balfour. Estava no aeroporto para proteger Haq e garantir que a ogiva chegasse a seu destino final. Se Haq escapou pelos fundos, foi com a ajuda de Pasha.

Jonathan voltou sua atenção para o bloco.

– Esta sequência aqui, N14997. Sei o que é – disse. – Todo avião possui um número de registro, e todo país, um código. “G” para Inglaterra; “F” para França.

– E “N”?

– Estados Unidos.

– Você é piloto?

– Não. Mas, quando eu trabalhava nos Médicos Sem Fronteiras, Emma costumava despachar remédios de um país pra outro e, na papelada da alfândega, tínhamos de listar o código de registro das aeronaves que faziam o transporte.

– Entendi. Então deve haver algum órgão central que controla esses códigos.

– Certamente – disse Jonathan.

– Vou passar tudo isso pra firma. – Danni fez uma ligação para Israel e disparou uma série de instruções em hebraico.

Jonathan ouvia com paciência enquanto ela se justificava com os colegas em Herzliya. Sem entender uma só palavra, se viu novamente pensando em Emma.

Desde que ele chegara ao Paquistão, não houvera um momento sequer em que não tivesse sentido a mão invisível de Emma pairando acima dele e guiando os eventos para tirar vantagem deles. Estava convencido de que fora ela quem colocara o pen drive no computador de Balfour. Tendo trabalhado para Connor durante tantos anos, ela certamente sabia que a primeira providência dele seria acionar as forças de operações especiais baseadas no Paquistão. Mas que motivos teria para frustrar os planos de Balfour depois de ter arriscado a própria vida – e a vida de seu bebê (não, do bebê *deles!*) – para ajudar na consecução desses mesmos planos?

– Jonathan, acho que encontramos algo.

– O que foi?

– N14997 é um Starlifter C-141 registrado em nome da Blenheim Cargo Corporation de Miami, uma subsidiária da East Pakistan Airways, a companhia aérea de Balfour. Ao que parece, o avião foi alugado pelo Exército americano para transportar equipamento militar do Iraque para os Estados Unidos.

– Eles sabem onde está esse avião?

– Segundo o rastreador de voos, pousou em Islamabad hoje de manhã.

– Um avião de carga – disse Jonathan. – Faz sentido. Na última vez que vi Haq, ele estava indo na direção de um terminal de carga.

– Espere um pouco – disse Danni, retomando a conversa ao telefone, fazendo anotações freneticamente no bloco. – O.k., *shalom*. Obrigada.

– E aí?

De olhos arregalados, ela disse:

– O avião decolou às oito da noite.

Jonathan olhou para o relógio de parede: 10 horas.

– O piloto registrou o plano de voo?

– Sim – disse Danni, consternada demais para o gosto de Jonathan. – Está indo para a base aérea de Ramstein, na Alemanha.

– Esse é o destino final?

– Não. Ramstein é apenas uma escala de reabastecimento. O destino final é a base aérea de McGuire em Wrightstown, Nova Jersey. Sabe onde fica isso?

– Sei – disse Jonathan. – A pouco mais de uma hora de Nova York.

NEVAVA EM GEORGETOWN quando Jake, o Estripador se aproximou da casa de três andares e fachada de tijolos cinzentos na esquina das ruas 34 e Prospect.

Um Ford Grand Victoria estava estacionado bem diante dos degraus que conduziam à porta da frente. Vendo que o carro estava vazio, Taylor deduziu que os agentes federais estavam dentro da casa, vigiando seu prisioneiro. Outro Grand Vic esperava na esquina; no banco dianteiro, dois oficiais tomavam seu café da tarde. O patrulhamento ostensivo não os ajudava em nada, pensou Taylor. Acintosamente, respeitou a placa de PARE do cruzamento e aproveitou a oportunidade para espiar pela janela. Tal como dissera a mandante, de fato havia uma ruela nos fundos da casa e, visível por cima da cerca, um velho barracão de madeira.

“Há uma entrada nos fundos, através de um barracão no quintal dos vizinhos”, informara ela. “Dá para ver esse barracão na ruela que passa atrás da casa. O Sr. Connor é um sujeito ardiloso. Sempre usa essa entrada quando acha que está sendo vigiado.”

“Um sujeito ardiloso.” A mandante usava a mesma linguagem empolada dos almofadinhas com diploma universitário que ele havia conhecido no Iraque e no Afeganistão.

Mas como ela poderia saber da ruela e do barracão?, perguntou-se Taylor, admirando-a a contragosto. Provavelmente do mesmo jeito que ficara sabendo que Connor estava em prisão domiciliar e acabara de voltar de um interrogatório na sede do FBI. Ou do mesmo jeito que ficara sabendo da visita que ele fizera ao Sr. Malloy na NGA. A mandante tinha alguma fonte na Divisão. “Uma fonte muito bem posicionada.”

“Apague o Sr. Connor”, ordenara. “Mas não com o seu método de praxe. Tem de parecer natural. O que não deve ser difícil, pois ele

tem problemas cardíacos. Mas tome cuidado. Connor é um animal acuado, e os animais acuados podem ser perigosos.”

Além disso, o infeliz tinha quase 60 anos e uma pança do tamanho de um saco de batatas. Frank Connor era uma presa fácil.

O Estripador virou à esquerda na rua 33, depois novamente à esquerda na rua P e, sem nenhuma pressa, circulou um pouco até encontrar uma vaga a duas quadras da casa de Connor. Tirou do porta-luvas uma flanela de camurça, amassou-a numa bolota e guardou-a no bolso. Só por precaução, também guardou sua lâmina de cortar carpetes.

Ao sair do carro, baixou o boné de marinheiro até cobrir boa parte da testa e afundou as mãos nos bolsos do jaquetão. Seguindo pela calçada de tijolos, podia ser confundido com um universitário a caminho do campus da Universidade Georgetown, não muito longe dali. Assim que dobrou à direita na rua N, avistou a casa dos vizinhos de Connor. Caminhou até ela, atravessou o portão lateral e foi para o barracão nos fundos do quintal.

Embora fosse contíguo à cerca e desse a impressão de que pertencia à casa dos vizinhos, o tal barracão na verdade dava acesso a uma passagem subterrânea para a casa de Connor. Taylor arrombou a porta e entrou. Ao acender a lanterna, deparou com uma escada antiga e íngreme, de degraus de pedra, que descia por um túnel baixo e úmido; a atmosfera cheirava às águas do rio Potomac, que corria pouco mais de 50 metros ao sul. Uma porta bloqueava o caminho na outra extremidade do túnel.

“Não se preocupe com alarmes”, dissera a mandante. “Apenas Connor sabe da existência desse túnel.”

Com muita paciência, Taylor conseguiu arrombar a fechadura de trava dupla. Girou a maçaneta silenciosamente, abriu a porta e passou para o outro lado, onde o piso era de tábuas corridas. Só então retirou do bolso a lâmina triangular de cortar carpetes. Não estava desobedecendo às ordens. Até onde sabia, suicídio também era uma modalidade de morte natural. Agentes em apuros se matavam o tempo todo.

De degrau em degrau, foi subindo para o terceiro andar, o coração acelerando à medida que se aproximava da presa.

Jake, o Estripador não se cansava de admirar a quantidade de sangue que jorrava de um pulso cortado da maneira certa: verticalmente, num talho comprido e profundo; nunca horizontalmente.

COMO UM LEÃO ENJAULADO, Frank Connor andava de um lado para outro em seu escritório secreto. Seu celular havia sido confiscado; o número fixo, bloqueado. Da mesma forma, os técnicos haviam desabilitado todo o acesso à internet, inclusive às redes wireless. Até a TV a cabo havia sido cortada. O isolamento era completo. Pouca diferença faria se ele já estivesse na prisão.

Servindo-se de um copo de uísque, ele despiu o paletó e afrouxou a gravata. O interrogatório preliminar realizado pelo FBI tinha sido breve e direto. Ele havia decidido contar toda a verdade. Um a um, revelara todos os passos da operação. O atentado não autorizado contra a vida do príncipe Rashid havia sido a primeira queda em seu calvário; outras tantas viriam depois. Mentir teria sido inútil. Erskine daria sua própria versão dos fatos, se é que já não o fizera. Todos os passos de Connor nos últimos seis meses seriam minuciosamente averiguados: cada telefonema, cada e-mail, cada reunião. Sua única esperança era que a ogiva fosse encontrada no hangar. Na melhor das hipóteses ele seria exonerado; na pior, punido. Frank Connor era macaco velho. Sabia onde estava pisando.

Deslocando uma das tábuas do piso, abriu o cofre secreto onde guardava um estoque de BlackBerries novos. Os terroristas não eram os únicos que não queriam ter suas chamadas bisbilhotadas pelo governo. Pegou um dos aparelhos e ligou para sua assistente, Lorena.

- Então, já encontraram a ogiva?
- Não faço ideia – disse ela. – O Sr. Sharp me expulsou da sala logo depois que você saiu.
- Alguma notícia de Ransom e Danni?
- Não sei, Frank.
- E Haq?

Lorena começou a chorar.

– Sinto muito – disse. – Não consegui descobrir nada.

Connor desligou, foi em direção à porta que dava para o quarto e espiou pela fresta. Aliviado ao ver que nenhum dos agentes federais estava por perto, ligou para seu amigo na Rede de Fiscalização de Crimes Financeiros.

– Encontrou alguma coisa? – sussurrou.

– Pra falar a verdade, sim.

Connor ficou mais animado.

– Diga.

– Investiguei Erskine. A ficha dele está limpa.

– Mas você não acabou de dizer que encontrou alguma coisa?

– Guarda essa piroca, Frank, porque isso é só o começo. No nosso trabalho, temos o hábito de investigar não só o suspeito principal, como também as pessoas mais próximas a ele. Pois bem. Erskine tem um crédito rotativo vinculado à conta-corrente. Até aí, tudo bem, eu também tenho um. Acontece que ele só faz saques dessa linha de crédito, nunca amortiza nada.

– Faz sentido – observou Connor.

– Mas o interessante é o seguinte: há uma segunda conta vinculada ao crédito rotativo. Da mulher de Erskine. É ela quem faz as amortizações ocasionais, mantendo a dívida num patamar razoável.

– Conheço a mulher de Erskine. Faz seis meses que eles se casaram. É uma moça adorável. Lina.

– Lina Zayed Erskine.

Connor perdeu o chão. Sentiu uma dor lancinante irradiar do peito para o resto do corpo.

– Continue.

– O estranho é que ela deposita 20, 30, 40 mil por vez.

– Muita grana pra uma advogada do Departamento de Justiça.

– Piso salarial GS-12. Renda anual bruta de 74.872 dólares. Fiquei com a pulga atrás da orelha, claro, então decidi ir mais fundo e

tentar descobrir de onde saiu tanta grana, já que não foi do Tio Sam.

– E então?

– O dinheiro foi transferido pra conta dela de um banco sediado nas ilhas Cayman, um banco que nós, aqui da FinCEN, conhecemos bem. Volta e meia ele aparece vinculado a um dos nossos alvos mais barras-pesadas: traficantes de drogas, de armas, às vezes até um dos nossos amigos do islã, se é que você me entende. Como era de se esperar, essa conta de Cayman é numerada. Nenhum nome, nada. Sabendo que o assunto era importante, liguei pessoalmente pra um dos diretores do banco, que não ficou nem um pouco feliz em falar comigo. Quase teve uma síncope quando mencionei a tal conta. “Um dos meus melhores clientes, um homem de reputação ilibada, um filantropo”, disse. Parecia estar falando do Todo-Poderoso em pessoa. Pra terminar, o babaca ainda disse que, se eu tivesse juízo, jamais mencionaria essa conta outra vez. E fim de papo.

– Parecia estar falando de Pablo Escobar, não do Todo-Poderoso.

– Exato. A primeira coisa que fiz depois de desligar foi jogar o número dessa conta no nosso sistema de rastreamento.

– Algum resultado?

– Mais de 10, logo na primeira rodada. Todos vinculados a alguns dos tipos mais escabrosos da nossa lista.

– Está bem. Pra seu governo, ainda estou com a piroca na mão. Dura feito pedra. Então diga logo: de quem é essa conta, afinal?

– Não dá pra afirmar com toda a certeza, mas há um nome que aparece a toda hora.

– Quem?

Connor ouviu o nome, sentiu o peito se contrair e de repente ficou sem ar.

– Frank... você está aí?

– Estou – disse ele, finalmente inflando os pulmões. – Mande tudo isso pro meu BlackBerry. Número novo. Anota aí.

Alguém bateu à porta. Connor desligou às pressas, guardou o telefone no bolso e voltou ao quarto. Destrancou a porta e um dos agentes federais espiou através da fresta.

– O senhor gostaria de comer alguma coisa antes de dormir? Sei que a comida do FBI não é das melhores.

– Talvez um sanduíche de atum e um pouco de café – disse Connor.

– Pois não.

Voltou a trancar a porta. Correu novamente ao cofre e de lá retirou 50 mil dólares divididos em maços de notas de 100, além de dois passaportes americanos com os nomes de Donald Maynard e John Riggins, uma singela homenagem aos veteranos dos Jets, para os quais ele torcia desde jovem; Emerson Boozer, no entanto, teria sido um pouco demais. Por fim, enfiou o braço no cofre para pegar uma caixa de carvalho envernizada que se encontrava mais ao fundo. Abriu-a e dela retirou uma pistola semiautomática de aço inoxidável, uma bela Ruger .380. Sempre ficava nervoso ao se ver diante de uma arma. Precisou driblar a falta de jeito para inserir o pente de balas.

Satisfeito ao ver que tinha tudo de que precisaria caso fosse obrigado a se tornar um fugitivo permanente, fechou o cofre, apagou a luz e atravessou o quarto para buscar as luvas e o sobretudo.

Foi então que sentiu nos tornozelos o roçar de uma brisa gelada que fez doer sua perna doente. Virando o rosto, deparou com um homem uns 3 metros à sua frente: um sujeito esguio e moreno, de jaquetão e boné de marinheiro, empunhando uma enorme lâmina de cortar carpetes, aparentemente muito afiada.

– Olá, Frankie.

Connor imediatamente se lembrou da imagem ensanguentada de Jim Malloy e sua esposa. Apesar do pânico, reagiu como havia aprendido. Tirou do bolso a Ruger compacta, destravou o pino de segurança com o polegar e ergueu a arma. Mas de um segundo a outro perdeu o foco da visão. Percebeu que o braço tremia à

medida que a dor no peito piorava. Tentou puxar o gatilho, mas a mão não obedeceu.

E não pôde fazer mais nada, pois a essa altura o homem já havia arremetido para desarmá-lo com um golpe certo no braço.

– Estamos sozinhos aqui, Frankie. A brincadeira já pode começar – disse, o rosto a poucos centímetros de distância. Em seguida agarrou o braço de Connor e o puxou com força, rasgando a manga da camisa. – Mole como o de um bebê. Acho que não vamos ter nenhum problema.

Connor tentou dizer algo, mas não encontrou fôlego. Tinha a impressão de que o corpo inteiro estava sendo espremido por um torno.

– Não vai doer nada – disse o invasor, encostando a lâmina no pulso dele. Nesse mesmo instante ouviu-se um ruído estranho, como se alguém tivesse cuspido. Algo perfurou o ombro de Connor e o homem parou o que estava fazendo. Arregalou os olhos e disse:

– Que diabos...?

Quando olhou para o ombro, Connor viu que estava sangrando; de algum modo, ele havia levado um tiro. Viu também o fiapo de sangue que escorria da boca de seu agressor, que caiu no chão, inerte.

Emma Ransom estava no topo da escada secreta, empunhando uma arma com silenciador.

– Como vai, Frank? – cumprimentou ela. – Quantas vezes falei pra você colocar uma tranca decente naquele barracão?

— NÃO TRAI VOCÊ — disse Connor.

— Agora eu sei — retrucou Emma, adiantando-se para apoiá-lo. — Sente-se. Respire fundo.

Connor desabou em uma cadeira.

— Como soube de tudo? — perguntou.

— Tenho andado muito ocupada. Todos aqueles truques que você me ensinou foram de grande proveito.

— O que está acontecendo? Encontraram a bomba? Haq estava naquele maldito hangar? Jonathan está vivo? Ninguém me disse droga nenhuma.

Emma desabotoou a camisa dele e examinou a ferida.

— Sim, Jonathan está vivo. Neste exato momento, está num avião com destino a Nova York.

— E a bomba? E Haq?

Emma ergueu os olhos e, no instante seguinte, baixou-os novamente para o ombro de Connor.

— Sinto muito, Frank. Eu não tinha nenhuma bala subsônica. Em outras circunstâncias, teria mirado na cabeça, mas não podia correr o risco de errar. Uma das balas passou direto pelo miserável. — Emma retirou uma carteira do bolso traseiro do cadáver. — Jacob Taylor — disse, lendo a carteira de motorista. — Conhece?

Connor disse que não, mas que sabia quem estava por trás de tudo aquilo. Emma encontrou o celular do assassino e examinou os números das ligações recentes.

— Tem razão — disse. — Mais uma prova de que não podemos confiar nessa raça de advogados. — Em seguida digitou uma mensagem curta e enviou.

— O que você fez? — perguntou Connor.

– Disse à vadia que você está morto. Agora fique onde está. – Emma foi até o banheiro e voltou com toalhas de rosto. Dobrou uma delas, pressionou-a contra a ferida no ombro de Connor e disse: – Você não devia ter usado o Jonathan.

– Ele era a melhor opção.

– Mesmo assim.

– Jonathan fez um belo trabalho.

– Como sempre.

Connor tentou erguer o tronco, mas foi vencido pela dor.

– Por que você está aqui? – quis saber.

Emma se sentou e o encarou. Ainda estava corada por causa do frio e dos ventos fortes da escalada; os olhos brilhavam como se refletissem uma estranha luz esverdeada.

– Uma espécie de seguro – respondeu com firmeza.

– Como assim, seguro?

– Você vai entender.

– Você acha que salvando minha vida vai poder voltar?

Emma fez que não com a cabeça, sorrindo de um jeito sério.

– Não tem nada a ver com o trabalho. Você sabe tão bem quanto eu que não pretendo voltar. Salvei sua vida porque gosto de você.

– Posso dar um jeito na situação.

– Dessa vez não pode, não. Além disso, não quero voltar. Preciso parar enquanto parte da minha alma ainda está viva. – Ela se levantou e entregou a Connor uma toalha limpa. – Acho melhor você ir para um hospital. Não sei onde aquela bala foi parar e desconfio que você tenha tido um infarto.

Connor concatenou mentalmente os fatos e o terror lhe desfigurou o rosto. Se Emma estava ali, só podia ser por um motivo.

– Haq – disse ele. – Santo Deus... Você não vai deixar que ele siga em frente, vai?

Emma se inclinou para beijá-lo no rosto.

– Vou ser sempre sua garota, Frank.

– Eu sei – retrucou ele. – É disso que tenho medo.

Emma foi para a escada secreta.

– Agora preciso ir, se você não se importar.

Connor assentiu com a cabeça. Cogitou dizer alguma coisa como “Boa sorte”, “Deus te proteja” ou um simples “Obrigado”, mas sabia que algo havia mudado. Emma não era mais um prêmio a ser disputado, uma agente cobiçada por ambas as partes. Havia quebrado regras demais para ser admitida de volta. Sabia disso e, a julgar por seu comportamento recente, não se importava nem um pouco. Dali em diante, Emma Ransom era dona do próprio nariz.

Uma ovelha desgarrada.

E isso, percebeu Connor com um frio na espinha, a tornava mais perigosa do que nunca.

A INFORMAÇÃO FOI PASSADA ao adido da Força Aérea na embaixada dos Estados Unidos em Jerusalém, vinda de um departamento pequeno, porém muito respeitado, do Mossad. Uma agente tinha conhecimento de que certo terrorista, alvo de uma operação secreta em curso iniciada pelo Departamento de Defesa americano, havia embarcado numa aeronave do Comando de Equipamento Militar do Exército dos Estados Unidos com destino à base aérea de Ramstein, na Alemanha. Registro: N14997. O tal terrorista estava de posse de uma ogiva nuclear de pequeno alcance. Medidas precisavam ser tomadas imediatamente.

De Jerusalém, a informação foi encaminhada para o comandante da Força Aérea dos Estados Unidos na Europa e, de lá, para o serviço de inteligência da Força Aérea em Washington, para a CIA, para a divisão de Energia Nuclear do Departamento de Energia e para a Agência Internacional de Energia Atômica em Viena. Quatro horas se passaram até que ela enfim chegou ao comandante da base aérea de Ramstein. Por pouco não foi tarde demais.

Dez veículos cercaram o Starlifter C-141 na cabeceira da pista 29 quando ele já se preparava para decolar. A aeronave com cauda de condor freou violentamente, fazendo sair fumaça dos pneus. Os policiais militares se espalharam pela pista com fuzis erguidos, prontos para atirar ao menor sinal de reação. Uma escada móvel foi encaixada na fuselagem. A porta dianteira se abriu e os policiais entraram.

Sultan Haq acompanhava todo o espetáculo a bordo de um jatinho parado a uma boa distância da pista. Refestelado na poltrona de plush, deu um gole na Coca-Cola gelada e ingeriu mais um comprimido de analgésico.

– Como está a ferida? – perguntou o homem bem-apegoado e elegante que ocupava a poltrona à sua frente.

– Já vi piores – disse Haq. – Não vai me afetar.

– Fico feliz em saber – disse o príncipe Rashid. – Suponho que nossa decolagem ainda vá demorar. Procure descansar. O dia de amanhã promete ser bastante agitado.

O VOO 333 DA PAKISTAN INTERNATIONAL AIRLINES, com origem em Islamabad, escala em Karachi e destino a Nova York, cruzava os céus à velocidade de 590 nós e a 39 mil pés de altitude, sobrevoando as planícies nevadas da Europa central. A chegada estava prevista para as sete da manhã, horário local, 15 minutos antes da previsão original. Nevava em Nova York, onde a temperatura era de 1 grau negativo.

Sentado na fileira 22, Jonathan relaxava tomando um refrigerante. A PIA era uma companhia muçulmana; nenhum tipo de álcool era servido a bordo.

– Pra onde você acha que ele estava indo? – perguntou a Danni, a cabeça recostada na poltrona

– Haq? Pra Nova York, claro. O objetivo de todos agora é ofuscar o 11 de Setembro. Ele não lhe deu nenhuma pista sobre o alvo?

– Não, nenhuma. – Jonathan tomou um gole do refrigerante quente. Do mesmo modo que não havia álcool, também não havia gelo. – Quem você acha que assumirá o comando da operação?

– Suponho que sejam os militares. Afinal, foi uma bomba americana que ele roubou. Espero que o crápula seja colocado num buraco negro e que apodreça lá dentro.

– Amém – disse Jonathan, um tanto assustado com a própria convicção. – Durante toda a minha vida procurei ficar fora da política. Meu pai era auditor do Congresso; seu trabalho era investigar quanto os caras de Washington realmente estavam gastando. Vivia reclamando do governo, mas não fazia nada a respeito. Só choramingava. Falava que, a rigor, não era possível fazer nada pra mudar as coisas em Washington. Optei pela medicina justamente por isso. Queria trabalhar numa área em que de fato pudesse fazer diferença. Por muito tempo fui feliz como médico. Me sentia importante. Mas agora, trabalhando com você,

com Connor, penso de outra forma. Fico achando que antes não fiz mais do que fugir das minhas responsabilidades. – Jonathan franziu a testa, pensando na catástrofe da qual o mundo havia sido poupado. – Dá medo só de pensar no que um homem determinado é capaz de fazer.

Danni balançou a cabeça, concordando.

– Não conheço Haq nem sua política. No entanto, não o culpo por odiar o Ocidente. Aquele é o país dele. Quer vocês fora de lá. Assim como os palestinos nos querem fora da terra deles. Depois de um tempo, você passa a enxergar os dois lados da história.

– Mas isso não justifica o uso de uma bomba nuclear – protestou Jonathan. Danni deu um sorriso estranho.

– Nossa, você está sendo muito político.

– Mudei. Ou pelo menos o mundo mudou.

Jonathan olhou na direção da cabine e viu o capitão se aproximando pelo corredor. Ele andava com determinação, os olhos nos números das fileiras, e parou ao lado de Jonathan.

– Srta. Pine? – perguntou, ajoelhando-se e falando num tom baixo, confidencial. Danni voltou o encosto para a posição vertical.

– Sim.

– Pediram-me que passasse uma mensagem para a senhorita. – O piloto olhou para Jonathan e, depois, de volta para ela. – A senhorita prefere me acompanhar até o fundo da aeronave?

– Não. Pode falar.

O piloto se inclinou mais.

– A mensagem é do coronel Yaz, do diretório de serviços de inteligência do meu país. Pediu que lhe dissesse primeiro que ele é amigo de Benny.

Danni assentiu, sinalizando que havia entendido.

– Disse que parece ter havido uma falha na comunicação. O sujeito que a senhorita pretendia encontrar na Alemanha não estava a bordo. Nem sua bagagem. Perguntou se a senhorita tem alguma ideia do lugar para onde seu amigo estaria indo e, se tiver, se pode me dizer, para que eu possa repassar a ele.

Jonathan olhou para Danni; todos os seus músculos estavam tensos.

– Meu Deus – disse. – Não é possível.

O GULFSTREAM G-V POUSOU às seis e meia da manhã no aeroporto do condado de Westchester, a 50 quilômetros de Manhattan. Não foi preciso passar por nenhum controle de imigração. O piloto havia desligado o transponder logo depois da decolagem e, já perto da torre, ligara outro para se identificar como um jato particular vindo de Boston, Massachusetts. O controlador de tráfego ficara curioso com a súbita notificação em seu radar, mas não o bastante para causar problemas: tratava-se de um piloto amador invadindo o espaço aéreo reservado às linhas comerciais. Portanto, a permissão para aterrissagem foi dada sem mais perguntas.

A limusine Maybach do príncipe Rashid esperava na pista. Sultan Haq entrou no banco de trás, apertando contra o peito a sacola de couro que era sua única bagagem. Rashid sentou-se ao lado dele.

- O trem está pronto? – perguntou ao motorista.
- Sim, senhor. Na Estação Norte de White Plains.

Eles percorreram os 8 quilômetros que separavam o aeroporto do amplo parque ferroviário de White Plains. Lá, o trem de Rashid ocupava um ramal remoto, perdido entre os diversos comboios que esperavam por manutenção. Compunha-se de quatro carros: uma locomotiva seguida dos vagões de carga, cozinha e passageiros. Eram carros indistintos, prateados com listras vermelhas e azuis logo abaixo do teto, mas um exame mais atento permitia ver as palavras “SAR Príncipe Rashid al-Zayed” escritas em dourado sobre uma das listras azuis.

Um comissário os recebeu a bordo. O interior do vagão de passageiros não tinha nada de comum. No lugar de bancos de falso couro rasgado e piso de linóleo grudento viam-se sofás de camurça, bancos elegantes, mesinhas de centro e carpetes de lã. Haq se acomodou numa enorme poltrona reclinável com sua sacola de

couro sobre as pernas. Dois homens parrudos e muito bem vestidos estavam sentados mais no fundo: a guarda pretoriana de Rashid.

O trem começou a se mover e o comissário voltou com uma bandeja de ovos fumegantes, croissants, geleias e frutas. Rashid serviu duas taças de suco e passou uma delas a Haq.

– A nós! – brindou. – Ainda seremos mais famosos que o próprio Maomé.

Sultan Haq ergueu sua taça e tomou o suco.

Jamais fizera um brinde com tanta satisfação.

JONATHAN FOI CAMINHANDO apressadamente pelo tubo que conduzia ao terminal do aeroporto internacional de Nova York. Sentia-se aliviado por estar pisando em terra firme outra vez. Por pouco não enlouquecera com a lentidão das últimas horas de voo. Tivera tempo de sobra para pensar que passos deveria dar para encontrar Sultan Haq, mas não encontrara nenhuma resposta. Estava viajando com um passaporte falso. Era procurado pelo serviço secreto para ser interrogado. Não poderia simplesmente chamar um policial e dizer: "Olha, sou agente da Divisão e acredito que alguém está tentando entrar no país com uma bomba nuclear." Sem o endosso de Frank Connor, o mais provável era que ele fosse imediatamente detido.

Danni caminhava a seu lado com o celular na mão, checando o correio de voz. A certa altura, puxou Jonathan pelo cotovelo e sinalizou para que ele esperasse enquanto ela ouvia uma mensagem. Pouco depois, com os olhos e os ombros tensos, passou o aparelho a Jonathan e disse:

- Escute isto aqui. É Frank.
- Connor? O que ele disse?
- Ouça você mesmo.

Jonathan levou o aparelho ao ouvido. "Olá, Danni. Você sabe quem é."

Connor falava com voz fraca e irregular. Claramente estava sentindo dor. "Haq fugiu. Está aqui, nos Estados Unidos. Ou então deve estar chegando. O mais provável é que entre em ação na Costa Leste. Washington ou Nova York. Rashid o está ajudando. Não sei como nem por quê, sei apenas que Haq está a caminho. Falei com Benny. Ele está armando alguma coisa. É tudo o que sei até agora. Tenho alguns probleminhas pra resolver. Ah, e tomem

cuidado, vocês dois. Emma está no país e também está atrás de Haq.”

– Quem é Benny? – perguntou Jonathan ao fim da mensagem.

– Benny é o meu Frank.

Chegando à extremidade do longo corredor, desceram um lance de escada, onde uma placa na parede dizia “Bem-vindo aos Estados Unidos”. Continuaram por um segundo corredor, dobraram à esquerda para os guichês da imigração e entraram numa das filas reservadas aos estrangeiros, que avançava devagar.

– Dr. Ransom? Com licença, meu nome é Bob. Trabalho para o Departamento de Segurança Interna. O senhor poderia vir comigo?

Bob, já meio calvo, tinha cerca de 50 anos e um jeito paternal; usava jeans, uma blusa de gola rulê e jaqueta de couro preta. Outro homem o acompanhava; também estava de jeans e jaqueta de couro, porém era mais alto e magro, com maçãs do rosto salientes e olhos pretos muito fundos.

Inesperadamente, Danni se adiantou e o beijou nas faces.

– Olá, Benny – disse.

– Parece que você se meteu numa encrenca – disse Benny, sério.

– Fiz o que tinha de fazer – retrucou ela, sem hesitar.

– Quer dizer então que não estou sendo preso? – perguntou Jonathan.

– Por enquanto, não – disse Bob. – Venha comigo.

Bob conduziu todos através de uma série de portas e corredores até uma saleta sem janelas. As paredes eram cobertas de pôsteres e panfletos sobre o sistema de transporte nova-iorquino. Eles se acomodaram em torno de uma mesa atulhada de copinhos de isopor.

– Pelo que Benny me disse, existe a possibilidade de que uma ogiva nuclear tenha sido contrabandeada para os Estados Unidos. Isso é verdade?

– Acreditamos que sim – disse Jonathan. – Mas não sabemos exatamente onde.

– Diga tudo o que sabe. Se puder me dar mais detalhes, farei o possível pra alertar as devidas autoridades. Levo muito a sério o que Benny diz.

Jonathan fez um resumo de tudo o que havia descoberto e presenciado nos últimos dias na propriedade de Balfour. Desenhou um esboço da ogiva, descreveu o aspecto de Haq e concluiu dizendo:

– Frank Connor acredita que o alvo dele será Nova York ou Washington.

– Isso não ajuda muito – disse Bob.

Danni enfim interveio:

– Connor também disse que o príncipe Rashid, dos Emirados Árabes, está metido nessa história.

– Já estamos tentando localizá-lo – disse Benny. – Pedi que o Serviço Secreto americano descobrisse se ele pretende dar o ar de sua graça por aqui.

– Um desenhista está a caminho – acrescentou Bob. – Vamos distribuir um retrato falado em todos os portos de entrada. Vocês querem um café enquanto esperamos?

Jonathan ficou de pé. Subitamente achou a sala pequena demais, as luzes fortes demais.

– Então é isso? – perguntou. – Vamos ficar aqui de braços cruzados, esperando a bomba explodir?

Bob levantou as mãos e disse:

– Você também não está ajudando muito.

– Haq está aqui – prosseguiu Jonathan, dando vazão à revolta. – Se Emma está atrás dele, está agindo agora mesmo, podem acreditar.

– Quem é Emma? – perguntou Bob, olhando a seu redor em busca de uma resposta.

Danni falou baixinho com Benny, que disse:

– Não se preocupe. Não podemos falar sobre ela.

Jonathan, que até então perambulava pela saleta, parou de repente ao avistar o maço de panfletos anexado a um pôster da

Associação de Transporte Metropolitano. Notara algo familiar no logotipo que se sobrepunha ao fundo azul da borda superior dos panfletos.

– Jonathan? Tudo bem com você?

Danni se aproximou dele e tocou seu ombro.

– Tudo. – Ele retirou um panfleto com os horários dos trens para as estações de White Plains, Chappaqua e Mount Kisco. – Há outros como este aqui? – perguntou.

– Você pretende tomar um trem? – disse Bob, irritado. – Pra quê? Temos carros à nossa disposição.

Jonathan retirou todos os panfletos e começou a folheá-los. Até que encontrou o que estava procurando. Na borda de um dos panfletos lia-se: “Linha Metro-North”. *M-E-T-R-O-N*.

– Haq tinha um desses – disse. – Não um original, mas algo que ele baixou da internet. Existe alguma linha que começa com H-A-R?

– A linha do Harlem – disse Bob.

– E com N-E-W-H?

– A linha de New Haven.

– Pra onde elas vão?

Bob olhou para os rostos que o encaravam. Deu de ombros, como se jamais tivesse ouvido pergunta mais estúpida.

– Para a estação Grand Central, ora.

SULTAN HAQ RETIROU a ogiva da sacola de couro e a depôs diante dos pés. Sob o olhar embevecido de Rashid, abriu a tampa, avaliou o teclado numérico por alguns segundos e, com a ponta da unha, introduziu o código de seis dígitos para armar a bomba. A luzinha passou de vermelha a verde.

O trem sacolejou sobre os trilhos e a ogiva tombou para o lado. Rashid a reergueu.

- E então? – perguntou.
 - Está pronta – disse Haq.
 - Onde vamos detoná-la?
 - Tem de ser no nível da rua. Para maximizar os efeitos.
- A silhueta de Manhattan surgiu no horizonte.

ESSA SERIA SUA APÓLICE de seguro.

Ela havia chegado ao fim da linha. Não poderia continuar vivendo assim, com medo da própria sombra. Jamais voltaria a trabalhar. Nem para os americanos, nem para os russos. Nem para a Divisão, nem para o FSB. Para ninguém. Sabia que sua carreira estava encerrada. Sabia também que, mesmo assim, eles jamais desistiriam de procurar por ela.

Emma tocou em sua barriga. Fazia pouco que o bebê começara a dar sinais de vida. Uma menina, tinha certeza. Mais um único trabalho e estaria livre. A bomba manteria os chacais a distância para que ela pudesse levar sua vida de mãe. Jamais se arriscariam a perseguir alguém com tamanho poder de fogo.

Atravessando os trilhos, ela se posicionou junto de uma parede que dava para a plataforma principal. A galeria subterrânea parecia não ter fim, com trilhos e mais trilhos se espalhando pela vasta penumbra. Um zunido constante às vezes submergia em meio à ruidosa cacofonia provocada pela chegada ou partida de um trem. Ela conferiu as horas no relógio e olhou ao longe, achando que àquela altura Rashid já deveria ter chegado.

Durante uma semana ela havia interceptado as ligações do príncipe para Balfour e Massoud Haq. Para tanto, clonara o chip de Balfour, adquirira seu próprio equipamento de escuta durante uma visita a Islamabad e bisbilhotara o impressionante sistema de telecomunicações do indiano. Acompanhara de perto todos os passos do plano, portanto sabia que Rashid havia buscado Haq na Alemanha e agora o levava para a estação Grand Central de Manhattan. Sabia também que ele decidira sacrificar a própria vida, não para glorificar o islã ou punir o Ocidente, mas para realizar uma ambição pessoal: elevar a si mesmo à categoria de divindade

religiosa. Rashid queria nada mais, nada menos que tomar o lugar do Profeta.

Os trilhos sob os pés de Emma começaram a tremer. Espichando o pescoço, ela vislumbrou os faróis da locomotiva que se aproximava. Sacou a pistola e se certificou de que estava carregada. Calçou as luvas e baixou o gorro para que ele escondesse seu rosto confortavelmente, sem tapar os olhos. Por fim, estalou o pescoço e respirou fundo.

O trem estava chegando, fazendo cantar os freios enquanto reduzia a velocidade. A locomotiva passou, depois os demais carros. Como as luzes do vagão de passageiros estavam acesas, Emma pôde ver Rashid e Haq mais dois guarda-costas de pé junto à porta.

Ela saiu correndo na esteira do último carro, agarrou o parapeito com a mão livre e saltou para dentro da pequena varanda. Sem hesitar, invadiu o vagão e disparou duas vezes, acertando os guarda-costas no peito. Já ia mirando a pistola contra Rashid quando foi atingida no braço e atirou antes da hora. Rashid caiu do banco com uma das têmporas esfolada e sangrando.

Era Haq. Ele golpeou de novo, fazendo com que ela jogasse a pistola no chão. O trem freou bruscamente e parou por completo. Emma se deixou levar pelo sacolejo, aproveitando a oportunidade para se afastar um pouco e cravar um chute no peito do afegão. Haq cambaleou, mas não se deixou intimidar. Arremeteu e ela o chutou novamente, para depois esmurrá-lo na cabeça. Ainda meio zozzo, Haq reagiu com um soco rápido e forte que acertou o queixo de Emma. Ela foi ao chão, tão zozza quanto ele, a boca ensanguentada. Esparramada ali, esticou a perna para dar uma rasteira em Haq, que se esborrachou contra a janela, estilhaçando-a, o que serviu apenas para aumentar a ira do guerreiro. Haq se reergueu e investiu novamente, encorajado pela vantagem do tamanho, desviando-se de um terceiro chute. Emma desferiu um soco, que foi bloqueado; desferiu outro, dessa vez acertando o rosto de Haq, paralisando-o por um instante. Foi então que ele a pegou com seus braços de gigante e, rugindo, arremessou-a cabine adentro. Emma caiu de costas sobre uma mesa baixa, estilhaçando

as xícaras de porcelana e batendo a cabeça na superfície dura. Seu mundo se dissolveu em meio a um zumbido de imagens confusas.

Aos poucos ela recuperou a visão. Sentou-se. Rashid estava a seu lado, sangrando copiosamente, piscando sem qualquer postura de ameaça. Uma porta bateu e Emma rapidamente se virou para olhar.

A porta traseira da cabine ainda balançava nas dobradiças. Haq havia desaparecido.

Bem como a sacola de couro.

Emma olhou para Rashid.

– Não esqueci o que você fez – disse. Levantou-se e saiu.

DIARIAMENTE, CERCA DE 5 MILHÕES de pessoas deixavam suas casas em Connecticut, Nova Jersey, Pensilvânia ou algum dos outros distritos de Nova York para atravessar uma ponte ou um túnel e chegar ao trabalho em Manhattan. Embora fosse possível chegar à ilha de carro, bicicleta, ônibus ou balsa, os trens eram, de longe, o meio de transporte mais procurado. Das três grandes estações que serviam Manhattan, a Grand Central era a maior, com dois níveis, 45 plataformas, 67 vias e mais de 47 acres subterrâneos.

O carro da polícia freou bruscamente diante da entrada de segurança na avenida Vanderbilt. Jonathan saltou na calçada, seguido de Danni, Bob e Benny. Dois policiais do Departamento de Transportes já esperavam por eles.

– Foram vocês que acabaram de ligar?

– Leve-nos para o túnel Roosevelt – disse Jonathan. – O mais rápido possível.

– O túnel Roosevelt? Tem certeza?

– Tenho – disse Jonathan. – Depressa!

As ligações tiveram o efeito de dois murros no estômago ao longo do trajeto desde o aeroporto. A primeira delas, recebida 15 minutos antes, viera do contato de Benny no Serviço Secreto.

– Rashid é esperado amanhã nas Nações Unidas para fazer um pronunciamento. Deveria ter pousado às sete horas da manhã de hoje no aeroporto de Terteboro, em Nova Jersey, mas ninguém apareceu.

– E qual era ou deveria ser a origem do voo dele? – perguntou Jonathan. – Alguém sabe?

– Alemanha – disse Benny. – Reservou a suíte presidencial do Waldorf Astoria.

– Ele está com Haq – disse Danni. – Não resta nenhuma dúvida.

Cinco minutos depois veio a segunda ligação – dessa vez, para Bob –, do Departamento de Segurança Interna.

– Ontem à noite, o pessoal do controle de tráfego da Grand Central recebeu uma solicitação diplomática para usar a plataforma Roosevelt.

– Onde fica isso? – perguntou Jonathan.

– Nos anos 1930, um túnel especial foi construído por Franklin Roosevelt pra que ele pudesse usar o terminal sem ser visto caminhando com o aparelho ortopédico que usava nas pernas. O túnel leva a uma plataforma diretamente abaixo do Waldorf Astoria. A ideia era que o presidente pudesse saltar do trem e depois pegar seu carro na garagem do hotel.

– Abaixo do Waldorf? – disse Jonathan. – Então é isso.

– Quem fez a solicitação? – perguntou Danni.

– A embaixada dos Emirados Árabes, em nome do príncipe Rashid – respondeu Bob. – O DSI deu a permissão imediatamente.

Os policiais foram abrindo caminho através do saguão principal e depois pelas escadas da face leste, que davam acesso ao nível inferior. Eram oito e quinze da manhã, horário de pico na estação. Os trens que chegavam de Connecticut e Westchester vomitavam hordas de passageiros a cada 15 minutos. Homens e mulheres se acotovelavam em todas as direções possíveis.

– Esperem aqui – disse um dos policiais. – Minha melhor equipe já está a caminho.

– Não temos tempo – disse Danni. – Vamos em frente.

Bob, do DSI, já estava sem fôlego.

– Vocês têm certeza? – perguntou.

Jonathan fez que sim com a cabeça.

– Leve isto com você. – Bob lhe entregou sua arma. – Suponho que saiba usá-la. Agora vá. E fique tranquilo: logo, logo a polícia da estação vai estar com vocês.

Os policiais abriram caminho escada abaixo, fizeram uma curva acentuada à direita, seguiram até o fim da plataforma e atravessaram algumas portas até chegarem a uma área restrita,

inacessível aos milhares de passageiros comuns. Uma plataforma deserta se estendia com um único comboio de quatro carros parado na escuridão.

Eles mal haviam chegado quando as janelas de um dos vagões se iluminaram com o fogo dos disparos de uma arma com silenciador. Jonathan irrompeu na plataforma com Danni a um passo de distância e Benny mais atrás. Um vulto saltou da traseira do carro de passageiros. Um vulto alto e imponente, que agora atravessava os trilhos, mancando visivelmente.

– É Haq! – apontou Jonathan.

Nesse instante, um segundo comboio chegou pelos trilhos mais próximos, encobrendo Haq. Jonathan imediatamente saltou para o fosso e saiu em disparada pela margem da via, por pouco não ultrapassando a locomotiva. Viu que Danni corria no seu encaixe. À frente deles se esparramava uma ampla escuridão.

– Ali! – berrou Jonathan, novamente avistando o vulto do fugitivo.

– Ele está carregando alguma coisa no ombro – disse Danni, correndo ao lado dele, trilhos e dormentes transformando o caminho numa pista de obstáculos. No entanto, sem o peso de uma ogiva para atrapalhá-los, foram se aproximando rapidamente.

Por duas vezes Haq virou o rosto para avaliar a distância que o separava dos perseguidores. Na segunda, reconheceu Jonathan e reduziu as passadas para subir à plataforma e sair correndo rumo à estação. Bastaram alguns segundos para que ele se misturasse à multidão.

Um policial estava na extremidade da plataforma. Vira Haq correndo, então gritou:

– Ei, você! Parado aí!

Ouviu-se um disparo e o policial foi ao chão. Por um instante a multidão se dispersou, fazendo das costas de Haq um alvo relativamente fácil. Jonathan ouviu uma explosão ensurdecadora próxima a seus ouvidos; virando-se, viu que Danni disparava uma saraivada de balas. Mas Haq conseguira escapar outra vez e agora corria na direção da escada que levava ao pavimento superior.

– Ele está indo para o saguão principal – disse Jonathan, ofegante.

E, com Danni a seu lado, escalou os degraus de mármore até chegar ao amplo e cavernoso saguão da Grand Central. Parou por um instante para esquadrihar a multidão à procura de Haq e da sacola que ele levava ao ombro. Ouviu um disparo e, bem a seu lado, um grito. Virou-se a tempo de ver Danni tombar no chão com uma das mãos no pescoço, sangue escorrendo entre os dedos.

– Vá! – sussurrou ela.

Jonathan hesitou por um instante, dividido, mas depois seguiu em frente e avistou Haq já no centro do saguão. O estrépito de mais um disparo foi engolido pela amplidão do espaço. Apenas os circundantes reagiram, alguns se agachando, outros berrando. Mas os gritos de pânico, assim como o disparo em si, logo se dissiparam.

A multidão se dispersou subitamente e Jonathan pôde ver o que se passava. Haq havia deposto a sacola no chão e agora tirava dela o cilindro prateado. Uma enorme bandeira americana tremulava no alto, bem acima dele. Jonathan ergueu sua arma, mas ficou em dúvida. Havia muita gente por perto. No entanto, controlando o medo com uma determinação férrea, firmou o braço, mirou nas costas de Haq e disparou três vezes. Lenta e precisamente, deslizando o gatilho em vez de puxá-lo com um golpe brusco do indicador.

Haq rodopiou e caiu de joelhos com a ogiva entre as mãos. Ainda tentou abrir a tampa, mas, atingido por um quarto tiro de Jonathan, tombou desfalecido, deixando a bomba rolar pelo chão. Jonathan correu para pegá-la e a abriu, tal como vira os físicos de Balfour fazerem no aeroporto de Islamabad. Viu a luzinha verde acesa. O LED mostrava a palavra “manual”. Assim que percebeu o botão vermelho, rapidamente afastou a mão e, com absoluto cuidado, fechou a tampa. Com a ogiva sob o braço, aproximou-se de Haq e disse:

– Acabou.

O afegão o encarou com os olhos negros, esforçando-se para focá-los.

– Jamais – conseguiu responder, destilando certeza e ódio. De repente arregalou os olhos e deixou a cabeça cair no chão. O olhar feroz passou de Jonathan para a bandeira americana. E essa foi a última coisa que ele viu.

Jonathan guardou a ogiva na sacola de couro. Estava em Nova York; portanto, um círculo de curiosos havia se formado a seu redor. Alguém perguntou se o morto tinha roubado sua bolsa. Só então os policiais apareceram para afastá-los. Virando-se na direção deles, Jonathan imediatamente deparou com Emma. Usava calça preta e um trench-coat, os cabelos presos num rabo de cavalo. Parecia uma passageira como outra qualquer.

– Você está bem? – perguntou Jonathan.

Ela fez que sim com a cabeça, depois disse:

– Você conseguiu.

– É, consegui.

Emma se aproximou para abraçá-lo.

– Obrigada, Jonathan – sussurrou no ouvido dele.

– Eu te amo – sussurrou ele de volta e, segundos depois, sentiu algo pontudo afundar em seu pescoço. Aos poucos foi perdendo o foco das coisas, já antevendo o breu que estava por vir. Notou que Emma lhe roubava a sacola de couro, mas não pôde fazer nada para impedi-la. Seu corpo já não obedecia, as pernas estavam moles. Por fim, apoiado pela mulher, ele foi ao chão.

Emma baixou o rosto e o beijou de leve nos lábios.

– Eu sei – disse.

Jonathan fechou os olhos por um instante e, quando voltou a abri-los, ela não estava mais lá.

epílogo

— O LÁ, JONATHAN. Como está se sentindo?

– Bem melhor. E você?

– Segundo os médicos, daqui a algumas semanas meu ombro estará bom. É com o coração que eles estão preocupados. Venha, entre. Sinta-se em casa.

Jonathan entrou na residência de Frank Connor, na esquina das ruas 34 e Prospect, em Georgetown. Uma semana havia decorrido desde que Haq fora morto na estação Grand Central e Emma desaparecera com a bomba. Jonathan passara um dia no hospital, recuperando-se da dose de succinilcolina que ela havia injetado em seu pescoço. A não ser pela fadiga, não havia efeitos mais duradouros.

Com a ajuda de uma bengala, Connor o conduziu à sala de estar e se sentou numa poltrona, bufando.

– O presidente quer ver você – falou, sorrindo com o orgulho de um pai. Jonathan se acomodou no sofá à frente.

– Sério? E o que você disse a ele?

– Sem chance – respondeu Connor. – Não posso correr o risco de que alguém fotografe você. Ele mandou um abraço de agradecimento. Se você se comportar direitinho, posso conseguir uma foto autografada.

Jonathan sorriu, mas logo ficou sério novamente para dizer:

– Alguma notícia?

Connor fez que não com a cabeça.

– Sumiu sem deixar rastros. Essa é a minha garota.

– O que você pretende fazer?

– Sobre o quê? Oficialmente, nem sequer perdemos um míssil. Ninguém quer desenterrar o passado. Pra dizer a verdade, é mais seguro que essa bomba esteja com Emma do que nas mãos de

outra pessoa qualquer. Ela disse que precisava de uma “apólice de seguro”. Quer saber? Acho que agiu certo.

– E Rashid?

– Alega que foi sequestrado por Haq. Vamos deixar passar. – Connor ergueu os olhos e apertou as pálpebras. – Por ora.

Jonathan assentiu com a cabeça.

– Tem falado com Danni? – perguntou.

– Falei com ela hoje mesmo. Perdeu muito sangue, mas vai ficar bem. Volta amanhã pra Israel. – Connor crispou o rosto numa careta. – Aposto que vai pensar mil vezes antes de me ajudar de novo.

– Com toda a razão.

– Danni é uma boa moça.

– A melhor – disse Jonathan.

Com certo esforço, Connor pescou uma pasta marrom que se encontrava sob uma pilha de revistas na mesinha a seu lado.

– Já contei a você sobre Lina? A mulher de Erskine, sobrinha de Rashid? Foi presa em flagrante enquanto tentava pegar um avião no aeroporto Dulles. Entre outras coisas, o trabalho dela no Departamento de Justiça incluía dar pareceres contra ou a favor dos detentos de Guantánamo; ao que parece, teve um papel importante na libertação de Sultan Haq e do irmão dele, Massoud.

– E o que vai acontecer com ela agora?

– Prisão perpétua, sem condicional. Está sendo acusada da morte de Malloy e de espionagem. Vai ter muito tempo pra pensar na vida enquanto mofa numa penitenciária de segurança máxima qualquer.

– E Erskine?

– Foi pra Wall Street.

Connor demorou alguns segundos desatando a fita que amarrava a pasta.

– Sabe, andei pesquisando as circunstâncias daquele acidente com o B-52 em 1984. Descobri que outra tragédia aconteceu na mesma área.

Jonathan o fitou com cautela.

– É mesmo?

– É. Uma tragédia que lhe diz respeito. Uma equipe inteira de alpinistas morreu em Tirich Mir mais ou menos na mesma época em que o avião caiu. Na verdade, pode até ter sido no mesmo dia. Uma escalada patrocinada pelas Nações Unidas, em protesto contra a guerra do Afeganistão. Se bem me lembro, Tirich Mir tem um significado especial pra você.

– Michael, meu irmão, estava nessa escalada.

– Sinto muito.

– Foi há muito tempo. Eu era apenas um garoto.

Connor retirou um maço de papéis da pasta e o jogou no colo de Jonathan.

Carimbado pelo Exército americano, o frontispício trazia uma etiqueta com o nome do sargento Michael R. Ransom.

Jonathan folheou o documento. Escola Superior de Guerra. Formado com louvor. Boina Verde. Comendas. Fotografias. Abalado, ergueu os olhos dos papéis e disse:

– Michael dizia que tinha abandonado a escola. Logo depois foi trabalhar num banco da Virgínia.

– Não – disse Connor. – Seu irmão não foi trabalhar em banco nenhum. Tudo não passou de fachada. Na verdade, ele foi transferido para um programa chamado Darklight. Um curso de espionagem. Ficou quatro anos por lá. Quando morreu, estava trabalhando como agente secreto do Departamento de Defesa. A expedição para Tirich Mir também era fachada. A missão dele era instalar um dispositivo de escuta de longo alcance para interceptar as comunicações do Exército russo.

Jonathan sentiu um arrepio enquanto digerira a novidade.

– Por acaso você já se perguntou por que colocamos você com Emma anos atrás? – disse Connor.

– Todos os dias, desde que soube de tudo.

Connor retirou outro documento da pasta.

– O que seu pai dizia ser o trabalho dele?

– Ele trabalhava como auditor do Congresso.

– É mesmo?

Jonathan fez que sim com a cabeça, apesar do embrulho que já sentia no estômago.

Connor ficou de pé para lhe entregar os papéis.

– Leia isto com calma. Acho que será bastante... esclarecedor.

Por um tempo Jonathan não fez mais que olhar para o documento; em seguida, levantou-se e seguiu Connor até a porta.

– Obrigado.

Connor respondeu com uma morosa continência.

– Mais tarde nos falamos – disse.

Pouco depois, ele subiu para seu santuário particular no terceiro andar da casa. Embora estivesse sozinho, fechou a porta e a trancou. Levou alguns minutos para ficar de joelhos, mas por fim conseguiu abrir o cofre escondido sob o piso. A arma ainda estava lá, bem como o dinheiro reservado para o caso de uma fuga. Seguro morreu de velho. Mas Connor não tinha nenhuma intenção de fugir, pelo menos por ora. Não pretendia deixar a Divisão tão cedo.

Do cofre, retirou o pesado álbum encadernado em couro que continha fotos de todos os seus agentes. Precisou de mais alguns minutos para ficar de pé outra vez e encontrar onde se sentar. A essa altura já estava sem fôlego e suava ligeiramente na testa. A velhice era uma merda, mas bem melhor que a outra opção.

Com o álbum no colo, foi passando as páginas até encontrar a primeira em branco. Puxou o plástico adesivo e afixou a nova foto que havia separado anteriormente.

A imagem mostrava um homem alto, de ombros largos, caminhando por uma rua de Oxford, na Inglaterra. Os cabelos escuros já apresentavam alguns fios brancos. Os olhos eram duas contas negras e a expressão, séria demais para alguém de tão pouca idade. Coisa de médico, talvez.

Connor baixou o plástico e passou a mão sobre a fotografia.
– Bem-vindo à Divisão, Jonathan.

Agradecimentos

É com enorme prazer que agradeço às seguintes pessoas pela ajuda enquanto eu escrevia este livro: Samuel Gordy; Dr. Douglas Fischer, do Departamento de Justiça da Califórnia; Dr. Jon Shafqat; Dr. John Alexander; Gary Schroen; Kyle Cornett; e, por fim, minha assistente pessoal, Susannah Szabo. Esta obra não existiria sem a valiosa contribuição de vocês.

Agradecimentos também são devidos a Michael Barbanti e Michael Luongo, meus professores na academia Body Refinery de Encinitas, Califórnia; deve-se a eles a restituição de minha saúde física e mental após tantas horas sentado à frente de um computador. *Res firma mitescere nescit.* (Divirtam-se tentando descobrir o que isso significa!)

Na Inkwell Management, gostaria de agradecer a Charlie Olsen, Lyndsey Blessing, Kim Witherspoon, Michael Carlisle e, claro, a meu agente, Richard Pine.

Na Doubleday, meus agradecimentos vão para Bill Thomas, John Pitts, Todd Doughty, Alison Rich, Rob Bloom, John Fontana e meu editor, Jason Kaufman.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DO AUTOR

A farsa

Durante uma escalada nos Alpes Suíços, o cirurgião Jonathan Ransom e sua bela esposa, Emma, são surpreendidos por uma avalanche. Na tentativa de buscar abrigo contra uma tempestade iminente, ela fratura a perna, cai em uma greta e morre.

Vinte e quatro horas depois, Jonathan recebe um misterioso envelope endereçado à mulher, contendo dois recibos de bagagem de uma longínqua estação de trem. Ao resgatar as malas, é surpreendido por dois homens que tentam tirá-las de suas mãos. Durante a briga, o médico acaba matando um deles e deixando o outro gravemente ferido e só então descobre que eram policiais.

No meio desse turbilhão de acontecimentos, ele jamais poderia imaginar que a situação ficaria ainda pior. Ao abrir as malas, Jonathan descobre estranhos objetos que revelam a verdadeira identidade de Emma: uma agente secreta envolvida em atos terroristas e espionagem internacional.

Procurando desesperadamente compreender os fatos, ele se torna alvo de uma perseguição implacável, tomando parte em uma conspiração que coloca em risco a humanidade.

Acusado de assassinatos e atos terroristas, na mira de um matador profissional e cercado de inimigos por todos os lados, o médico é obrigado a fugir, mergulhando cada vez mais fundo num mundo onde não há nada nem ninguém em quem se possa confiar.

Com uma narrativa ágil e repleta de aventura, intriga e suspense, *A farsa* é pura adrenalina do início ao fim.

A vingança

Há menos de seis meses, o respeitado cirurgião da ONG Médicos sem Fronteiras Jonathan Ransom teve sua vida drasticamente transformada. Durante uma escalada na Suíça, ele e a sua esposa, Emma, foram surpreendidos por uma tempestade. Jonathan acreditou que a mulher tivesse morrido, mas logo descobriu que ela escondia um passado obscuro. Emma é uma agente secreta. E não está morta.

Agora, atuando num lugar remoto da África, o Dr. Ransom tira uma folga de suas atividades humanitárias para ir a Londres, convidado a dar uma palestra num congresso de medicina. Assim que chega ao hotel de luxo onde ficará hospedado, é abordado por um desconhecido que lhe dá instruções para se encontrar com Emma.

Apaixonado e cheio de saudades, ele vê a esposa por duas vezes. Mas então Emma se despede de novo, dizendo que ainda corre grande perigo e precisa desaparecer. Incapaz de aceitar essa segunda separação, Jonathan a segue até uma movimentada rua de Westminster. Ao perceber o que a mulher está tramando, ele tenta detê-la, mas não consegue.

Emma detona um potente carro-bomba na frente de um edifício ministerial, deixando quatro mortos e mais de 30 feridos. Ao tentar ajudar uma das vítimas, Igor Ivanov, ministro do Interior russo, Jonathan é preso, acusado de cumplicidade no atentado. Para provar sua inocência, a polícia exige que ele ajude a encontrar Emma.

Incapaz de entregar a mulher que ama, Jonathan foge, dando início a uma caçada eletrizante, na qual é, ao mesmo tempo, caça e caçador.

Em *A vingança*, continuação de *A farsa*, Christopher Reich cria uma trama intrigante e repleta de reviravoltas, sem deixar escapar uma pista sequer de quem é o verdadeiro culpado.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO

Cilada

HARLAN COBEN

Haley McWaid tem 17 anos. É aluna exemplar, disciplinada, ama esportes e sonha entrar para uma boa faculdade. Por isso, quando certa noite ela não volta para casa e três meses transcorrem sem que se tenha nenhuma notícia dela, todos na cidade começam a imaginar o pior.

O assistente social Dan Mercer recebe um estranho telefonema de uma adolescente e vai a seu encontro. Ao chegar ao local, ele é surpreendido pela equipe de um programa de televisão, que o exhibe em rede nacional como pedófilo. Inocentado por falta de provas, Dan é morto logo em seguida.

Na junção dessas duas histórias está Wendy Tynes, a repórter que armou a cilada para Dan e que se torna a única testemunha de seu assassinato. Wendy sempre confiou apenas nos fatos, mas seu instinto lhe diz que Mercer talvez não fosse culpado. Agora ela precisa descobrir se desmascarou um criminoso ou causou a morte de um inocente.

Nas investigações da morte de Dan e do desaparecimento de Haley, verdades inimagináveis são reveladas e a fragilidade de vidas aparentemente normais é posta à prova. Todos têm algo a esconder e os segredos se interligam e se completam em um elaborado mosaico de mistérios.

Desaparecido para sempre

HARLAN COBEN

No leito de morte, a mãe de Will Klein lhe faz uma revelação: seu irmão mais velho, Ken, desaparecido há 11 anos e acusado do assassinato de sua vizinha Julie Miller, estaria vivo. Embora a polícia

o considere um fugitivo, a família sempre acreditou em sua inocência.

Ainda aturdido por essa descoberta e tentando entender o que realmente aconteceu com seu irmão, Will se depara com outro mistério: Sheila, seu grande amor, some de repente, e o FBI suspeita do envolvimento dela no assassinato de dois homens. Apesar de estarem juntos há quase um ano, Sheila nunca revelou muito sobre o seu passado.

Enquanto isso, Philip McGuane e John Asselta, dois criminosos que foram amigos de infância de Ken, passam inexplicavelmente a rondar a vida de Will.

Para descobrir a verdade por trás desses acontecimentos, ele conta apenas com a ajuda de Squares – seu colega de trabalho em uma fundação de assistência a jovens carentes e proprietário de uma escola de ioga famosa entre as celebridades, o que lhe garante acesso a todo tipo de pessoas e de informações.

Denso, avassalador e surpreendente, esse thriller traz revelações e descobertas que se sucedem num turbilhão de emoções e não cessam até a última página.

Não conte a ninguém

HARLAN COBEN

Há oito anos, enquanto comemoravam o aniversário de seu primeiro beijo, o Dr. David Beck e sua esposa, Elizabeth, sofreram um terrível ataque. Ele foi golpeado e caiu no lago, inconsciente. Ela foi raptada e brutalmente assassinada por um *serial killer*.

O caso volta à tona quando a polícia encontra dois corpos enterrados perto do local do crime, junto com o taco de beisebol usado para nocautear David. Ao mesmo tempo, o médico recebe um misterioso e-mail, que, aparentemente, só pode ter sido enviado por sua esposa.

Esses novos fatos fazem ressurgir inúmeras perguntas sem respostas: Como David conseguiu sair do lago? Elizabeth está viva?

E, se estiver, de quem era o corpo enterrado oito anos antes? Por que ela demorou tanto para entrar em contato com o marido?

Na mira do FBI como principal suspeito da morte da esposa e caçado por um perigosíssimo assassino de aluguel, David Beck contará apenas com o apoio de sua melhor amiga, a modelo Shauna, da célebre advogada Hester Crimstein e de um traficante de drogas para descobrir toda a verdade e provar sua inocência.

Confie em mim

HARLAN COBEN

A vida no subúrbio de Livingston parece perfeita. Ao olhar para aquelas mansões, todos acreditam que as pessoas que vivem ali são completamente felizes. Mas a verdade é que, como em qualquer lugar do mundo, cada uma daquelas famílias tem a sua tragédia particular.

Mike e Tia Baye, preocupados com seu filho Adam, resolvem invadir a privacidade do garoto e espioná-lo. Betsy Hill sente-se culpada por não ter percebido as mudanças no comportamento de seu filho Spencer e por não ter feito nada que pudesse evitar seu suicídio. Guy Novak cria sozinho Yasmin, mas, embora seja um pai extremamente dedicado, não consegue impedir que um infeliz comentário de um professor torne a infância da menina um inferno.

Enquanto acompanha as dores, preocupações e angústias de cada um desses personagens, você vai mergulhar numa aventura emocionante e cheia de mistérios, em que todas essas histórias, aparentemente independentes, se conectam num final surpreendente e arrebatador.

Em *Confie em mim*, Harlan Coben nos faz pensar sobre como pais desesperados são capazes de ultrapassar todos os limites na tentativa de proteger seus filhos.

Água para elefantes

SARA GRUEN

Desde que perdeu sua esposa, Jacob Jankowski vive numa casa de repouso. Por 70 anos Jacob guardou um segredo. Ele nunca falou a ninguém sobre os anos de sua juventude em que trabalhou no circo. Até agora.

Aos 23 anos, Jacob era um estudante de veterinária. Mas sua sorte muda quando seus pais morrem num acidente de carro. Órfão, sem dinheiro e sem ter para onde ir, ele deixa a faculdade antes de prestar os exames finais e acaba pulando em um trem em movimento – o Esquadrão Voador do circo Irmãos Benzini, o Maior Espetáculo da Terra.

Admitido para cuidar dos animais, Jacob sofrerá nas mãos do Tio Al, o empresário tirano do circo, e de August, o ora encantador, ora intratável chefe do setor dos animais. É também sob as lonas dos Irmãos Benzini que Jacob vai se apaixonar duas vezes: primeiro por Marlena, a bela estrela do número dos cavalos e esposa de August, e depois por Rosie, a elefanta aparentemente estúpida que deveria ser a salvação do circo.

Água para elefantes é tão envolvente que seus personagens continuam vivos muito depois de termos virado a última página. Sara Gruen nos transporta a um mundo misterioso e encantador, construído com tamanha riqueza de detalhes que é quase possível respirar sua atmosfera.

O guardião de memórias

KIM EDWARDS

Inverno de 1964. Uma violenta tempestade de neve obriga o Dr. David Henry a fazer o parto de seus filhos gêmeos. O menino, primeiro a nascer, é perfeitamente saudável, mas o médico logo reconhece na menina sinais da síndrome de Down.

Guiado por um impulso irrefreável e por dolorosas lembranças do passado, Dr. Henry toma uma decisão que mudará para sempre a vida de todos e o assombrará até a morte: ele pede que sua enfermeira, Caroline, entregue a criança para adoção e diz à esposa que a menina não sobreviveu.

Tocada pela fragilidade do bebê, Caroline decide sair da cidade e criar Phoebe como sua própria filha. E Norah, a mãe, jamais consegue se recuperar do imenso vazio causado pela ausência da menina. A partir daí, uma intrincada trama de segredos, mentiras e traições se desenrola, abrindo feridas que nem o tempo será capaz de curar.

A força desse livro não está apenas em sua construção bem amarrada ou no realismo de seus personagens, mas, principalmente, na sua capacidade de envolver o leitor da primeira à última página.

Com uma trama tensa e cheia de surpresas, *O guardião de memórias* vai emocionar e mostrar o profundo – e às vezes irreversível – poder de nossas escolhas.

CONHEÇA OS CLÁSSICOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes, de Ken Follett
Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim e Cilada, de Harlan Coben
A cabana, de William P. Young
A farsa, de Christopher Reich
Água para elefantes, de Sara Gruen
O Símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e Fortaleza digital, de Dan Brown
Julieta, de Anne Fortier
O guardião de memórias, de Kim Edwards
O guia do mochileiro das galáxias, O restaurante no fim do universo, A vida, o universo e tudo mais, Até mais, e obrigado pelos peixes! e Praticamente inofensiva, de Douglas Adams
O nome do vento, de Patrick Rothfuss
A passagem, de Justin Cronin
A revolta de Atlas, de Ayn Rand
A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para receber informações sobre os lançamentos da Editora Arqueiro, basta cadastrar-se diretamente no site www.editoraarqueiro.com.br

Para saber mais sobre nossos títulos e autores, e enviar seus comentários sobre este livro, visite o site www.editoraarqueiro.com.br ou mande um e-mail para atendimento@editoraarqueiro.com.br

EDITORA ARQUEIRO

[Rua Clélia, 550 – salas 71 e 73 – Lapa](#)
[São Paulo – SP – 05042-000 – Brasil](#)

Telefone: (11) 3868-4412 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Table of Contents

[Capa](#)

[Créditos](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)
[Capítulo 31](#)
[Capítulo 32](#)
[Capítulo 33](#)
[Capítulo 34](#)
[Capítulo 35](#)
[Capítulo 36](#)
[Capítulo 37](#)
[Capítulo 38](#)
[Capítulo 39](#)
[Capítulo 40](#)
[Capítulo 41](#)
[Capítulo 42](#)
[Capítulo 43](#)
[Capítulo 44](#)
[Capítulo 45](#)
[Capítulo 46](#)
[Capítulo 47](#)
[Capítulo 48](#)
[Capítulo 49](#)
[Capítulo 50](#)
[Capítulo 51](#)
[Capítulo 52](#)
[Capítulo 53](#)
[Capítulo 54](#)
[Capítulo 55](#)
[Capítulo 56](#)
[Capítulo 57](#)
[Capítulo 58](#)
[Capítulo 59](#)
[Capítulo 60](#)
[Capítulo 61](#)
[Capítulo 62](#)
[Capítulo 63](#)
[Capítulo 64](#)
[Capítulo 65](#)

[Capítulo 66](#)

[Capítulo 67](#)

[Capítulo 68](#)

[Capítulo 69](#)

[Capítulo 70](#)

[Capítulo 71](#)

[Capítulo 72](#)

[Capítulo 73](#)

[Capítulo 74](#)

[Capítulo 75](#)

[Capítulo 76](#)

[Capítulo 77](#)

[Capítulo 78](#)

[Capítulo 79](#)

[Capítulo 80](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Conheça outros títulos do autor](#)

[Conheça outros títulos da Editora Arqueiro](#)

[Conheça os clássicos da Editora Arqueiro](#)

[Informações sobre os próximos lançamentos](#)